

Coleção de Obras

*Allan
Kardec*



A OBSESSÃO

Origens, sintomas e curas

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespirita.org.



www.ebookespirita.org

A OBSESSÃO

Índice

Prefácio dos editores belgas	11
Prefácio do tradutor	15
Mademoiselle Clairon e o fantasma (1)	31
O Espírito batedor de Bergzabern	38
Considerações sobre o Espírito batedor de Bergzabern	45
O Espírito batedor de Bergzabern (II)	47
O Espírito batedor de Bergzabern (III)	59
Palestras familiares de Além-Túmulo	65
Espíritos impostores. O falso padre Ambroise	73
O Espírito batedor de Dibbelsdorf	79
Obsidiados e subjugados	83
O mal do medo	100
Teoria do móvel de nossas ações	102
Palestras familiares de Além-Túmulo	106
Dificuldades com que deparam os médiuns	108
Espíritos barulhentos. Como livrar-se deles	119
Estudo sobre os médiuns	122
Médiuns interesseiros	127
Processo para afastar os maus Espíritos	130
Manifestações físicas espontâneas	143
Superstição	148
O Livro dos Médiuns	150
O Espírito batedor de Aube	152
Epidemia demoníaca na Sabóia	161
Estudos sobre os possessos de Morzine	167
Estudos sobre os possessos de Morzine (II)	180

Estudos sobre os possessos de Morzine (III)	191
Estudos sobre os possessos de Morzine (IV)	201
Estudos sobre os possessos de Morzine (V)	216
Um caso de possessão	229
Período de luta	234
Instruções dos Espíritos	237
Os conflitos	240
Um caso de possessão	247
Palestras de Além-Túmulo	255
Variedades. Cura de uma obsessão	260
Cura da jovem obsidiada de Marmande	261
Novos detalhes sobre os possessos de Morzine	275
Instruções dos Espíritos	284
Os Espíritos na Espanha	288
Curas de obsessões	297
Sessão anual comemorativa dos mortos. — Discurso de abertura pelo sr. Allan Kardec	302

Prefácio dos editores belgas

Apresentando estas páginas escritas pelo mestre Allan Kardec, nosso propósito é tornar conhecidos certos fatos que a maioria dos espíritas, de modo geral, quase sempre desconhecem, uma vez que as fontes de onde foram colhidos são muito raras.

Esses fatos curiosos, e sobretudo instrutivos, serviram singularmente para fazer a ciência espírita avançar na compreensão do invisível.

Alguns capítulos parecem ter pouca relação com o título do livro, porém nem por isso deixam de conter instruções da mais alta importância para o leitor que medita e deseja se aprofundar no assunto.

Quanto ao problema da obsessão, verificar-se-á, pelos fatos relatados, que ela tanto pode atingir o profano quanto o espírita propriamente dito, e este até com maior facilidade.

Essa doença moral existiu desde todos os tempos, mas o Espiritismo bem compreendido e bem praticado pode dela preservar a criatura e, se atingida, curá-la mais eficazmente do que qualquer outra ciência ou doutrina, uma vez que ele revela a verdadeira causa do mal, bem como a forma de nos livrarmos dele, apresentando uma imensa variedade de particularidades, conforme a cada caso.

Assim sendo, este livro interessa muito de perto aos espíritas, uma vez que, segundo as próprias palavras de Allan Kardec, a obsessão é um dos grandes tropeços com que esbarra o Espiritismo.

Verificar-se-á, igualmente, a eficácia da prece e, sobretudo, da prece coletiva para combater a obsessão, por exemplo, através de algumas descrições comovedoras que nos revelam o serviço que nos é possível prestar se nos dispusermos a nos instruir a respeito, e, bem assim, o esforço que necessitamos fazer para nos elevarmos na hierarquia dos Espíritos a fim de aceitarmos, sem susceptibilidade, a severidade das instruções morais dos Espíritos Superiores, pois que eles nunca se dispõem a nos engrandecer ou a nos embalar com ilusões, ao invés de nos dizer a verdade.

Fechamos este livro com um discurso do mestre Allan Kardec, no qual ele desenvolve o problema da comunhão de pensamentos com o seu estilo sempre magistral, já que ninguém, por maior tenha sido o seu trabalho, seu devotamento e seu talento, pode dar cumprimento a uma tarefa mais magnificamente do que ele o fez, auxiliado por uma plêiade de Espíritos que lhe colocaram nas mãos todos os assuntos dignos de ser enfocados na justa medida do avanço da ciência, para nos trazer as consoladoras verdades do Espiritismo.

Desejamos aqui prestar homenagem a nosso guia espiritual, Jean Baptiste Quimau, bem como a seus colaboradores, ao auxílio de Espíritos simpatizantes, familia-

res, protetores e superiores que, desde 1885, através de seus conselhos, sua perseverança e suas instruções reiteradas, sempre baseados nos Evangelhos e nas obras de Allan Kardec, mantiveram a coesão deste grupo em clima de harmonia moral e desinteresse material, para maior glória de Deus e felicidade de toda a Humanidade.

A COMISSÃO

Prefácio do tradutor

O problema da obsessão é problema de mente a mente ou de mentes para com outras mentes. É, pois, uma questão de “atitudes” mutuamente assumidas. Para não repisarmos quanto vem sendo dito e escrito neste último século — e isto de valiosa maneira! — gostaríamos, alinhando estas considerações despretensiosas, de nos atermos ao problema da “atitude” propriamente dita, encarada até os limites onde a Psicologia Social nos pode conduzir. Pois que “atitude” é problema de Psicologia Social, ciência que mantém laços íntimos, vizinhança estreita com outras ciências, tais a Psicologia, a Sociologia e a Etnologia e, como tal, tem de ser reconhecida em sua originalidade, assim como a Física, a Mecânica ou a Química.

Já se disse que o “Espiritismo será ciência ou não será”. Ora, ele nunca recusou confronto com quaisquer outras ciências, pelo contrário abraça-as prazerosamente e segue com elas renovando-se a cada dia. Mas aqui vale notar que a arquitetura geral traçada, as articulações estabelecidas entre diferentes noções já adquiridas sobre “atitude”, resultam, não o dissimulamos, de concepções próprias. Assim, pois, estão sujeitas tanto à crítica quanto à discussão, pois que, analisando o problema, os estudiosos sistematicamente têm-se negado a explorar o rico filão da mente desencarnada atuando sobre a mente encarnada, bem assim a questão reencarnatória, dois poderosos fatores que de nenhuma forma podem ser afastados ou ignorados ao exame das “atitudes”, sobre elas lançando uma poderosa luz.

Já Paulo de Tarso escrevia: “. . . mas nada é puro para os contaminados e infiéis. . .” (Tito, 1: 15), ao que Emmanuel, em *FONTE VIVA*, adita:

“O homem enxerga sempre através da visão interior. Com as cores que usa por dentro, julga os aspectos de fora. Pelo que sente, examina os sentimentos alheios. Na conduta dos outros, supõe encontrar os meios e fins das ações que lhe são peculiares. Daí o imperativo de grande vigilância para que a nossa consciência não se contamine pelo mal. Quando a sombra vagueia em nossa mente, não vislumbramos senão sombras em toda a parte. Junto das manifestações do amor mais puro, imaginamos alucinações carnisais. Se encontramos um companheiro trajado com louvável aprumo, pensamos em vaidade. Ante o amigo chamado à carreira pública, mentalizamos a tirania política. Se o vizinho sabe economizar com perfeito aproveitamento da oportunidade, fixamo-lo com desconfiança e costumamos tecer longas reflexões em torno de apropriações indébitas. Quando ouvimos um amigo na defesa justa, usando a energia que lhe compete, relegamo-lo, de imediato, à categoria de intratável.

Quando a treva se estende na intimidade de nossa vida, deploráveis alterações nos atingem os pensamentos. Virtudes, nessas ocasiões, jamais são vistas. Os males, contudo, sobram sempre. Os mais largos gestos de bênção recebem lastimáveis interpretações. Guardemos cuidado toda vez que formos visitados pela inveja, pelo ciúme, pela suspeita ou pela maledicência. Casos intrincados existem nos quais o silêncio é o remédio bendito e eficaz, porque, sem dúvida, cada espírito observa o caminho ou o caminheiro, segundo a visão clara ou escura de que dispõe”.

Em vista disto, prossigamos: Um espírito que assedia outro, com tal ou qual intenção, oferece ao exame, via de regra, deformação de percepções ou de memória — para isto é que, em última análise, nos desperta a atenção o comentário de Emmanuel. Todavia, quais as causas que residem nessas deformações? No livro que iremos ler, Kardec reúne casos de obsessões manifestadas não apenas em indivíduos mas também em grupos, tal o de Morzines. Trata-se, pois, de um comportamento social, isto é, de uma delicada textura tal as maneiras como seres humanos — os espíritos são seres humanos! — se ajustam ou não se ajustam ao meio social, neste caso provocando toda a gama de desequilíbrios que Kardec com tão grande felicidade cataloga ao vivo.

Mas, em particular, é preciso que se focalize uma forma de ajustamento: os desenvolvimentos das “atitudes”. A análise das “atitudes” apresentadas por inteligências desencarnadas ontem preocupava Kardec tão seriamente quanto hoje, em criaturas encarnadas, é a preocupação mais importante dos psicólogos sociais. Ora, não vai um passo entre as “atitudes” assumidas por inteligências encarnadas e as desencarnadas. Em ambos os casos o fenômeno psicológico se reveste de tremendo significado social e foi precisamente por isto que Kardec nele tão cuidadosamente se deteve.

As “atitudes” afetam o comportamento e a personalidade. À luz da Psicologia Social tentaremos, embora com simplicidade, explicar — tanto quanto for possível! — como essas “atitudes” se formam, isto é, como são aprendidas, nesta ou noutras vidas, e como talvez possam ser mudadas. Isto possivelmente poderá nos auxiliar tanto agora quanto após a nossa desencarnação.

Mas o que é uma “atitude”? É uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a grupos, questões, outros seres humanos, ou, mais especificamente, a acontecimentos ocorridos em nosso meio circundante. Neste livro Kardec reúne exuberantes exemplos de tudo isto.

Os componentes essenciais da “atitude” dão os “pensamentos”, as “crenças” os “sentimentos ou emoções”, e as “tendências para reagir”. Diz-se que uma “atitude” está formada quando esses componentes se encontram de tal maneira inter-relacionados que os sentimentos e tendências reativas específicas ficam coerentemente associadas com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos. Desenvolvemos nossas “atitudes” ao enfrentarmos e ajustarmos-nos ao meio social e, uma vez desenvolvidas, empresiam regularidade aos nossos modos de reagir e de facilitar o ajustamento social.

Nas primeiras fases do desenvolvimento de uma “atitude”, seus componentes não estão rigidamente sistematizados que não possam ser modificados por novas experiências. Mais tarde, porém, sua organização — malféica ou benéfica, — pode se tornar inflexível e estereotipada, especialmente nas pessoas em que foram encorajadas, no decurso de grandes períodos de tempo, reencarnações por exemplo, a reagir segundo processos padronizados ou “aceitáveis” a determinados acontecimentos e grupos.

Num como noutro caso os Evangelhos e o Espiritismo são capazes de poderosamente auxiliar.

Se as "atitudes" de uma pessoa tornam-se inabalavelmente fixas, ela estará então pronta para classificar pessoas ou acontecimentos em um dos seus padrões emocionalmente elaborados de pensamentos, de modo que fique incapacitada para examinar ou reconhecer a individualidade dessas mesmas pessoas ou eventos, tudo conforme Emmanuel deixa explícito em sua mensagem. É dessa maneira que as "atitudes" fixas ou estereotipadas reduzem a riqueza potencial e constringem as reações.

O estudo do processo obsessivo nos fornece ampla amostragem desse fato. Ocorrência importante a ser enfatizada, principalmente no meio espírita, onde se tem por lema que "o verdadeiro espírita reconhece-se por sua reforma íntima", é que não estamos completamente conscientes da maioria das nossas "atitudes" nem da extensa influência que elas têm sobre o nosso comportamento social. Mas, através da tão citada "vigilância", numa análise detalhada, podemos localizar o funcionamento de certas "atitudes" em nós mesmos. E não esqueçamos de que já agora, ou amanhã, na qualidade de espíritos, poderemos, conforme nossa "atitude", ser classificados como "obsessores".

Através de relampejos introspectivos das "atitudes" que funcionam em nós, tornamo-nos sensíveis às "atitudes" de outras mentes, vestidas de carne ou não. Mas sucede que num ou noutro caso nem sempre as pessoas revelam abertamente suas "atitudes"! De fato elas aprendem, através de experiências com outros, a manter algumas de suas "atitudes" escondidas dos conhecimentos casuais ou mesmo dos amigos mais íntimos. Em virtude desse fato vamos usar o termo "tendência de reação", em lugar de "reação", apenas para o terceiro componente das "atitudes", a fim de indicar que estas

não se encontram necessariamente expressas no comportamento ostensivo. E porque isso se dá, o êxito da interação social redundante, freqüentemente, no talento para inferir ou reduzir a natureza dos pensamentos, sentimentos e tendências reativas dos outros, a partir de indícios muito sutis de comportamento. Na realidade é uma característica comum do pensamento humano fazer inferências sobre as "atitudes" dos outros e regular nossas próprias ações em conformidade. Com base em limitadas e diminutas amostras do comportamento dos outros, poderemos concluir se, digamos, tratamos com pessoa liberal, compreensiva, destituída de preconceitos, e reagirmos, então, de maneira que considerarmos mais apropriada. Mas, embora todos nós façamos deduções, as pessoas diferem na capacidade de fazê-las corretamente.

Os psicólogos sociais desenvolveram uma série de técnicas sistemáticas para inferir e medir "atitudes". Como as "atitudes" não podem ser diretamente medidas, as inferências indiretas sobre elas requerem uma comprovação cuidadosa para que sejam válidas, isto é, deve-se estabelecer que as medidas de "atitudes" realmente medem aquilo que pretendem e não algum outro processo psicológico.

As "atitudes" desempenham uma função essencial na determinação de nosso comportamento; por exemplo, afetam nossos julgamentos e percepções sobre os outros, como tão bem expressa a mensagem de Emmanuel, ajudam a determinar os grupos com que nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até mesmo a filosofia ou a religião à sombra das quais vivemos.

Em nossa definição de "atitudes" é preciso destacar que elas constituem "organizados", "coerentes", e "habituais" modos de sentir e reagir, em relação a acontecimentos e pessoas em nosso próprio meio-ambiente. Usamos esses adjetivos para indicar que as "atitudes" são modos aprendidos de ajustamento, isto é, hábitos comple-

xos. O desenvolvimento desses hábitos, portanto, deve obedecer a princípios fixos de aprendizagem. Essa aprendizagem por sua vez, ainda que os Evangelhos e a doutrina espírita sirvam de seguro roteiro, depende de fatores da vontade pessoal. O propósito seria então apresentar três princípios inter-relacionados que ajudam a explicar como se aprendem as "atitudes", a saber, os princípios de: "associação", "transferência" e "satisfação de necessidades".

Em geral aprendemos sentimentos e tendências reativas, dois dos componentes das "atitudes", através da "associação" e da "satisfação de necessidades", isto é, aprendemos a temer, a evitar, a guardar rancores para com pessoas ou coisas associadas com acontecimentos desagradáveis, a gostar e a nos aproximar das associadas com acontecimentos agradáveis. Evitando no primeiro caso, e abordando no segundo, satisfazemos necessidades básicas de prazer e conforto. Por exemplo, nossas "atitudes" mais básicas são aprendidas ou despertadas na infância, pela interação com os nossos pais, nesta ou em vidas pregressas. Tipicamente uma criança desenvolve fortes "atitudes" favoráveis em relação aos pais, visto que, ao cuidarem das necessidades e conforto dela, sua presença se torna associada com o seu conforto e bem estar geral. Nisto também se oculta o mecanismo da harmonização dos espíritos, de que a Providência Divina se serve, na sabedoria de suas leis. Todavia com o tempo, desavisados, os pais ficam associados tanto com os prazeres quanto com as punições. E as "atitudes" da criança adquirem então uma natureza complexa e ambivalente.

De fato as "atitudes" aprendidas por associação e satisfação de necessidades são, muitas vezes, categorizadas nas fases iniciais de seu desenvolvimento, pela incapacidade do indivíduo para compreender porque ele se sente e reage assim. Essa incapacidade de compreensão

torna-o especialmente atento aos pensamentos e crenças dos demais e poderá finalmente adotá-los como um meio para justificar seus próprios sentimentos e tendências reativas. Nosso propósito é apresentar, neste ponto, o princípio de "transferência", que ajuda a explicar como aprendemos "atitudes", especialmente os componentes pensamento-crença, com outras pessoas.

Na realidade, aprendemos "atitudes" através de transferência de um modo essencialmente idêntico àquele em que aprendemos o significado de conceitos: através da instrução. Por exemplo, uma criança desenvolve imediatamente um significado para "zebra" quando se lhe diz que é um "animal do feitio de um cavalo", com "listras de cima a baixo". Neste exemplo duas idéias não relacionadas na criança (cavalo e listras de cima a baixo), são levadas, pela primeira vez, a uma nova combinação. De modo semelhante aqueles que nos ensinam ou transmitem idéias ou emoções podem transferir "atitudes" mediante a sugestão de como deveremos reorganizar e integrar algumas de nossas idéias básicas. Quando existe uma estreita relação entre transmissor e receptor, os sentimentos de tendências reativas também podem ser transferidos juntamente com os pensamentos e crenças. Por exemplo, alguém poderia transferir uma "atitude" completamente favorável descrevendo os pretos como criaturas de "pele escura", "maltratados", "trabalhadores no duro", "amáveis e agéis". Ou poderia transmitir uma "atitude" totalmente negativa, desc revendo-os como dotados de "pele escura", "preguiçosos", "incertos", "sujos" e "indignos de confiança".

Todavia não incorporamos todas as "atitudes" dirigidas para o nosso caminho; o fato de selecionarmos quais as "atitudes" que nos interessam, indica não apenas que a satisfação de uma necessidade se encontra presente quando as "atitudes" são transferidas, mas igualmente que o mecanismo já pode ter sido acionado em uma outra en-

carneação. Em criança prestamos atenção e, usualmente, adotamos as "atitudes" de nossos pais, como parte normal de nos tornarmos educados, fato este que não deve escapar aos pais espíritas, os maiores interessados e responsáveis pela modificação moral daqueles que a Divina Providência lhes deu como tutelados. O fato ocorre porque ao sermos como nossos pais, em todos os aspectos garantimos a afeição deles, ao mesmo tempo que consolidamos nosso sentimento de pertencermos à família. A necessidade de afeto e de pertencer, numa criança, nem sempre são satisfeitas na família, claro, e elas então passam a exteriorizar sua hostilidade não adotando as "atitudes" dos pais na transferência ou assumindo "atitudes" inversas.

Também adotamos "atitudes" de outras pessoas importantes fora da família. À medida que crescemos, vamos incorporando "atitudes" que nos parecem apropriadas para pertencer a grupos que reputamos importantes. Por vezes mudamos de "atitude" como meio de abandonarmos um grupo e nos integrarmos em outro.

À primeira vista a mudança de "atitudes" poderá parecer uma questão simples, e este é o erro em que costuma incidir a maioria dos doutrinadores de sessões de desobsessão. Pensamos que, uma vez que as "atitudes" são aprendidas, deveria ser bastante fácil modificar a intensidade delas ou substituir uma "atitude indesejável" mediante a aprendizagem de outra. O fato complicado porém é que as "atitudes" não são modificadas ou substituídas com a mesma facilidade com que são aprendidas.

Como já vimos, as "atitudes" se desenvolvem, tornam-se aspecto integrante da personalidade de um indivíduo, influenciando em todo o seu estilo de comportamento. Mudá-las não é fácil e por isso é raro ouvirmos falar de mudanças radicais tais as sofridas por Maria de Magdala ou Paulo de Tarso. As tentativas para modificar atitudes, por mais bem planejadas que sejam, só conseguem, mui-

tas vezes, alterar o componente pensamento-crença, sem afetar sentimentos e tendências reativas, de modo que, com o tempo, a "atitude" poderá reverter ao seu estado anterior.

Um grupo de pesquisadores da Universidade de Yale conseguiu esboçar algumas das características da personalidade que distinguem a pessoa altamente persuadível. Poucas pessoas, afirmam eles, reagem à persuasão com "flexibilidade discriminante", isto é, não são demasiado susceptíveis nem demasiados resistentes. As poucas que possuem essa característica estão suficientemente interessadas em seu meio social para darem ouvidos pelo menos a algumas idéias dirigidas à sua maneira de ver as coisas, mas estão igualmente habilitadas a distinguir e pôr de lado o que para elas não oferece qualquer importância. Todavia a maioria das pessoas varia em torno desse ideal na direção dos extremos. O indivíduo crédulo caracteriza-se por uma acentuada dependência de outras pessoas e uma incapacidade notória para apreciar de modo crítico as proposições alheias. Essa combinação de características torna-o especialmente inclinado a adotar as crenças dos outros ou quaisquer proposições apresentadas com autoridade. No outro extremo situa-se o indivíduo altamente resistente à persuasão, a quem falta, freqüentemente, a capacidade de compreender o material comunicado. É habitualmente negativo à autoridade, rígido e obtuso em seu pensamento e voluntariamente desatento a novas idéias, de onde a necessidade, por parte das Divinas Leis que nos regem, do imperativo da Dor como derradeiro recurso de persuasão para o Bem.

Alguns psicólogos sociais dedicaram recentemente atenção ao estudo do desejo humano de ter atitudes logicamente coerentes. Esse novo interesse resultou das idéias defendidas por Fritz Heider, da Universidade de Kansas, que se convenceu de que as pessoas procuram

relações equilibradas ou harmoniosas, entre suas "atitudes" e "conduta" ficando psicologicamente perturbadas enquanto não se estabelecer um estado de equilíbrio. Quando o significado dessa idéia tornou-se patente, algumas das mais prometedoras teorias sobre a mudança de "atitudes" começaram a aparecer. Primeiro Charles Osgood e Percy Tanenbaum, da Universidade de Illinois, demonstraram que as pessoas alteram suas "atitudes" quando se tornam óbvias algumas incoerências sobre as mesmas. É evidente que uma pessoa muda suas próprias "atitudes" para reduzir a incoerência entre elas e seu comportamento. Desenvolvemos "atitudes" na medida em que lidarmos com o nosso meio social e, uma vez desenvolvidas, elas facilitam o nosso ajustamento, regularizando nossas reações ante acontecimentos recorrentes. Quando as "atitudes" estão rigidamente organizadas, entretanto, elas constringem a riqueza de nossas experiências, pois nos inclinamos, com excessiva rapidez, a atribuir categorias às pessoas e acontecimentos, dentro de padrões de pensamento superestruturados, e os nossos sentimentos e reações em face dos mesmos tornam-se rotineiros.

Grande parte do nosso comportamento social é influenciado pelas "atitudes" que sustentamos. Elas afetam nossos julgamentos e percepções, nossa eficiência no estudo, nossas reações com relação aos outros e até nossa filosofia básica de vida. Finalmente as "atitudes" numerosas que desenvolvemos acabam por unirem-se em padrões característicos que ajudam a formar a base de nossa personalidade.

Concebemos as "atitudes" como hábitos complexos e, como tal, esperamos que seu desenvolvimento obedeça a princípios de aprendizagem, tal como sucede a muitos outros tipos de hábitos. Parece que aprendemos dois dos componentes das "atitudes" — os nossos "sentimentos" e "tendências reativas" — através da "asso-

ciação” e da “satisfação de necessidades”, isto é, como já foi dito, aprendemos a temer e a evitar pessoas e acontecimentos associados com ocorrências desagradáveis; a gostar e acercarmo-nos daquilo que estiver associado com ocorrências agradáveis. Tipicamente adquirimos nossos “pensamentos” e “crenças” (o terceiro componente), através de pessoas importantes em nosso mundo social que “transferem” seus pensamentos e crenças para nós já prontos e por medida, se assim podemos dizer. Através da comunicação social, não só recebemos componentes de “atitudes” por meio de transferência, mas também transmitimos nossas próprias crenças aos outros.

As tentativas de modificar ou substituir “atitudes” assentam nos mesmos princípios de aprendizagem. Mas é evidentemente muito mais difícil mudar ou esquecer “atitudes” do que aprendê-las. Porque isso assim parecer, estamos começando a apreciar o grande papel que a socialização inicial desempenha no desenvolvimento de “atitudes”.

Diversas estratégias para modificar “atitudes” estão sendo investigadas e comparadas. Um novo e promissor critério destaca o desejo normal das pessoas de serem logicamente coerentes em seus pensamentos e sentimentos. Os investigadores descobriram que quando um componente da “atitude” é experimentalmente modificado, os outros parecem sofrer um realinhamento coerente. Há mesmo indícios de que as pessoas mudarão suas próprias “atitudes” até sem se darem conta disso, quando as incoerências lógicas, em suas crenças e sentimentos, são levados à atenção delas.

As “atitudes” desenvolvidas em casa, no seio da família, ou através das primeiras experiências em grupos são particularmente importantes na formação da estrutura de um complexo de “atitudes” e resistem bastante à modificação.

Os psicólogos sociais confessam que necessitam

mais pesquisas para explicar tanto a persistência quanto alterabilidade de “atitudes”. Embora não existam ainda respostas finais — o Espiritismo prescreve preces, vibrações e diálogos em sessões para isto especialmente orientadas ou, entre os encarnados, o cuidadoso aprendizado de sentimentos e tendências reativas —, podemos prever que os estudos revelarão “atitudes” particularmente reincidentes à mudança se: A) tiverem sido aprendidas no início da vida ou em uma seqüência de vidas pretéritas; B) tiverem sido aprendidas tanto por associação como por transferências; C) ajudarem a satisfazer necessidades; D) tiverem sido integradas na personalidade e estilo de comportamento de um indivíduo. Por tudo isto Jesus propõe tão seriamente o “orai e vigiai”.

Os psicólogos sociais são guiados por essas regras gerais em suas tentativas para modificar “atitudes” e elas devem ser levadas em conta também pelos espíritas. Sabem que se quiserem substituir “atitudes” ou modificar sua intensidade, as novas idéias e crenças a serem aprendidas devem ser engenhosamente apresentadas, usualmente na forma de comunicações persuasivas. Se se quiser alterar modos habituais de sentir e reagir — lembremo-nos aqui da afirmativa de Kardec, segundo a qual reconhece-se o verdadeiro espírita por sua reforma íntima —, devem ser preparados enquadramentos sociais reais ou experimentalmente engendrados, de tal maneira que os novos processos de reação possam ser aprendidos. As técnicas usadas em outras palavras devem facilitar a aprendizagem.

Como seria de esperar, os componentes de novas “atitudes” são aprendidos de acordo com os princípios de transferência, associação e satisfação de necessidades. Muitos psicólogos estão empenhados em pesquisas para determinar critérios e é pena que não empreguem o rico veio que o Espiritismo lhes oferece, pois, tal como ocorre nas sessões de desobsessão, as conclusões das

pesquisas indicam que é mais provável que as novas “atitudes” sejam transferidas por intermédio de contactos face a face ou em discussões em grupos do que através de conferências impessoais. Mas a personalidade daqueles que fazem os contactos pessoais fixam limites — leia-se as obras de André Luiz e observe-se as personalidades dos encarregados de semelhantes tarefas —, a sua eficácia como agentes de transferência, uma vez que, como vimos, as “atitudes” são mais facilmente transferidas quando o indivíduo que “aprende” é atraído para um “professor social” e deseja ser como ele. Por exemplo, verificou-se que quanto mais digna de confiança e atraente é uma pessoa, tanto mais haverá possibilidade de sua mensagem penetrar e influenciar as “atitudes” existentes.

Faz-se também largo uso do princípio da “satisfação de necessidades” nas tentativas de alterar “atitudes”. Por exemplo, as novas idéias numa mensagem persuasiva podem ser apresentadas com o endosso de líderes de grupos ou de pessoas de elevada posição moral. Se os que recebem a mensagem forem levados a compreender que o serem aceitas por si mesmas ou por outrem depende de adotarem um conjunto diferente de “atitudes” as mudanças podem concretizar-se.

A mudança de “atitude” poderá também ocorrer se forem propiciadas condições adequadas para aprender-se novos meios de sentimentos e reação através da “associação”.

Enquanto extensa pesquisa sobre os métodos de apreciação de comunicações persuasivas ou de criação de contextos sociais para aprendizagem de novas “atitudes” continua sendo feita, outros grupos de investigadores estão concentrando a atenção sobre as características de personalidades daqueles cujas “atitudes” se pretenda mudar. Como vimos, as “atitudes” possuem raízes sólidas no sistema motivacional da personalidade; quaisquer tentativas para mudar “atitudes” serão limitadas enquanto

não se souber mais sobre as relações entre “atitudes” e personalidade.

Contudo, para nós espíritas, o estudo das obras de André Luiz, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier, já provoca um grande avanço na compreensão do problema. A obra do falecido Carl Hovland e seus associados, em Yale, bem como a de Léon Festinger, de Stanford, não devem ser postas de lado.

Afinal, conquanto encarnados hoje, nem por isso poderemos deixar de ser, até inconscientemente, os obsessores de amanhã. Por tal motivo e pelo lema espírita de “progredir sem cessar, tal é a lei”, julgamos fazer sentido oferecer ao leitor do dia de hoje quanto a Psicologia Social nos pode proporcionar à meditação, no tocante aos tão pouco conhecidos mecanismos de nossas “atitudes” se é que, sinceramente, a elas nos damos o trabalho de prestar alguma atenção.

Araraquara, outono de 1969.

Mademoiselle Clairon e o fantasma (1)

Esta história fez muita sensação em seu tempo, pela posição da heroína e pelo grande número de pessoas que a testemunhou. A despeito de sua singularidade, ela provavelmente teria sido esquecida se mademoiselle Clairon não a tivesse consignado em suas Memórias, de onde extraímos o relato que se vai fazer. A analogia que ela apresenta com alguns fatos que se passam em nossos dias dá-lhe um lugar natural nesta coletânea.

Como se sabe, mademoiselle Clairon era tão notável por sua beleza como por seu talento, quer como cantora, quer como trágica. Havia inspirado a um jovem bretão, o sr. de S. . . , uma dessas paixões que frequentemente decidem de uma vida, quando não se tem suficiente força de caráter para se triunfar sobre ela. Mademoiselle

Clairon a ela correspondeu apenas com a amizade. Entretanto a assiduidade do sr. de S... tornou-se de tal modo importuna que ela resolveu romper essas relações em definitivo. A mágoa que ele sentiu produziu-lhe uma longa enfermidade, de que veio a morrer. Isto se passou em 1743. Mas demos a palavra a mademoiselle Clairon:

“Dois anos e meio eram decorridos entre o nosso conhecimento e a sua morte. Ele mandou pedir-lhe que concedesse aos seus últimos instantes a doçura de me ver outra vez; meus amigos me impediram de comparecer. Morreu tendo em torno de si apenas os criados e uma velha dama, única companhia que tinha desde muito tempo. Ele residia sobre o Rempart, perto da Chaussée d’Antin, que começava a ser construída; eu, à rua de Bussy, perto da rua do Sena e da abadia Saint-Germain. Estava com minha mãe e vários amigos que vinham cear comigo... Acabara de cantar belas canções pastorais, que haviam encantado os meus amigos quando, ao soarem as onze horas, ouvimos um grito agudíssimo. Sua modulação sombria e sua duração espantaram a todos; senti-me desfalecer e estive quase um quarto de hora desacordada...

“Todos os meus parentes, os amigos, os vizinhos, a própria polícia ouviram o mesmo grito, sempre à mesma hora, partindo sempre de sob minhas janelas e como que se viesse vagamente, do ar... Raramente eu ceava na cidade; mas nesses dias nada se ouvia e, muitas vezes, pedindo informes à minha mãe ou aos meus, quando eu entrava em meu quarto, ele partia do meio de nós. Uma vez o presidente de B..., com quem eu havia jantado, quis me reconduzir à casa para certificar-se de que nada me tinha ocorrido em caminho. Quando, à minha porta, me dava as boas-noites, o grito partiu de entre nós. Como toda Paris, ele sabia da história: entretanto foi posto na carruagem mais morto do que vivo.

“Outra vez pedi ao meu amigo Rosely que me

acompanhasse à rua Saint-Honoré para escolher tecidos. O único assunto de nossa conversa foi o meu fantasma, como o chamavam. Este jovem, muito inteligente, não acreditava em nada, mas tinha ficado impressionado com a minha aventura; aconselhava-me a evocar o fantasma, prometendo-me acreditar se ele me respondesse. Fosse por fraqueza ou por audácia, fiz o que ele me pedia: o grito se ouviu três vezes, terríveis por seu estrépido e pela rapidez. De volta foi necessário o auxílio de todas as pessoas de casa para sermos tirados da carruagem, onde estávamos sem nos apercebermos um do outro. Depois desta cena fiquei alguns meses sem nada ouvir. Julgava-me livre para sempre: puro engano!

“Todos os espetáculos haviam sido transferidos para Versalhes, para o casamento do Delfim. Tinham-me arranjado um quarto à avenida Saint-Cloud, que eu ocupava com madame Grandval. Às três da manhã eu lhe disse: “Estamos no fim do mundo; seria muito difícil que o grito nos viesse procurar aqui...” Ele se fez ouvir! Madame Grandval pensou que o inferno inteiro estava no quarto: correu em camisola de alto a baixo da casa, onde ninguém pôde pregar olhos durante a noite; foi ao menos a última vez que ouvimos.

“Sete ou oito dias depois, quando conversava com pessoas de minhas relações comuns, o relógio fez ouvir as batidas de onze horas; foi seguido de um tiro de fuzil, dado numa de minhas janelas. Todos nós ouvimos o tiro e vimos o fogo; mas a janela não sofrera nenhum dano. Concluímos todos que visavam a minha vida, que haviam errado o alvo e que era preciso, para o futuro, tomar precauções. O sr. de Marville, então alferes de polícia, mandou visitar as casas fronteiras à minha; a rua ficou cheia de toda sorte de espias possíveis; mas, por mais cuidados que se tivesse tomado, durante três meses a fio este tiro foi visto e ouvido, sempre à mesma hora, na mesma vidraça, sem que, entretanto, jamais alguém tivesse podido

ver de onde partia. O fato foi consignado nos registros policiais.

“Acostumada ao meu fantasma, considerava-o um pobre diabo que se divertia com brincadeiras sem se importar com a hora. Como fazia calor abri a janela malsinada e com o intendente nos debruçamos no balcão. Batem as onze horas, ouve-se o tiro e ambos fomos atirados ao meio do quarto. Sentindo que nada nos havia ocorrido, examinamo-nos para constatar que ambos havíamos recebido — ele na face esquerda e eu na face direita — a mais terrível bofetada que jamais poderia ser aplicada: e rimos como dois loucos.

“Dois dias depois, convidada por mademoiselle Dumesnil para uma festa à noite em sua casa, na “barrierre Blanche”, tomei um fiacre às onze horas com minha aia. Havia um belo luar e nós fomos conduzidas por bulevares que começaram a ser guarnecidos de casas. Perguntou-me a aia: “Não foi aqui que morreu o sr. de S...?” — Segundo as informações que me deram, respondi-lhe eu, deve ter sido aqui — e apontei uma das duas casas em nossa frente. De uma delas partiu o mesmo tiro de fuzil que me perseguia: atravessou nossa carruagem; o cocheiro disparou a viatura, crente de que era assaltado por ladrões. Chegamos ao destino tendo apenas nos refeito e de minha parte devo confessar que durante muito tempo conservei uma impressão de terror. Mas esta façanha foi a última com arma de fogo.

A explosão sucedeu um bater de palmas, com certa medida e repetição. Este ruído ao qual a bondade do público me havia acostumado, passou-me despercebido durante algum tempo; mas os meus amigos o notaram. Disseram-me: “Nós temos espreitado; é às onze horas, quase à vossa porta, que a coisa se dá; ouvimos mas não vemos ninguém; não pode deixar de ser a continuação daquilo que a sra. tem experimentado”. Como o ruído nada tinha de terrível, não lhe guardei a data da duração.

Também não prestei atenção aos sons melodiosos que depois se ouviram: parecia uma voz celeste dando o mote de uma ária nobre e tocante, prestes a ser cantada. Esta voz começava no quarteirão de Bussy e acabava em minha porta; e como acontecera antes com todos os outros sons, ouvia-se mas nada se via. Por fim tudo cessou durante pouco mais de dois anos e meio”.

Algum tempo depois mademoiselle Clairon teve, por intermédio da senhora idosa que havia ficado como única amiga dedicada do sr. de S. . . , o seguinte relato de seus últimos instantes:

“Ele contava os minutos quando, às dez e meia, o laçao lhe veio dizer que, decididamente, a senhora não viria. Depois de um momento de silêncio tomou-me a mão num impulso desesperado, que me apavorou, e disse: “Que bárbara! . . . nada ganhará com isto: eu a perseguirei tanto depois de morto quanto a persegui em vida! . . .” Procurei acalmá-lo; mas estava morto.”

Na edição que temos à vista esta história é precedida da seguinte nota, sem assinatura:

“Eis uma anedota singularíssima, que provocou e provocará sem dúvida as mais diversas opiniões. A gente ama o maravilhoso, mesmo quando não acredita nele: mademoiselle Clairon parece convencida da realidade dos fatos que descreve. Contentar-nos-emos em fazer notar que ao tempo em que ela foi ou se supôs atormentada por seu fantasma, contava de vinte e dois a vinte e cinco anos. que é a idade da imaginação e que esta faculdade nela era continuamente exercitada e exaltada pelo gênero de vida que levava, no teatro e fora dele. É preciso ainda lembrar que ela disse, no começo de suas Memórias, que na infância foi apenas entretida com aventuras de aparições e de feiticeiros e que lhe contavam tais histórias como verídicas.”

Só conhecemos o fato através do relato de mademoiselle Clairon. Assim, só podemos julgar por indu-

ção. Ora, nosso raciocínio é o seguinte. Descrito pela mesma mademoiselle Clairon nos seus mais minuciosos detalhes, o fato tem mais autenticidade do que se fora relatado por terceiros. Acrescente-se que quando escreveu a carta onde o mesmo vem descrito, ela tinha cerca de sessenta anos, e, pois, havia passado a idade da credulidade, da qual fala o autor da nota. Este autor não põe em dúvida a boa fé de mademoiselle Clairon quanto a sua aventura: apenas admite tenha ela sido vítima de uma ilusão. Que a tivesse sido uma vez, nada tem de extraordinário; mas que o tivesse sido durante dois anos e meio já se nos afigura mais difícil; mais difícil ainda é supor que tal ilusão tenha sido partilhada por tantas pessoas, testemunhas auriculares e oculares dos fatos, inclusive a própria polícia. Para nós, que conhecemos o que se pode passar nas manifestações espíritas, a aventura nada contém de surpreendente e a tomamos como “provável”. Nesta hipótese não vacilamos em admitir que o autor de todos esses malefícios não seja outro senão a alma ou Espírito do sr. S. . . , principalmente se atentarmos para a coincidência de suas últimas palavras com a duração dos fenômenos. Havia ele dito: “Eu a perseguirei tanto depois de morto quanto a persegui em vida”. Ora, suas relações com mademoiselle Clairon haviam durado dois anos e meio, ou seja tanto tempo quanto as manifestações.

Ainda algumas palavras sobre a natureza desse Espírito. Não era mau; é com razão que mademoiselle Clairon o classifica de um pobre coitado; mas também não se pode dizer que fosse bom. A paixão violenta sob a qual sucumbiu como homem, prova que nele predominavam as idéias terrenas. Os traços profundos dessa paixão, que sobreviveu à destruição do corpo, provam que, como Espírito, ainda se achava sob a influência da matéria. Sua vingança por mais inofensiva que fosse, denota sentimentos pouco elevados. Se, pois, nos reportar-

mos ao nosso quadro da classificação dos Espíritos, não será difícil determinar-lhe a classe; a ausência de maldade real o afasta naturalmente da última classe — a dos Espíritos impuros, mas evidentemente tinha muito das outras classes da mesma ordem; nada nele poderia justificar uma posição superior.

Digna de nota é a sucessão das várias maneiras pelas quais manifestava sua presença. No mesmo dia e no momento exato de sua morte, fez-se ouvir pela primeira vez e em meio a uma ceia despreocupada. Quando vivo, via mademoiselle Clairon por pensamento, cercada por essa auréola com que a imaginação envolve o objeto de uma paixão ardente; desde, porém, que a alma se desembaraça de seu véu material, a ilusão cede à realidade. E lá está ele, ao seu lado, vendo-a cercada de amigos, tudo lhe excitando os ciúmes; seu canto e sua alegria parecem um insulto ao seu desespero e este se traduz por um grito de raiva, que ele repete diariamente, à mesma hora, como se para a censurar por se haver recusado a ir consolar seus últimos instantes. Aos gritos se sucedem os tiros de fuzil, inofensivos, é certo, mas que nem por isso denotam menos uma raiva impotente e o propósito de lhe perturbar o repouso. Mais tarde seu desespero toma um caráter mais sereno; evoluindo para idéias mais sadias, parece haver tomado uma resolução: resta-lhe a lembrança dos aplausos de que ela foi objeto, e ele os repete. Mais tarde, enfim, diz-lhe adeus, fazendo-a ouvir sons que dir-se-ia o eco dessa voz melodiosa que em vida tanto o encantara.

(1) O título original é “Le revenant de Mademoiselle Clairon”, que alteramos por uma questão de clareza. Mademoiselle Clairon nasceu em 1723 e faleceu em 1803. Estreou numa companhia italiana aos 13 anos e na Comédie Française em 1743. Retirou-se do teatro em 1765, aos 42 anos de idade.

O espirito batedor de Bergzabern

Já tínhamos ouvido falar de certos fenômenos espíritos que em 1852 haviam feito enorme celeuma na Baviera renana, nas cercanias de Spire; sabíamos até que havia sido publicada uma brochura em alemão, com um relato autêntico. Depois de longas e infrutíferas buscas, uma senhora nossa assinante da Alsácia, demonstrando grande interesse e perseverança, pelo que lhe somos imensamente agradecidos, conseguiu um exemplar daquela brochura e no-la ofereceu.

Damos aqui a sua tradução *in extenso*, esperando seja lida com tanto maior interesse quanto mais uma vez vem provar que fatos desse gênero são de todos os tempos e países de vez que os de que se trata ocorrem numa época em que apenas se começava a falar em Espíritos.

PROÊMIO

“Há vários meses um acontecimento singular constituiu o assunto de todas as conversas em nossa cidade e suas imediações. Referimo-nos ao *Batedor*, como é chamado na casa do alfaiate Pierre Sängler.

Até aqui abstinemo-nos de qualquer relato em nossa folha — o *Jornal de Bergzabern* — das manifestações que desde 1.º de janeiro de 1852 se produzem naquela casa. Como, porém, excitam a atenção geral a tal ponto que as autoridades se sentiram no dever de pedir ao Dr. Bentner uma explicação para o caso e o Dr. Dupping, de Spire, chegou a ir ao local para observar os fatos, não nos podemos por mais tempo furtar ao dever de dar-lhes publicidade.

Sentir-nos-íamos muito embaraçados se os leitores esperassem de nós um pronunciamento sobre a questão: deixamos essa tarefa àqueles que, pela natureza de seus

estudos e por sua posição, estão mais aptos para a julgar, o que farão sem maiores dificuldades, se conseguírem descobrir a causa daqueles efeitos.

Quanto a nós, limitamo-nos ao simples relato dos fatos, principalmente daqueles que testemunhamos ou que ouvimos de pessoas dignas de fé: o leitor que forme a sua opinião.

Redator do "Jornal de Bergzabern"
F. A. BLANCK

Maio de 1852.

A 1 de janeiro, deste ano, em Bergzabern, na casa de sua residência e no quarto vizinho à sala de estar, onde habitualmente se reunia a família de Sãnger, ouviu-se um como martelar, que começava por golpes surdos e como se viessem de longe, e que se tornavam progressivamente mais fortes e marcados. Esses golpes pareciam desferidos na parede, junto à qual se achava o leito onde dormia sua filha de doze anos de idade. Habitualmente o ruído era ouvido entre nove e meia e dez e meia. A princípio o casal não ligou importância; como, porém, essa singularidade se repetisse todas as noites, pensaram que viesse da casa vizinha, onde talvez um doente se distraísse tamborilando na parede. Logo, entretanto, se convenceram de que não havia tal doente, nem ele poderia ser a causa do ruído. Foi revolido o chão do quarto, a parede foi derrubada, mas tudo sem resultado. A cama foi mudada para o lado oposto do quarto: então — coisa admirável — o ruído mudou de lugar e era percebido assim que a mocinha adormecia.

Era claro que de algum modo a moça participava da manifestação daquele ruído e, depois das inúteis pesquisas da polícia, começou-se a pensar que o fato deveria ser atribuído a uma doença da menina ou a uma particularidade de sua conformação. Entretanto até agora nada

veio confirmar tal suposição. É ainda um enigma para os médicos.

Com a espera a coisa se desenvolveu: o ruído prolongou-se por mais de uma hora e os golpes eram vibrados com mais força. A menina mudou de cama e de quarto, mas o batedor se manifestou neste outro quarto, debaixo da cama, na cama e na parede. Os golpes não eram idênticos: ora mais fortes, ora mais fracos e isolados, ora, enfim, sucedendo-se rapidamente e seguindo o ritmo das marchas militares e das danças.

A menina já ocupava por alguns dias o dito quarto quando começou a dizer palavras breves e incoerentes. Essas palavras se tornaram mais distintas e inteligíveis; parecia que a menina conversava com outra pessoa sobre a qual tinha autoridade. Entre os fatos que se produziam a cada dia, o autor destas linhas lembra um do qual foi testemunha.

A menina achava-se na cama, deitada sobre o lado esquerdo. Apenas adormeceu, os golpes começaram e assim principiou ela a falar: "Você! você! bata uma marcha!" E o batedor marcou uma que parecia muito com uma marcha bávara. À ordem de "Halte!", dada pela menina, o batedor parou. Então a menina ordenou: "Bata três, seis, nove vezes". O batedor executou a ordem. A uma nova ordem de bater 19 golpes, ouviram-se 20 batidas, ao que retorquiu a menina adormecida: "Não está certo; foram 20 batidas". Logo foi possível contar 19 golpes. A seguir a menina pediu 30 pancadas e as 30 foram ouvidas. À ordem de 100 pancadas foi possível contar até 40, tão rápidos eram os golpes. Soado o último a menina disse: "Muito bem; agora 110". Então foi possível contar até cerca de 50. Ao último golpe disse a adormecida: "Não está certo; deu apenas 106"; e logo se fizeram ouvir as 4 pancadas que completavam aquele número. Depois a menina pediu: "Mil". Foram batidas

apenas 15. “Ora, vamos!” O batedor marcou ainda 5 golpes e parou.

Então os assistentes tiveram a idéia de dar ordens diretamente ao batedor, o qual executou as recebidas. Parava quando recebia a ordem de “Halte! Silêncio! Paz!” Depois, por si mesmo e sem comando, recomeçava a bater. Um dos assistentes avisou, em voz baixa, de um canto do quarto, que queria comandar apenas por pensamento, para que fossem dadas 6 batidas. Então o experimentador postou-se junto ao leito e não disse uma só palavra: foram ouvidas as 6 pancadas. Ainda por pensamento foram pedidas 4 e os 4 golpes foram ouvidos. A mesma experiência foi tentada por outras pessoas, mas nem sempre deu bom resultado.

Em breve a menina espreguiçou-se, afastou as cobertas e levantou-se. Quando lhe perguntaram o que havia acontecido, respondeu que tinha visto um homem grande e mal encarado, junto a seu leito e que lhe apertava os joelhos. Acrescentou que sentia dor nos joelhos quando o homem batia. A jovem adormeceu novamente e as manifestações prosseguiram até que o relógio do quarto bateu 11 horas. De repente o batedor parou, a menina entrou em sono tranqüilo, reconhecido pela regularidade da respiração e naquela noite nada mais foi ouvido.

Observamos que o batedor obedecia à ordem de marcar marchas militares. Várias pessoas afirmam que quando se lhe pedia uma marcha russa, austríaca ou francesa, ela era marcada com muita exatidão.

A 25 de fevereiro, estando adormecida, a menina disse: “Agora você não quer mais bater; quer arranhar. Está bem! Quero ver como você o fará.” Com efeito no dia seguinte, 26, em vez dos golpes ouvia-se um arranhar que parecia vir da cama e que se manifestou até hoje. As batidas se misturaram à raspagem, ora alternadas, ora simultaneamente, de tal modo que nas áreas de marcha ou de dança a raspagem marcava os tempos fortes e a

batida os tempos fracos. Conforme os pedidos, a hora do dia ou a idade das pessoas eram indicadas por golpes secos ou pela raspagem. Em relação à idade das pessoas, às vezes havia erros, logo corrigidos na segunda ou terceira tentativa, desde que se dissesse que o número tinha sido marcado errado. Algumas vezes em lugar de dar a idade pedida, o batedor executava uma marcha.

Dia a dia a linguagem da menina, durante o sono, tornava-se mais perfeita. Aquilo que a princípio não passava de simples palavras ou de ordens rápidas ao batedor, transformou-se, com o tempo, numa conversa, enca-deada com os pais. Assim, um dia se entreteve com a irmã mais velha sobre assuntos religiosos, num tom de exortação e de ensino, dizendo-lhe que devia ir à missa, fazer as preces todos os dias e mostrar submissão e obediência aos pais. À noite retomou o mesmo assunto. Em seus ensinamentos nada havia de teologia, mas apenas algumas daquelas noções que se aprendem na escola.

Antes dessas palestras ouviam-se durante uma hora, pelo menos, pancadas e arranhões, não só durante o sono da juvenzinha, mas até em estado de vigília. Vimo-la comer e beber enquanto as batidas e raspagens eram ouvidas, do mesmo modo que, estando acordada, tínhamos ouvido a transmissão de ordens ao batedor, as quais foram todas executadas.

Na noite de sábado, 6 de março, várias pessoas se reuniram em casa dos Sãnger, pois estando desperta a menina, havia predito durante o dia a seus pais que o batedor apareceria às nove horas da noite. Ao bater esta hora, quatro golpes tão violentos foram desferidos na parede que os assistentes se assustaram. Logo e pela primeira vez, as batidas foram dadas na madeira da cama e exteriormente; o leito foi abalado completamente. Esses golpes se manifestaram de todos os lados da cama, ora num, ora noutro lugar. Pancadas e arranhões alternavam na cama. A uma ordem da menina e das pessoas presen-

tes ora os golpes se ouviam no interior da cama ora externamente. De repente o leito levantou-se em sentidos diferentes, enquanto os golpes eram desferidos com força. Mais de cinco pessoas em vão tentaram repor o leito levantado; e quando desistiram da tentativa ele ainda se balançou por alguns instantes, depois do que tomou a sua posição natural. Este fato já havia ocorrido uma vez, antes desta manifestação pública.

Todas as noites a menina fazia uma espécie de discurso, de que falaremos de modo sucinto.

Antes de mais nada é preciso notar que a menina, assim que baixava a cabeça, estava adormecida e começavam os golpes e as arranhaduras. Com as batidas ela gemia, agitava as pernas e parecia sentir-se mal. Já o mesmo não acontecia com as raspagens. Chegado o momento de falar, a menina deitava-se em decúbito dorsal, o rosto tornava-se pálido, assim como as mãos e os braços. Acenava com a mão direita e dizia: "Vamos! Venha para perto de minha cama e junte as mãos. Vou lhe falar do Salvador do mundo". Então cessavam batidas e arranhaduras e todos os assistentes ouviam com respeitosa atenção o discurso da adormecida.

Falava com vagar e de modo muito inteligível em puro alemão, o que surpreendia tanto mais quanto se sabia que a menina era menos adiantada que seus colegas de colégio, o que certamente era devido a uma doença dos olhos, que lhe dificultava o estudo. Suas palavras decorriam sobre a vida e as ações de Jesus desde os doze anos, sua presença no templo entre os escribas, seus benefícios à Humanidade e os seus milagres. Depois entretinha-se em descrever os seus sofrimentos e censurava duramente os judeus por terem crucificado a Jesus, apesar de sua imensa bondade e de suas bênçãos. Terminando, a menina dirigia a Deus uma fervorosa prece, pedindo que "lhe concedesse a graça de suportar com resignação os sofrimentos que lhe tinha enviado, pois

que a havia escolhido para entrar em comunicação com o Espírito”. Pedia a Deus para não morrer ainda, pois era criança e não queria descer no negro túmulo. Terminadas as suas prédicas, recitava com uma voz solene o “Pater noster”, depois do que dizia: “Agora você pode vir”. Imediatamente começavam as batidas e arranhaduras. Ainda falou duas vezes ao Espírito e, a cada uma delas, parava o batedor. Dizia ainda algumas palavras e acrescentava: “Agora você pode ir, em nome de Deus”. E despertava.

Durante essas palestras os olhos da menina ficavam bem fechados; mas os lábios se mexiam. As pessoas mais próximas do leito podiam observar-lhe os movimentos. A voz era pura e harmoniosa.

Despertando, perguntavam-lhe o que tinha visto e o que se havia passado. Ela respondia: “O homem que vem me ver. — Onde está ele? — Perto de minha cama, com as outras pessoas?” — Viu as outras pessoas? — “Vi todos os que estavam perto da cama.”

É fácil compreender que tais manifestações encontrassem muitos incrédulos; chegou-se mesmo a pensar que toda essa história era pura mistificação. Mas o pai era incapaz de palhaçadas, sobretudo de uma palhaçada que exigia toda a habilidade de um prestidigitador profissional. Ele goza da reputação de um homem decente e honesto.

Para responder e fazer cessar a suspeita, a menina foi levada para uma casa estranha. Apenas lá chegando, ouviram-se as batidas e arranhaduras. Além disso, alguns dias antes ela tinha ido com a mãe a uma pequena aldeia chamada Capele, a cerca de meia légua de distância, à casa da viúva Klein. Sentiu-se fatigada; deitaram-na num canapé e imediatamente o mesmo fenômeno se produziu. Várias testemunhas o podem afirmar. Posto tivesse um aspecto saudável a menina devia ser afetada por uma doença que, se não ficasse provada pelas mani-

festações acima relatadas, ao menos pelos movimentos involuntários dos músculos e dos sobressaltos nervosos.

Para terminar, faremos notar que há algumas semanas a menina foi levada ao Dr. Bectner, com quem ficou, a fim de que esse sábio pudesse estudar mais de perto os fenômenos em apreço. Desde então cessou todo o barulho em casa da família Sängner, passando a se produzir na do Dr. Bectner.

São estes, com toda a sua autenticidade, os fatos passados. Entregamo-los ao público sem emitir opinião. Possam os homens da arte dar-lhes em breve uma explicação satisfatória.

BLANCK



Considerações sobre o Espírito batedor de Bergzabern

A explicação solicitada pelo narrador que acabamos de citar, é fácil de ser dada: há uma única, e só a doutrina espírita pode fornecê-la. Esses fenômenos nada têm de extraordinário para as pessoas familiarizadas com aqueles a que nos habituaram os Espíritos. Sabe-se o papel que certas criaturas emprestam à imaginação. Sem dúvida se a menina apenas tivesse tido visões, os partidários da alucinação teriam em mãos um bom jogo. Mas aqui havia efeitos materiais de natureza inequívoca e que tiveram um grande número de testemunhas. Era preciso admitir que todos estivessem alucinados a ponto de pensarem ouvir aquilo que não ouviam e verem se mover peças de mobiliários imóveis. Ora, nisso estaria um fenômeno ainda mais extraordinário.

Aos incrédulos resta apenas um recurso: o de negar. É mais fácil e dispensa o raciocínio.

Examinando as coisas do ponto de vista espírita,

torna-se evidente que o Espírito que se manifestou era inferior ao da menina, pois lhe obedecia; subordinava-se até aos assistentes, pois estes lhe davam ordens. Se não soubéssemos pela doutrina que os chamados Espíritos batedores estão no início da escala, aquilo que se passou ser-lhes-ia uma prova. Realmente não se conceberia que um Espírito elevado, assim como os nossos sábios e nossos filósofos, viesse se divertir em bater marchas e valsas e, numa palavra, representar o papel de jogral ou submeter-se aos caprichos dos seres humanos. Apresenta-se com as feições de criatura mal-encarada, circunstância que apenas corrobora esta opinião. Em geral a moral se reflete no envoltório. Está, pois, demonstrado para nós que o “batedor” de Bergzabern é um Espírito inferior, da classe dos Espíritos levianos, manifestou-se como antes outros o fizeram e ainda o fazem em nossos dias.

Mas, com que propósito veio ele? A notícia não diz que tenha sido chamado. Hoje que estamos mais experimentados nestas coisas, não deixaríamos entrar um visitante tão estranho sem que ele informasse quais os seus propósitos. Apenas podemos fazer uma conjectura. É verdade que nada fez ele que revelasse maldade ou má intenção; a menina não sofreu nenhum distúrbio físico ou moral: só os homens poderiam ter chocado a sua moral, ferindo-lhe a imaginação com os contos ridículos. E é uma sorte que não o tenham feito. Esse Espírito, por muito inferior que fosse, não era mau nem malévolo; era apenas um desses Espíritos tão numerosos de que, por vezes a mau grado nosso, estamos rodeados. Ele pode agir naquelas circunstâncias por efeito de um mero capricho, como poderia tê-lo feito por instigação de Espíritos elevados, com o fito de despertar a atenção dos homens e os convencer da realidade de um poder superior, fora do mundo corpóreo.

Quanto à menina, é certo que era um desses médiuns de influência física, dotados, mau grado seu, de tal

faculdade e que estão para os outros médiuns assim como os sonâmbulos naturais estão para os sonâmbulos magnéticos. Essa faculdade dirigida com prudência por um homem experimentado nesta nova ciência, poderia ter produzido coisas ainda mais extraordinárias e de natureza a lançar nova luz sobre esses fenômenos maravilhosos, que não são compreendidos ainda.

O Espírito batedor de Bergzabern II

Extraímos as passagens que se seguem de uma nova brochura alemã, publicada em 1853 pelo sr. Blanck, redator do jornal de Bergzabern, sobre o Espírito batedor de que falamos em nosso número de maio. Os fenômenos extraordinários aí relatados, cuja autenticidade não poderia ser posta em dúvida, provam que, no particular, nada temos a invejar à America. Observe-se no relato o cuidado minucioso com que os fatos foram registrados. Fora desejável que em casos semelhantes houvesse sempre a mesma prudência. Sabe-se hoje que os fenômenos desse gênero não resultam de um estado patológico: antes denotam naqueles em que se manifestam uma excessiva sensibilidade, sempre fácil de ser superexcitada, nas pessoas em que se manifestam. O estado patológico não é a causa eficiente; pode entretanto, ser-lhe consecutivo. Em casos análogos a mania de experimentação mais de uma vez tem causado acidentes graves, que teriam sido evitados se se houvesse deixado a natureza agir por si mesma. Em o "Livro dos Médiuns" encontram-se os conselhos necessários para tais casos.

Acompanhamos o relatório do sr. Blanck.

Os leitores de nossa primeira brochura intitulada "Os Espíritos batedores" viram que as manifestações de Philippine Sängner têm um caráter enigmático e extraordinário. Relatamos esses fatos maravilhosos desde o seu

começo até o momento em que a menina foi levada ao médico real do cantão. Vamos examinar agora o que se passou desde então.

Quando a menina deixou a casa do Dr. Bectner e regressou ao lar, as batidas e arranhaduras recomeçaram na casa dos Sängers. Até aquele instante e mesmo depois da sua cura completa, as manifestações foram mais marcadas e mudaram de natureza (*). Neste mês de novembro de 1852 o Espírito começou a assoviar; a seguir ouvia-se um ruído comparável ao de uma roda de carrinho de mão, que girasse sobre o eixo seco e enferrujado; mas de tudo isto o que incontestavelmente era mais extraordinário era a derrubada de móveis no quarto de Philippine, desordem essa que durou quinze dias.

Parece-me necessário fazer uma ligeira descrição do lugar.

O quarto tem cerca de 18 pés de comprimento por 8 de largura e a ele se chega pela sala comum. A porta de comunicação entre as duas peças abre-se à direita. O leito da menina estava colocado à direita; ao meio havia um armário e no canto à esquerda a mesa de trabalho de Sängers, na qual há duas cavidades circulares, cobertas por duas tampas.

Na tarde em que começou o reboiço a senhora Sängers e sua filha mais velha, Francisque, estavam sentadas na primeira peça, junto a uma mesa e se ocupavam em descascar vagens. De repente caiu a seus pés um pequeno fuso, atirado do quarto de dormir. Ficaram muito assustadas, tanto mais quanto sabiam que se não encon-

(*) Teremos ocasião de falar da indisposição da criança. Como, porém, após a sua cura reproduziram-se os mesmos efeitos, temos uma prova evidente de que eles independiam de seu estado de saúde.

trava no quarto ninguém além de Philippine, então mergulhada em sono profundo. Além disso o fuso fora lançado do lado esquerdo, posto se achasse na prateleira do pequeno armário, colocado à direita. Se tivesse sido atirado do leito, teria sido interceptado pela porta. Era, pois, evidente que a menina nada tinha com o caso. Enquanto a família Sanger externava a sua surpresa com o acontecimento, algo caiu da mesa no soalho: era um retalho de pano que antes estava mergulhado numa bacia com gua. Ao lado do fuso jazia também uma cabeça de cachimbo, cujo canudo tinha ficado sobre a mesa. O que tornava a coisa ainda mais incompreensível era que a porta do armário onde estava o fuso, antes de ser atirado, achava-se fechada, que a água da bacia não tinha sido agitada e nem uma só gota tinha caído sobre a mesa. De repente a menina, sempre adormecida, grita da cama: "Pai! saia! Ele atira! Saia, ele vos atirar também!" Obedeceram  ordem e assim que passaram  primeira peça a cabeça do cachimbo foi atirada com muita força, mas não se quebrou. Uma régua que Philippine usava na escola seguiu o mesmo caminho. O pai, a mãe e a filha mais velha olhavam-se com espanto e, como procurassem o partido a tomar, um grande cepilho de Sanger e um grande pedaço de madeira foram atirados da bancada numa outra peça. Sobre a mesa de trabalho as tampas estavam em seus lugares; entretanto, os objetos cobertos por elas também tinham sido em parte atirados ao longe. Nessa mesma noite os travesseiros foram lançados sobre um armário e a colcha atirada sobre a porta.

Num outro dia tinham posto aos ps da menina, debaixo das cobertas, um ferro de engomar de cerca de seis libras. Logo foi atirado na outra sala; o cabo havia sido tirado e foi encontrado sobre uma poltrona, no quarto de dormir.

Testemunhamos que as cadeiras colocadas a três ps da cama foram derrubadas, as janelas foram abertas,

quando antes estavam bem fechadas e isto assim que viramos as costas para entrar na sala. De outra feita duas cadeiras foram levadas para cima da cama, sem desarranjar as cobertas. A 7 de outubro tinha sido fechada a janela, diante da qual fora estendido um lençol. Assim que deixamos o quarto, foram dados golpes repetidos e com tanta violência que tudo ficou desarranjado e as pessoas que passavam na rua fugiam espavoridas. Correram para o quarto: a janela estava aberta, o pano atirado sobre o pequeno armário ao lado, as cobertas da cama e o travesseiro no chão, as cadeiras de pernas para o ar e a menina no leito, abrigada apenas pela camisa. Durante catorze dias a senhora Sãnger não fez outra coisa senão refazer a cama.

Uma vez havia ficado uma harmônica sobre uma cadeira. Ouviram-se sons. Entrando precipitadamente no quarto, encontraram, como sempre, a menina tranqüila em seu leito; o instrumento estava sobre a cadeira mas já não tocava. Uma noite, ao sair do quarto da filha, Sãnger recebeu nas costas, de arremesso, a almofada de uma cadeira. De outras vezes eram um par de chinelos velhos, sapatos que estavam debaixo da cama, ou tamancos que lhe iam ao encontro. Muitas vezes sopravam a vela acesa, sobre a mesa de trabalho. As pancadas e arranhaduras alternavam com essa demonstração do mobiliário. A cama parecia movimentada por mão invisível. À ordem de: "Balance a cama" ou "Nine a criança", a cama ia e vinha, num e noutro sentido, com ruído; à ordem de "Alto!" ela parava. Nós, que vimos, podemos afirmar que quatro homens se sentaram na cama e nela foram suspensos, mas não conseguiram paralisar o movimento: eram levantados com o móvel. Ao fim de catorze dias cessou o reboição dos móveis e as manifestações foram substituídas por outras.

Na noite de 26 de outubro achavam-se no quarto, entre outras pessoas, os srs. Luiz Sonee, bacharel em di-

reito, o capitão Simon, ambos de Wissenburg, bem como o sr. Sievert, de Bergzabern. Nesse momento Philippine Sanger encontrava-se mergulhada em sono magnético. O sr. Sievert apresentou-lhe um papel contendo cabelos, para ver o que faria com eles. Ela abriu o embrulho, entretanto sem descobrir os cabelos, aplicou-os sobre as pálpebras fechadas, afastou-os como que para os examinar a distância e disse: "Eu bem queria saber o que está neste embrulho. . . So cabelos de uma senhora que não conheço. . . Se ela quiser vir, que venha. . . Não a posso convidar, pois não a conheço". Não respondeu às perguntas dirigidas pelo sr. Sievert; mas, tendo colocado o papel no côncavo da mão, o estendia e revirava, mas o papel ficava suspenso. Depois o colocou na ponta do indicador e, durante muito tempo, fez a mão descrever um semicírculo, dizendo: "Não caia." e o papel ficava na ponta do dedo. Depois  ordem de "Agora caia!" ele se destacou, sem que ela tivesse feito o menor movimento para lhe determinar a queda. Súbito, voltando-se para a parede disse: "Agora quero pregar-te  parede". E a esta aplicou o papel, que se lhe fixou durante 5 a 6 minutos, depois do que o retirou. Um exame minucioso do papel e da parede não permitiu descobrir nenhuma causa da aderência. Parece-nos um dever advertir que o quarto estava perfeitamente iluminado, o que permitia que nos déssemos conta de todas essas particularidades com exatidão.

Na noite seguinte deram-lhe outros objetos: chaves, moedas, cigarreiras, relógios, anéis de ouro e de prata. E todos, sem exceo, ficavam suspensos  sua mão. Notou-se que a prata aderia mais facilmente que as outras substâncias, pois houve dificuldade em retirar-lhe as moedas e tal operao causou-lhe dor. Um dos mais curiosos fatos nesse gnero foi o seguinte: sábado, 11 de novembro, um oficial presente deu-lhe sua espada com o talabarde, tudo pesando 4 libras; constatou-se que tudo ficou suspenso ao dedo da médio, balançando-se du-

rante muito tempo. O que não é menos singular é que todos esses objetos, fosse qual fosse a matéria, também ficavam suspensos. Tal propriedade magnética comunicava-se, por simples contacto das mãos, às pessoas susceptíveis da transmissão do fluido. Disto tivemos vários exemplos.

Um cavalheiro, o capitão Zentner, então servindo na guarnição de Bergzabern, testemunhou esses fenômenos e teve a idéia de colocar uma bússola perto da menina, para observar as variações. Na primeira tentativa a agulha fez um desvio de 15.º, mas nas outras ficou imóvel, posto a menina sustivesse a caixa numa das mãos, acariciando-a com a outra. Esta experiência provou que tais fenômenos não se poderiam explicar pela ação do fluido mineral, mesmo porque a atração magnética não se exerce indiferentemente sobre todos os corpos.

Habitualmente, quando a pequena sonâmbula se dispunha a começar a sessão, chamava para o quarto todas as pessoas presentes. Dizia apenas: "Venham! venham!" ou então "Dêem, dêem!" Muitas vezes só se tranquilizava quando todos, sem exceção, estavam junto ao seu leito. Então pedia com solicitude e impaciência um objeto qualquer e, assim que lho entregavam, este se ligava aos seus dedos. Frequentes vezes acontecia que dez, doze e mais pessoas estavam presentes e cada uma lhe apresentava vários objetos. Durante a sessão não admitia que lhe tomassem nenhum deles. Parecia preferir os relógios: abria-os com muita habilidade, examinava o movimento, fechava-os e os colocava próximo, para examinar outra coisa. Por fim devolvia a cada um o que lhe havia sido entregue; examinava os objetos com os olhos fechados e jamais lhe confundia o dono. Se alguém estendesse a mão para receber o que lhe não pertencia, ela o repelia. Como explicar essa distribuição múltipla e sem erros a tão grande número de pessoas? Em vão tentar-se-ia fazer o mesmo com os olhos abertos. Terminada

a sessão e retiradas as pessoas, recomeçavam as pancadas e arranhaduras, momentaneamente interrompidas.

Acrescente-se que a menina não queria que ninguém ficasse aos pés da cama, junto ao armário, onde o espaço entre os móveis era apenas de cerca de um pé. Se alguém aí se metesse, afastava-o por meio de gestos. E se teimasse ela demonstrava uma grande inquietação e com gestos imperiosos mandava que saísse do lugar. Uma vez advertiu os assistentes a que jamais ocupassem aquele lugar proibido, porque, dizia, não queria que sobreviesse uma desgraça a alguém. Este aviso foi tão positivo que ninguém o esqueceu daí por diante.

Depois de algum tempo às batidas e arranhaduras juntou-se um zumbido comparável ao som produzido por uma corda grossa de contrabaixo; uma espécie de assovio se misturava a esse zumbido. Se alguém pedisse uma marcha ou uma dança, logo era atendido o seu desejo: o músico invisível mostrava-se muito complacente. Por meio das arranhaduras chamava nominalmente as pessoas da casa ou os estranhos presentes. Todos compreendiam facilmente a quem era dirigido o apelo. A esse chamado, a pessoa designada respondia "sim", para dar a entender que sabia tratar-se de si mesma. Então era executada em sua homenagem um trecho de música, que por vezes ocasionava cenas cômicas. Se outro que não a pessoa indicada respondesse "sim", o raspador fazia compreender por um "não", expresso a seu modo, que nada lhe tinha a dizer naquele momento.

Estes fatos se produziam pela primeira vez na noite de 10 de novembro, e continuaram até o presente.

Eis como procedia o espírito batedor para designar as pessoas.

Havia muitas noites que se tinha notado, ao fazer um pedido para que fizesse tal ou qual coisa, que ele respondia por uma arranhadura prolongada. Assim que o golpe era dado o batedor começava a executar aquilo que

se desejava; ao contrário, quando arranhava, não era satisfeito o pedido. Então um médico teve a idéia de tomar o primeiro ruído por um “sim” e o segundo por um “não”; desde então tal interpretação foi sempre confirmada. Notou-se também que por uma série de arranhões mais ou menos fortes o Espírito exigia certas coisas das pessoas presentes. A força de atenção e observando a maneira por que se produzia o ruído, pode compreender-se a intenção do batedor. Assim, por exemplo, o velho Sãnger contou que certa manhã, ainda pela madrugada, ouvira ruídos modulados de certa maneira. Posto lhes não tivesse ligado de início nenhum significado, notou que não cessavam enquanto se achasse na cama, pelo que entendeu o sentido: “Levanta-se!” Assim, pouco a pouco familiarizou-se com essa linguagem e com certos sinais de reconhecimento de determinadas pessoas.

Chegou o aniversário do dia em que o Espírito batedor se havia manifestado pela primeira vez: muitas mudanças se operaram no estado de Philippine Sãnger. Continuavam as pancadas, as arranhaduras e o zunido, mas a todas essas manifestações juntou-se um grito especial, que ora parecia o de um ganso, ora o de um papagaio ou de qualquer outra ave grande; ao mesmo tempo ouvia-se uma espécie de picada na parede, semelhante ao ruído produzido pelas bicadas de um pássaro. Nesse período Philippine Sãnger falava muito durante o sono e sobretudo parecia preocupada com um certo animal, semelhante a um papagaio, o qual ficava ao pé do leito, gritando e dando bicadas na parede. Quando desejávamos ouvir o papagaio, este soltava gritos agudos. Várias perguntas foram feitas, tendo como resposta gritos do mesmo gênero; algumas pessoas pediram que dissesse “Kakatoès”, e foi ouvida distintamente a palavra “Kakatoès”, como se pronunciada pela própria ave. Passaremos em silêncio sobre fatos menos interessantes, limitando-nos a

relatar aquilo que é mais importante, no que diz respeito às modificações sobrevindas ao estado físico da menina.

Algum tempo antes do Natal as manifestações se renovaram com mais energia: os golpes e as arranhaduras tornaram-se mais violentos e duravam mais tempo. Mais agitada que de costume, muitas vezes Philippine pedia para não dormir em sua cama, mas na dos pais; rolava no seu leito, clamando: "Não posso mais ficar aqui; vou arrebentar; eles vão encerrar-me na parede; socorro!" E a calma só se restabelecia quando a transportavam para outra cama. Apenas aí se encontrava, ouviam-se no alto pancadas muito fortes, como se viessem do celeiro e como se um carpinteiro martelasse o vigamento. Por vezes eram mesmo tão fortes que abalavam a casa, as janelas eram sacudidas e as pessoas presentes sentiam o solo tremer sob os pés; outras vezes pancadas semelhantes eram dadas na parede, perto da cama. As perguntas eram, como de hábito, respondidas pelas pancadas, sempre alternadas com as arranhaduras.

Os fatos que se seguem, não menos curiosos, reproduziram-se inúmeras vezes.

Quando havia cessado o ruído e a menina repousava tranqüilamente em sua caminha, com freqüência a víamos prosternar-se, juntar as mãos, de olhos fechados virar a cabeça para todos os lados, como se algo extraordinário tivesse atraído sua atenção. Um amável sorriso então se espalhava em sua face; dir-se-ia que se dirigisse a alguém: estendia as mãos e pelo gesto compreendia-se que apertava as mãos de amigos e conhecidos. Também se via, depois de cenas que tais, recair na sua atitude súplice, juntar novamente as mãos, curvar a cabeça até tocar as cobertas, depois endireitar-se e derramar lágrimas. Então suspirava e parecia orar com grande fervor. Nestes momentos seu rosto se transformava: ficava pálida e adquiria a expressão de uma mulher de 24 a 25 anos. Por vezes tal estado durava cerca de

meia hora, durante a qual só dizia “ah! ah!” Pancadas, arranhaduras, zumbidos e gritos cessavam até que ela despertasse. Então o batedor novamente se fazia ouvir, procurando executar árias alegres, a fim de dissipar a penosa impressão deixada na assistência. Ao despertar a menina achava-se muito abatida; apenas podia levantar os braços e os objetos que lhe eram apresentados não ficavam mais suspensos em seus dedos.

Curiosos de saber o que experimentava, interrogaram-na várias vezes. Somente após reiterados pedidos foi que se decidiu a contar que tinha visto conduzir e crucificar o Cristo no Gólgota; que a dor das santas mulheres prosternadas ao pé da cruz e a crucificação lhe haviam produzido uma impressão indescritível. Também tinha visto uma porção de mulheres e de virgens vestidas de preto e mocinhas com longos vestidos brancos percorrendo procissionamente as ruas de bonita cidade e, por fim, viu-se transportada a uma vasta igreja onde assistiu a um serviço fúnebre.

Em pouco tempo o estado de Philippine Sängér mudou a ponto de causar apreensão quanto à sua saúde porque, estando desperta, divagava e sonhava em voz alta. Não reconhecia os pais nem a irmã, nem qualquer outra pessoa. A esse estado veio juntar-se uma completa surdez, que persistiu durante quinze dias.

Não podemos silenciar sobre o que se passou nesse lapso de tempo.

A surdez manifestou-se de meio dia às três horas e ela mesma declarou que ficaria surda por algum tempo e que cairia doente. O que há de singular é que por vezes recobrava a audição durante cerca de meia hora, com o que se mostrava contente. Ela própria predizia o momento em que ensurdeceria e em que recuperaria a audição. Uma vez entre outras, anunciou que à noite, às oito e meia, ouviria claramente durante uma meia hora. Com

efeito, à hora predita voltou a ouvir, o que durou até às nove horas.

Durante a surdez os traços se lhe alteravam: o rosto tomava uma expressão de estupidez, que perdia assim que voltava ao estado normal. Outras vezes não lhe produzia impressão: ficava sentada, olhando os presentes fixamente e sem os reconhecer. Ninguém podia fazer-se compreender senão por sinais, aos quais em geral não respondia, limitando-se a fitar os olhos na pessoa que lhe dirigia a palavra. Uma vez agarrou pelo braço a um dos presentes e lhe perguntou, enquanto o empurrava: "Quem és tu?" Nessa situação ficava por vezes mais de hora e meia imobilizada na cama. Seus olhos meio abertos paravam num ponto qualquer; de vez em quando giravam à direita e à esquerda, depois voltavam ao mesmo ponto. Toda a sensibilidade parecia então embotada: o pulso apenas batia e, quando se colocava uma luz diante de seus olhos, não fazia nenhum movimento: dir-se-ia morta.

Aconteceu uma tarde, durante a surdez, que estando deitada, pediu uma lousa e um lápis. Então escreveu: "Às onze horas direi alguma coisa; mas exijo que fiquem tranquilos e silenciosos". Depois dessas palavras acrescentou cinco sinais semelhantes à escrita latina, mas que nenhum dos presentes pôde decifrar. Foi escrito na lousa que ninguém compreendia aqueles sinais. Em resposta ela acrescentou: "Não é que não possais ler!" E, mais embaixo: "Não é alemão: é uma língua estranha". Em seguida, virando a ardósia, escreveu do outro lado: "Francisque" (sua irmã), "sentar-se-á à mesa e escreverá o que eu ditar". Acompanhou as palavras por cinco sinais semelhantes aos primeiros e entregou a ardósia. Notando que os sinais não eram ainda compreendidos, pediu novamente a lousa e acrescentou: "São ordens particulares".

Um pouco antes das onze horas, disse: "Ficai tranquilos. Que todos se sentem e prestem atenção!" e, ao

soarem as onze, caiu no leito e entrou em sono magnético ordinário. Alguns instantes depois começou a falar; e isto durou, ininterruptamente, cerca de meia hora. Entre outras coisas declarou que durante o ano em curso produzir-se-iam fatos que ninguém poderia compreender e que seriam infrutíferas todas as tentativas feitas para os explicar.

Durante a surdez da jovem Sanger renovaram-se algumas vezes o reboiço dos m3veis, o inexplicável abrir das janelas, o apagar das luzes sobre a mesa de trabalho. Aconteceu uma noite que dois bonés que estavam pendurados num cabide do quarto de dormir foram atirados sobre a mesa do outro quarto e entornaram um copo de leite, espalhando-o pelo chão. As pancadas desferidas na cama eram tão violentas que esta se deslocou de seu lugar: outras vezes, até, a cama se desmontava ruidosamente, sem que, entretanto, se tivessem ouvido as pancadas.

Como ainda houvessem criaturas incredulas ou que atribuíam essas originalidades a uma brincadeira da menina que, em sua opinião, batia e arranhava com os pes ou com as mãos, apesar de que os fatos tivessem sido verificados por mais de cem testemunhas e se tivesse constatado que a menina tinha os braços estendidos sobre as cobertas, enquanto se produziam os ruídos, o capitão Zentner imaginou um meio de as convencer. Mandou vir da caserna dois cobertores muito grossos, os quais foram postos um sobre o outro, e ambos envolveram o colchão e os lençóis da cama; os cobertores eram muito felpudos de modo que era impossível neles produzir o menor ruído por simples atrito. Vestindo uma simples camisa e uma camisola de dormir, Philippine foi posta debaixo das cobertas e, apenas agasalhada, os golpes e arranhaduras se produziram como dantes, ora na madeira da cama, ora no armário vizinho, segundo a vontade que se manifestasse.

Acontece muitas vezes que quando alguém cantava ou assovia uma ária qualquer, o batedor a acompanhava e os sons que se percebe como que vêm de dois, três ou quatro instrumentos: ouve-se, ao mesmo tempo, arranhar, bater, assoviar e murmurar, conforme o ritmo da ária cantada. Muitas vezes, também, o batedor pede a um dos assistentes que cante uma canção. Designa-o pelo processo já nosso conhecido e quando a pessoa compreendeu que é a si mesma que o Espírito se dirige, por sua vez aquela lhe pergunta se quer que cante esta ou aquela canção. A resposta é dada por “sim” ou “não”. Ao cantar-se a ária indicada, ouve-se um acompanhamento perfeito de zumbidos e assovios. Depois de uma canção alegre muitas vezes o Espírito pedia o hino “Dieu, sons te louons” ou a canção de Napoleão I. Se lhe pedissemos para tocar sozinho esta última canção ou qualquer outra, ele no-la executava do começo ao fim.

Assim iam as coisas na casa de Sãnger, quer de dia, quer de noite, durante o sono da menina ou quando em vigília, até o dia 4 de março de 1853, data em que as manifestações entraram em outra fase. Esse dia marcado por um fato ainda mais extraordinário que os precedentes”.

O Espírito batedor de Bergzabern III

“Os fatos que vamos narrar ocorreram de sexta-feira, 4, a quarta-feira, 9 de março de 1853. Nada de semelhante ocorreu depois dessa data. Então Philippine já não dormia no quarto nosso conhecido: sua cama havia sido transferida para a peça vizinha, onde se acha presentemente. As manifestações tomaram um caráter de tal modo estranho que é impossível admitir a sua explicação por intervenção humana. Aliás, são tão diferentes das

que haviam sido observadas anteriormente, que todas as primeiras hipóteses caíram por terra.

Sabe-se que no quarto onde dormia a menina frequentemente as cadeiras e outros móveis eram revirados, as janelas abertas com fragor, à força de golpes repetidos. Há cinco semanas está ela instalada na sala comum onde, desde o cair da noite até a manhã seguinte, há sempre uma luz. Pode, pois, ver-se perfeitamente o que aí se passa.

Eis o que foi observado sexta-feira, 4 de março.

Philippine ainda não se havia deitado: achava-se com algumas pessoas que conversavam sobre o Espírito batedor. De repente a gaveta de uma mesa, grande e pesada, que se achava no meio da sala, foi puxada e empurrada ruidosamente e com extraordinária rapidez. Surprenderam-se os assistentes com essa nova manifestação. No mesmo instante a própria mesa se pôs em movimento em todos os sentidos e avançou para a lareira, perto da qual estava sentada Philippine. Por assim dizer perseguida pelo móvel, ela teve de deixar o seu lugar e correr para o meio da sala; mas a mesa voltou-se nessa direção e parou a quinze centímetros da parede. Colocaram-na em seu lugar habitual, de onde não mais saiu; mas as botas, que estavam debaixo dela e que todos viram, foram tiradas no meio da sala, com grande espanto dos presentes. Uma das gavetas começou a correr nas corrediças, abrindo-se e fechando-se por duas vezes, a princípio muito rapidamente; a seguir com progressiva lentidão. Quando se achava completamente aberta era sacudida com fragor. Um pacote de fumo, deixado sobre a mesa, mudava continuamente de lugar. As pancadas e arranhaduras eram ouvidas sobre a mesa. Philippine, que então gozava de ótima saúde, achava-se no meio do grupo e de modo algum se mostrava inquieta com essas originalidades, que se repetiam todas as noites, desde sexta-feira.

Mas no domingo estas ainda foram mais notáveis.

A gaveta foi por várias vezes aberta e fechada com violência. Depois de ter estado em seu antigo dormitório, Philippine voltou subitamente, caiu em sono magnético, atirou-se numa poltrona, onde por várias vezes foram ouvidas as arranhaduras. Suas mãos apoiavam-se nos joelhos e a cadeira se movia, ora para a direita, ora para a esquerda ou para frente e para trás. Viam-se os pés da frente da cadeira se levantarem, enquanto a própria cadeira se balançava num equilíbrio espantoso sobre os pés traseiros. Transportada para o meio da sala, tornou-se fácil observar esse novo fenômeno. Então, a uma palavra de ordem, a cadeira girava, avançava, recuava com maior ou menor rapidez, ora num sentido, ora noutro. Durante essa dança original os pés da menina arrastavam-se no solo, como que paralisados, ela se queixava de dores de cabeça, gemia e punha as mãos na fronte. Depois, despertando de súbito, pôs-se a olhar para todos os lados, sem compreender a situação. Mas havia passado o mal-estar. Deitou-se. Então as pancadas e arranhaduras, antes produzidas na mesa, foram ouvidas na cama, com força e alegremente.

Pouco antes uma sineta tinha sido tocada espontaneamente. Então ocorreu a idéia de a prender à cama: logo começou a balançar e a tocar. O que houve de mais notável nesta circunstância foi que, tendo sido levantada e deslocada a cama, a sineta ficou imóvel e em silêncio. Quase à meia noite cessou todo o ruído e a assistência retirou-se.

Na noite de domingo, 15 de maio, prenderam ao leito uma grande campainha. Imediatamente ouviu-se um barulho desagradável e ensurdecedor. No mesmo dia, à tarde, as janelas e a porta do quarto de dormir foram abertas, mas silenciosamente.

Devemos dizer que a poltrona em que se sentara Philippine na sexta-feira e no sábado, levada por papá Sânger para o meio da sala, pareceu-lhe muito mais leve

que de costume: dir-se-ia que uma força invisível a levantava. Querendo um dos assistentes empurrá-la, não encontrou resistência: a poltrona parecia deslizar por si sobre o soalho.

O Espírito batedor ficou silencioso durante três dias da semana santa: quinta, sexta e sábado. Só no domingo de Páscoa recomeçaram os seus golpes da sineta: golpes ritmados, compondo uma ária. A 1.º de abril, ao ser trocada a guarnição, as tropas que deixavam a cidade marchavam puxadas pela banda de música. Ao passarem em frente à casa de Sãnger, o Espírito batedor executou na cama, à sua maneira, a mesma peça que era tocada na rua. Pouco antes haviam escutado na sala como que os passos de alguém e como se tivessem jogado areia no soalho.

Preocupado com o fato que acabamos de relatar, o governo do Palatinato propôs a Sãnger internar a sua filha numa casa de saúde em Frankenthal, o que foi aceito. Estamos informados que em sua nova residência, a presença de Philippine deu lugar aos prodígios de Bergzaörn e que os médicos de Frankenthal, bem como os de nossa cidade, não lhes podem determinar a causa. Além disso estamos informados de que só os médicos têm acesso junto à menina.

Por que uma tal medida?

Ignoramo-lo e não podemos censurá-lo. Mas se o que a motivou não é resultado de alguma circunstância particular, cremos que se nem todos poderiam ter acesso junto à interessante menina, ao menos as pessoas recomendáveis deveriam ter permissão”.

Nossos leitores não se aborrecerão, sem dúvida, com a extensão que demos a essas curiosas circunstâncias e julgamos que as leram com interesse. Fazemos notar que esses fatos não nos vêm de países transatlânticos, cuja distância é um grande argumento para certos cépticos; nem ao menos chega do outro lado do Reno, pois

que é em nossas fronteiras que se passaram e quase sob nossos olhos, uma vez que ocorreram há apenas seis anos. Philippine Sanger era, como se vê, uma médium natural muito complexa. Além da influência que exercia sobre os fenômenos conhecidos de ruído e movimentos, era sonambulista extática. Ela conversava com seres incorpóreos que via ao mesmo tempo que os assistentes lhes dirigia a palavra, mas nem sempre dava-lhes a palavra, o que prova que em certos momentos estava isolada. Para aqueles que conhecem os efeitos da emancipaao da alma, as visões que relatamos nada têm que não possa ser facilmente explicáveis. é provável que nesses momentos de êxtase, o espírito da criança era transportado para um local distante onde assistia, talvez lembrando, uma cerimonia religiosa. Pode-se espantar com a memória que delas guardava ao despertar, mas o fato não é insólito; de resto pode-se notar que as lembrancas eram confusas e que era preciso muito insistir para as provocar.

Se observarmos atentamente o que se passava durante os momentos de surdez, neles se reconhecia sem dificuldade um estado catalptico, já que a surdez era apenas temporária. é evidente que não alterava os rgoes da audicio. Era como a obliteraao momentânea das faculdades mentais; obliteraao que nada tinha de patológico, pois que em dado instante tudo se normalizava. Essa espécie de estupidez aparente possibilitava um desprendimento mais completo da alma, cujas excursões se fazem com mais liberdade e não deixam aos sentidos senão a vida orgânica. Julgue-se, pois, o efeito desastroso que pode ter um tratamento terapêutico em tal circunstância! Fenômenos do mesmo gnero podem se produzir a cada instante, e não poderíamos neste caso recomendar senão muita circunspeao: uma imprudência pode comprometer a saúde e mesmo a vida.

Palestras familiares de além-túmulo

O TAMBOR DE BERESINA

Tendo-se reunido em nossa casa algumas pessoas com o propósito de constatar certas manifestações, em diversas sessões produziram-se os fatos que se seguem e que deram lugar à palestra que vamos relatar, pois apresentam um grande interesse do ponto de vista de estudo.

Manifestou-se o Espírito por golpes, não batidos pelo pé da mesa, mas na própria contextura da madeira. A troca de idéias que então ocorreu entre os assistentes e o ser invisível não dá margem a dúvidas quanto à intervenção de uma inteligência oculta. Além das respostas a várias perguntas, ora pelo “sim”, ora pelo “não”, ou por meio da tipologia alfabética, os golpes marcaram uma marcha qualquer, o ritmo de uma ária, imitavam a fusilaria, o canhoneio de uma batalha, o barulho do tanoeiro ou do sapateiro, faziam eco com admirável precisão, etc. Depois ocorreu o movimento de uma mesa e sua translação “sem qualquer contacto de mãos”, pois os assistentes se mantinham afastados; uma saladeira posta sobre a mesa, em vez de girar, deslizou em linha reta, também sem contacto das mãos. Os golpes eram igualmente ouvidos em diversos móveis da sala, por vezes simultaneamente, outras como se fossem respostas.

O Espírito parecia ter uma predileção especial pelo rufo de tambor, pois o tocava a cada momento, independente de pedido. Muitas vezes, em lugar de responder a certas perguntas, tocava a marcha batida ou reunir; interrogado sobre algumas particularidades de sua vida, disse chamar-se Célina, ter nascido em Paris, morrido aos quarenta e cinco anos e ter sido tambor.

Entre os assistentes, além do médium especial de influência física, que produzia as manifestações, havia um

excelente psicógrafo, o qual pôde servir de intérprete do Espírito. Assim, obtivemos respostas mais explícitas. Tendo confirmado pela escrita quanto havia dito pela tiplogia, quanto ao nome, lugar do nascimento e data de sua morte, foram-lhe feitas as perguntas que se seguem e cujas respostas apresentam vários traços característicos e corroboram certas partes essenciais da teoria.

1. — Escreve algo à tua vontade. — R. Ra-ta-plan, ra-ta-plan.

2. — Por que escreves isto? — R. Porque fui tambor.

3. — Tinhas tido alguma instrução? — R. Sim.

4. — Onde fizeste teus estudos? — R. Nos "Ignorantins" (*).

5. — Pareces alegres? — R. Sou bastante.

6. — Disseste que em vida gostavas demais de beber, é verdade? — R. Eu gostava de tudo quanto é bom.

7. — Eras militar? — R. Certamente; eu era tambor.

8. — Sob que governo serviste? — R. Sob Napoleão, o Grande.

9. — Podes citar uma batalha na qual participaste? R. — A de Beresina.

10. — Foi aí que morreste? R. — Não.

11. — Estavas em Moscou? R. — Não.

12. — Onde morreste? R. — Na neve.

13. — Em que corpo servias? — R. Nos fuzileiros da guarda.

14. — Gostavas de Napoleão, o Grande? — R. Como nós todos, o amava sem saber porque!

15. — Sabes o que aconteceu depois de tua mor-

(*) Nome dado na França a uma ordem religiosa que se dedicava ao ensino primário. N. do T.

te? — R. Depois da morte não me ocupei senão de mim mesmo.

16. — Reencarnaste? R. — Não, uma vez que venho conversar convosco.

17. — Por que te manifestas por pancadas, quando não foste chamado? R. — É preciso barulho para aqueles cujo coração não acredita. Se não vos chega, dar-vos-ei ainda mais.

18. — Vieste bater por tua própria vontade ou foi um outro Espírito que a isto te obrigou? R. — Venho por mim mesmo e de boa vontade. Há um outro a quem chamais “Verdade” e que também me pode obrigar. Mas há muito tempo que eu queria vir.

19. — Com que propósito querias vir? R. — Para entreter-me convosco — eis o que eu queria. Mas havia algo que mo impedia. Fui forçado por um Espírito familiar da casa, que me convenceu a tornar-me útil às pessoas que me fizessem perguntas.

19 a. — Então esse Espírito tem muito poder, uma vez que assim domina os outros? R. — Mais do que pensais: e só o emprega para o Bem.

Observação: O Espírito familiar da casa dá-se a conhecer pelo nome alegórico de “Verdade”, circunstância que era ignorada pelo médium.

20. — Que era o que te impedia? R. — Não sei: alguma coisa que não compreendo.

21. — Deploras a vida? R. — Não. Nada deploro.

22. — Qual o que preferes: tua existência atual ou a vida terrena? R. — Prefiro a existência do Espírito à do corpo.

23. — Por que? R. — Porque estamos melhor do que na Terra. A Terra é um purgatório; e todo o tempo que aí vivi sempre desejei a morte.

24. — Sofres em tua nova condição? R. — Não: mas ainda não sou feliz.

25. — Ficarias satisfeito se tivesses uma nova existência corpórea? R. — Sim; pois sei que devo progredir.

26. — Quem te disse? R. — Eu bem o sei.

27. — Reencarnarás brevemente? R. — Não sei.

28. — Vês outros Espíritos em teu redor? R. — Sim; muitos.

29. — Como sabes que são Espíritos? R. — Entre nós vemo-nos tais quais somos.

30. — Sob que aparência os vês? R. — Como se podem ver Espíritos: mas não pelos olhos.

31. — E tu, sob que forma aqui estás? R. — Sob a que tinha quando vivo: isto é, como tambor.

32. — E vês os outros Espíritos com as formas que tinham em vida? R. — Não. Nós não tomamos uma aparência senão quando somos evocados. Fora disso vemo-nos sem forma.

33. — Tu nos vês claramente como quando vivias? R. — Sim; perfeitamente.

34. — É pelos olhos que nos vês? R. — Não. Temos uma forma, mas não os sentidos. Nossa forma não é senão aparente.

Observação: Seguramente os Espíritos têm sensações, pois que percebem. Do contrário seriam inertes. Mas as suas sensações não são localizadas, como quando têm um corpo: são inerentes a todo o seu ser.

35. — Dize-nos positivamente em que lugar aqui estás? R. — Perto da mesa, entre vós e o médium.

36. — Quando bates estás sobre a mesa, debaixo dela ou na espessura da madeira? R. — Fico ao lado: não me meto na madeira; basta-me tocar a mesa.

37. — Como produzes os ruídos que fazes ouvir? R. — Creio que por uma espécie de concentração de nossa força.

38. — Poderias explicar-me por que maneira se produzem os diversos ruídos que imitas, como, por exemplo, as arranhaduras? R. — Eu não poderia precisar mui-

to a natureza dos ruídos. É difícil de explicar. Sei que arranho, mas não posso explicar como produz esse ruído a que chamais arranhadura.

39. — Poderias produzir os mesmos ruídos com qualquer outro médium? R. — Não. Há especialidades em todos os médiuns. Nem todos podem agir do mesmo modo.

40. — Vês entre nós, além do jovem S... (o médium de influência física, por cujo intermédio se manifesta o Espírito) alguém que te possa ajudar a produzir os mesmos efeitos? R. — No momento não vejo ninguém. Com ele fico muito apto a fazer.

41. — Por que com ele antes que com outrem? R. — Porque o conheço bastante e também por ser ele mais apto que qualquer outro para esse género de manifestações.

42. — Conhece-o de longa data? Anterior à presente existência? R. — Não. Conheço-o de pouco tempo. Fui de certo modo atraído para ele, para que fosse meu instrumento.

43. — Quando a mesa se ergue no ar sem ponto de apoio, quem é que a sustenta? R. — Nossa vontade, que a obrigou a obedecer-nos e, ainda, o fluido que lhe transmitimos.

44. — Poderias fazê-lo? R. — Creio que sim. Tentarei quando o médium estiver presente. (No momento ele se achava ausente).

45. — De quem isto depende? R. — De mim, pois me sirvo do médium como de um instrumento.

46. — Mas a qualidade do instrumento não conta? R. — Sim, ele me ajuda muito, pois como disse, hoje não poderia fazê-lo com outros.

Observação: No curso da sessão tentamos levantar a mesa, mas sem resultado, talvez porque não tivesse havido suficiente perseverança. Houve esforços evidentes e movimentos de translação, sem contacto nem impo-

sição das mãos. Entre as experiências feitas está a da abertura da mesa, que era elástica. Mas ela oferecia muita resistência, por defeito de má construção. Foi posta de lado, enquanto que o Espírito conseguiu abrir e fechar uma outra.

47. — Por que, outro dia, os movimentos da mesa cessavam cada vez que um de nós tomava de uma luz para examiná-la por baixo? R. — Porque eu queria castigar a vossa curiosidade.

48. — De que te ocupas em tua existência de Espírito, de vez que não passas o tempo a bater? R. — Muitas vezes tenho tarefas a cumprir: devemos obedecer as ordens superiores e, sobretudo, temos que, por nossa influência, fazer bem aos humanos.

49. — Sem dúvida tua vida terrena não foi isenta de faltas. Reconhece-as agora? R. — Sim. Justamente as expio, ficando estacionário entre os Espíritos inferiores. Não me poderei purificar bastante enquanto não tomar um outro corpo.

50. — Quando davas pancadas sobre um outro móvel ao mesmo tempo que sobre a mesa eras tu ou um outro Espírito? R. — Era eu.

51. — Tu só? R. — Não; mas o trabalho de bater era meu só.

52. — Os outros Espíritos que aí se encontravam te ajudavam nalguma coisa? R. — Não para bater; mas para falar.

53. — Então não eram Espíritos batedores? R. — Não: só a mim a Verdade havia permitido bater.

54. — Por vezes não se agrupam uns tantos Espíritos batedores com o fim de haver maior força na produção de certos fenômenos? R. — Sim. Mas para o que eu queria fazer, eu me bastava.

55. — Em tua existência de Espírito estás sempre na Terra? R. — Mais freqüentemente no espaço.

56. — Vais algumas vezes a outro mundo, isto é,

a outro globo? R. — Não nos mais perfeitos: só nos mundos inferiores.

57. — Algumas vezes tu te divertes a ver o que fazem os homens? R. — Não. Contudo muitas vezes lhes tenho piedade.

58. — Quais as criaturas de tua predileção? R. — As que querem crer de boa fé.

59. — Poderias ler os nossos pensamentos? R. — Não: não leio nas almas, pois para tanto não sou bastante perfeito.

60. — Entretanto deves conhecer nossos pensamentos, já que vens ao nosso meio. Por outras palavras: podes saber se cremos de boa fé? R. — Não leio, mas compreendo.

Observação: A pergunta 58 visava saber para quem, espontaneamente, ia a sua preferência na vida de Espírito, sem ser evocado. Como Espírito de uma ordem pouco elevada, ele pode pela evocação ser constrangido a vir a um meio que lhe desagrade. Por outro lado, sem ler propriamente os nossos pensamentos, eie certamente poderia ver se as pessoas se reuniam com um objetivo sério e, pela natureza das perguntas e da conversa que “ouvisse”, julgar se a assembléia era composta de pessoas sinceramente desejosas de esclarecimento.

61. — Nesse mundo dos Espíritos encontraste alguns de teus companheiros de armas? R. — Sim; mas sua condição era tão diferente que não os reconheci a todos.

62. — Em que consistia essa diferença? R. — Na situação feliz ou infeliz de cada um.

63. — Que lhes disseste nesses encontros? R. — Eu lhes dizia: Vamos subir para Deus, que o permite.

64. — Como entendias essa subida para Deus? R. — Cada degrau transposto é um passo a mais para Ele.

65. — Disseste que havias morrido na neve. Que-

reis dizer que morreste de frio? R. — De frio e de fome.

66. — Tiveste a consciência imediata de tua nova existência? R. — Não. Mas já não sentia frio.

67. — Voltaste alguma vez ao local onde ficou o teu corpo? R. — Não; isso ter-me-ia feito sofrer muito.

68. — Nós te agradecemos as explicações que tiveste a bondade de nos dar. Elas nos fornecem úteis pontos de observação para o nosso aperfeiçoamento na ciência espírita.

— Estou às vossas ordens.

Observação: Como se vê, este Espírito é pouco adiantado na hierarquia espiritual: ele próprio reconhece sua inferioridade. Seus conhecimentos são limitados; mas tem bom senso, sentimentos louváveis e benevolência. Como Espírito sua missão é muito insignificante, pois desempenha o papel de Espírito batedor, “para chamar os incrédulos à fé”. Mas, como no teatro, a *humilde* vestimenta de comparsa pode cobrir um coração bondoso. Suas respostas têm a simplicidade da ignorância; mas posto não tenha a elevação da linguagem filosófica dos Espíritos superiores, nem por isso são menos instrutivas, como estudo dos costumes espirituais, se assim nos podemos exprimir. É somente estudando todas as classes desse mundo que nos espera que poderemos chegar a conhecê-lo e aí marcar, com certa antecipação, o lugar que cada um de nós pode ocupar. Vendo a situação que, por seus vícios ou por suas virtudes, criaram os homens daqui de baixo, iguais a nós, sentimos-nos encorajados para nos elevarmos o mais possível desde aqui: é o exemplo ao lado do preceito. Nunca seria demais repetir a fim de bem conhecer uma coisa e dela fazer uma idéia isenta de ilusões: é preciso vê-la sob todos os seus aspectos, assim como o botânico não pode conhecer o reino vegetal senão observando desde o mais humilde criptógamo, oculto sob o musgo, até o carvalho que se alça nos ares.

Espíritos impostores

O FALSO PADRE AMBROISE

Um dos escolhos apresentados pelas comunicações espíritas é a dos espíritos impostores, que podem induzir em erro quanto à sua identidade e que, ao abrigo de um nome respeitável, buscam fazer passar os mais grossos absurdos. Em muitas ocasiões esse perigo nos tem sido explicado; entretanto ele nada é para quem perscruta, ao mesmo tempo, a forma e o conteúdo da linguagem dos seres invisíveis com os quais entra em comunicação.

Não é possível repetir aqui o que temos dito a tal respeito. Leia-se atentamente o que dizemos em o “Livro dos Médiuns”, em o “Livro dos Espíritos” e ver-se-á nada mais fácil do que se premunir contra fraudes semelhantes, desde que entre uma pequena dose de boa vontade. Reproduzimos apenas a comparação que segue, por nós citada alhures: Suponhamos que na sala vizinha a esta que ocupais estejam vários indivíduos desconhecidos e que não os possais ver, posto os escuteis perfeitamente. Não seria fácil, por sua conversa, reconhecer se se trata de ignorantes ou de sábios, de gente decente ou de malfeitores, de homens sérios ou de estouvados, de boa companhia ou de gente rústica?”

Façamos uma outra comparação, sem sairmos de nossa Humanidade material. Suponhamos que se vos apresente alguém com o nome de um distinto literato. Ao ouvir o nome, recebê-lo-eis com toda a consideração devida ao seu suposto mérito; mas se ele se exprimir como um mariola, reconhecê-lo-eis imediatamente e o expulsareis como um impostor.

Dá-se o mesmo com os Espíritos: são reconhecidos pela linguagem. A dos Espíritos superiores é sempre digna e em harmonia com a sublimidade dos pensamen-

tos: jamais uma trivialidade lhes macula a pureza. A grosseria das expressões baixas é peculiaridade dos Espíritos inferiores. Todas as qualidades e imperfeições dos Espíritos se revelam na sua linguagem; pode-se assim, e com razão, aplicar-lhes a frase de célebre escritor: "O estilo é o homem".

Estas reflexões nos são sugeridas por um artigo no "Spiritualiste de la Nouvelle-Orléans, do mês de dezembro de 1857. É uma conversa estabelecida, através de um médium, entre dois Espíritos: um dizendo-se o Padre Ambroise, o outro Clemente XIV (*). O Padre Ambroise fora um respeitável sacerdote, morto em Luisiana, no século passado; era um homem de bem, de grande inteligência e deixou uma memória venerada.

Neste diálogo, onde o ridículo corre parilha com o ignóbil, é impossível nos enganarmos quanto à qualidade dos interlocutores e força é convir que aqueles Espíritos tomaram poucas precauções com o seu disfarce; pois qual seria a criatura de bom senso que, ao menos por um minuto, admitisse que o Padre Ambroise e Clemente XIV tivessem podido descer àquelas trivialidades, que mais parecem uma exibição de saitimbancos? Não se exprimiriam de modo diferente comediantes de última classe que parodiassem essas duas personagens.

Estamos convencidos que o círculo de Nova-Or-

(*) Clemente XIV, que reinou de 1769 a 1774, foi um dos mais notáveis papas dos últimos séculos: era o célebre "Cardeal Ganganelli". Esse Papa notabilizou-se pelos seguintes atos de humanidade e elegância: a pedido do Marquês de Pombal, aboliu a Companhia de Jesus, pelo breve "Dominus ac Redemptor noster", proibiu a eviração dos meninos cantores da Capela Sistina; iniciou o saneamento dos Pântanos Pontinos e fundou o "Museu Clemente".

leans, onde se passou o fato, o compreendeu como nós. Duvidar disso seria uma injúria: apenas lamentamos que ao publicá-lo não o tivessem acompanhado de observação corretiva, no sentido de impedir que as criaturas superficiais o tomassem como modelo de estilo sério de além-túmulo. Apressemos-nos, entretanto, em declarar que o nosso círculo não recebe comunicações de tal ordem: elas tem caráter muito diverso, e toda sublimidade do pensamento e da expressão dos Espíritos superiores.

Pensamos que a evocação do verdadeiro e do falso Padre Ambroise pudesse oferecer material útil para observações relativas aos Espíritos impostores. Foi o que fizemos, como se pode ver no que segue:

1. — Peça a Deus Todo-Poderoso permitir que o Espírito do verdadeiro Padre Ambroise, morto em Luisiana no século passado, e que deixou uma memória venerável, venha comunicar-se conosco. R. — Aqui estou.

2. — Teríeis a bondade de dizer se fostes realmente vós e Clemente XIV, que tivestes a palestra referida no 'Spiritualiste da la Nouvelle-Orleans'? R. — Lamento os homens que foram vítimas dos Espíritos, tanto quanto lamento a estes.

3. — Qual foi o Espírito que tomou o vosso nome? R. — Um pelotiqueiro.

4. — E o interlocutor era realmente Clemente XIV? R. — Era um Espírito simpático ao que me tomou o nome.

5. — Como pudestes permitir coisas semelhantes em vosso nome? Por que não viestes desmascarar os impostores? R. — Porque nem sempre posso impedir que homens e Espíritos se divirtam.

6. — Compreendemo-lo quanto aos Espíritos. Mas, quanto às pessoas que recolheram as palavras, são gente séria; não buscavam divertimentos. R. — Uma razão a mais. Eles deviam pensar logo que tais palavras

não poderiam deixar de ser a linguagem de Espíritos zombadores.

7. — Por que os Espíritos não ensinam em Nova-Orleans princípios perfeitamente semelhantes aos que aqui ensinam? R. — Em breve servi-lhe-á a doutrina que vos é ditada: haverá apenas uma.

8. — Desde que essa doutrina ali deve ser ensinada mais tarde, parece-nos que se o fosse imediatamente aceleraria o progresso e evitaria que alguns tivessem dúvidas prejudiciais. R. — Os desígnios de Deus são sempre impenetráveis: não há outras coisas que, à vista dos meios empregados para atingir o objetivo, vos parecem incompreensíveis? É preciso que o homem se habitue a distinguir o verdadeiro do falso, pois nem todos poderão receber a luz de um jato: ficariam ofuscados.

9. — Teríeis a bondade de nos dizer vossa opinião pessoal relativamente à reencarnação? R. — Os Espíritos são criados ignorantes e imperfeitos. Uma encarnação única não bastaria para que tudo aprendessem. É necessário que reencarnem, a fim de aproveitarem as bondades que Deus lhes reserva.

10. — Dá-se a reencarnação na Terra ou somente em outros globos? R. — A reencarnação se dá conforme o progresso do Espírito, em mundos mais perfeitos ou menos perfeitos.

11. — Isto não esclarece se pode ocorrer na Terra. R. — Sim: pode ocorrer na Terra. E se o Espírito a pede como missão, ser-lhe-á mais meritório do que se a pedisse para avançar mais rapidamente, em mundos mais perfeitos.

12. — Rogamos a Deus Todo-Poderoso permita que o Espírito que tomou o nome do Padre Ambroise venha comunicar-se conosco. R. — Aqui estou; mas não me queirais confundir.

13. — És realmente o Padre Ambroise? Em nome de Deus te peço dizer a verdade! R. — Não.

14. — Que pensas do que disseste em seu nome?
R. — Penso como pensavam os que me escutavam.

15. — Por que te serviste de um nome respeitável para dizer semelhantes tolices? R. — Aos nossos olhos os nomes nada valem: as obras são tudo. Como pelo que eu dizia podiam ver o que eu era realmente, não liguei importância à substituição do nome.

16. — Por que não sustentas a impostura em nossa presença? R. — Porque minha linguagem é uma pedra de toque, com a qual não vos podeis enganar.

Observação: Por diversas vezes foi-nos dito que a impostura de certos Espíritos é uma prova para a nossa capacidade de julgar. É uma espécie de “tentação” permitida por Deus, a fim de que como disse o Padre Ambroise, “o homem se habitue a distinguir o verdadeiro do falso”.

17. — Que pensas do teu companheiro Clemente XIV? R. — Não merece mais do que eu. Ambos necessitamos de indulgência.

18. — Em nome de Deus Todo-Poderoso eu lhe peço que venha. R. — Aqui estou desde que chegou o falso Padre Ambroise.

19. — Por que abusaste da credulidade de pessoas respeitáveis, para dar uma falsa idéia da doutrina espírita? R. — Porque nos inclinamos ao erro. Porque não somos perfeitos.

20. — Não pensastes ambos que um dia vosso embuste seria descoberto e que os verdadeiros Padre Ambroise e Clemente XIV não se exprimiriam como vós? R. — Os embustes já foram conhecidos e castigados por Aquele que nos criou.

21. — Pertenceis à mesma classe de Espíritos que chamamos batedores? R. — Não; pois ainda é necessário raciocínio para fazer o que fizemos em Nova-Orleans.

22. — (Ao verdadeiro Padre Ambroise). Estes Es-

píritos impostores vos estão vendo aqui? R. — Sim. E sofrem o meu olhar.

23. — São eles errantes ou reencarnados? R. — Errantes. Não são suficientemente perfeitos para o desprendimento, caso estivessem encarnados.

24. — E vós, Padre Ambroise, em que estado vos encontrais? R. — Encarnado num mundo feliz e desconhecido para vós.

25. — Nós vos, agradecemos os esclarecimentos que tivestes a bondade de nos dar. Teríeis a gentileza de voltar outras vezes, trazendo-nos boas palavras e deixando-nos um ditado que mostrasse a diferença entre o vosso estilo e o daquele que usurpou o vosso nome? R. — Estou com aqueles que querem o bem na verdade.



O Espírito batedor de Dibbelsdorf

(BAIXA SAXÔNIA) – DR. KERNER

Traduzido do alemão pelo sr. Alfred Pireux

Encerra a história do Espírito batedor de Dibbelsdorf, ao lado da sua parte cômica, uma instrutiva, segundo ressalta de velhos documentos publicados em 1811 pelo pregador Capelle.

A dois de dezembro de 1761, às seis horas da tarde, uma espécie de martelar, que parecia vir do chão, foi ouvida no quarto ocupado por Antônio Kettelhut. Atribuindo o fato ao seu criado, que queria divertir-se à custa da empregada, então no quarto das fiandeiras, saiu para jogar um balde d'água na cabeça do gaiato; mas não encontrou ninguém lá fora. Uma hora depois recomeçou o mesmo ruído e ele pensou que a causa fosse um rato. Então no dia seguinte examinou as paredes, o forro, o soalho e não encontrou o menor vestígio de ratos.

À noite, o mesmo ruído. Foi então a casa considerada perigosa para morada e as criadas não queriam mais ficar no quarto durante o serão. Pouco depois cessou o ruído para reaparecer a cem passos de distância, na casa de Luís Kettelhut, irmão de Antônio, e com inusitado vigor. Era no canto da sala que se manifestava a “coisa batedora”.

Por fim a coisa tornou-se suspeita aos aldeões e o burgomestre comunicou o fato à justiça que, de início, não quis ocupar-se de um assunto que considerava ridículo. Entretanto, sob a constante pressão dos habitantes, a 6 de janeiro de 1762 ela se transportou a Dibbelsdorf para examinar o fato com atenção. Esquadrinhadas as paredes e os tetos, mas em pura perda, a família Kettelhut jurou que nada tinha com aquela coisa estranha.

Até então ninguém se havia entretido com o bate-dor. Um dia um indivíduo de Naggam armou-se de coragem e perguntou:

— Espírito bate-dor, você ainda está aí?

Ouviu-se uma pancada.

— Pode dizer qual é o meu nome?

Foram ditos vários nomes; mas o Espírito deu uma pancada ao ser pronunciado o do interlocutor.

— Quantos botões há em minha capa?

Foram dadas 36 batidas. Contados os botões, verificou-se que eram mesmo 36.

A partir desse instante a história do Espírito bate-dor espalhou-se pelas imediações e todas as tardes centenas de moradores de Brunswick iam a Dibbelsdorf, assim como ingleses e uma porção de curiosos estrangeiros. A multidão cresceu tanto que a polícia local foi insuficiente para a conter; os camponeses tiveram que reforçar a guarda durante a noite e foram obrigados a estabelecer filas para a entrada dos visitantes.

A concorrência pareceu excitar o Espírito a manifestações mais extraordinárias, passando a formas de comunicações que atestavam sua inteligência. Jamais se atrapalhou nas respostas. Queriam saber o número e a cor dos cavalos que estacionavam em frente à casa? Ele o indicava muito exatamente. Abria-se um livro de canto, punha-se o dedo ao acaso sobre uma página e pedia-se o número do trecho, às vezes desconhecido pelo interlocutor e logo uma série de batidas indicava perfeitamente aquele número. Os Espíritos não se faziam esperar na resposta, que seguia imediatamente a pergunta. Também dizia quantas pessoas havia na sala, quantas do lado de fora, designava a cor dos cabelos, da roupa, a posição e a profissão dos indivíduos.

Entre os curiosos achava-se um dia um homem de Hettin, desconhecido em Dibbelsdorf e desde pouco residente em Brunswick. Este perguntou ao Espírito o lugar

de seu nascimento e, a fim de o induzir em erro, citou um grande número de cidades; quando chegou ao nome de Hettin ouviu-se uma pancada. O astuto burguês, supondo que pegava o Espírito em falta, perguntou-lhe quanto dinheiro tinha no bolso; foi-lhe dado o número exato: 681. A um pasteleiro foi dito quantos biscoitos havia feito pela manhã; a um negociante quantas varas de fita havia vendido na véspera e a um outro a soma exata que na antevéspera tinha recebido pelo correio. Tinha um humor alegre; quando lhe pediam marcava o compasso e por vezes tão fortemente que o barulho era ensurdecedor.

A noite, durante a refeição, após o "benedicite" ele batia o "Amém". Este sinal de devoção não impediu que um sacristão vestisse os hábitos de exorcista e experimentasse dali expulsar o Espírito, mas a conjuração fracassou.

O Espírito não temia a ninguém. E mostrou-se tão sincero nas respostas dadas ao regente, o Duque Carlos, e a seu irmão Fernando, quanto às outras pessoas de condição inferior.

O caso tomou então um aspecto mais sério. O duque encarregou a um médico e a doutores em direito de examinar os fatos. Os sábios explicaram que as "bati-das" eram devidas a uma fonte subterrânea. Mandaram cavar um poço de oito pés de profundidade e naturalmente acharam água, pois Dibbelsdorf está situada no fundo de um vale. A água jorrou, inundou a sala, mas o Espírito continuou a bater no seu cantinho costumeiro. Então os homens de ciência julgaram-se vítimas de alguma mistificação e fizeram ao criado a honra de o tomar por aquele Espírito tão bem informado. Sua intenção, diziam eles, era de enfeitiçar a criada. Todos os moradores da aldeia foram convidados a ficar em casa num dia determinado; o criado ficou de sentinela à vista, pois, em face da opinião dos sábios, devia ser ele o culpado. Mas o Espírito novamente respondeu a todas as perguntas. Reco-

nhecida a sua inocência, o criado foi solto. Mas a justiça queria um autor para o delito, e acusou o casal Kettelhut pelo barulho de que se queixavam, posto se tratasse de criaturas benevolentes, honestas e irrepreensíveis sob todos os aspectos, e tivessem sido os primeiros a buscar as autoridades, desde o início das manifestações. Com promessas e ameaças forçaram uma jovem serviçal a dar testemunho contra os patrões. Em consequência estes foram metidos na prisão, a despeito da retratação posterior da moça empregada e a declaração formal de que sua primeira confissão era falsa e lhe fora arrancada pelos juizes. Como o Espírito continuasse a bater o casal Kettelhut ficou três meses na prisão e, findo esse prazo, foi libertado sem indenização, muito embora os membros da comissão assim tivessem resumido o seu relatório: "Foram infrutíferos todos os meios possíveis para descobrir a causa do ruído. Talvez o futuro nos esclareça a respeito."

Nada ensinou ainda o futuro.

O Espírito batedor manifestou-se desde o começo de dezembro até março, época em que deixou de ser ouvido. Voltaram a pensar que o criado já incriminado devia ser o autor de todas essas brincadeiras. Mas como teria ele podido subtrair-se às armadilhas preparadas pelos duques, médicos, juizes e tantos outros que o interrogaram?

Observação: Se prestarmos atenção à data em que tais coisas se passavam e as compararmos com as que ocorrem em nossos dias, nelas encontraremos perfeita identidade no modo da manifestação e até na natureza das perguntas e respostas. Nem a América nem a nossa época descobriram os Espíritos batedores, como o demonstraremos por inúmeros fatos autênticos e mais ou menos antigos.

Há, entretanto, entre os fenômenos atuais e os de outrora uma diferença capital: é que estes últimos eram

quase todos espontâneos, enquanto que os nossos se produzem quase que à vontade de certos médiuns especiais. Esta circunstância permitiu que fossem melhor estudados e sua causa mais aprofundada. A conclusão dos juizes de que "talvez o futuro nos esclareça a respeito", hoje o autor não responderia: "Nada ensinou ainda o futuro." Se esse autor ainda vivesse, saberia, ao contrário, que o futuro tudo há ensinado e que a justiça de nossos dias, mais esclarecida que há um século atrás, não cometeria, em relação às manifestações espíritas, erros que lembram os da Idade Média. Os nossos próprios sábios já penetraram muito nos mistérios da natureza para não jogar com as causas desconhecidas. São bastante sagazes e não se expõem, como os seus predecessores, a um desmentido da posteridade, em detrimento de sua reputação. Se algo aparece no horizonte, eles não correm a proclamar: "Isto não é nada", com receio de que seja um navio". Se não o vêem, calam e esperam. Isto é a verdadeira sabedoria.



Obsedados e subjugados

Muito se tem falado dos perigos do Espiritismo. É de notar-se, entretanto, que os que mais gritam são exatamente os que quase só o conhecem por ouvir dizer. Já refutamos os principais argumentos que lhe são opostos; a eles, pois, não voltaremos; acrescentaremos apenas que se quiséssemos proscrever da sociedade tudo quanto pode oferecer perigo e dar margem a abusos, não saberia-

mos muito o que haveria de restar, mesmo daquelas coisas de primeira necessidade, a começar pelo fogo, causa de tantas desgraças; depois as estradas de ferro, etc. etc. Se se admitir que as vantagens compensam os inconvenientes, o mesmo deve acontecer com tudo o mais: a experiência indica pari-passu as precauções que devem ser tomadas para nos garantirmos contra os inevitáveis perigos das coisas.

Na verdade o Espiritismo apresenta um perigo real, mas não é aquele que se supõe; é preciso ser-se iniciado aos princípios da ciência para bem compreendê-lo. Não nos dirigimos àqueles que lhe são alheios; é aos próprios adeptos, àqueles que o praticam, pois que para estes é que há perigo. Importa que o conheçam, a fim de se porem em guarda: Sabe-se que um perigo previsto é um perigo meio evitado. Diremos mais: para quem quer que esteja bem informado da ciência, tal perigo não existe; existe apenas para aqueles que têm a presunção de saber, isto é, como em todas as coisas, para aqueles que não possuem a necessária experiência.

Um desejo muito natural em todos aqueles que começam a se ocupar do Espiritismo é ser médium, principalmente psicógrafo. É realmente o gênero que tem mais atração, dada a facilidade das comunicações e por ser o que melhor se desenvolve com o exercício. Compreende-se a satisfação que deve experimentar quem, pela primeira vez, vê a própria mão formar letras, depois palavras, depois frases em respostas aos seus pensamentos. Essas respostas que traça maquinalmente, sem saber o que faz, o mais das vezes estão fora de qualquer idéia pessoal, não lhe podem deixar nenhuma dúvida quanto à intervenção de uma inteligência oculta. Assim, grande é a sua alegria de poder entreter-se com os seres de além-túmulo, com esses seres misteriosos e invisíveis, que povoam os espaços: parentes e amigos já não mais se encontram ausentes: se não os vê com os olhos nem por isso deixam

de ali estar; conversam com ele, e ele os vê por pensamento; podem saber se são felizes, conhecer aquilo que fazem, o que desejam e trocar amabilidades. Compreende que entre eles a separação não é eterna e faz votos para apressar o instante em que poderiam reunir-se num mundo melhor. E não é tudo. Quanto não pode saber através dos Espíritos que com ele se comunicam? Não irão eles levantar o véu de todas as coisas? Agora já não há mais mistérios: não tem mais do que interrogar, para tudo ficar sabendo. Já vê à sua frente a antigüidade sacudir a poeira do tempo, escavar as ruínas, interpretar as escrituras simbólicas e fazer reviver a seus olhos os séculos passados. Outro, mais prosaico, e pouco preocupado em sondar o infinito onde se perde o pensamento, cuida apenas em explorar os Espíritos em benefício de sua fortuna. Os Espíritos que devem ver tudo e tudo saber, não lhe podem recusar a descoberta de algum tesouro escondido ou algum segredo maravilhoso.

Quem quer que se dê ao trabalho de estudar a ciência espírita jamais deixar-se-á seduzir por esses belos sonhos. Sabe de que se deve abster a respeito do poder dos Espíritos, de sua natureza e do objetivo das relações que com os mesmos o homem pode estabelecer. Recordemos, para começar, e em poucas palavras, os pontos principais, que nunca devem ser perdidos de vista, porque são uma espécie de chave da abóbada do edifício.

1.º — Os Espíritos não são iguais nem em poder, nem em conhecimento, nem em sabedoria. Como não passam de almas humanas desembaraçadas de seu invólucro corporal, ainda apresentam uma variedade maior que a que encontramos entre os homens na Terra, por isso que vêm de todos os mundos, e porque entre os mundos a Terra nem é o mais atrasado, nem o mais adiantado. Há, pois, Espíritos muito superiores, como os há muito inferiores; muito bons e muito maus, muito sábios e

muito ignorantes; há-os levianos, malévolos, mentirosos; astutos, hipócritas, facetos, espirituosos, trocistas, etc.

2.º — Estamos incessantemente cercados por uma nuvem de Espíritos que, nem por serem invisíveis aos nossos olhos materiais, deixam de estar no espaço, em redor de nós, ao nosso lado, espiando os nossos atos, lendo os nossos pensamentos, uns para nos fazer bem, outros para nos fazer mal, conforme eles próprios sejam bons ou maus.

3.º — Pela inferioridade física e moral de nosso globo na hierarquia dos mundos, os Espíritos inferiores aqui são mais numerosos que os superiores.

4.º — Entre os Espíritos que nos cercam há os que se ligam a nós, que agem mais particularmente sobre o nosso pensamento, aconselhando-nos, e cujo impulso seguimos sem nos apercebermos; felizes se escutarmos a voz dos bons.

5.º — Ligam-se os Espíritos inferiores àqueles que os escutam, junto aos quais têm acesso e aos quais se agarram. Se conseguirem estabelecer domínio sobre alguém, identificam-se com o seu próprio Espírito, fascinam-no, obsidiam-no, subjagam-no e o conduzem como se fosse uma verdadeira criança.

6.º — A obsessão jamais se dá senão por Espíritos inferiores. Os bons Espíritos não produzem nenhum constrangimento: aconselham, combatem a influência dos maus e afastam-se desde que não sejam escutados.

7.º — O grau de constrangimento e a natureza dos efeitos que produz marcam a diferença entre a obsessão, a subjugação e a fascinação.

A obsessão é a ação quase que permanente de um Espírito estranho, que leva a pessoa a ser solicitada por uma necessidade incessante de agir desta ou daquela maneira e de fazer isto ou aquilo.

A estreita subjugação é uma ligação moral que paralisa a vontade de quem a sofre, impelindo a pessoa às

mais desarrazoadas ações e, por vezes, às mais contrárias ao seu próprio interesse.

A fascinação é uma espécie de ilusão produzida ora pela ação direta de um Espírito estranho, ora por seus raciocínios capciosos; e essa ilusão produz um logro sobre as coisas morais, falseia o julgamento e leva a tomar-se o mal pelo bem.

8.º — Por sua vontade pode sempre o homem sacudir o jugo dos Espíritos imperfeitos, porque em virtude de seu livre arbítrio ele tem escolha entre o bem e o mal. Se aquela ligação chegou a ponto de paralisar a vontade e se a fascinação é tão grande que oblitera a razão, a vontade de uma terceira pessoa pode substituí-la.

Antigamente dava-se o nome de “possessão” ao império exercido pelos maus Espíritos, quando sua influência ia até à aberração das faculdades. Mas a ignorância e os preconceitos muitas vezes tomaram como possessão aquilo que não passava de um estado patológico. Para nós a possessão seria sinônimo de subjugação. Não adotamos este termo por dois motivos: primeiro porque implica a crença em seres criados para o mal e a ele votados perpetuamente, quando apenas existem seres mais ou menos imperfeitos e todos podem melhorar; segundo porque ele implica igualmente a idéia de tomada de posse do corpo pelo Espírito estranho, uma espécie de coabitação, ao passo que existe apenas uma ligação. O vocábulo “subjugação” dá uma perfeita idéia. Assim, para nós não há “possessos”, no sentido vulgar da palavra; há simplesmente “obsidiados, subjugados e fascinados”.

Por idêntico motivo não usamos o vocábulo demônio na acepção de Espírito imperfeito, de vez que frequentemente esses Espíritos não valem mais que os chamados demônios: é apenas por causa da especialidade e da perpetuidade que estão ligadas a este vocábulo. Assim, quando dizemos que não há demônios, não que-

remos dizer que apenas existem bons Espíritos; longe disto: sabemos muito bem que os há maus e muito maus, que nos solicitam para o mal, armam-nos ciladas e isto nada tem de admirável, porque eles foram homens. Queremos dizer que não formam uma classe à parte na ordem da criação, e que Deus deixa a todas as criaturas o poder de melhorar-se.

Bem assentado isto, voltemos aos médiuns. Em alguns destes o progresso é lento, mesmo muito lento; por vezes submetem-se a uma rude prova, a sua paciência. Noutros é rápido, e em pouco tempo chega o médium a escrever com tanta facilidade e, às vezes, com mais presteza do que faria em condições ordinárias. É então que pode tomar-se de entusiasmo — e aí é que está o perigo, porque o entusiasmo enfraquece e com os Espíritos é necessário ser-se forte. Parece um paradoxo dizer que o entusiasmo enfraquece. Entretanto nada mais certo. Dir-se-á que o entusiasmo marcha com uma convicção e uma confiança que lhe permitem vencer todos os obstáculos, com o que haverá mais força. Sem dúvida: mas nós nos entusiasmos pelo falso tanto quanto pelo verdadeiro. Deixai que abundem as mais absurdas idéias do entusiasta e dele fareis tudo quanto quiserdes. O objeto de seu entusiasmo é, pois, o seu lado fraco, pelo qual podereis sempre dominá-lo. O homem frio e impassível, ao contrário, vê as coisas sem ilusões; combina, pesa, examina maduramente e não se deixa seduzir por subterfúgios. É isto o que lhe dá força. Os Espíritos malévolos sabem-no tão bem ou melhor do que nós; sabem também empregar isto em seu proveito, para subjugar os que desejam ter sob sua dependência; e a faculdade de escrever como médium lhes serve maravilhosamente, porque é poderoso meio de captar a confiança e, assim não a desprezam, se não soubermos pôr-nos em guarda. Felizmente, como veremos mais tarde, o mal traz em si o remédio.

Seja por entusiasmo e por fascínio dos Espíritos; ou seja por amor próprio, em geral o médium psicógrafo é levado a acreditar que os Espíritos que se lhe comunicam são superiores; e isto é tanto mais quanto mais os Espíritos, vendo sua propensão, não deixam de ornar-se com títulos pomposos, conforme a necessidade e, segundo as circunstâncias, tomam nomes de santos, de sábios, de anjos, da própria Virgem Maria e fazem o seu papel como atores, vestindo ridiculamente a roupagem das pessoas que representam. Tirai-lhes a máscara e se tornam o que eram: ridículos. É isto o que se deve saber fazer, tanto com os Espíritos, quanto com os homens.

Da crença cega e irrefletida na superioridade dos Espíritos que se comunicam à confiança em suas palavras há apenas um passo; assim também entre os homens. Se chegarem a inspirar essa confiança, alimentam-na por meio de sofismas e dos mais capciosos raciocínios, ante os quais freqüentemente a gente baixa a cabeça. Os Espíritos grosseiros são menos perigosos: reconhecemo-los imediatamente e não inspiram mais que repugnância. Os mais temíveis, em seu mundo, como no nosso, são os Espíritos hipócritas: falam sempre com doçura, lisonjeando as inclinações; são meigos, manhosos, pródigos em expressões carinhosas e em protestos de dedicação. É preciso ser realmente forte para resistir a semelhantes seduções. Perguntareis onde está o perigo se os Espíritos são impalpáveis? O perigo está nos conselhos perniciosos que dão, sob a aparência de benevolência; nos movimentos ridículos, intempestivos ou funestos que nos levam a empreender. Já vimos alguns que fizeram certas pessoas andar seca e meca, em busca de coisas fantásticas, com o risco de comprometer a saúde, a fortuna e a própria vida. Vimo-los ditar, com a aparência de gravidade, as coisas mais burlescas e as máximas mais esquisitas.

Desde que convém dar o exemplo ao lado da

teoria, vamos relatar a história de uma pessoa nossa conhecida, que se encontrou sob o domínio de uma fascinação semelhante.

O sr. F., moço instruído, de esmerada educação, de caráter suave e benevolente, mas um pouco fraco e sem resolução pronunciada, tornou-se médium psicógrafo hábil com muita rapidez. Obsediado pelo Espírito que dele se apoderou e lhe não dava repouso escrevia incessantemente. Desde que uma pena ou um lápis lhe caía na mão, tomava-o num movimento convulsivo. Na falta de material, simulava escrever com o dedo, em qualquer parte onde se encontrasse: na rua, nas paredes, nas portas, etc. Entre outras coisas, esta lhe era ditada: “O homem é composto de três coisas: o homem, o mau Espírito e o bom Espírito. Todos vós tendes vosso mau Espírito, que está ligado ao corpo por laços materiais. Para expulsar o mau Espírito é necessário quebrar esses laços, para o que é preciso enfraquecer o corpo. Quando este se acha suficientemente enfraquecido, o laço se parte e o mau Espírito vai embora, deixando apenas o bom.”

Em conseqüência desta bela teoria fizeram-no jejuar durante cinco dias consecutivos e velar à noite. Quando estava extenuado, eles lhe disseram: “Agora a coisa está feita e o laço partido. Teu mau Espírito se foi: ficamos apenas nós, em quem deves crer sem reservas.” E ele, persuadido de que seu mau Espírito havia fugido, teve uma fé cega em todas as suas palavras. A subjugação havia chegado a um ponto que se lhe tivessem dito para atirar-se à água ou partir para os antípodas ele o teria feito. Quando queriam obrigá-lo a fazer qualquer coisa que lhe repugnava, era arrastado por uma força invisível. Damos um exemplo abaixo de sua moral, por onde o resto poderá ser julgado.

“Para ter melhores comunicações é necessário primeiro orar e jejuar durante vários dias, uns mais, outros

menos. O jejum enfraquece os laços que existem entre o “Ego” e um demônio particular ligado a cada “ser” humano. Este demônio está ligado a cada pessoa pelo invólucro que une corpo e alma. Este invólucro se enfraquece pela falta de alimento e permite que os Espíritos arranquem aquele demônio. Então Jesus desce ao coração da pessoa possessa, em lugar do mau Espírito. Este estado de possuir Jesus em si é o único meio de atingir toda verdade e muitas outras coisas.

“Enquanto a criatura não conseguir substituir o demônio por Jesus não possui a verdade. Para tê-la é necessário crer. Deus não dá a verdade aos que duvidam: seria fazer algo de inútil e Deus nada faz em vão. Como a maioria dos médiuns novos duvidam do que dizem e escrevem, os bons Espíritos, pesar seu, “por ordem formal de Deus, são obrigados a mentir e não têm outro jeito senão mentir até que o médium fique convencido”; mas assim que ele acredita numa dessas mentiras os Espíritos elevados se apressam em lhe desvelar os segredos do céu: a verdade inteira dissipa num instante essa nuvem de erros com que tinham sido obrigados a envolver o seu protegido.

“Chegando a este ponto, nada mais tem o médium a temer. Os bons Espíritos jamais o deixarão. Contudo, não deve crer que tenha sempre a verdade e só a verdade. Seja para o experimentar, seja para o punir de faltas passadas, seja ainda para o castigar por perguntas egoísticas ou curiosas, os bons Espíritos lhe “inflingem convicções físicas e morais”, vindo atormentá-lo por ordem de Deus. Por vezes esses Espíritos elevados se lastimam da triste missão que desempenham: um pai persegue o filho durante semanas inteiras, um amigo ao seu amigo, tudo para a grande felicidade do médium. Então os Espíritos “nobres” dizem tolices, blasfêmias e até torpezas. É necessário que o médium resista e diga: Vós me tentais; sei que estou entre mãos caridosas de Espíritos ter-

nos e afetuosos; que os maus já não podem aproximar-se de mim. Boas almas que me atormentais, não me impedireis de crer naquilo que me dissestes e que me haveis de dizer.

“Os católicos expellem mais facilmente o demônio (este rapaz era protestante) porque este afastou-se um instante no dia do batismo. Os católicos são julgados pelo Cristo e os outros por Deus. É melhor ser julgado pelo Cristo. Os protestantes não têm razão de não admitir isto: assim é necessário que te tornes católico quanto antes. E enquanto não fizeres isto, vai tomar água benta: será o teu batismo.”

Mais tarde, curado da obsessão de que era vítima, por meios que relataremos, nós lhe havíamos pedido que nos escrevesse esta história, fornecendo-nos também o texto dos preceitos que lhe haviam sido ditados. Transcrevendo-os, inscreveu sobre a cópia que nos enviou: “Pergunto-me a mim mesmo se não ofendo a Deus e aos bons Espíritos transcrevendo tolíces semelhantes.” A isto nós lhe respondemos: Não. O senhor não ofende a Deus; longe disso, desde que agora reconhece a cilada em que caiu. Se lhe pedi uma cópia dessas máximas perversas, foi para marcá-las como elas merecem, desmascarar os Espíritos hipócritas e pôr em guarda quem quer que receba coisa semelhante.

Um dia fá-lo-ão escrever: “Morrerás esta noite”. E ele responderá: “Sinto-me muito aborrecido neste mundo; morramos se assim deve ser; nada mais peço; tudo quanto desejo é não sofrer.” À noite adormece, crendo firmemente não mais despertar na Terra. No dia seguinte ficará muito surpreendido e mesmo desapontado por achar-se em seu leito habitual. Durante o dia escreve: “Agora que passaste pela prova da morte, que acreditaste firmemente que ias morrer, és para nós como um morto: podemos dizer-te toda a verdade; saberás tudo. Nada haverá oculto para nós; nada mais haverá oculto para ti.

Tu és uma reencarnação de Shakespeare. Tua bíblia não é Shakespeare? (*)

No dia seguinte escreve: "Tu és Satã". — "Isto também é demais, objeta o sr. F. — "Não fizeste... não devoraste o "Paraíso perdido?" Aprendeste a "Fille du diable" de Béranger. (**) Sabias que Satã havia de converter-se. Não o pensavas sempre? não o disseste? não o escreveste? Para converter-se ele se reencarna. — Concordo que eu tenha sido um anjo rebelde qualquer; mas o rei dos anjos...! — Sim, tu eras o anjo da intrepidez. Não és mau; tens um coração orgulhoso; é este orgulho que é necessário abater. És o anjo do orgulho, que os homens chamam Satã. Que importa o nome? Foste o mau gênio da Terra. Eis-te humilhado... Os homens vão tomar o seu impulso... Verás maravilhas. Enganaste aos homens; enganaste a mulher na personificação de Eva, a mulher pecadora. Está dito que Maria, a personificação da mulher sem manchas, esmagar-te-á a cabeça; Maria vai chegar. — Um instante depois escreve lenta e docemente. "Maria vem ver-te. Ela que te foi procurar no fundo de teu reino de trevas, não te abandonará. Ergue-te, Satã; Deus está pronto para te estender a mão. Lê "O Filho Pródigo". Adeus."

Num outro dia escreve: "Disse a Eva a serpente:

(*) O sr. F. conhece perfeitamente a língua inglesa, cujas obras primas aprecia no original.

(**) "A Filha do Diabo", de Pierre Jean Béranger (1780-1857) notável e popular poeta lírico francês, que deixou numerosas canções escritas ao gosto da Revolução Francesa, das quais as mais apreciadas são "O Cinco de Maio" e "A Velha Bandeira". Em 1885 foi-lhe erigida uma estátua em Paris. N. do T.

“Teus olhos abrir-se-ão e serás como os deuses. O demônio disse a Jesus: Dar-te-ei todo o poder. A ti eu digo, pois que acreditas em nossas palavras: nós te amamos; serás tudo... Serás rei da Polônia.

Persevera nas boas disposições em que te colocamos. “Esta lição levará a ciência espírita a dar um grande passo”. Ver-se-á que os bons Espíritos podem dizer futilidades e mentiras para divertir-se a custa dos sábios. Disse Allan Kardec que um péssimo meio de reconhecer os Espíritos era fazê-los confessar Jesus em carne. Eu digo que só os bons Espíritos confessam Jesus em carne; e eu o confesso. Dize isto a Kardec”.

Contudo o Espírito teve pudor de aconselhar ao sr. F. que imprimisse essas belas máximas. Se o tivesse feito, certamente as teria publicado, o que seria uma coisa errada, porque as teria distribuído como coisa séria.

Encheríamos um volume com todas as tolices que lhe foram ditadas e com as circunstâncias que se seguiam. Entre outras coisas fizeram-no desenhar um edifício de tais dimensões que as folhas de papel, coladas umas às outras chegavam à altura de dois andares.

Observe-se que em tudo isto nada há de grosseiro ou de banal. É uma série de raciocínios sofisticados, encadeando-se com a aparência de lógica. Nos meios empregados para o embair há realmente uma arte infernal, e se nos tivesse sido possível relatar todas essas manifestações ver-se-ia até que ponto era levada a astúcia e com que habilidade para isso eram empregadas palavras melífluas.

O Espírito que representava o papel principal neste negócio dava o nome de François Dillois quando não se cobria com a máscara de um nome respeitável. Mais tarde viemos a saber o que esse tal Dillois tinha sido em vida. Assim, nada havia que admirar em sua linguagem. Mas no meio de todo esse aranzel era fácil reconhecer

um bom Espírito que lutava, fazendo de quando em quando ouvir algumas boas palavras de desmentido dos absurdos do outro. Havia um combate, mas evidentemente a luta era desigual. O moço de tal modo se achava subjugado que sobre ele a voz da razão era impotente. Notadamente o Espírito de seu pai lhe fez escrever as seguintes palavras: “ Sim, meu filho, coragem! Sofres uma rude prova, que será para o teu bem no futuro. Infelizmente no momento nada posso fazer para te libertar — e isto muito me custa. Vai ver Allan Kardec. Escuta-o; ele te salvará”.

Efetivamente, o sr. F. veio procurar-me e, para começar, contou-me sua história e eu o fiz escrever em minha presença; desde o início reconheci sem dificuldades da manhã à noite a influência perniciosa sob que se achava, quer nas palavras, quer por certos sinais materiais que a experiência dá a conhecer, e que não nos podem enganar. Voltou várias vezes. Empreguei toda a minha força de vontade para chamar os bons Espíritos por seu intermédio, toda a minha retórica para lhe provar que era vítima de Espíritos detestáveis; que aquilo que escrevia não tinha senso, além de ser profundamente imoral. Para essa obra de caridade juntei-me a um colega, e, pouco a pouco, conseguimos que escrevesse coisas sensatas. Tomou aversão àquele mau gênio, repelindo-o por vontade própria cada vez que tentava manifestar-se e, lentamente os bons Espíritos triunfaram. Para modificar as suas idéias, seguiu o conselho dos Espíritos de entregar-se da manhã à noite a um trabalho rude, que não lhe deixasse tempo para escutar as sugestões más. O próprio Dillois acabou confessando-se vencido e exprimindo o desejo de se melhorar em nova existência; confessou o mal que tinha querido fazer e deu provas de arrependimento. A luta foi longa e penosa e ofereceu ao observador particularidades realmente curiosas. Hoje o sr. F. sente-se livre e feliz; é como se tivesse deposto um fardo. Recuperou a alegria e agradece-nos o serviço que lhe prestamos.

Algumas pessoas deploram que haja Espíritos maus. Realmente não é sem um certo desencanto que tomamos com a perversidade neste mundo, onde gostaríamos de encontrar apenas seres perfeitos. Desde que assim o é, nada podemos fazer: é preciso tomar as coisas como elas são. É a nossa própria inferioridade que faz com que pululem em redor de nós os Espíritos imperfeitos. As coisas mudarão quando nos tornarmos melhores, como acontece nos mundos mais adiantados. Enquanto esperamos, e desde que nos achamos ainda nos “*bas-fonds*” do universo moral, somos advertidos: cabe, então, pormo-nos em guarda e não aceitar sem controle tudo quanto nos dizem. À medida que nos esclarece, a experiência deve tornar-nos circunspectos. Ver e compreender o mal é um meio de nos preservarmos contra ele. Não seria cem vezes mais perigoso ter ilusões quanto à natureza dos seres invisíveis que nos rodeiam? O mesmo se dá entre os homens, pois, diariamente nos achamos expostos à malevolência e às sugestões péfidas; são outras tantas provas, às quais a nossa consciência e a nossa razão nos oferecem os meios de resistir. Quanto mais difícil for a luta, maior será o mérito do sucesso. “Quem vence sem perigo triunfa sem glória”.

Esta história que infelizmente não é a única de nosso conhecimento, levanta uma questão muito grave. Perguntar-se-á se não é um aborrecimento para esse moço o ter sido médium? Não terá sido tal faculdade a causa da obsessão de que foi vítima?

Numa palavra, não será uma prova do perigo das comunicações espíritas?

Nossa resposta é fácil e pedimos que a meditem cuidadosamente.

Não foram os médiuns que criaram os Espíritos. Estes existiam de todos os tempos e de todos os tempos exerceram sobre os homens uma influência salutar ou perniciosa. Para isto, pois, não é necessário ser médium.

A faculdade medianímica não lhes é mais que um meio de manifestar-se; em falta dessa faculdade agem de mil e uma outras maneiras. Se esse moço não fosse médium, nem por isso ter-se-ia subtraído à influência desse mau Espírito, que, sem dúvida, lhe teria feito praticar extravagâncias, as quais teriam sido atribuídas a qualquer outra causa. Felizmente para ele a sua faculdade de médium, permitindo que o Espírito se comunicasse por palavras, por estas o Espírito se traiu; elas permitiram conhecer a causa do mal, que poderia ter tido conseqüências funestas e que, como se viu, nós destruimos por meios muito simples e racionais e sem exorcismos. A faculdade medianímica permitiu ver o inimigo, se assim nos podemos explimir, face a face, e combatê-lo com suas próprias armas. Pode, pois, dizer-se, com absoluta certeza, que foi ela quem o salvou; quanto a nós, fomos apenas o médico que, tendo julgado a causa do mal, aplicamos o remédio. Grave erro seria pensar que os Espíritos não exercem sua influência senão por comunicações verbais ou escritas. Essa influência é de todos os instantes e a ela, tanto quanto os outros, e mais do que os outros, acham-se expostos aqueles que não acreditam nos Espíritos, pois não têm um instrumento de aferição. A quantos atos infelizmente não somos levados e que teriam sido evitados se tivéssemos tido um meio de nos esclarecermos! Os mais incrédulos não se apercebem de que dizem uma verdade quando, em relação a um homem que se desencaminha, proclamam: É o seu mau gênio que o empurra para a perdição.

Regra geral: Quem quer que obtenha más comunicações espíritas, orais ou escritas, acha-se sob má influência. Esta se exerce sobre ele, quer escreva, quer não, isto é, seja ou não seja médium. A escrita fornece um meio de nos assegurarmos da natureza dos Espíritos que atuam sobre ele e de os combater, o que se faz com tanto maior sucesso quanto mais é conhecido o motivo

que o leva a agir. Se ele for bastante cego para não o compreender, outros podem abrir-lhes os olhos. Aliás não é necessário ser médium para escrever absurdos. E quem nos diz que entre todas essas elocubrações ridículas ou perigosas não haverá algumas cujos autores são impulsionados por Espíritos malévolos? Três quartas partes de nossas ações más e de nossos maus pensamentos são frutos dessa sugestão oculta.

Perguntar-se-á se se teria feito cessar a obsessão, caso o sr. F. não fosse médium? Certamente. Apenas os meios teriam diferido, conforme as circunstâncias. Mas então os Espíritos não teriam podido encaminhá-lo para nós, como o fizeram; e é provável que a causa tivesse sido posta de lado, de vez que não havia manifestação espírita ostensiva. Toda criatura de vontade e simpática aos bons Espíritos pode sempre, com o auxílio destes, paralisar uma influência perniciosa. Dizemos que deve ser simpática aos bons Espíritos porque se ela atraí os inferiores, é evidente que não se caçam lobos com lobos.

Em resumo, o perigo não está propriamente no Espiritismo, desde que este, ao contrário, pode servir de controle, preservando-nos daquilo a que, mau grado nosso, estamos expostos; o perigo está na propensão de certos médiuns para mui levemente se crerem instrumentos exclusivos de Espíritos superiores e da espécie de fascinação que não os deixa compreender. as tolices de que são intérpretes. Aqueles mesmos que não são médiuns podem ser arrastados. Terminaremos este capítulo com as seguintes considerações:

1.º — Todo médium deve prevenir-se contra o irresistível empolgamento que o leva a escrever sem cessar e até em momentos inoportunos; deve ser senhor de si e não escrever senão quando o quer;

2.º — Não dominamos os Espíritos superiores, nem mesmo aqueles que, não sendo superiores, são bons e benevolentes; mas podemos dominar e domar os Espíritos

inferiores. Aquele que não é senhor de si não o pode ser dos Espíritos;

3.º — Não há outro critério, senão o bom senso, para discernir o valor dos Espíritos. Qualquer fórmula dada para esse fim pelos próprios Espíritos é absurda e não pode emanar de Espíritos superiores;

4.º — Os Espíritos, como os homens, são julgados por sua linguagem; toda expressão, todo pensamento, todo conceito, toda teoria moral ou científica que choque o bom senso ou não corresponde à idéia que fazemos de um Espírito puro e elevado, emana de um Espírito mais ou menos inferior;

5.º — Os Espíritos superiores têm sempre a mesma linguagem com a mesma pessoa e jamais se contradizem;

6.º — Os Espíritos superiores são sempre bons e benevolentes; em sua linguagem jamais encontramos acrimônia; arrogância, aspereza, orgulho, basófia ou tola presunção: falam com simplicidade, aconselham e se retiram quando não são ouvidos;

7.º — Não devemos julgar os Espíritos por sua forma material nem pela correção da linguagem, mas sondar-lhe o íntimo, prescrutar suas palavras, pesá-las friamente, maduramente e sem prevenção: qualquer fuga ao bom senso, à razão e à sabedoria não pode deixar dúvidas quanto à sua origem, seja qual for o nome com que se mascare o Espírito;

8.º — Os Espíritos inferiores receiam os que lhes analisam as palavras, desmascaram as torpezas e se não deixam prender por seus sofismas; às vezes tentam erguer a cabeça, mas acabam sempre fugindo, quando se sentem mais fracos;

9.º — Aquele que em tudo age tendo em vista o bem eleva-se acima das vaidades humanas, expelle do coração o egoísmo, o orgulho, a inveja, o ciúme e o ódio, e perdoa aos seus inimigos, pondo em prática esta máxima

do Cristo: "Fazer aos outros como quereria que fosse feito a si mesmo"; simpatiza com os bons Espíritos, enquanto que os maus o temem e dele se afastam.

Seguindo estes preceitos, garantimo-nos contra as más comunicações, contra o domínio dos Espíritos impuros e, aproveitando tudo quanto nos ensinam os Espíritos verdadeiramente superiores, contribuiremos, cada um por nossa parte, ao progresso moral da Humanidade.

O mal do medo

Problema de fisiologia, dirigido ao Espírito de São Luís, na Sociedade de Estudos Espíritas, na sessão do dia 14 de setembro de 1858.

Lemos no "Moniteur" de 26 de novembro de 1857:

"Comunicam-nos o fato que se segue e que vem confirmar as observações feitas sobre a influência do medo.

"Ontem o Dr. F. voltou para casa depois de ter feito algumas visitas aos seus doentes. Numa destas haviam-lhe dado uma garrafa de excelente rum, importado diretamente da Jamaica. O Médico esqueceu no carro a garrafa preciosa. Lembrando-se um pouco tarde, foi procurá-la e declarou ao chefe do estacionamento que havia deixado numa das carruagens uma garrafa de um veneno muito violento e o aconselhou a prevenir aos cocheiros que tivessem o maior cuidado em não fazer uso daquele líquido mortal.

“Apenas o Dr. F. chegava ao seu apartamento e vinham chamá-lo a toda pressa, pois três cocheiros do vizinho estacionamento sofriam dores horríveis nas entranhas. Foi com muita dificuldade que os convenceu de que tinham bebido excelente rum e que sua indelicadeza não poderia ter tido mais graves conseqüências que aquele castigo imediato aplicado aos culpados.”

1. — São Luis poderia dar-nos uma explicação fisiológica desta transformação das propriedades de uma substância inofensiva? Sabemos que, pela ação magnética, pode ocorrer tal transformação: mas no caso vertente não houve emissão de fluido magnético: agiu apenas a imaginação e não a vontade.

— Vosso raciocínio é muito justo em relação à imaginação. Mas os Espíritos malévolos, que induziram aqueles homens a cometer um ato indelicado, fazem passar no sangue, na matéria um arrepio de medo, que bem poderíeis chamar de arrepio magnético; este distende os nervos e produz um frio em certas regiões do corpo. Bem sabeis que todo frio na região abdominal pode produzir cólicas. É, pois, um meio de punição que diverte os Espíritos que fizeram cometer o furto, ao mesmo tempo que os faz rir a custa daqueles a quem fizeram pecar. Em todo caso não seria verificada a morte: é simples lição para os culpados e divertimento para Espíritos levianos. Assim procedem sempre que se lhes oferece uma oportunidade, que até procuram, para sua satisfação. Podemos evitar isto — e falo para vós, — elevando-nos para Deus por pensamentos menos materiais que os que ocupavam o espírito daqueles homens. Os Espíritos malévolos gostam de se divertir. Cuidado com eles. Aquele que julga dizer uma frase agradável às pessoas que o cercam e que diverte uma sociedade com piadas e atos, por vezes se engana e mesmo muitas vezes, quando pensa que tudo isso vem de si próprio. Os Espíritos levianos, que o cercam, com ele de tal modo se identificam, que pouco a pouco o

enganam a respeito de seus pensamentos, enganando também àqueles que o escutam. Neste caso pensais estar tratando com um homem de espírito, que não passa de um ignorante. Descei em vós mesmos e julgai minhas palavras. Nem por isso são os Espíritos superiores inimigos da alegria: por vezes gostam de rir para se vos tornarem agradáveis. Mas cada coisa tem o seu momento oportuno.

Observação: Dizendo que no caso vertente não havia emissão de fluido talvez não fôssemos muito exatos. Aqui aventuramos uma suposição. Como o dissemos, sabe-se que transformações das propriedades da matéria se podem operar sob a ação do fluido magnético, dirigido pelo pensamento. Ora, não é possível admitir que pelo pensamento do médico, que queria fazer crer na existência de um tóxico e dar aos ladrões as angústias do envenenamento, tivesse havido à distância uma espécie de magnetização do líquido que, assim, teria adquirido novas propriedades, cuja ação teria sido corroborada pelo estado moral dos indivíduos, a quem o medo tornara impressionáveis? Esta teoria não destruiria a de São Luís sobre a intervenção dos Espíritos levianos em semelhantes circunstâncias. Sabemos que os Espíritos agem fisicamente por meios físicos; podem, pois, a fim de realizar certos desígnios, servir-se daqueles que eles mesmos provocam e que nós lhes fornecemos inadvertidamente.



Teoria do móvel de nossas ações

O sr. R., correspondente do Instituto de França e um dos mais eminentes membros da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, na sessão de 14 de setembro, de-

envolve as considerações que se seguem, como corolário da teoria que acabava de ser dada a propósito do mal do medo, e que relatamos pouco acima.

“De todas as comunicações dos Espíritos que nos são fornecidas verifica-se que eles exercem uma influência direta sobre as nossas ações, uns solicitando-nos para o bem, outros para o mal. São Luís acaba de nos dizer: “Os Espíritos malévolos gostam de se divertir. Cuidado com eles. Aquele que julga dizer uma frase agradável às pessoas que o cercam e que diverte uma sociedade com piadas e atos, por vezes se engana e mesmo muitas vezes, quando pensa que tudo isso vem de si próprio. Os Espíritos levianos que o cercam, com ele de tal modo se identificam que pouco a pouco o enganam a respeito de seus pensamentos, enganando também àqueles que o escutam.” Disto se segue que aquilo que dizemos nem sempre vem de nós; que muitas vezes, como os médiuns falantes, mais não somos que intérpretes do pensamento de um Espírito estranho, que se identificou com o nosso. Os fatos vêm em apoio desta teoria e provam que, também muito freqüentemente, os nossos atos são consequência desse pensamento que nos é sugerido. O homem que faz mal cede, pois, a uma sugestão, quando bastante fraco para não resistir e quando faz ouvidos moucos à voz da consciência, que tanto pode ser a sua própria, quanto a de um bom Espírito, que por seus avisos nele combate a influência de um Espírito malévolos.

“Segundo a doutrina comum, o homem tiraria de si mesmo todos os seus instintos. Estes proviriam de sua organização física, pela qual não é responsável, ou de sua natureza, na qual pode, a seus próprios olhos, procurar uma escusa, dizendo que não é por sua culpa que assim tenha sido criado. Evidentemente a doutrina espírita é mais moral; admite no homem o livre arbítrio em toda a sua plenitude. Dizendo-lhe que se fizer o mal cederá a uma sugestão estranha, deixa-lhe toda a responsabilidade,

de vez que Ihe reconhece o poder de resistir, coisa evidentemente mais fácil do que se tivesse que lutar contra a sua própria natureza. Assim, segundo a doutrina espírita, não há arrastamento irresistível: o homem pode sempre fechar os ouvidos à voz oculta que em seu foro íntimo o solicita para o mal, assim como os pode fechar à voz material daquele que Ihe fala; e o pode por vontade própria, pedindo a Deus a força necessária, para o que suplicará a assistência dos bons Espíritos. É o que Jesus nos ensina na sublime prece do “Pai”, quando nos manda dizer: “Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal”.

Quando tomamos para texto de uma nossa questão a pequena história, que acabamos de referir, não pensávamos no desenvolvimento que a mesma iria ter. Sentimo-nos duplamente feliz pelas belas palavras que ela mereceu de São Luís e de nosso eminente colega. Se desde muito tempo não estivéssemos edificado quanto à alta capacidade deste último e quanto aos seus profundos conhecimentos em matéria de Espiritismo, seríamos tentado a crer que aquela teoria a ele se deve e que São Luís dele se serviu para completar o seu ensino. A isto somos levado a juntar as nossas próprias reflexões:

Esta teoria da causa excitadora de nossos atos evidentemente ressalta de todo o ensino dado pelos Espíritos. Ela não só é de sublime moralidade, mas ainda revela o homem aos seus próprios olhos; mostra-o livre de sacudir o jugo obsessivo, assim como que é livre de fechar a porta aos importunos: já não é qual máquina, agindo por um impulso independente de sua vontade; é um ser raciocinante, que escuta, julga e escolhe livremente entre dois conselhos. Acrescentemos que, apesar disto, o homem absolutamente não é privado de iniciativa; ele a toma por movimento próprio, de vez que é um Espírito encarnado, que conserva sob o invólucro corpóreo as qualidades e defeitos que tinha como Espírito. As faltas que cometemos têm, pois, a primeira fonte na imperfeição de nosso

próprio Espírito, que ainda não atingiu a superioridade moral, que terá um dia, mas que, nem por isso, deixa de ter o seu livre arbítrio. A vida corporal lhe é dada para purgar-se das imperfeições pelas provas que nela sofre; e são precisamente essas imperfeições que o tornam mais fraco e mais acessível às sugestões de outros Espíritos imperfeitos, os quais aproveitam a circunstância para tentar fazê-lo sucumbir na luta que empreendeu. Se sair vencedor nessa luta, elevar-se-á; se fracassar, permanecerá o que era — nem melhor, nem pior; é uma prova a recommençar, e isto pode, assim, durar muito tempo. Quanto mais se depurar, mais diminuirão os lados fracos e menos se fará presa dos que o solícitem para o mal; sua força moral crescerá proporcionalmente à sua elevação e dele afastar-se-ão os maus Espíritos.

Que serão, pois, os maus Espíritos? Serão aqueles vulgarmente chamados demônios? Não são os demônios, na acepção vulgar do vocábulo, de vez que por, eles se compreende uma classe de seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal. Ora, dizem-nos os Espíritos que todos se melhoram em um tempo mais ou menos longo, conforme sua vontade; mas enquanto são imperfeitos podem fazer o mal, assim como a água que, não tendo sido purificada, pode espalhar miasmas pútridos e mórvidos. Encarnados, depuram-se, desde que para tanto façam aquilo que é preciso; no estado de Espírito sofrem as conseqüências do que fizeram ou deixaram de fazer para seu melhoramento; e essas conseqüências eles as sofrem também na Terra, pois as vicissitudes da vida são ao mesmo tempo expiação e prova. Todos os Espíritos mais ou menos bons constituem, quando encarnados, a espécie humana; e como a nossa Terra é um dos mundos menos adiantados, aqui se encontram mais Espíritos maus do que bons, razão por que aqui vemos tantas perversidades. Façamos, pois, todo o esforço por não regressarmos a ela depois desta estação, e para que mereçamos ir habitar

um mundo melhor, numa dessas esferas privilegiadas, onde o bem reina sem partilha e onde recordaremos como um mau sonho nossa passagem aqui na Terra.



Palestras familiares de além-túmulo

UMA VIÚVA DO MALABAR

Desejávamos interrogar uma dessas mulheres da Índia, que têm o costume de queimar-se sobre o cadáver do marido. Não conhecendo nenhuma, tínhamos pedido a São Luís que nos enviasse uma em condições de responder às nossas perguntas de maneira satisfatória. Ele nos respondeu que de boa vontade o faria, oportunamente. Na sessão da Sociedade, no dia 2 de novembro de 1858, o sr. Adrien, médium vidente, avistou uma, disposta a falar, e dela nos deu a seguinte descrição:

Olhos negros e grandes, com a esclerótica amarela, rosto arredondado, faces salientes e gordas; pele açafroada e trigueira, cílios longos e supercílios arqueados e negros; nariz um pouco grande, ligeiramente achatado; boca grande e sensual, belos dentes largos e iguais; cabelos lisos, abundantes, negros e empastados de gordura. Corpo bem gordo, grande e atarracado. Roupagem de seda, deixa o peito meio descoberto. Pulseiras nos braços e nas pernas.

1. — Lembra-se mais ou menos em que época viveu na Índia e onde foi queimada com o corpo de seu marido?

— Fez um sinal, indicando que não se lembrava.
— Respondeu São Luís, indicando que foi acerca de cem anos.

2. — Lembra-se do nome que tinha?

— Fátima.

3. — Que religião professava?

— A maometana.

4. — Mas o maometismo não proíbe tais sacrificios?

— Nasci muçulmana, mas meu marido era da religião de Brahma. Tive que me conformar com o costume da região onde morava. As mulheres não se pertencem.

5. — Que idade tinha quando foi morta?

— Creio que tinha uns vinte anos.

Observação: — O sr. Adrien adverte que ela parece ter de vinte e oito a trinta anos: mas que naquele país as mulheres envelhecem mais rapidamente.

6. — Sacrificou-se voluntariamente?

— Eu preferia ter-me casado com outro. Pensai bem e compreendereis que todas pensamos do mesmo modo. Segui o costume. Mas no fundo teria preferido não o fazer. Durante vários dias esperei um outro marido, mas ninguém veio: então obedeci a lei.

7. — Qual o sentimento que poderia ter ditado esta lei?

— Idéia supersticiosa. Imaginam que nos queimando agradam à Divindade; que resgatamos as faltas daquele que perdemos e que vamos ajudá-lo a viver feliz no outro mundo.

8. — Seu marido ficou satisfeito com o seu sacrificio?

— Nunca procurei rever o meu marido.

9. — Há mulheres que assim se sacrificam de boa vontade?

— Há poucas: uma em mil; no fundo elas não desejavam fazê-lo.

10. — Que foi o que se passou com a senhora no momento em que se extinguiu a vida corporal?

— Perturbação. Senti um escurecimento; depois não sei o que se passou. Minhas idéias não ficaram claras senão muito tempo depois. Eu ia a toda parte; entretanto não me via bem. Ainda agora não me sinto completamente esclarecida. Terei que passar por muitas encarnações para me elevar. Mas não me queimarei mais... Não vejo necessidade da gente queimar-se, atirar-se no meio das chamas a fim de elevar-se... sobretudo pelas faltas que se não cometeu. Além disso aquilo jamais me aprouve... Aliás eu nunca quis saber. Teríeis a bondade de orar um pouco por mim? Pois compreendo que nada como a prece para nos dar coragem a fim de suportarmos as provas que nos são enviadas... Ah! se eu tivesse fé!

11. — Pede que ore. Mas nós somos cristãos. Como poderiam nossas preces lhe ser agradáveis?

— Só há um Deus para todos os homens.

Observação: — Em várias sessões seguidas a mesma mulher foi vista entre os Espíritos que a assistiam. Disse que vinha para instruir-se. Parece que foi sensível ao interesse por ela demonstrado, porque nos acompanhou em várias outras reuniões e até na rua.



Dificuldades com que deparam os médiuns

A mediunidade é uma faculdade multiforme; apresenta uma infinidade de nuances em seus meios e em seus efeitos. Aquele que é apto para receber ou transmitir as comunicações dos Espíritos é, por isso mesmo, um

médium, seja qual for o meio empregado ou o grau de desenvolvimento da faculdade — desde a simples influência oculta até à produção dos mais insólitos fenômenos. Contudo, no uso corrente, o vocábulo tem uma acepção mais restrita e se diz geralmente das pessoas dotadas de uma potência mediatriz muito grande, tanto para produzir efeitos físicos, quanto para transmitir o pensamento dos Espíritos pela escrita ou pela palavra.

Posto não seja a faculdade um privilégio exclusivo, é certo que encontra refratários, pelo menos no sentido a ela ligado. Também é certo que não deixa de apresentar escolhos aos que a possuem: pode alterar-se e, até, perder-se e, muitas vezes, ser uma fonte de graves desilusões. Sobre tal ponto julgamos útil chamar a atenção de todos quantos se ocupam de comunicações espíritas, quer diretamente, quer através de terceiros. Através de terceiros, dizemos, porque importa aos que se servem de médiuns poder apreciar o valor e a confiança que merecem suas comunicações.

O dom da mediunidade depende de causas ainda não perfeitamente conhecidas e nas quais parece que o físico tem uma grande parte. À primeira vista pareceria que um dom tão precioso não devesse ser partilhado apenas por almas de escol. Ora, a experiência prova o contrário, pois encontramos mediunidade potente em criaturas cuja moral deixa muito a desejar, enquanto que outras, estimáveis sob todos os pontos, não a possuem. Aquele que fracassa, a despeito dos seus desejos, esforços e perseverança, não deve tirar conclusões desfavoráveis à sua pessoa nem julgar-se indigno da benevolência dos Espíritos. Se tal favor lhe não é concedido, outros há, sem dúvida, que lhe podem oferecer ampla compensação. Pela mesma razão aquele que a desfruta não poderia dela prevalecer-se, pois a mediunidade não lhe é nenhum signo de mérito pessoal. O mérito, pois, não está na posse da faculdade mediatriz, que a todos pode ser dada, mas no uso

que dela fazemos. Eis uma distinção capital, que jamais deve-se perder de vista; a bondade do médium não está na facilidade das comunicações, mas exclusivamente na sua aptidão para só receber as boas. Ora, é aqui que as condições morais em que ele se acha são potentes; aqui também ele encontra os maiores escolhos.

Para se dar conta deste estado de coisas e compreender o que vamos dizer, é necessário reportar-se ao princípio fundamental que entre os Espíritos há todos os graus do bem e do mal, do saber e da ignorância; que os Espíritos pululam em redor de nós e que, quando nos julgamos sós, estamos incessantemente rodeados de seres que nos acotovelam, uns com indiferença, como estranhos, outros que nos observam com intenções mais ou menos benevolentes, conforme sua natureza.

O provérbio “Os iguais se atrem”, tem sua aplicação entre os Espíritos, como entre nós; e mais ainda entre eles, se possível, porque não estão, como nós, sob a influência das considerações sociais. Contudo, se, entre nós, estas considerações algumas vezes confundem homens de costumes e gostos muito diversos, tal confusão, de certo modo, é apenas material e transitória: a similitude ou a divergência de pensamentos será sempre a causa das atrações e repulsões.

Nossa alma que, afinal de contas, não é mais que um Espírito encarnado, não passa mesmo de um Espírito. Se se revestiu momentaneamente de um envoltório material, suas relações com o mundo incorpóreo, posto que menos fáceis do que quando no estado de liberdade, nem por isso são interrompidas de modo absoluto; o pensamento é o laço que nos une aos Espíritos, e pelo pensamento nós atraímos os que simpatizam com as nossas idéias e inclinações. Representamos, pois, a massa dos Espíritos que nos envolvem como a multidão que encontramos no mundo; onde quer que vamos especialmente, encontramos homens atraídos pelos mesmos gostos e pe-

los mesmos desejos; às reuniões que têm objetivo sério vão homens sérios; às que são frívolas, vão os frívolos. Por toda a parte encontram-se Espíritos atraídos pelo pensamento dominante. Se lançarmos um olhar sobre o estado moral da Humanidade em geral, compreenderemos sem dificuldade que nessa multidão oculta os Espíritos elevados não devem constituir maioria. É uma consequência de estados de inferioridade do nosso globo.

Os Espíritos que nos cercam não são passivos: formam uma população essencialmente inquieta, que pensa e age sem cessar, que nos influencia, mau grado nosso, que nos excita e nos dissuade, que nos impulsiona para o bem ou para o mal, o que não nos tira o livre arbítrio mais que os bons ou maus conselhos que recebemos de nossos semelhantes. Entretanto, quando os Espíritos imperfeitos solicitam alguém a fazer uma coisa má, sabem eles muito bem a quem se dirigem e não vão perder o tempo onde vêem que serão mal recebidos; eles nos excitam conforme as nossas inclinações ou conforme os germens que em nós vêm e segundo as nossas disposições para os escutar. Eis porque o homem firme nos princípios do bem não lhes serve de presa.

Estas considerações nos conduzem naturalmente ao problema dos médiuns. Como todas as criaturas, estes são submetidos à influência oculta dos Espíritos bons e maus; atraem-nos e repelem-nos conforme as simpatias de seu próprio Espírito e os Espíritos maus aproveitam-se de todas as falhas, como de uma falta de couraça, para aproximarem-se deles, introduzindo-se, mau grado seu, em todos os atos de sua vida privada. Além disso, tais Espíritos, encontrando no médium um meio de expressar seu pensamento de modo inteligível e atestar sua presença, misturam-se nas comunicações e as provocam, porque assim esperam ter mais influência, acabando por um completo domínio. Consideram-se como na própria casa, afastam os Espíritos que se poderiam contrapor e, con-

forme a necessidade, lhes tomam os nomes e mesmo a linguagem, com o fito de enganar. Mas não podem representar este papel por muito tempo: com um pouco de contacto com um observador experimentado e não prevenido, logo eles são desmascarados. Se o médium se deixa dominar por essa influência, os bons Espíritos se afastam, ou absolutamente não vêm quando chamados, ou vêm com certa repugnância, porque vêem que o Espírito que está identificado com o médium, e neste estabeleceu o seu domicílio, pode alterar as suas instruções. Se tivermos que escolher um intérprete, um secretário, um mandatário qualquer, é evidente que escolheremos não só um homem capaz, mas, ainda, da nossa estima; não confiaremos uma delicada missão e os nossos interesses a um tarado ou a um freqüentador de uma sociedade suspeita. Dá-se o mesmo com os Espíritos. Os Espíritos superiores não escolherão para transmitir instruções sérias a um médium que tem familiaridade com Espíritos levianos, “a menos que haja necessidade e que não encontrem no momento outros médiuns à disposição, a menos, ainda, que não queiram dar uma lição ao próprio médium”, como por vezes acontece; mas, então, dele só se servem acidentalmente, e o deixam logo que encontram um melhor; entregam-no às suas simpatias, se as têm. O médium perfeito seria, pois, o que nenhum acesso desse aos maus Espíritos, por um descuido qualquer. É condição muito difícil de realizar. Mas se a perfeição absoluta não é dada ao homem, por seus esforços sempre lhe é possível a aproximação; e os Espíritos levam em conta sobretudo os esforços, a força de vontade e a perseverança.

Assim, o médium perfeito não teria senão comunicações perfeitas de verdade e de moralidade. Desde que a perfeição é impossível, o melhor seria o que desse as melhores comunicações. É pelas obras que podem ser julgados. As comunicações sistematicamente boas e ele-

vadas, nas quais nenhum indício de inferioridade fosse notado, seriam incontestavelmente uma prova da superioridade moral do médium, porque atestariam simpatias felizes. Por isto mesmo se o médium não é perfeito, Espíritos levianos, embusteiros e mentirosos podem misturar-se em suas comunicações, alterando-lhes a pureza e induzindo em erro, ao médium e àqueles que se lhes dirigem.

Eis o maior escolho do Espiritismo, cuja gravidade não dissimulamos.

É possível evitá-lo?

Dizemos alto e bom som: sim; é possível, os meios não são difíceis e exigem apenas julgamento.

As boas intenções, a própria moralidade do médium nem sempre bastam para preservá-lo da intromissão dos Espíritos levianos, mentirosos e pseudo-sábios nas comunicações. Além das falhas de seu próprio Espírito, pode lhe dar acesso por outras causas das quais a principal é a fraqueza de caráter e uma confiança excessiva na invariável superioridade dos Espíritos que se lhe comunicam. Essa confiança cega reside numa causa que a seguir explicaremos.

Se não quisermos ser vítimas de Espíritos levianos, é necessário julgá-los, para o que, temos um critério infalível: o bom senso e a razão. Sabemos que as qualidades de linguagem, que caracterizam, entre nós, os homens realmente bons e superiores, são as mesmas para os Espíritos. Devemos julgá-los por sua linguagem. Nunca seria demais repetir o que a caracteriza nos Espíritos elevados: é constantemente digna, nobre, sem basófia nem contradição, isenta de trivialidades, marcada por um cunho de benevolência. Os bons Espíritos aconselham; não ordenam; não se impõem; calam-se naquilo que ignoram. Os Espíritos levianos falam com a mesma segurança do que sabem e do que não sabem; a tudo respondem sem se preocuparem com a verdade. Em mensagem supostamente séria, vimo-los, com imperturbável apurmo,

colocar César no tempo de Alexandre; outros afirmavam que não é a Terra que gira em redor do Sol. Resumindo: toda expressão grosseira ou apenas inconveniente, toda marca de orgulho e de presunção, toda máxima contrária à sã moral, toda notória heresia científica é, nos Espíritos como nos homens, incontestemente sinal de natureza má, de ignorância ou, pelo menos, de leviandade. De onde se segue que é necessário pesar tudo quanto eles dizem, passando-o pelo crivo da lógica e do bom senso. Eis uma recomendação feita incessantemente pelos bons Espíritos. Dizem eles: “Deus não vos deu o raciocínio sem propósito. Servi-vos dele a fim de saber o que estais fazendo”. Os maus Espíritos temem o exame. Dizem eles: “Aceitai nossas palavras e não as julgueis”. Se tivessem a consciência de estar com a verdade, não temeriam a luz.

O hábito de perscrutar as menores palavras dos Espíritos, de lhes pesar o valor — do ponto de vista do conteúdo e não da forma gramatical, com que pouco se preocupam eles — necessariamente afasta os Espíritos mal intencionados que, então, não vêm inutilmente perder o tempo, de vez que rejeitamos tudo quanto é mau ou tem origem suspeita. Mas quando aceitamos cegamente tudo quanto dizem, quando, por assim dizer, ajoelhamo-nos ante sua pretensa sabedoria, eles fazem o que fariam os homens — abusam.

Se o médium for senhor de si, se não se deixar dominar por um entusiasmo irrefletido, poderá fazer o que aconselhamos. Mas acontece freqüentemente que o Espírito o subjuga a ponto de o fascinar, levando-o a considerar admiráveis as coisas mais ridículas; então ele se entrega cada vez mais a essa perniciosa confiança que, estribado em suas boas intenções e em seus bons sentimentos, julga suficientes para afastar os maus Espíritos. Isto não basta: esses Espíritos ficam satisfeitos por fazê-lo cair na cilada, para o que aproveitam sua fraqueza e

sua credulidade. Que fazer, então? Expor tudo à terceira pessoa interessada, para que esta, julgando com calma e sem prevenção, possa ver uma palha onde o médium não via uma trave.

A ciência espírita exige grande experiência e, como todas as ciências, filosóficas ou não, só é adquirida através de um estudo longo, assíduo e perseverante, e por numerosas observações. Ela não abrange apenas o estudo dos fenômenos, propriamente ditos, mas também, e sobretudo, os costumes, se assim podemos dizer, do mundo oculto, desde o mais baixo ao mais alto degrau da escala. Seria presunção julgar-se suficientemente esclarecido e graduado como mestre depois de alguns ensaios. Não seria esta pretensão de um homem sério, pois quem quer que lance um golpe de vista penetrante sobre esses estranhos mistérios, vê desdobrar-se à sua frente um horizonte tão vasto que longos anos não bastam para o abranger. Há entretanto quem o queira fazer nalguns dias!

De todas as disposições morais, a que maior acesso oferece aos Espíritos imperfeitos é o orgulho. Este é para os médiuns um escolho tanto mais perigoso quanto menos o reconhecem. É o orgulho que lhes dá a crença cega da superioridade dos Espíritos que se lhes apegam, porque se vangloriam de certos nomes que lhes impõem. Desde que um Espírito lhes diz: “eu sou fulano”, inclinam-se e não admitem dúvidas, porque seu amor próprio sofreria se, sob tal máscara, encontrassem um Espírito de condição inferior ou um malvado desprezível. O Espírito percebe e aproveita o lado fraco, lisonjeia seu pretensão protegido, fala-lhe de origens ilustres, que o enchem ainda mais, promete-lhe um futuro brilhante, honra e fortuna, de que parece ser o dispensador; conforme a necessidade, afeta uma ternura hipócrita. Como resistir a tanta generosidade? Numa palavra, zomba e o domina, trazem-

do-o pelo beijo, como se diz vulgarmente; sua felicidade é ter alguém sob sua dependência.

Interrogamos a vários deles sobre os motivos de sua obsessão. Um assim nos respondeu: “Quero ter um homem que me faça a vontade. É o meu prazer”. Quando lhe dissemos que íamos fazer tudo para demonstrar os seus artificios e tirar a venda dos olhos de seu oprimido, disse: “Lutarei contra vós e não tereis resultado, porque farei tais coisas que ele não vos acreditará”. É, com efeito, urna das táticas desses Espíritos malfazejos: inspiram a desconfiança e o afastamento das pessoas que os podem desmascarar e dar bons conselhos. Jamais acontece coisa semelhante com os bons Espíritos. Todo Espírito que insufla a discórdia, que excita a animosidade, que entretém os dissentimentos revela, por isso mesmo, sua natureza má. Seria preciso ser cego para não o compreender e para crer que um bom Espírito possa arrastar à desinteligência.

Muitas vezes o orgulho se desenvolve no médium à medida que cresce a sua faculdade. Esta lhe dá importância. Procuram-no e ele acaba por sentir-se indispensável. Daí, muitas vezes, um tom de jactância e de pretensão ou uns ares de suficiência e de desdém, incompatíveis com a influência de um bom Espírito. Aquele que cai em tal engano está perdido, porque Deus lhe deu sua faculdade para o bem, e não para satisfazer sua vaidade ou transformá-la em escada para a sua ambição. Esquece que este poder, de que se orgulha, pode ser retirado e que, muitas vezes, só lhe foi dado como prova, assim como a fortuna para certas pessoas. Se dele abusa, os bons Espíritos pouco a pouco o abandonam e ele se torna um jogue de Espíritos levianos, que o embalam com suas ilusões, satisfeitos por terem vencido aquele que se julgava forte. Foi assim que vimos o aniquilamento e a perda das mais preciosas faculdades que, sem isto, ter-se-iam tornado os mais poderosos e os mais úteis auxiliares.

Isto se aplica a todos os gêneros de médiuns, quer de manifestações físicas, quer para comunicações inteligentes. Infelizmente o orgulho é um dos defeitos que estamos menos inclinados a confessar a nós mesmos e, menos ainda, aos outros, porque não o acreditaríamos. Ide, pois, dizer a um médium que se deixa conduzir como uma criança: ele virará as costas, dizendo que sabe conduzir-se e que não vedes as coisas claramente. Podeis dizer a um homem que é bêbado, debochado, preguiçoso, incapaz e imbecil; ele rirá ou concordará; dizei-lhe que é orgulhoso e ficará zangado. É a prova evidente que tereis dito a verdade. Neste caso os conselhos são tanto mais difíceis quanto mais o médium evita as pessoas que lhos pudessem dar; foge de uma intimidade que teme. Sentindo que os conselhos são golpes desferidos em seu poder, os Espíritos o empurram ao contrário, para quem os alimente as ilusões. Prepara-se, assim, muitas decepções, com o que sofrerá muito o seu amor próprio. Feliz se não lhe resultarem, ainda, coisas mais graves.

Se insistimos longamente sobre este ponto foi porque nos demonstrou a experiência, em muitas ocasiões, que isto constitui uma das grandes pedras de tropeço para a pureza e a sinceridade das comunicações dos médiuns. Diante disto, é quase inútil falar das outras imperfeições morais, tais como o egoísmo, a inveja, o ciúme, a ambição, a cupidez, a dureza de coração, a ingratidão, a sensualidade, etc. Cada um compreende que elas são outras tantas portas abertas aos Espíritos imperfeitos ou, pelo menos, causas de fraqueza. Para repelir estes últimos não basta dizer-lhes que se vão; nem mesmo o querer e, ainda menos os conjurar. É necessário fechar-lhes a porta e os ouvidos, provar-lhes que se é mais forte — o que se é, incontestavelmente, pelo amor do bem, pela caridade, pela doçura, pela simplicidade, pela modéstia e pelo desinteresse, qualidades que nos conciliam com a benevolência dos bons Espíritos. É seu apoio que nos dá for-

ça; e se eles por vezes nos deixam a braços com os maus, é uma prova para a nossa fé e para o nosso caráter.

Que os médiuns não se arrezeiem demais da severidade das condições de que acabamos de falar: estas são lógicas, temos que convir, mas seria erro desanimar. É certo que as más comunicações que podemos receber são índice de alguma fraqueza, mas nem sempre sinal de indignidade. Podemos ser fracos, porém bons. Em qualquer caso aí temos sempre um meio de reconhecer as próprias imperfeições. Já dissemos no outro artigo que não é necessário ser médium para estar sob a influência de maus Espíritos, que agem na sombra. Com a faculdade mediúnica o inimigo se mostra e se trai: ficamos sabendo com quem tratamos e poderemos combatê-lo. É assim que uma comunicação má pode tornar-se uma lição útil, se a soubermos aproveitá-la.

Aliás, seria injusto levar todas as comunicações más à conta do médium. Falamos daquelas que são por ele obtidas fora de qualquer outra influência, e não das que são produzidas num meio qualquer. Ora, todo o mundo sabe que os Espíritos atraídos por esse meio podem prejudicar as manifestações. É regra geral que as melhores comunicações ocorrem na intimidade, num círculo concentrado e homogêneo. Em toda comunicação acham-se em jogo várias influências: a do médium, a do meio e a do interlocutor. Estas influências podem reagir umas sobre as outras, neutralizando-se ou se corroborando: isto depende do fim a que nos propomos e do pensamento dominante. Vimos excelentes comunicações obtidas em reuniões com médiuns que não possuíam todas as condições desejáveis. Nesse caso os bons Espíritos vinham por uma pessoa em particular, porque isto era útil. Também vimos más, obtidas por bons médiuns, unicamente porque o interrogante não tinha intenções sérias e atraía Espíritos levianos, que dele zombavam.

Tudo isto requer tato e observação. E compre-

de-se facilmente a preponderância que devem ter todas essas condições reunidas.



Espíritos barulhentos. Como livrar-se deles

Escrevem-nos de Gramat, no Lot:

“Numa casa da aldeia de Coujet, comuna de Bastat, no departamento de Lot, há cerca de dois meses ouvem-se ruídos extraordinários. A princípio eram golpes secos e muito semelhantes a pancadas de uma maça no soalho e ouvidos de toúos os lados: sob os pés, acima da cabeça, nas portas, nos móveis. Depois as passadas de um homem descalço e o tamborilar dos dedos nas vidraças. Os moradores ficaram amedrontados e mandaram rezar missas; a população inquieta ia à aldeia e escutava; a polícia tomou conhecimento, fez várias pesquisas e o barulho aumentou. Em breve as portas eram abertas, os objetos revirados, as cadeiras projetadas pela escada, os móveis transportados dos rés-do-chão para o sótão. Tudo quanto informo ocorre em pleno dia e é atestado por grande número de pessoas. A casa não é um pardieiro antigo, sombrio e negro, que só pelo aspecto faz sonhar com fantasmas: é uma construção recente e risonha; os proprietários são boa gente, incapazes de querer enganar e morrem de medo. Entretanto muitas pessoas pensam que aí nada há de sobrenatural e procuram explicar tudo quanto se passa de extraordinário quer pela física, quer pelas más intenções que atribuem aos moradores. Para mim, que vi e acredito, resolvi dirigir-me a vós, a fim

de saber quais são os Espíritos que fazem todo esse barulho e conhecer o meio, caso exista, de os calar. É um serviço que prestais a essa boa gente, etc. . . .”

Os fatos desta natureza não são raros; todos eles se assemelham mais ou menos e, em geral, não diferem senão pela intensidade e por sua maior ou menor tenacidade. Em geral a gente pouco se inquieta quando eles se limitam a alguns ruídos sem conseqüência, mas tornam-se verdadeira calamidade quando atingem certas proporções.

Nosso distinto correspondente pergunta-nos quais os Espíritos que fazem esse barulho. A resposta não padece dúvidas: sabe-se que só os Espíritos de uma ordem muito inferior de tanto são capazes.

Assim como entre nós as pessoas graves e sérias, os Espíritos superiores não se divertem em fazer tumulto. Muitas vezes os fizemos vir, a fim de lhes perguntar por que motivo assim perturbam o alheio repouso. A maior parte não tem outro objetivo senão divertir-se. São antes Espíritos levianos que maus, que se riem do medo que provocam, como das inúteis pesquisas para descobrir a causa do tumulto. Muitas vezes eles se obstinam junto a um indivíduo que gostam de vexar e que perseguem de casa em casa; outras vezes se ligam a um determinado lugar sem qualquer motivo, a não ser por capricho. Por vezes também é uma vingança que exercem, como teremos ocasião de ver. Em certos casos, sua intenção é mais louvável: querem chamar a atenção e pôr-se em contacto, seja para fazer uma advertência útil à pessoa a quem se dirigem, seja para pedir algo para si mesmos. Muitas vezes vimo-los pedir preces; outros solicitavam o cumprimento de promessas que haviam feito; outros, enfim, no interesse do seu próprio repouso, queriam reparar alguma ação má que tinham praticado quando encarnados.

Em geral não há razão para nos amedrontarmos: sua presença pode ser importuna, mas não é perigosa.

Aliás, compreende-se que tenhamos desejo de nos desembaraçar deles; entretanto para isso em geral fazemos exatamente o contrário do que deveríamos. Se são Espíritos que se divertem, quanto mais tomamos a coisa a sério, mais eles persistem, como meninos travessos, que apoquentam tanto mais quanto mais vêem que nos impacientamos e que metem medo aos covardes. Se tomássemos o sábio partido de rir de suas malandrices, eles acabariam cansando e deixando-nos tranqüilos. Conhecemos alguém que, longe de irritar-se, os excitava, desafiava-os a fazer isto ou aquilo, de modo que ao cabo de alguns dias eles não mais apareceram. Entretanto, como dissemos, alguns têm motivos mais frívolos. Eis porque é sempre útil saber o que eles querem. Se pedem alguma coisa, podemos estar certos de que suas visitas cessarão assim que forem satisfeitos. O melhor meio de instruir-se a respeito é evocar o Espírito através de um bom médium psicógrafo; por suas respostas veremos imediatamente com quem tratamos e, em consequência, poderemos agir. Se for um Espírito infeliz, quer a caridade que o tratemos com os cuidados que merece. Se for um brincalhão de mau gosto, poderemos agir com ele sem cerimônias; se for malévolo, é preciso pedir a Deus que o torne melhor. Em todo caso, a prece só poderá dar bons resultados. Mas a gravidade das fórmulas de exorcismo causa-lhes riso e por elas não têm nenhum respeito. Se pudermos com eles entrar em comunicação, é necessário desconfiar das qualidades burlescas ou apavorantes que por vezes se dão, para divertir-se com a credulidade.

Em muitos casos a dificuldade está em não ter médiuns à disposição. Então devemos procurar desenvolver a própria mediunidade ou interrogar o Espírito diretamente, conformando-nos com os preceitos que a respeito nos dão o "Livro dos Médiuns".

Posto que produzidos por Espíritos inferiores, estes fenômenos são, muitas vezes, provocados por Espí-

ritos de ordem mais elevada, com o fito de nos convencer da existência de seres incorpóreos e de um poder superior ao do homem. A repercussão daí resultante, o próprio medo que causam, chamam a atenção e acabarão por abrir os olhos dos mais incrédulos. Estes acham mais fácil levar tais fenômenos para o rol da imaginação, explicação muito cômoda que dispensa quaisquer outras. Entretanto, quando os objetos são sacudidos ou atirados à cabeça, fora necessário uma imaginação muito complacente para supor que tais coisas acontecem, quando não acontecem. Se observamos um efeito qualquer, este terá, necessariamente, uma causa. Se uma observação “calma e fria” demonstra-nos que tal efeito independe de toda vontade humana e de toda causa material; se, além disso, dá-nos indícios “evidentes” de inteligência e de livre vontade, “o que constitui o mais característico dos sinais”, somos então forçados a atribuí-lo a uma inteligência oculta.

Quais são esses seres misteriosos? Eis o que os estudos espíritos nos ensinam da menos contestável maneira, através dos meios, que nos apresenta, de com eles nos comunicarmos. Além disso, esses estudos nos ensinam a separar o que é real daquilo que é falso ou exagerado nos fenômenos de que não nos damos conta. Se se produz um efeito insólito — ruído, movimento, até mesmo uma aparição — o primeiro pensamento que devemos ter é que seja devido a uma causa absolutamente natural, que é o mais provável. Então é preciso rebuscar essa causa com o maior cuidado e não admitir a intervenção dos Espíritos senão em sua consciência. É o meio de não nos iludirmos.



Estudo sobre os médiuns

Como intérpretes das comunicações espíritas, os

médiuns têm um papel de extrema importância e nunca seria demasiada a atenção dada ao estudo de todas as causas que os podem influenciar; e isto não só em seu próprio interesse, como também no daqueles que, não sendo médiuns, dos mesmos se utilizam. Poderão, assim, julgar o grau de confiança que merecem as comunicações recebidas.

Todo o mundo — já o dissemos — é mais ou menos médium. Mas convencionou-se dar o nome às pessoas nas quais as manifestações são mais ou menos patente e, por assim dizer, facultativas. Ora, entre estes últimos as aptidões são muito diversas: pode dizer-se que cada um tem a sua especialidade. Ao primeiro exame duas categorias se desenham muito nitidamente: os médiuns de influência física e os das comunicações inteligentes. Estes últimos apresentam numerosas variedades, das quais as principais são: os escreventes ou psicógrafos, os desenhistas, os falantes, os auditivos e os videntes. Os médiuns poetas, músicos e políglotas constituem subclasses dos escreventes e dos falantes.

Não voltaremos sobre as definições destes diversos gêneros: queremos apenas, e sucintamente, lembrar o conjunto, para maior clareza.

De todos os gêneros de mediunidade, a mais comum é a psicográfica; é a que se adquire mais facilmente pelo exercício. Eis porque, e com razão, para ela se dirigem geralmente os desejos e os esforços dos aspirantes. Também apresentam duas variedades, igualmente encontradas nas outras categorias: os escreventes mecânicos e os escreventes intuitivos. Nos primeiros o impulso da mão independe da vontade; ela se move por si, sem que o médium tenha consciência do que escreve; seu pensamento pode até estar dirigido para outra coisa. No médium intuitivo o Espírito age sobre o cérebro; seu pensamento atravessa, se assim podemos dizer, o pensamento do médium, sem que aí haja confusão. Em consequência, existe

neste consciência do que escreve, por vezes mesmo uma consciência prévia, porque a intuição precede o movimento da mão; entretanto o pensamento expresso não é o do médium. Uma comparação muito simples dá-nos a compreender o fenómeno. Quando queremos conversar com alguém, cuja língua não falamos, servimo-nos de um intérprete; este tem consciência do pensamento dos interlocutores e o deve compreender, a fim de o exprimir; entretanto não manifesta seu próprio pensamento. Assim o papel do médium intuitivo é o de um intérprete entre nós e o Espírito. Ensinou-nos a experiência que os médiuns mecânicos e os intuitivos são igualmente bons, igualmente aptos para a recepção e transmissão de boas comunicações. Como instrumento de convicção, é inútil a preferência: a atenção deve ser posta inteiramente sobre a natureza das comunicações, isto é, sobre a aptidão do médium para receber bons e maus Espíritos e, então, dizemos que é bem ou mal assistido. Nisto se encerra toda a questão, questão capital, desde que só ela pode determinar o grau de confiança que ele merece; ela é resultado de estudo e observações, para o que recomendamos nosso artigo sobre as dificuldades com que deparam os médiuns.

Com o médium intuitivo a dificuldade está em distinguir seus próprios pensamentos daqueles que lhe são sugeridos. Tal dificuldade existe também para ele. O pensamento sugerido lhe parece tão natural que o toma por seu e põe em dúvida a sua faculdade. O meio de o convencer e convencer aos outros é um exercício frequente. Então, no número das evocações de que participará, apresentar-se-ão mil e uma circunstâncias, uma porção de comunicações íntimas e particularidades das quais não poderia ter nenhum conhecimento prévio e que, de maneira irrecusável, constatarão a inteira independência de seu próprio Espírito.

As diferentes variedades de médiuns repousam so-

bre aptidões especiais, cujo princípio até agora é quase desconhecido. À primeira vista e para as pessoas que não fizeram um estudo sistemático desta ciência, parece que não seja mais difícil a um médium escrever versos do que escrever prosa; dir-se-á — sobretudo se ele for mecânico — que tanto pode o Espírito fazê-lo escrever numa língua estranha, quanto desenhar ou compor música. Entretanto não é assim. Posto que a todo momento estejamos vendo desenhos, versos e músicas feitos por médiuns que, em estado normal, nem são desenhistas, nem poetas ou músicos, nem todos são aptos à produção destas coisas. A despeito da sua ignorância, há neles uma faculdade intuitiva e uma flexibilidade que os transformam nos mais dóceis instrumentos. Foi o que muito bem exprimiu Bernard Pallissy, quando lhe perguntaram por que havia escolhido o sr. Victorien Sardou, que não sabe desenhar, para fazer os seus admiráveis desenhos. “Porque”, respondeu ele, “acho-o mais flexível”. O mesmo acontece com outras aptidões. E — coisa interessante! — vimos Espíritos recusar-se a ditar versos a médiuns que conheciam a arte poética, ao passo que os ditaram, e encantadores, a pessoas que lhe desconheciam as regras mais simples. Isto prova, ainda uma vez, que os Espíritos têm livre arbítrio e que vã será a tentativa de os submeter ao nosso capricho.

Resulta das observações precedentes que o médium deve seguir o impulso que lhe é dado, conforme a sua aptidão; deve procurar aperfeiçoar essa aptidão pelo exercício, mas será inútil querer adquirir a que lhe falta; isso seria talvez prejudicial à que possui. Forçando o nosso talento, nada fariamos com perfeição, diz La Fontaine; ao que podemos acrescentar: nada fariamos de bom. Quando um médium possui uma faculdade preciosa, com a qual pode tornar-se verdadeiramente útil, que se contente com ela e não busque uma vã satisfação ao seu amor próprio, numa faculdade que enfraqueceria a

faculdade primordial. Se esta deve ser transformada, como freqüentemente acontece, ou se deve adquirir uma nova, a coisa virá espontaneamente, e não por efeito de sua vontade.

A faculdade de produzir efeitos físicos constitui uma categoria bem marcada, que raramente se alia às comunicações inteligentes, sobretudo às de grande significação. Sabe-se que os efeitos físicos são peculiares aos Espíritos dos estágios inferiores, assim como entre nós a exibição de força aos saltimbancos. Ora, os Espíritos batedores pertencem à classe inferior; agem o mais das vezes por conta própria, para divertir-se ou vexar os outros, mas algumas vezes por ordem dos Espíritos superiores, que deles se servem, como nós nos servimos dos trabalhadores. Seria absurdo pensar que Espíritos superiores viessem divertir-se em bater nas mesas ou fazê-las girar. Eles usam tais meios, dizemos nós, através de intermediários, quer para convencer-nos, quer para comunicar-se conosco, desde que não disponhamos de outros meios; mas os abandonam, desde que possam agir de modo rápido, mais cômodo e mais direto, assim como nós abandonamos o telégrafo aéreo, desde que tivemos o telégrafo elétrico. De modo algum devem ser desprezados os efeitos físicos, desde que para muitos representem um meio de convicção; além disso oferecem precioso material de estudo sobre as forças ocultas. É de notar, entretanto, que os Espíritos se recusam em geral aos que dele não necessitam ou, pelo menos, os aconselham a se não ocuparem com os mesmos de modo especial.

Eis o que a respeito escreveu o Espírito de São Luís, na "Sociedade de Estudos Espíritas de Paris":

"Zombaram das mesas girantes, mas não zombaram jamais da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias. Aquilo foi o vestibulo da ciência, onde, ao entrar, devemos deixar os preconceitos, assim como quem deixa a capa. Nunca sereis por

demais aconselhados a transformar as vossas reuniões em centros sérios: que se façam demonstrações físicas, que se veja, que se escute “mas que haja compreensão e amor”. Que esperais parecer aos olhos dos Espíritos superiores, quando fazeis girar uma mesa, ignorantes? O sábio passará o tempo a recordar o a, b, c, da ciência? Se vos virem rebuscando as comunicações inteligentes e instrutivas, considerar-vos-ão como homens sérios, em busca da verdade”.

Impossível é resumir de modo mais lógico e mais preciso o caráter dos dois gêneros de manifestações. O das comunicações elevadas é devido à assistência dos bons Espíritos: é um traço de sua simpatia; renunciar a ele e procurar os efeitos materiais é deixar uma sociedade escolhida por outra mais baixa. Querer aliar as duas coisas é atrair à volta de si seres antipáticos; e, nesse conflito, é mais provável que se vão os bons e que fiquem os maus.

Longe de nós desprezar os médiuns de efeitos físicos. Têm eles a sua razão de ser e o seu fim providencial; prestam incontestáveis serviços à ciência espírita; mas quando um médium possui uma faculdade que o põe em contacto com seres superiores, não compreendemos que dela abdique, ou que deseje outras, a não ser por ignorância: Porque, muitas vezes, a ambição de querer ser tudo, faz com que se acabe nada sendo.

Médiuns interesseiros

Em nosso artigo sobre as dificuldades dos médiuns, colocamos a cupidez no rol dos entraves que podem abrir brecha aos Espíritos imperfeitos. Não será inútil desenvolver tal assunto.

Na primeira linha dos médiuns interesseiros devem colocar-se aqueles que poderiam fazer de sua faculdade

uma profissão, dando aquilo que se costuma chamar de sessões ou consultas remuneradas. Não os conhecemos, pelo menos na França. Como, porém, tudo pode tornar-se objeto de exploração, não seria de admirar que um dia quisessem explorar os Espíritos. Resta saber como a coisa seria feita e se jamais a introdução de uma tal exploração seria tentada. Mesmo sem iniciação ao Espiritismo, compreende-se quanto isto representa de aviltante; mas quem quer que conheça um pouco quanto é difícil aos bons Espíritos vir comunicar-se conosco e quão pouco é preciso para os afastar, bem como a sua repulsa por tudo quanto represente interesse egoístico, jamais poderá admitir que os Espíritos superiores sirvam ao capricho do primeiro que os evocasse a tanto por hora. O simples bom senso repele uma tal suposição. Não será ainda uma profanação evocar pai, mãe, filhos e amigos por semelhante meio? Sem dúvida que por tal meio se podem ter comunicações; mas só Deus sabe de que fonte! Os Espíritos levianos, mentirosos, travessos, zombeteiros e toda a caterva de Espíritos inferiores vêm sempre; estão sempre prontos a tudo responder. São Luís nos dizia outro dia, na Sociedade: "Evocai um rochedo e ele vos responderá".

Quem quiser comunicações sérias deve edificar-se antes de tudo quanto à natureza das simpatias do médium com os seres de além-túmulo; é muito medíocre a confiança que podemos ter nas que são dadas pelo engodo do lucro.

Médiuns interesseiros não são apenas os que podem exigir um preço fixo: o interesse nem sempre se traduz na esperança de um lucro material, mas ainda nos pontos de vista ambiciosos de qualquer natureza, sobre os quais pode fundar-se a esperança pessoal. É ainda um tropeço que os Espíritos zombadores sabem apanhar muito bem, e de que se aproveitam com uma destreza e com uma desfaçatez verdadeiramente notáveis, embalan-

do enganadoras ilusões naqueles que assim se colocam sob sua dependência.

Em resumo, a mediunidade é uma faculdade dada para o bem e os bons Espíritos se afastam de quem quer que pretenda transformá-la em escada para alcançar seja o que for que não corresponda aos desígnios da Providência. O egoísmo é a chaga da sociedade; os bons Espíritos o combatem e, pois, não é possível supor que venham servi-lo. Isto é tão racional que sobre tal ponto inútil seria ainda insistir.

Os médiuns de efeitos físicos não estão na mesma categoria: seus efeitos são produzidos por Espíritos inferiores pouco escrupulosos quanto aos sentimentos morais; então um médium dessa natureza, que quisesse explorar a sua faculdade poderia encontrar os que o assistissem sem muita repugnância. Aí, porém, apresenta-se um outro inconveniente. Assim como o médium de comunicações inteligentes, o de efeitos físicos não recebeu sua faculdade para seu prazer; esta lhe foi dada com a condição de lhe fazer bom uso; e se abusar, a mesma lhe pode ser retirada ou transformada em seu prejuízo, porque, em definitivo, os Espíritos inferiores estão às ordens dos Espíritos superiores. Os inferiores gostam de mistificar, mas não gostam de ser mistificados; se de boa vontade se prestam para as coisas de curiosidade e de brincadeira, como os demais não gostam de ser explorados e, a cada momento, provam que têm a sua vontade, que agem quando e como bem entendem, o que faz com que o médium de efeitos físicos esteja ainda menos seguro das manifestações que os médiuns escreventes. Pretender produzi-las em dias e horas predeterminadas seria dar mostras de profunda ignorância.

Que fazer então para ganhar o seu dinheiro? Simular os fenômenos. Eis o que pode acontecer, não só aos que disso fizessem uma profissão declarada, como também às criaturas aparentemente simples, que se limitam

a receber uma retribuição qualquer dos visitantes. Se o Espírito não dá, fornecem-na: a imaginação é muito fecunda quando se trata de ganhar dinheiro. É uma tese que desenvolveremos em artigo especial, a fim de por em guarda quanto à fraude.

Concluimos de tudo quanto procede que o mais absoluto desinteresse é a melhor garantia contra o charlatanismo, por isso que não há charlatães desinteressados; e se nem sempre assegura a bondade das comunicações inteligentes, tira aos maus Espíritos poderoso meio de ação e fecha a boca a certos detratores.



Processo para afastar os maus Espíritos

A intromissão dos Espíritos enganadores nas comunicações escritas é uma das maiores dificuldades do Espiritismo. Sabe-se, por experiência, que não têm eles nenhum escrúpulo em tomar nomes supostos, e, mesmo, nomes respeitáveis. Há meios de os afastar? Eis a questão. Para isto, certas pessoas empregam aquilo que poderíamos chamar "processos", isto é, fórmulas particulares de evocação, ou espécie de exorcismos, como por exemplo, fazê-los jurar em nome de Deus que dizem a verdade, fazê-los escrever certas coisas, etc. Conhecemos alguém que, a cada frase, obriga um Espírito a assinar o nome. Se este é o verdadeiro, escreve-o sem dificuldade; se não o é, pára no meio, sem poder concluí-lo. Vimos essa pessoa receber comunicações muito ridículas, de Espíritos que assinavam um nome falso com grande apurmo. Outras pessoas pensam que um meio eficaz é fazer confessar Jesus em carne, ou outras verdades da religião.

Ora, declaramos nós, se alguns Espíritos um pouco mais escrupulosos estacam ante a idéia de um perjúrio ou de uma profanação, outros juram tudo o que quisermos, assinam todos os nomes, riem-se de tudo e afrontam a presença dos mais venerados signos, de onde se conclui que entre as coisas que podem ser chamadas "processos" não há nenhuma fórmula e nenhum expediente material que possa servir de preservativo eficaz.

Neste caso dir-se-á que nada existe a fazer senão deixar de escrever. Este meio não seria o melhor. Longe disto, em muitos casos seria pior. Dissemos, e nunca seria demais repeti-lo, que a ação dos Espíritos sobre nós é incessante e não é menos real pelo fato de ser oculta. Se ela deve ser má, será ainda mais perniciosa, por isso que o inimigo estará escondido. Pelas comunicações escritas este se revela, se desmascara; ficamos sabendo com quem tratamos e podemos combatê-lo.

Mas se não há nenhum meio de o desalojar, que fazer então?

Não dissemos que não havia nenhum meio, mas apenas que a maior parte dos meios empregados são inoperantes. Eis a tese que nos propomos desenvolver.

É preciso não perder de vista que os Espíritos constituem todo um mundo, toda uma população que enche o espaço, circula ao nosso lado, mistura-se em tudo quanto fazemos. Se se viesse a levantar o véu que no-los oculta, vê-los-íamos, em redor de nós, indo e vindo, seguindo-nos, ou nos evitando segundo o grau de simpatia; uns indiferentes, verdadeiros vagabundos do mundo oculto, outros muito ocupados, consigo mesmos, quer com os homens, aos quais se ligam, com um propósito mais ou menos louvável, segundo as qualidades que os distinguem. Numa palavra, veríamos uma réplica do genero humano, com suas boas ou más qualidades, com suas virtudes e com seus vícios. Este acompanhamento, ao qual não podemos escapar, porque não há recanto bastante oculto para se

tornar inacessível aos Espíritos, exerce sobre nós, mau grado nosso, uma influência permanente. Uns nos impelem para o bem, outros para o mal; muitas vezes as nossas determinações são resultado de sua sugestão; felizes quando temos juízo bastante para discernir o bom e o mau caminho, por onde nos procuram arrastar.

Desde que os Espíritos não são senão os próprios homens despojados do seu invólucro grosseiro, ou almas que sobrevivem aos corpos, segue-se que há Espíritos, desde que há seres humanos no Universo. São uma das forças da natureza, e não esperaram que houvesse médiuns escreventes a fim de agir; e a prova é que, em todos os tempos os homens cometeram inseqüências, razão porque dizemos que sua influência independe da faculdade de escrever. Esta faculdade é um meio de conhecer aquela influência; de saber quais são os que vagueiam ao redor de nós, que se ligam a nós. Pensar que nos podemos subtrair a isto, abstendo-nos de escrever, é fazer como as crianças, as quais supõem que fechando os olhos escapam a um perigo. Revelando-nos aqueles que temos como acólitos, como amigos ou inimigos, a escrita nos oferece, pois, por isso mesmo, uma arma para combater estes últimos, pelo que devemos agradecer a Deus. Em falta da visão para reconhecer os Espíritos, temos as comunicações escritas, pelas quais eles mostram o que são. "Isto é para nós um sentido" que nos permite julgá-los. Repelir esse sentido é comprazer-se em ficar cego e exposto ao engano sem controle.

A intromissão dos maus Espíritos nas comunicações escritas não é, portanto, um perigo ao Espiritismo, pois que se perigo há, este existe sem isto, e é permanente. Nunca estaríamos suficientemente persuadidos desta verdade. Há apenas uma dificuldade, da qual, entretanto, fácil é triunfar, se a isto nos dedicarmos convenientemente.

Inicialmente podemos estabelecer como princípio

que os maus Espíritos aparecem onde alguma coisa os atrai. Assim, quando se misturam às comunicações, é que encontram simpatia no meio onde se apresentam ou, pelo menos, lados fracos, que esperam aproveitar; em todo caso está visto que não encontram uma força moral suficiente para os repelir. Entre as causas que os atraem devemos colocar, em primeiro lugar, as imperfeições morais de toda natureza, porque o mal sempre simpatiza com o mal; em segundo lugar a demasiada confiança com que são acolhidas as suas palavras.

Quando uma comunicação denota uma origem má, seria ilógico inferir daí uma paridade necessária entre o Espírito e os evocadores; freqüentemente vemos pessoas muito honestas expostas às velhacarias dos Espíritos enganadores, como acontece no mundo com as pessoas decentes, enganadas pelos patifes; mas quando tomamos precauções os patifes nada têm a fazer; é o que acontece também com os Espíritos. Quando uma pessoa direita é por eles enganada, pode sê-lo por duas causas: a primeira é uma confiança absoluta, que o leva a prescindir de todo o exame; a segunda, que as melhores qualidades não excluem certos lados fracos, e dão entrada aos maus Espíritos desejosos de descobrir as menores falhas da couraça. Não falamos do orgulho e da ambição, que são mais do que entraves: falamos de uma certa fraqueza de caráter e, sobretudo, dos preconceitos que esses Espíritos sabem explorar com habilidade, lisonjeando. É por isso que eles tomam todas as máscaras, a fim de inspirar mais confiança.

As comunicações francamente grosseiras são as menos perigosas, pois a ninguém podem enganar. As que mais enganam são as que têm uma falsa aparência de sabedoria ou de seriedade, numa palavra, a dos Espíritos hipócritas e pseudo-sábios. Uns podem enganar de boa fé, por ignorância, ou por fatuidade; outros apenas agem

por astúcia. Vejamos qual o meio de nos desembaraçar deles.

A primeira coisa é, inicialmente, não os atrair e evitar tudo quanto lhes possa dar acesso.

Como vimos, as disposições morais são uma causa preponderante. Entretanto, abstração feita desta causa, o modo empregado não deixa de ter influência. Há pessoas que têm por princípio jamais fazer evocações e esperar a primeira comunicação espontânea saída do lápis do médium. Ora, se nos recordamos daquilo que ficou dito sobre a massa muito misturada dos Espíritos que nos cercam, compreender-se-á sem dificuldade que é colocar-se à disposição do primeiro que vier, bom ou mau. E como nesta multidão os maus predominam em número sobre os bons, há mais chance de os ter maus; é exatamente como se abrissemos a porta a todos os que passam pela rua, enquanto que pela evocação fazemos a escolha e, cercando-nos de bons Espíritos, impomos silêncio aos maus, que poderão, apesar disto, procurar por vezes insinuar-se. Os bons chegam mesmo a permiti-lo a fim de exercitar a nossa sagacidade em os reconhecer. Neste caso sua influência será nula.

As comunicações espontâneas têm uma grande utilidade quando temos a certeza da qualidade do nosso séquito; então freqüentemente devemos felicitar a iniciativa deixada aos Espíritos. O inconveniente está apenas no sistema absoluto, que consiste em nos abstermos do apelo direto e das perguntas.

Entre as causas que influem poderosamente sobre a qualidade dos Espíritos que freqüentam os Centros, não deve ser omitida a natureza das coisas de que aí se ocupam. Aqueles que se propõem um fim sério e útil atraem por isso mesmo Espíritos sérios; os que não visam senão satisfazer uma vã curiosidade ou seus interesses pessoais, expõem-se, pelo menos, a mistificações, se não a coisa pior. Em resumo, das comunicações espíritas po-

demos tirar os mais sublimes e os mais úteis ensinamentos, desde que os saibamos dirigir. Toda a questão está em não nos deixarmos pegar pela astúcia dos Espíritos zombeteiros ou malévolos. Ora, para isto o essencial é saber com quem tratamos. Para começar escutemos a respeito os conselhos que o Espírito de São Luís dava à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, através do senhor R. . . , um dos seus bons médiuns. Trata-se de uma comunicação espontânea, recebida em sua casa, a fim de ser transmitida à Sociedade.

“Por maior que seja a legítima confiança que vos inspiram os Espíritos que presidem os vossos trabalhos, é recomendação nunca por demais repetida que deveis ter sempre presente em vossa mente, quando vos empregardes aos vossos estudos: pesai e refleti; submetei ao controle da razão mesmo a mais séria comunicação que receberdes; desde que uma resposta vos pareça duvidosa ou obscura, não vos esqueçais de pedir os necessários esclarecimentos a fim de vos orientardes.

“Sabeis que a revelação existiu desde os tempos mais remotos, mas foi sempre apropriada ao grau de adiantamento dos que a recebiam. Hoje não se trata de vos falar por imagens e parábolas: deveis receber nossos ensinamentos de uma maneira clara, precisa e sem ambigüidades. Seria, entretanto, muito cômodo nada ter que perguntar para esclarecer; aliás isto seria sair das leis do progresso, que presidem o adiantamento universal. Não vos admireis, pois, se para vos deixar o mérito da escolha e do trabalho, e também para punir as infrações que possais cometer aos nossos conselhos, que por vezes seja permitido que certos Espíritos, mais ignorantes que mal-intencionados, venham responder, em certos casos, às vossas perguntas. Em vez de vos ser isto um motivo de desencorajamento, deve ser um poderoso excitante para que procureis ardentemente a verdade. Ficaí, pois, bem convencidos de que, seguindo este caminho, não podereis

deixar de chegar a resultados felizes. Sede unidos de coração e de intenção; trabalhai todos; procurai, procurai sempre, e achareis”.

LUÍS

A linguagem dos Espíritos sérios e bons tem um cunho, com o qual é impossível nos enganarmos por menor que seja o nosso tato, o nosso raciocínio e o julgamento. Mesmo cobertos nas suas torpezas pelo véu da hipocrisia, os maus Espíritos jamais podem representar indefinidamente o seu papel. Mostram sempre a ponta do rabo. Do contrário, se sua linguagem não tivesse mácula, seriam bons Espíritos. A linguagem dos Espíritos é, pois, o verdadeiro critério pelo qual podemos julgá-los. Sendo a linguagem a expressão do pensamento, tem sempre um reflexo das boas ou más qualidades do indivíduo. Não é também pela linguagem que julgamos as pessoas que não conhecemos? Se recebermos vinte cartas de vinte pessoas que jamais vimos, não ficaríamos diversamente impressionados por sua leitura? Não será pelas qualidades do estilo, pela escolha das expressões, pela natureza dos pensamentos e, até, por certos detalhes de forma, que reconheceremos naquele que nos escreve o homem rústico ou bem educado, o cientista ou o ignorante, o orgulhoso ou o homem modesto? Dá-se absolutamente o mesmo com os Espíritos.

Suponhamos que sejam homens que nos escrevem, e julgemo-los da mesma maneira. Julguemo-los severamente, pois os bons Espíritos de modo algum sentir-se-ão ofendidos com esta escrupulosa investigação, de vez que são eles próprios que as recomendam como meio de controle. Sabemos que podemos ser enganados. Portanto nosso primeiro sentimento deve ser o de desconfiança. Os maus Espíritos nos procuram induzir em erro, podem temer o exame porque, longe de o provocar, querem ser acreditados sob palavra.

Deste princípio decorre muito natural e logicamente o meio mais eficaz de afastar os maus espíritos e de nos premunirmos contra as suas maldades. O homem que não é escutado deixa de falar; aquele que vê constantemente descobertas as suas astúcias, vai pregá-las alhures; o ladrão que sabe que estamos alerta não faz tentativas inúteis. Assim os Espíritos enganadores deixam a partida quando sabem que nada podem fazer, cu quando encontram pessoas vigilantes, que repelem tudo quanto lhes parece suspeito.

Para terminar, resta passar em revista os principais caracteres que denotam a origem das comunicações Espíritas.

1. — Como já dissemos em várias ocasiões, os Espíritos superiores têm uma linguagem sempre digna, nobre, elevada, sem qualquer mistura de trivialidade. Dizem tudo com simplicidade e modéstia, jamais se gabam, não exibem saber nem posição entre os outros. A dos Espíritos inferiores ou vulgares tem sempre algum reflexo das paixões humanas. Toda expressão que demonstra baixaza, suficiência, arrogância, fanfarronada, ou acrimônia é o indício característico de inferioridade e de embuste, desde que o Espírito se apresente com um nome respeitável e venerado.

2. — Os bons Espíritos só dizem o que sabem. Calam-se ou confessam sua ignorância relativamente ao que não sabem. Os maus de tudo falam com segurança, despreocupados com a verdade. Toda heresia científica notória, todo princípio que choca com a razão e o bom senso mostra fraude, desde que o Espírito se apresente como um esclarecido.

3. — A linguagem dos Espíritos elevados é sempre idêntica, senão na forma, pelo menos no conteúdo. Os pensamentos são os mesmos, em qualquer tempo e lugar. Podem ser mais ou menos desenvolvidos, conforme as circunstâncias, as necessidades e as facilidades de comu-

nicação, mas não serão contraditórios. Se duas comunicações com a mesma assinatura se encontrarem em oposição, uma delas será evidentemente apócrifa, e a verdadeira será aquela onde coisa alguma desminta o caráter conhecido do personagem. Quando uma comunicação apresenta caráter de sublimidade e de elevação, sem nenhuma falha, emana de um Espírito elevado, seja qual for o seu nome; se contiver uma mistura de bom e de mau, será de um Espírito ordinário, se se apresentar tal qual é; será de um Espírito impostor se se apresentar com um nome que não pode justificar.

4. — Os bons Espíritos jamais ordenam; não impõem; aconselham e se não forem escutados, retiram-se. Os maus são imperiosos: dão ordens e querem ser obedecidos. Todo Espírito que impõe trai a sua origem.

5. — Os bons Espíritos não adulam. Aprovam quando se faz o bem, mas sempre com reservas. Os maus fazem elogios exagerados, estimulam o orgulho e a vaidade, mesmo pregando a humildade, e procuram “exaltar a importância pessoal” daqueles a quem querem apanhar.

6. — Os Espíritos superiores estão acima das puerilidades em “todas as coisas”. Para eles o pensamento é tudo, a forma nada vale. Só os Espíritos vulgares podem ligar importância a certos detalhes incompatíveis com as idéias realmente elevadas. “Toda prescrição meticulosa” é sinal certo de inferioridade e de embuste da parte do Espírito que toma um nome importante.

7. — É preciso desconfiar dos nomes bizarros e ridículos, que tomam certos Espíritos, desejosos de impor-se à credulidade. Seria supremo absurdo tomar a sério estes nomes.

8. — Deve igualmente desconfiar-se daqueles que se apresentam com muita facilidade com nomes extremamente venerados, e não aceitar suas palavras senão com as maiores reservas. Aí principalmente é que é indispen-

sável um severo controle, porque freqüentemente é uma máscara que adotam para fazer crer em supostas relações íntimas com Espíritos de grande elevação. Por este meio lisonjeiam a vaidade, que exploram, a fim de induzir com freqüência a atitudes lamentáveis ou ridículas.

9. — Os bons Espíritos são muito escrupulosos nas atitudes que podem aconselhar. Em todo caso estas têm sempre um objetivo sério e eminentemente útil. Devemos, pois, considerar como suspeitas todas aquelas que não tiverem esse caráter, e refletir maduramente antes de a adotar.

10. — Os bons Espíritos só prescrevem o bem. Toda máxima, todo conselho que não estiver “estritamente conforme a pura caridade evangélica”, não pode ser obra de bons Espíritos. O mesmo acontece com toda a insinuação malévola, tendente a excitar ou alimentar sentimentos de ódio, de ciúme e de egoísmo.

11. — Os bons Espíritos jamais aconselham senão coisas perfeitamente razoáveis. Toda recomendação que se afaste da “linha reta do bom senso ou das leis imutáveis da natureza” denota um Espírito limitado e ainda sob a influência dos preconceitos terrenos. Conseqüentemente, pouco digno de confiança.

12. — Os Espíritos maus ou simplesmente imperfeitos ainda se traem por sinais materiais, com os quais não nos poderíamos enganar. Sua ação sobre o médium é por vezes violenta e provoca na sua escrita movimentos bruscos e sacudidos, uma agitação febril e convulsiva que contrasta com a calma e a suavidade dos bons Espíritos.

13. — Um outro sinal de sua presença é a obsessão. Os bons Espíritos jamais obsediam. Os maus se impõem em todos os momentos. É por isso que todo médium deve desconfiar da irresistível necessidade de escrever que dele se apodera nos mais inoportunos momentos. Jamais se trata de um bom Espírito, e ele não deve jamais ceder.

14. — Entre os Espíritos imperfeitos, que se misturam nas comunicações, alguns há, que por assim dizer, se insinuam furtivamente, como se para fazer uma brincadeira, mas que se retiram tão facilmente como vieram, desde que se faça a mais leve observação; outros, ao contrário, são tenazes, agarram-se ao indivíduo e não cedem senão contra a vontade e com persistência. Apoderam-se dele, subjugam-no e o fascinam a ponto de induzi-lo a praticar os mais grosseiros absurdos, como se fossem coisas admiráveis, felizes quando criaturas de sangue frio conseguem abrir-lhes os olhos, o que nem sempre é fácil, porque esses Espíritos têm a arte de inspirar a desconfiança e o afastamento de quem quer que os possa desmascarar. Daí se segue que devemos ter por suspeito de inferioridade e de más intenções todo Espírito que prescreve o afastamento das pessoas que podem dar bons conselhos. O amor próprio vem em seu auxílio, porque nos é custoso confessar que fomos vítimas de uma mistificação e reconhecer um velhaco naquele sobre cujo patrocínio sentíamos a glória de nos colocarmos. Esta ação do Espírito é independente da faculdade de escrever. Em falta da escrita, o Espírito malévolo tem mil e um modos de agir e enganar. Para ele a escrita é um meio de persuasão, mas não é uma causa; para o médium é um meio de esclarecer-se.

Passando todas as comunicações espíritas pelo controle das considerações precedentes, reconheceremos facilmente a sua origem e poderemos destruir a malícia dos Espíritos enganadores, os quais só se dirigem àqueles que se deixam enganar benevolmente. Se eles vissem que nos ajoelharíamos ante as suas palavras, disso tirariam partido como os simples mortais. A nós, pois, cabe provar-lhes que perdem o tempo. Acrescentemos que para isso a prece é poderoso auxílio; por ela chamamos sobre nós a assistência de Deus e dos bons Espíritos, aumentando nossa própria força. É conhecido o precei-

to: Ajuda-te e o céu te ajudará. Deus quer assistir-nos, mas com a condição de que, por nosso lado, façamos aquilo que é necessário.

A este preceito juntamos um exemplo. Um dia veio ver-me um senhor que eu não conhecia, e me disse que era médium. Recebia comunicações de um Espírito “muito elevado”, que o tinha encarregado de vir a mim, fazer uma revelação relativa a uma trama que, na sua opinião, era urdida contra mim, por parte de inimigos secretos que designou. E acrescentou: “quer que escreva em sua presença?” De boa vontade, respondi eu. Mas para começar, devo dizer-lhe que esses inimigos são menos temerosos do que o senhor supõe. Sei que os tenho. Quem não os tem? E os mais encarnizados em geral são aqueles a quem mais beneficiamos. Tenho consciência de jamais ter feito voluntariamente mal a alguém. Aqueles que me fizeram mal não poderão dizer o mesmo, e entre nós Deus será juiz. Contudo vejamos o conselho que aquele Espírito quer dar-me. Então aquele senhor escreveu o seguinte:

“Ordenei a C... (nome daquele senhor), que é o facho de luz dos bons Espíritos, dos quais recebeu a missão de a espalhar entre os seus irmãos, que fosse à casa do senhor Allan Kardec, o qual deverá crer cegamente no que eu lhe disser, porque estou entre os eleitos prepostos por Deus para velar pelo bem-estar dos homens e porque lhe venho anunciar a verdade...”

É bastante, disse-lhe eu, não vale a pena continuar. Este exórdio é suficiente para mostrar o tipo do Espírito com quem o senhor está tratando. Direi apenas uma palavra: Para um Espírito que quer ser astucioso ele está muito desajeitado.

Aquele senhor mostrou-se muito escandalizado do pouco caso que eu fazia do seu Espírito, que tinha tido a bondade de o tomar por algum arcanjo ou, pelo menos, por algum santo de primeira classe, vindo especialmente

para ele. Disse-lhe eu: Este Espírito mostra o tamanho das orelhas nas poucas palavras que acaba de escrever. Convenhamos que sabe muito mal esconder o seu jôgo. Para começar ordena. Portanto, quer ter o senhor, na sua dependência, o que é característico dos Espíritos obsessores; chama-o "facho de luz dos bons Espíritos", linguagem sofrivelmente enfática e ambígua, muito distanciada da simplicidade que caracteriza a dos bons Espíritos; por ela lisonjeia o seu orgulho, exalta a sua importância, o que basta para torná-lo suspeito. Ele se coloca sem nenhuma cerimônia entre os eleitos prepostos por Deus. Isto é jactância indigna de um Espírito realmente superior. Enfim me disse que devo crer "cegamente". Isto coroa a obra. Eis aí o estilo desses Espíritos mentirosos, que querem que os acreditemos sob palavra, pois sabem que num exame sério tudo têm a perder. Com um pouco mais de perspicácia poderia ter visto que não me vergo às belas palavras que vinha muito mal prescrevendo-me uma confiança cega. Daí concluo que o senhor é joguete de um Espírito que o mistifica e abusa da sua boa fé. Aconselho-o a prestar muita atenção a isto, porque se o senhor não se guardar, poderá ser vítima de uma ação prejudicial.

Não sei se aquele senhor aproveitou o aviso, porque nem o vi mais, nem ao seu Espírito. Eu não terminaria mais se fosse contar todas as comunicações deste gênero que me têm sido submetidas, por vezes muito seriamente como emanando dos maiores santos, da Virgem Maria e do próprio Cristo. E seria realmente curioso ver as torpezas levadas à conta destes nomes venerados. É preciso ser cego para enganar-se quanto à sua origem, quando basta, muitas vezes, uma única palavra equivocada ou um pensamento contraditório para descobrir o embuste. É simples trabalho de reflexão. Como exemplos notáveis em apoio disto aconselhamos os nossos leitores à

leitura dos artigos publicados neste livro: O falso padre Ambroise e Subjugados e obsidiados.

Manifestações físicas espontâneas

O PADEIRO DE DIEPPE

Os fenômenos pelos quais podem os Espíritos manifestar sua presença são de duas naturezas, que se designam como manifestações físicas e manifestações inteligentes. Pelas primeiras, os Espíritos atestam sua ação sobre a matéria; pelas segundas, revelam um pensamento mais ou menos elevado, conforme seu grau de depuração. Umas e outras podem ser espontâneas ou provocadas. São provocadas quando solicitadas pelo desejo e obtidas com o auxílio de pessoas com aptidão especial, isto é, dos médiuns. São espontâneas quando ocorrem naturalmente, sem nenhuma participação da vontade e, muitas vezes, na ausência de qualquer conhecimento e mesmo crença espírita. A esta ordem pertencem certos fenômenos que se não podem explicar pelas causas físicas ordinárias. Mas não nos devemos apressar, como já temos dito, em atribuir aos Espíritos tudo quanto é insólito e não se compreende. Nunca seria demais insistir sobre este ponto, a fim de pôr em guarda contra os efeitos da imaginação e, muitas vezes, do medo. Quando se produz um fenômeno extraordinário — repetimo-lo — o primeiro pensamento deve ser que tenha uma causa natural, por ser a mais freqüente e mais provável. Tais são, sobretudo, os ruídos e mesmo certos movimentos de objetos. Neste caso, o que é preciso fazer é buscar a causa;

e é provável que se a encontre muito simples e muito vulgar. Dizemos ainda, o verdadeiro e, por assim dizer, o único sinal real da intervenção dos Espíritos é o caráter intencional e inteligente do efeito produzido, quando esteja perfeitamente demonstrada a possibilidade de uma intervenção humana. Nessas condições, raciocinando conforme o axioma que todo efeito tem uma causa, e que todo o efeito inteligente deve ter uma causa inteligente, torna-se evidente que se a causa não estiver nos agentes ordinários dos efeitos materiais estará fora desses mesmos agentes; que a inteligência que se manifesta não for humana, deve estar fora da Humanidade.

Então há inteligências extra-humanas?

Parece provável. Se certas coisas não são e não podem ser obra dos homens, devem ser obra de alguém. Ora, se esse alguém não for um homem, parece que, necessariamente, deva estar fora da humanidade; e se não se o vê, deve ser invisível. É um raciocínio tão peremptório e tão fácil de compreender quanto o do sr. de la Palisse.

Então, quais são essas inteligências? Anjos ou demônios? E como inteligências invisíveis podem agir sobre a matéria visível? — É o que sabem perfeitamente aqueles que aprofundaram a ciência espírita, que não é aprendida num piscar de olhos, e que não se pode resumir em poucas linhas. Aos que fazem tal pergunta apresentaremos apenas isto: “Como o vosso pensamento, que é imaterial, move à vontade o vosso corpo que é material?” Pensamos que não vos embarçareis na solução deste problema, e que, se rejeitardes a explicação de fenômeno tão vulgar, dada pelo Espiritismo, é que tendes outra mais lógica a opor. Mas até agora não a conhecemos.

Vamos aos fatos que motivaram estas observações.

Vários jornais, entre outros a “Opinion Nationale”, de 14 de fevereiro de 1860, e o “Jornal de Rouen”, de 12

do mesmo mês, relatam o seguinte fato, conforme a “Vigie de Dieppe”. Eis o artigo do “Journal de Rouen”:

“A “Vigie de Dieppe” estampa a seguinte carta, de seu correspondente em Grandes-Ventes. Em nosso número de sexta-feira já assinalamos uma parte dos fatos hoje relatados neste jornal. Mas a emoção excitada na comuna por esses acontecimentos extraordinários nos leva a dar novos detalhes contidos nesta correspondência.

“Hoje rimos das histórias mais ou menos fantásticas do passado; e, em nossos dias, os pretensos feiticeiros não desfrutam de grande veneração. Não são mais acreditados em Grandes-Ventes que alhures. Contudo, nossos velhos preconceitos populares ainda têm alguns adeptos entre os bons moradores da vila; e a cena verdadeiramente extraordinária, que acabamos de testemunhar, vem a propósito para lhes fortificar a crença supersticiosa.

“Ontem pela manhã o sr. Goubert, um dos padeiros do nosso burgo, seu pai, que lhe serve de operário, e um jovem aprendiz, de dezesseis a dezessete anos, iam começar o trabalho rotineiro quando perceberam que vários objetos saíam espontaneamente de seu lugar para serem lançados na masseira. Assim tiveram que desembaraçar, sucessivamente, a farinha que trabalhavam, de vários pedaços de carvão, de dois pesos de tamanhos diversos, de um cachimbo e de uma vela. Mau grado sua extrema surpresa, continuaram a tarefa e tinham chegado a virar o pão, quando, de repente, um bocado de massa de dois quilos, escapando das mãos do jovem ajudante, foi lançado a alguns metros de distância. Isto foi o prelúdio e como que o sinal da mais estranha desordem. Eram cerca de nove horas e, até meio-dia, foi positivamente impossível ficar ao forno e na caixa de depósito. Tudo foi virado, derrubado, quebrado; os pães atirados à sala com as pranchas que os sustentavam, em meio a restos de toda a sorte, ficaram completamente inutilizadas; mais de trinta garrafas de vinho foram quebradas e, enquanto o

cabrestante da cisterna rodava sozinho com extrema velocidade, as brasas, as pás, os cavaletes e os pesos saltavam no ar e executavam as mais diabólicas evoluções.

“Ao meio-dia o tumulto cessou pouco a pouco e, horas depois, quando tudo entrou em ordem e as coisas foram arrumadas, o chefe da casa pôde retomar os trabalhos habituais.

“Este acontecimento estranho causou ao sr. Goubert uma perda de pelo menos cem francos.”

A este relato a “Opinion Nationale” adiciona as seguintes reflexões:

“Reproduzindo esta história singular, seria uma injúria aos leitores preveni-los contra os fatos sobrenaturais que ela relata. Sabemos perfeitamente que não é uma história do nosso tempo e que poderá escandalizar alguns dos doutos leitores de “Vigie”; mas, por mais inverossímil que pareça, não é menos verdadeira e, se necessário, centenas de pessoas poderão certificar sua exatidão.”

Confessamos não compreender bem as reflexões do jornalista, que parece contradizer-se. Por um lado, diz aos leitores que se previnam contra os fatos sobrenaturais e termina por dizer que, “por mais inverossímil que pareça não é menos verdadeira” e que “centenas de pessoas poderão certificar sua exatidão”. Uma de duas: ou é verdadeira, ou é falsa. Se falsa, tudo está dito; mas se verdadeira, como atesta a “Opinion Nationale”, o fato revela uma coisa muito séria para merecer ser tratada um tanto levemente. Coloquemos de lado a questão dos Espíritos e vejamos apenas um fenômeno físico. Não é bastante extraordinária para merecer a atenção de observadores sérios? Então que os sábios se ponham à obra e, escavando os arquivos da ciência, dela nos dêem uma explicação racional, irrefutável, com a razão de todas as circunstâncias. Se não o podem, força é convir que não conhecem todos os segredos da natureza. E se só a ciência

espírita dá a solução, será preciso optar entre a teoria que explica e a que nada explica.

Quando fatos desta natureza são relatados, nosso primeiro cuidado; antes mesmo de inquirir da realidade, é o de examinar se são ou não possíveis, conforme o que conhecemos sobre a teoria das manifestações espíritas. Citamos alguns, demonstrando-lhes a absoluta impossibilidade, notadamente a história contada no numero de fevereiro de 1859, segundo o "Journal des Débats", sob o título de "Meu Amigo Herman", à qual certos pontos da doutrina espírita poderiam ter dado uma aparência de probabilidade. Sob este ponto de vista, os fenômenos ocorridos com o padeiro das cercanias de Dieppe nada têm de mais extraordinário que muitos outros, perfeitamente verificados e cuja solução completa é dada pela ciência espírita. Assim, aos nossos olhos, se o fato não fosse verdadeiro, seria possível. Pedimos a um dos nossos correspondentes de Dieppe, no qual temos plena confiança, que se informasse da realidade. Eis o que nos responde:

"Hoje vos posso dar todas as informações que desejais, pois me informei em boa fonte. O relato de "Vigie" é a exata verdade. Inútil relatar todos os fatos. Parece que alguns homens de ciência vieram de longe para se darem conta dos fatos extraordinários, que não poderão explicar se não tiverem noção da ciência espírita. Quanto às pessoas de nossos campos, estão interditas. Uns dizem que são feiticeiros; outros que é porque o cemitério mudou de lugar e que sobre ele fizeram construções; e os mais espertos, que passam entre os seus por tudo saber, principalmente se forem militares, acabam dizendo: Por Deus! Não sei como isto acontece! Inútil dizer que não deixam de atribuir larga participação do diabo. Para dar a compreender todos esses fenômenos à gente do povo, seria necessário tentar iniciá-los na verdadeira ciência espírita. Seria o único meio de erradicar entre eles a crença nos feiticeiros e em todas as idéias supersticiosas,

que ainda por muito tempo constituem o maior obstáculo à sua moralização”.

Terminaremos com uma última observação.

Ouvimos de algumas pessoas que não queriam ocupar-se de Espiritismo com receio de atrair os Espíritos e provocar manifestações do gênero das que acabamos de relatar.

Não conhecemos o padeiro Goubert, mas cremos poder afirmar que nem ele, nem seu pai e o seu ajudante jamais se ocuparam com os Espíritos. É mesmo para notar que as manifestações espontâneas se produzem de preferência entre pessoas que nenhuma idéia fazem do Espiritismo, prova evidente que os Espíritos vêm sem ser chamados. Mais ainda: o conhecimento “esclarecido” desta ciência é o melhor meio de nos preservarmos dos Espíritos importunos, porque indica a “única” maneira racional de os afastar.

Nosso correspondente está perfeitamente certo ao dizer que o Espiritismo é um remédio contra a superstição. Com efeito, não é superstição crer que esses estranhos fenômenos sejam devidos à mudança do cemitério? A superstição não consiste da crença num fato, quando verificado; mas na causa irracional atribuída ao fato. Está, sobretudo, na crença em pretensos meios de adivinhação, no efeito de certas práticas, na virtude dos talismãs, nos dias e horas cabalísticos, etc., coisas estas cujo absurdo e ridículo o Espiritismo demonstra.

Superstição

Lemos no “Siècle” de 6 de abril de 1860:
Um senhor Felix N. . . , jardineiro das proximidades

de Orleans, passava por ter a habilidade de isentar os conscritos do sorteio, isto é, de os fazer alcançar um bom número. Prometeu a um tal de Frédéric Vincent P. . . , jovem vinhateiro de St. Jean-de-Braye, o fazer tirar o número que quisesse, mediante 60 francos, dos quais 30 adiantadamente e 30 após o sorteio. O segredo consistia em rezar três "Pater" e três "Ave" durante nove dias. Além disso, o feiticeiro afirmava que, graças ao que fazia de sua parte, a coisa favorecia ao conscrito e o impediria de dormir durante a última noite, mas ficaria isento. Infelizmente o encanto não funcionou: o conscrito dormiu como de costume e tirou o número 31, que o fez soldado. Repetidos os fatos duas vezes, o segredo não foi mantido e o feiticeiro Felix foi levado à justiça".

Os adversários do Espiritismo o acusam de despertar idéias supersticiosas. Mas, que é o que há de comum entre a doutrina que ensina a existência do mundo invisível, comunicando-se com o visível a fatos da natureza do que relatamos, que são os verdadeiros tipos de superstição? Onde jamais se viu o Espiritismo ensinar semelhantes absurdos? Se os que o atacam sob tal respeito se tivessem dado ao trabalho de o estudar antes de o julgar tão levemente, saberiam que não só condena todas as práticas divinatórias, mas lhes demonstra a nulidade. Portanto, como temos dito muitas vezes, o estudo sério do Espiritismo tende a destruir as crenças realmente supersticiosas. Na maioria das crenças populares há, quase sempre, um fundo de verdade, mas desnaturado, amplificado. São os acessórios, as falsas aplicações que, a bem dizer, constituem a superstição. Assim é que os contos de fadas e de gênios repousam sobre a existência de Espíritos bons ou maus, protetores ou malévolos; que todas as histórias de aparições têm sua fonte no fenômeno muito real das manifestações espíritas, visíveis e, mesmo, tangíveis. Tal fenômeno, hoje perfeitamente verificado e "explicado", entra na categoria dos fenômenos naturais, que

são uma conseqüência das leis eternas da criação. Mas o homem raramente se contenta com a verdade que lhe parece muito simples; ele a reveste com todas as quimeras criadas pela imaginação e é então que cai no absurdo. Vêm depois os que tem interesse em explorar essas mesmas crenças, às quais juntam um prestígio fantástico, próprio a servir aos seus objetivos. Daí essa turba de adivinhos, de feiticeiros, de ledores da sorte, contra os quais a lei se ergue com justiça. O Espiritismo verdadeiro, racional, não é, pois, mais responsável pelo abuso que dele possam fazer, do que o é a medicina pelas formulas ridículas e práticas empregadas por charlatães e ignorantes. Ainda uma vez antes de o julgar, dai-vos ao trabalho de o estudar.

Concebe-se o fundo de verdade de certas crenças. Mas talvez se pergunte sobre que pode repousar a que deu lugar o fato acima, crença muito espalhada no nosso interior, como se sabe. Parece-nos que tem sua origem no sentimento intuitivo dos seres invisíveis aos quais se é levado a atribuir um poder que, por vezes, não têm. A existência de Espíritos enganadores, que pululam à nossa volta, por força da inferioridade do nosso globo, como insetos daninhos num pântano, e que se divertem à custa dos crédulos, em lhes predizer um futuro quimérico, sempre próprio a adular seus gostos e desejos, é um fato do qual temos provas diárias pelos médiuns atuais. O que se passa aos nossos olhos aconteceu em todas as épocas, por meio das comunicações em uso conforme o tempo e o lugar. Eis a realidade. Com o auxílio do charlatanismo e da cupidez, a realidade passou para o estado da crença supersticiosa.



O Livro dos Médiuns

Há muito tempo anunciado, mas com a publicação

retardada por força de sua mesma importância. Ele constitui o complemento do "Livro dos Espíritos" e encerra a parte experimental do Espiritismo, assim como este último encerra a parte filosófica.

Nesse trabalho, fruto de longa experiência e de estudos laboriosos, procuramos esclarecer todas as questões que se ligam à prática das manifestações. De acordo com os Espíritos, contém a explicação teórica dos diversos fenômenos e das condições em que os mesmos se podem produzir. Mas a parte concernente ao desenvolvimento e ao exercício da mediunidade foi de nossa parte objeto de particular atenção.

O Espiritismo experimental é cercado de muito mais dificuldade do que geralmente se pensa; e os escolhos aí encontrados são numerosos. Eis o que ocasiona tantas decepções aos que dele se ocupam, sem experiência e conhecimentos necessários. Nosso objetivo foi de premunir contra esses escolhos, os quais nem sempre deixam de encerrar inconvenientes para quem quer que se aventure imprudentemente por esse terreno novo. Não podíamos esquecer esse ponto capital: e o tratamos com o cuidado exigido por sua importância.

Os inconvenientes quase sempre se originam da leviandade com que é tratado problema tão sério. Os Espíritos, sejam quais forem, são as almas dos que viveram; em seu meio estaremos infalivelmente, mais dia, menos dia; todas as manifestações espíricas, inteligentes, ou outras, têm, assim, por objeto pô-los em contato com essas almas. Se respeitamos os seus restos mortais, com mais forte razão devemos respeitar o ser inteligente que sobrevive, e que constitui a verdadeira individualidade. Transformar as manifestações em puro jogo é faltar com o respeito que, talvez, um dia, reclamemos para nós próprios, e que jamais é violado impunemente.

Já passou o primeiro momento de curiosidade causada por esses estranhos fenômenos: hoje que se lhes

conhece a fonte, evitemos profaná-la com brincadeiras impróprias e esforcemo-nos por nela bebermos o ensinamento adequado a nos assegurar a felicidade futura. O campo é muito vasto e o objetivo muito importante para prender toda a nossa atenção. Até hoje os nossos esforços tenderam para fazer entrar o Espiritismo neste caminho sério. Se esta nova obra, tornando-a ainda melhor conhecida, puder contribuir para impedir o desvio de seu fim providencial, estaremos largamente recompensados de nossos cuidados e de nossas vigílias.

Este trabalho que não dissimulamos, levantará mais de uma crítica da parte daqueles a quem desagrada a severidade dos princípios, bem como dos que, vendo as coisas de um outro ponto de vista, já nos acusam de querermos fazer escola no Espiritismo. Se é fazer escola procurar nesta ciência o fim útil e proveitoso para a Humanidade, nós teríamos o direito de nos sentirmos envaidecidos com a acusação. Mas uma tal escola não necessita de outro chefe senão o bom senso das massas e a sabedoria dos bons Espíritos, que a teriam criado sem a nossa intervenção. Eis porque declinamos da honra de a ter fundado, sentindo-nos, ao contrário, felizes de nos colocarmos sob sua bandeira; aspiramos apenas o modesto título de propagandista. Se um nome é necessário, escreveremos em seu frontespício: "Escola do Espiritismo moral e filosófico", com o que concordam todos quantos temos necessidade de esperanças e de consolações.

ALLAN KARDEC

O Espírito batedor de Aube

Transmite-nos um dos nossos assinantes detalhes muito interessantes sobre manifestações que se passaram,

e se passam ainda agora, numa localidade do departamento de Aube, cujo nome silenciaremos, uma vez que a pessoa em cuja casa ocorrem os fenômenos não gosta de ser assaltada por numerosas visitas de curiosos, que não deixariam de ir procurá-la. Essas manifestações barulhentas já lhe atraíram muitos dissabores. Aliás o nosso correspondente nos conta os fatos como testemunha ocular e nós o conhecemos bastante para sabê-lo digno de confiança.

Extraímos as passagens mais interessantes do seu relato.

“Há quatro anos, em 1856, na cidade onde resido, em casa do sr. R. . . , deram-se manifestações que, até certo ponto, lembram as de Bergzabern; então eu não conhecia aquele senhor; só mais tarde travamos conhecimento, de sorte que é por informações que sei dos fatos então ocorridos. As manifestações haviam cessado e o sr. R. . . julgava-se livre das mesmas quando, há pouco tempo, recomeçaram como outrora. Então pude ser testemunha durante alguns dias seguidos. Assim, contarei o que vi:

“A pessoa que é objeto dessas manifestações é o filho do sr. R. . . , de dezesseis anos e que, portanto, tinha doze quando as manifestações ocorreram pela primeira vez. É um rapaz de inteligência excessivamente acanhada que não sabe ler nem escrever e que raramente sai de casa. Quanto às manifestações ocorridas na minha presença, com exceção do balanço do leito e da suspensão magnética, o Espírito imitou mais ou menos em tudo o de Bergzabern: as pancadas e as arranhaduras foram as mesmas; assoviava, imitava o ruído da lima e da serra e atirou através do quarto pedaços de carvão vindos não se sabe de onde, pois não havia carvão no cômodo onde nos encontrávamos. Os fenômenos geralmente se produzem desde o momento em que o menino está deitado e começa a dormir. Durante o sono fala ao Espírito com autori-

dade e toma o tom de comando de um oficial superior, orgulhosamente posto jamais haja assistido a exercícios militares: simula um combate, comanda e manobra, conquista a vitória e se julga nomeado general no campo da batalha. Quando ordena ao Espírito que dê umas tantas pancadas, acontece, por vezes, que este dá mais do que lhe é ordenado. O menino pergunta: "Como farás para tirar as pancadas que deste a mais? Então o Espírito se põe a raspar, como se apagasse. Quando o menino comanda fica numa grande agitação e por vezes grita tão forte que a voz se extingue numa espécie de estertor. Sob comando o Espírito bate todas as marchas francesas e estrangeiras, mesmo a dos chineses. Não lhes pude verificar a exatidão, pois não as conheço. Mas freqüentemente acontecia que o menino dissesse: Não é assim! Recomece! E o Espírito obedecia. Devo dizer de passagem que, durante o sono e comandando, o menino é muito grosseiro.

"Uma noite eu assistia a uma dessas cenas. Havia cinco horas que o rapaz se achava em grande agitação. Experimentei acalmá-lo por meio de passes magnéticos. Logo, porém, tornou-se furioso e o Espírito batedor de Aube revolveu toda a cama. No dia seguinte deitou-se à minha chegada e, como de costume, adormeceu em poucos minutos. Então as pancadas e arranhaduras começaram. De repente disse ao Espírito: "Vem cá; eu vou te adormecer." E com grande surpresa nossa, magnetizou-o apesar da resistência do Espírito, que parecia recusar-se, segundo depreendo de sua conversação. Depois dispersou, desmagnetizando-o como o teria feito um profissional. Percebi, então, que dava a impressão de recolher muito fluido, que me atirou em cima, apostrofando-me e injuriando-me. Ao despertar não tinha a menor idéia do que se havia passado.

"Longe de se atenuarem, os fatos se agravaram mais e mais de modo aflitivo, para desespero do Espírito, que certamente teme perder o domínio que exerce sobre

o rapaz. Quis perguntar-lhe o nome e os antecedentes, mas só obtive mentiras e blasfêmias. É aqui ocasião de advertir que fala pela boca de um rapaz que lhe serve de médium falante. Em vão tentei despertar-lhe melhores sentimentos por meio de boas palavras: responde-me que a prece de nada lhe serve; que experimentou aproximar-se de Deus, mas só encontrou gelo e nevoeiro. Então me chama de beato e, sempre que oro mentalmente, observo que se enfurece e bate com redobrada intensidade. Diariamente traz objetos muito volumosos, cobre, ferro, etc., etc. Quando lhe pergunto onde os obtém, responde que os tira de gente desonesta. Se lhe prego moral fica irado. Uma noite me disse que se eu insistisse quebraria tudo; que não iria antes da Páscoa. Depois cuspiu-me no rosto. Perguntado por que motivo assim se ligava ao jovem R..., respondeu: "Se não fosse este seria um outro." O próprio pai não está livre dos assaltos desse Espírito malévolos. Muitas vezes seu trabalho é interrompido porque aquele lhe bate, puxa-lhe os roupas e o belisca até sangrar.

"Fiz o que foi possível, mas já não tenho recursos. Ademais, é tanto mais difícil obter bons resultados quanto é certo que o sr. e a sra. R..., a despeito do desejo de livrar-se do Espírito, que lhes ocasionou verdadeiros prejuízos, e são obrigados a trabalhar para viver, não me ajudam, pois sua fé em Deus não tem muita consistência".

Omitimos uma porção de detalhes que apenas corroborariam aquilo que temos referido. Contudo dissemos o bastante para mostrar que se pode dizer desse Espírito, como de certos malfeitores: é da pior espécie.

Na sessão da Sociedade de 9 de novembro último, a respeito foram dirigidas as seguintes perguntas a São Luís:

1. — Teríeis a bondade de dizer-nos alguma coisa sobre o Espírito que obsidia o jovem R...?

— A inteligência do moço é das mais fracas; e,

quando o Espírito dele se apodera, fica completamente alucinado, tanto mais quanto mais mergulhado no sono. Assim, o raciocínio nada pode sobre o seu cérebro. Então se entrega à obsessão desse Espírito turbulento.

2. — Pode um Espírito relativamente superior exercer sobre outro uma ação magnética e paralisar as suas faculdades?

— Um bom Espírito nada pode sobre outro a não ser moralmente; nunca fisicamente. A fim de paralisar pelo fluido magnético terá que agir sobre a matéria; e o Espírito não é matéria semelhante a um corpo humano.

3. — Como então pretende o jovem R... magnetizar o Espírito e o adormecer?

—Ele assim o imagina, e o Espírito se presta à ilusão.

4. — Deseja o pai saber se não haveria um meio de se desembaraçar desse hóspede importuno; se ainda por muito tempo seu filho estaria sujeito a essa prova?

— Quando o jovem estiver desperto dever-se-á, junto com ele, evocar bons Espíritos, a fim de com estes o pôr em contato e, por tal meio, afastar os maus, que o obsidiam durante o sono.

5. — Poderíamos agir assim, evocando, por exemplo, esse Espírito, a fim de o moralizar ou, talvez, o próprio Espírito do rapaz?

— Talvez não seja possível no momento: são ambos muito materializados. É necessário agir diretamente sobre o corpo do ser vivo, por meio da presença de bons Espíritos, que virão para ele.

6. — Não compreendemos bem a resposta.

— Digo que é necessário chamar o concurso de bons Espíritos, que poderão tornar o rapaz menos acessível às impressões dos maus Espíritos.

7 — Que poderemos fazer por ele?

— O mau Espírito que o obsidia não o largará facilmente, desde que não é fortemente repellido por nin-

guém. Vossas preces, vossas evocações são fraca arma contra ele. Seria necessário agir direta e materialmente sobre a pessoa a quem ele atormenta. Podeis orar, pois a prece é sempre boa. Não o conseguireis, entretanto, por vós mesmos, se não fordes secundados por aqueles mais interessados no caso, a saber, os pais. Infelizmente estes não têm aquela fé em Deus que centuplica as forças e Deus não escuta senão aqueles que a Ele se dirigem com confiança. Assim, não podem queixar-se de um mal que para ser evitado nada fazem.

8 — Como conciliar a sujeição desse jovem sob o império de tal Espírito, com a autoridade que sobre ele exerce, de vez que ordena e o Espírito obedece?

— O Espírito desse moço é pouco adiantado moralmente, mas o é mais do que se pensa em inteligência. Em outras existências abusou de sua inteligência, não dirigida para um fim moral, mas, ao contrário, para objetivos ambiciosos. Agora encontra-se em punição num corpo que lhe não permite livre curso à inteligência e o mau Espírito aproveita a sua fraqueza: deixa-se comandar em coisas sem consequência porque o sabe incapaz de lhe ordenar coisas sérias e o diverte. A Terra formiga de Espíritos assim, em punição em corpos humanos. Eis porque há tantos males de todos os matizes.

Observação: A observação vem em apoio a esta explicação. Durante o sono, o menino mostra uma inteligência incontestavelmente superior à de seu estado normal, o que prova um desenvolvimento anterior, mas reduzido a estado latente sob esse novo envoltório grosseiro. É só nos momentos de emancipação da alma, nos quais não sofre tanto a influência da matéria, que sua inteligência se expande e no qual também exerce uma espécie de autoridade sobre o ser que o subjuga. Mas reduzido ao estado de vigília, suas faculdades se anulam sob o invólucro material que a constriuge. Não está aí um ensino moral prático?

Testemunhado o desejo de evocar esse Espírito mas nenhum dos médiuns presentes se preocupa em servir-lhe de intérprete. A Mlle. Eugénie, que também havia mostrado repugnância, repentinamente tomou do lápis num movimento involuntário e escreveu:

1. — Não queres? Ah! tu escreverás. Pensas que não te dominarei. Pois bem: eis-me aqui. Mas não te espantes. Eu te farei ver minhas forças.

Nota: Então o Espírito faz o médium desferir um soco sobre a mesa e quebrou vários lápis.

2. — Já que está aqui, diga-nos por que motivo se ligou ao filho do sr. R...?

— Parece que eu teria de lhe fazer confidências. Para começar, sabei que tenho uma grande necessidade de atormentar alguém. Um médium que fosse razoável repelir-me-ia: ligo-me a um idiota que me não opõe a menor resistência.

3. — Nota. Alguém faz uma reflexão que, a despeito desse ato de covardia, o Espírito não deixa de ter inteligência. Este responde sem que se lhe tenha feito perguntas diretas:

— Um pouco. Não sou tão tolo quanto pensais.

4 — Que era você em vida?

— Não era grande coisa: um homem que fez mais mal do que bem, pelo que é cada vez mais castigado.

5 — Desde que você é punido por ter feito o mal, deve compreender a necessidade de fazer o bem. Não querará buscar as suas melhoras?

— Se quisesdes ajudar-me, eu perderia menos tempo.

6. — Não pedimos mais que isso. Necessário, porém, é que você tenha vontade. Ore conosco: isto o ajudará.

— (Aqui o Espírito dá uma resposta blasfema).

7. — Chega! Não queremos ouvir mais. Esperávamos despertar em ti alguns sentimentos bons. Foi com este objetivo que o chamamos. Desde, porém, que

respondes a nossa benevolência com palavras vis, podes retirar-te.

— Ah! aqui para a vossa caridade! Porque me foi possível resistir um pouco, vejo que essa caridade logo estaca. É que não valeis nada. Sim: poderíeis moralizar-me mais do que pensais, se soubésseis vos conduzir, para começar, no interesse do idiota que sofre, do pai, que não se preocupa muito e finalmente no meu, se assim vos agrada.

8 — Diga-nos o seu nome, a fim de que possamos designá-lo.

— Oh! meu nome pouco vos importa: chamai-me, se quiserdes, o Espírito do jovem idiota.

9 — Se queríamos que você cessasse é porque disse uma palavra sacrílega.

— Ah! ah! o senhor chocou-se! Para saber o que há na lama é preciso removê-la.

10 Alguém observa: — Esta imagem é digna do Espírito; é ignóbil.

— Quereis poesia, moço? Ei-la: para sentir o perfume da rosa é necessário cheirá-la.

11 — Desde que você disse que poderíamos ajudá-lo, um dos presentes se oferece para o instruir. Quer atendê-lo quando for evocado?

— Para começar quero ver se me convém. (Depois de uns instantes de reflexão acrescenta): — Sim; irei.

12 — Por que se enfurecia o filho do sr. R..., quando o sr. L... queria magnetizá-lo?

— Não era ele quem se encolerizava; era eu.

13. — Por que?

— Não tenho nenhum poder sobre esse homem, que me é superior: por isso não posso suportá-lo. Ele quer arrebatá-me aquele que tenho sob meu domínio. E isto eu não quero.

14. — Você deve ver em seu redor Espíritos mais felizes que você. Sabe por que?

— Sim, o sei; são melhores do que eu.

15. — Compreende então que se em lugar de fazer o mal, fizesse o bem, você seria feliz como eles?

— Não desejava mais que isso, mas é difícil fazer o bem.

16. — Talvez difícil para você, mas não impossível. Compreende que a prece pode exercer grande influência em sua melhora?

— Não digo que não; refletirei. Chamai-me algumas vezes.

Observação: Como se vê, o Espírito não desmentiu o seu caráter. Entretanto mostrou-se menos recalcitrante no fim, o que prova que não é inteiramente impermeável ao raciocínio. Nele há, pois, o recurso: mas é preciso um concurso de vontade ora inexistente a fim de o dominar inteiramente. Isto deve ser um ensinamento para as pessoas que poderiam achar-se em casos análogos.

Sem dúvida esse Espírito é muito mau e pertence às camadas inferiores do mundo espírita. Pode dizer-se que é brutalmente mau e que em seres semelhantes há mais recursos que nos hipócritas. Sem sombra de dúvida são muito menos perigosos que os Espíritos fascinadores que, com o auxílio de certa dose de inteligência e uma falsa aparência de virtude, sabem inspirar em certas pessoas uma cega confiança em suas palavras, confiança de que, mais cedo ou mais tarde serão vítimas, porque esses Espíritos jamais agem à vista do bem: têm sempre uma segunda intenção: O “Livro dos Médiuns” terá como resultado — assim o esperamos — pôr-nos em guarda contra suas sugestões, o que, seguramente, lhes não agradará. Como é bem de ver, entretanto, tão pouco nos inquietamos com sua má vontade quanto com a dos “Espíritos encarnados”, que podem suscitar contra nós. Do mesmo modo que os homens, os maus Espíritos não vêem com bons olhos aqueles que, desmascarando as suas torpezas, lhes tiram os meios de prejudicar.

Epidemia demoníaca na Sabóia

Há tempos os jornais falaram de uma monomania epidêmica declarada numa parte da Alta Sabóia e contra a qual falharam todos os recursos da medicina e da religião. O único meio que produziu resultados mais ou menos satisfatórios foi a dispersão dos indivíduos por diversas cidades.

A respeito recebemos do capitão B., membro da Sociedade Espírita de Paris, atualmente em Annecy, a carta que se segue:

“Annecy, 7 de março de 1862.

Sr. Presidente.

Querendo ser útil à Sociedade, tenho a honra de lhe remeter uma brochura, enviada por um de meus amigos, o dr. Caille, encarregado pelo ministro de acompanhar o inquérito feito pelo sr. Constant, inspetor das casas de alienados, sobre os casos “muito numerosos” de demonomania, observados na comuna de Morzine, departamento de Thonon, Alta Sabóia. Ainda hoje esta população se acha sob a influência da obsessão, a despeito dos exorcismos, dos tratamentos médicos, das medidas tomadas pelas autoridades e do internamento nos hospitais do departamento. Os casos diminuíram um pouco, mas não cessaram e o mal existe, por assim dizer, em estado latente. Querendo exorcizar estes infelizes, na maioria crianças, o cura mandou trazê-las à igreja, conduzidas por homens vigorosos. Apenas pronunciou as primeiras palavras latinas, produziu-se uma cena terrificante: gritos, saltos furiosos, convulsões, etc.; a tal ponto que mandaram chamar os soldados de polícia e uma companhia de infantaria para restabelecer a ordem.

“Não me foi possível obter todas as informações que desejava mandar-lhe hoje, mas os fatos me parecem bastante sérios e dignos de exame. O alienista dr.

Arthaud, de Lyon, leu o relatório da Sociedade médica desta cidade, o qual foi publicado pela "Gazette Médicale de Lyon" e que o sr. poderá obter através do seu correspondente. No hospital desta cidade temos duas senhoras de Morzine, em tratamento. O dr. Caille concluiu por uma afecção nervosa epidêmica, que escapa a toda espécie de tratamento e de exorcismo. Só o isolamento produziu bons resultados. Todos os infelizes obseados, em suas crises, pronunciam palavras sujas; dão saltos prodigiosos por cima das mesas, trepam em árvores, nos telhados e, às vezes, profetizam.

"Se tais fatos tivessem ocorrido nos séculos dezesseis e dezessete, nos conventos e nos campos, não é menos certo que no nosso século dezenove eles nos oferecem, a todos os espíritos, um assunto de estudo, do ponto de vista da obsessão epidêmica, generalizando-se e persistindo durante anos, pois o primeiro caso observado foi há cinco anos.

"Terei a honra de lhe enviar todos os documentos e informações que puder obter.

"Receba, etc.

"B."

As duas comunicações que se seguem foram dadas sobre o assunto, na Sociedade de Paris, por nossos Espíritos habituais.

"Não são médicos, mas magnetizadores, espiritualistas ou espíritas que deveriam ser mandados para dissipar a legião de Espíritos malévolos, extraviados no vosso planeta. Digo extraviados porque eles apenas passarão. Muito tempo a infeliz população, manchada ao seu impuro contacto, sofrerá moral e fisicamente. Onde o remédio? — perguntais. Surgirá do mal, porque os homens, apavorados por essas manifestações, acolherão com transporte o benéfico contacto com os bons Espíritos que os sucederão, como a aurora sucede a noite. Essa pobre população, ignorante de qualquer trabalho inte-

lectual, teria desconhecido as comunicações inteligentes dos Espíritos, e nem mesmo as teria percebido. A iniciação e os males causados por essa turba impura, abrem olhos fechados e as desordens, os atos de demência, são apenas o prelúdio da iniciação, porque todos devem participar da grande luz espírita. Não vos lamenteis por essa maneira cruel de proceder: tudo tem um fim e os sofrimentos devem fecundar, assim como as tempestades, que destroem a colheita de uma região, enquanto fertilizam outras.

GEORGES (Médium: sra. Costel).

“Os casos de demonomania, que agora ocorrem na Sabóia, já ocorreram em muitos outros lugares, notadamente na Alemanha, mas muito principalmente no Oriente. Esse fato anormal é mais característico do que pensais. Realmente ao observador atento revela uma situação análoga à que se manifestou nos últimos anos do paganismo. Ninguém ignora que quando o Cristo, nosso muito amado Mestre, encarnou-se na Judéia, sob os traços do carpinteiro Jesus, aquela região havia sido invadida por legiões de maus Espíritos que, pela possessão, como hoje, se apoderavam das classes sociais mais ignorantes, dos Espíritos encarnados mais fracos e menos adiantados, numa palavra, dos indivíduos que guardavam os rebanhos ou vagavam nas ocupações rurais. Não percebeis uma grande analogia entre a reprodução desses fenômenos idênticos de possessão? Ah! nisso existe um ensinamento muito profundo! e disso deveis concluir que cada vez mais se aproximam os tempos preditos e que o Filho do Homem em breve virá expulsar de novo a turba de Espíritos impuros que se abateram sobre a Terra, e reavivar a fé cristã, dando a sua alta e divina sanção às consoladoras revelações e aos regeneradores ensinamentos do Espiritismo. Voltando aos casos atuais de demonomania, é preciso lembrar que os cientistas, os médicos do século de Augusto trataram, conforme os processos hipo-

cráticos, os infelizes possessos da Palestina e que toda a sua ciência foi impotente ante esse poder desconhecido. Ora! ainda hoje todos os vossos inspetores de epidemias, os vossos mais notáveis alienistas, sábios doutores em materialismo puro, fracassam do mesmo modo ante essa doença exclusivamente moral, diante dessa epidemia que é só espiritual. Mas, que importa! meus amigos, vós, que fostes tocados pela graça nova, sabeis quanto esses males passageiros são curáveis pelos que têm fé. Esperai pois, esperai com confiança, a vinda daquele que já resgatou a Humanidade. A hora se aproxima; o Espírito precursor já está encarnado. Em breve, pois, o desenvolvimento completo desta doutrina, que tomou por divisa: "Fora da Caridade não há salvação!"

ERASTO (Médium: sr. d'Ambe)

Deve concluir-se então, do que precede, que não se trata de uma afecção orgânica, mas de uma influência oculta. Custa-nos tanto menos crer, quanto temos tido numerosos casos idênticos isolados, devidos à mesma causa: e o que o prova é que os meios ensinados pelo Espiritismo bastaram para fazer cessar a obsessão. Está demonstrado pela experiência que os Espíritos perversos não só agem sobre o pensamento, mas, também, sobre o corpo, com o qual se identificam e do qual se servem como se fosse o próprio; provocam atos ridículos, gritos, movimentos desordenados com toda a aparência da loucura ou da monomania. A explicação disso encontra-se em "O Livro dos Médiuns", no capítulo da obsessão e num próximo artigo citaremos alguns fatos que o demonstram de modo incontestável. Com efeito, é bem uma espécie de loucura, de vez que se pode dar este nome a todo estado anormal, em que o Espírito não age livremente. Neste ponto de vista, a embriaguez é uma verdadeira loucura accidental.

É necessário, pois, distinguir a "loucura patológi-

ca" da "loucura obsessional". A primeira é produzida por uma desordem nos órgãos da manifestação do pensamento. Notemos que, nesse estado de coisa, não é o Espírito que é louco: ele conserva a plenitude de suas faculdades, como demonstra a observação; apenas estando desorganizado o instrumento de que se serve para se manifestar; o pensamento ou, melhor dito, a expressão do pensamento é incoerente.

Na loucura obsessional não há lesão orgânica. É o próprio Espírito que se acha afetado pela subjugação de um Espírito estranho que o domina e comanda. No primeiro caso é preciso tentar curar o órgão doente; no segundo basta livrar o Espírito doente do hóspede importuno, a fim de lhe restituir a liberdade. Casos semelhantes são muito freqüentes e comumente tomam como loucura o que não passa de obsessão, para a qual deveriam empregar-se meios morais e não duchas. Pelo tratamento físico, e sobretudo pelo contacto dos verdadeiros alienados, muitas vezes tem sido determinada uma verdadeira loucura onde esta não existia.

Abrindo novos horizontes a todas as ciências, o Espiritismo vem, também, esclarecer a questão muito obscura das doenças mentais, assinalando uma causa que, até agora, não era levada em conta: causa real, evidente, provada pela experiência e cuja verdade mais tarde será reconhecida. Mas como levar a admitir-se tal causa pelos que estão sempre dispostos a mandar para o hospício quem quer que tenha a fraqueza de acreditar que temos alma e que esta representa um papel nas funções vitais, sobrevive ao corpo e pode atuar sobre os vivos?

Graças a Deus, e para o bem da Humanidade, as idéias espíritas fazem maior progresso entre os médicos do que era dado esperar e tudo leva a crer que, em futuro não muito remoto, a medicina sairá enfim da rotina materialista.

Os casos isolados de obsessão física ou de subjugação foram verificados. Compreende-se que, semelhantes a uma nuvem de gafanhotos, um bando de maus Espíritos pode cair sobre um certo número de criaturas, delas se apoderar e produzir uma espécie de epidemia moral. A ignorância, a fraqueza das faculdades, a falta de cultura intelectual naturalmente lhes oferece maior número de vítimas. Por isso eles atuam de preferência sobre certas classes, embora as pessoas inteligentes e instruídas nem sempre estejam isentas. Como diz Erasto, foi provavelmente uma epidemia que ocorreu ao tempo do Cristo, da qual por vezes se fala no Evangelho. Mas por que só a sua palavra bastava para expulsar os chamados demônios? Isto prova que o mal não podia ser curado senão por uma influência moral. Ora, quem poderá negar a influência moral do Cristo? Contudo, dirão, empregaram o exorcismo, que é um remédio moral e nada foi obtido. Se nada produziu é que o remédio nada vale e outro deve ser achado. Isto é evidente. Estudai o Espiritismo e compreendereis a razão. Só o Espiritismo, assinalando a verdadeira causa do mal, pode dar os meios de combater os flagelos de tal natureza.

Mas quando aconselhamos a estudá-lo, entendemos um estudo sério e não com a esperança de encontrar nele uma receita banal, para uso do primeiro que aparecer.

O que acontece na Sabóia, chamando a atenção, possivelmente apressará o momento em que será reconhecida a parte de ação do mundo invisível nos fenômenos da natureza. Uma vez entrando neste caminho, a ciência possuirá a chave dos mistérios e verá cair a mais formidável barreira que detém o progresso: o materialismo, que restringe o círculo da observação, em vez de o ampliar.

Estudo sobre os possessos de Morzine

CAUSAS DA OBSESSÃO E MEIOS DE COMBATE

As observações que fizemos sobre a epidemia que abateu, e abate ainda, a comuna de Morzine, na Alta Sabóia, não nos deixam dúvidas quanto à causa. Mas para apoiar nossa opinião devemos entrar em explicações preliminares, que melhor destacarão a analogia desse mal com os casos idênticos, cuja origem não poderia oferecer dúvidas a quem esteja familiarizado com os fenômenos espíritas e reconheça a ação do mundo invisível sobre a Humanidade.

Para tanto faz-se mister remontar à fonte do mesmo fenômeno e seguir-lhe a gradação, desde os casos mais simples e, ao mesmo tempo, explicar como ele se processa. Daí deduziremos muito melhor o meio de combater o mal. Posto que já tenhamos tratado do assunto no “Livro dos Médiuns”, no capítulo da obsessão, e em diversos artigos na “Revista”, aduziremos algumas considerações novas, que tornarão o assunto mais fácil de se entender.

O primeiro ponto que importa bem se compenetrar é o da natureza dos Espíritos, do ponto de vista moral. Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, e não sendo bons todos os homens, não é racional admitir-se que o Espírito de um perverso de súbito se transforme. Do contrário seria desnecessário o castigo na vida futura. A experiência confirma esta teoria ou, melhor dito, a teoria é fruto da experiência. Com efeito, mostram-nos as relações com o mundo invisível, ao lado dos Espíritos sublimes de sabedoria e de conhecimentos, outros ignóbeis, ainda com todos os vícios e paixões da Humanidade. Após a morte, a alma de um homem de bem será um bom Espírito; do mesmo modo encarnando-se, um bom Espírito se-

rá um homem de bem. Pela mesma razão, ao morrer, um homem perverso dará um Espírito perverso ao mundo invisível e um mau Espírito se encarnado não pode dar um homem virtuoso. E, assim, enquanto o Espírito não se houver depurado ou experimentado o desejo de se melhorar. Porque, uma vez entrado na via do progresso, pouco a pouco se despoja de seus maus instintos: eleva-se gradativamente na hierarquia dos Espíritos, até atingir a perfeição, acessível a todos, pois Deus não pode ter criado seres eternamente votados ao mal e à infelicidade. Assim, os mundos visível e invisível se penetram e alternam incessantemente; se assim podemos dizer, alimentam-se mutuamente; ou, melhor dito, esses dois mundos na realidade constituem um só, em dois estados diferentes. Esta consideração é muito importante para melhor compreender-se a solidariedade entre ambos existente.

Sendo a Terra um mundo inferior, isto é, pouco adiantado, resulta que a imensa maioria dos Espíritos que a povoam, tanto no estado errante, quanto encarnados, deve compor-se de Espíritos imperfeitos, que fazem mais mal que bem. Daí a predominância do mal na Terra. Ora, sendo a Terra, ao mesmo tempo, um mundo de expiação, é o contacto do mal que torna os homens infelizes, pois se todos os homens fossem bons, todos seriam felizes. É um estado ainda não alcançado por nosso globo; e é para tal estado que Deus quer conduzi-lo. Todas as tribulações aqui experimentadas pelos homens de bem, quer da parte dos homens, quer da dos Espíritos, são conseqüências deste estado de inferioridade. Poder-se-ia dizer que a Terra é a Botany-Bay (*) dos mundos: aí se encontram a

(*) Botany-Bay, bahia inglesa na costa da Nova Gales do Sul, perto de Sydney (Austrália), descoberta por Cook (1770). Foi aí que os ingleses fizeram os seus primeiros ensaios de colonização penal.

selvageria primitiva e a civilização, a criminalidade e a expiação.

É, pois, necessário imaginar-se o mundo invisível como formando uma população inumerável, compacta, por assim dizer, envolvendo a Terra e se agitando no espaço. É uma espécie de atmosfera moral, da qual os Espíritos encarnados ocupam a parte inferior, onde se agitam como num vaso. Ora, assim como o ar das partes baixas é pesado e malsão, esse ar moral é também malsão, porque corrompido pelos miasmas dos Espíritos impuros. Para resistir a isso são necessários temperamentos morais dotados de grande vigor.

Digamos, entre parênteses, que tal estado de coisas é inerente aos mundos inferiores. Mas estes seguem a lei do progresso e, atingindo a idade precisa, Deus os saneia, deles expulsando os Espíritos imperfeitos, que não mais se reencarnam e são substituídos por outros mais adiantados, que farão reinar a felicidade, a justiça e a paz. É uma revolução deste gênero que no momento se prepara.

Examinemos, agora, o modo de ação recíproca dos encarnados e desencarnados.

Sabemos que os Espíritos são revestidos de um envoltório vaporoso, que lhes forma um verdadeiro corpo fluídico, ao qual damos o nome de “perispírito”, e cujos elementos são tirados do fluido universal ou cósmico, princípio de todas as coisas. Quando o Espírito se une a um corpo, aí vive com seu perispírito, que serve de ligação entre o Espírito, propriamente dito, e a matéria corpórea: é o intermediário das sensações percebidas pelo Espírito. Mas esse perispírito não é confinado no corpo, como numa caixa. Por sua natureza fluídica, ele irradia exteriormente e forma em torno do corpo uma espécie de atmosfera, como o vapor que dele se desprende. Mas o vapor que se desprende de um corpo malsão é igualmente malsão, acre e nauseabundo, o que infecta o ar dos lugares

onde se reúnem muitas pessoas malsãs. Assim como esse vapor é impregnado das qualidades do corpo, o perispírito é impregnado das qualidades, ou seja, do pensamento do Espírito e irradia tais qualidades em torno do corpo.

Agora outro parêntese para responder a uma objeção oposta por alguns à teoria dada pelo Espiritismo do estado da alma. Acusam-no de materializar a alma, ao passo que, conforme a religião, a alma é puramente imaterial. Como a maior parte das outras, esta objeção provém de um estudo incompleto e superficial. Jamais o Espiritismo definiu a natureza da alma, que escapa às nossas investigações. Não diz que o perispírito constitui a alma: o vocábulo “perispírito” diz positivamente o contrário, pois especifica um envoltório em torno do Espírito. Que diz a respeito o “Livro dos Espíritos”? “Há no homem três coisas: a “alma” ou Espírito, princípio inteligente; o “corpo”, envoltório material; o “perispírito” envoltório fluídico semimaterial, servindo de laço entre o Espírito e o corpo”. E porque, com a morte do corpo, a alma conserva o envoltório fluídico, não está dito que tal envoltório e a alma sejam uma só e mesma coisa, pois que o corpo não é único com a roupa ou a alma não é uma com o corpo. A doutrina espírita nada tira à imaterialidade da alma: apenas lhe dá dois invólucros, em vez de um, durante a vida corpórea e só um após a morte do corpo, o que é, não uma hipótese, mas um resultado da observação. E é com o auxílio desse envoltório que melhor se compreende a sua individualidade e melhor se explica a sua ação sobre a matéria.

Voltemos ao assunto.

Por sua natureza fluídica, essencialmente móvel e elástica, se assim se pode dizer, como agente direto do Espírito, o perispírito é posto em ação e projeta raios pela vontade do Espírito. Por esses raios ele serve à transmissão do pensamento, porque de certa forma está animado

pelo pensamento do Espírito. Sendo o perispírito o laço que une o Espírito ao corpo, é por seu intermédio que o Espírito transmite aos órgãos, não a vida vegetativa, mas os movimentos que exprimem a sua vontade; é, também, por seu intermédio que as sensações do corpo são transmitidas ao Espírito. Destruído o corpo sólido pela morte, o Espírito não age mais e não percebe mais senão por seu corpo fluídico, ou perispírito. Por isso age mais facilmente e percebe melhor, desde que o corpo é um entrave. Tudo isso é ainda resultado da observação. Suponhamos agora duas pessoas próximas, cada qual envolvida por sua atmosfera "perispiritual". Deixem passar o neologismo. Esses dois fluidos põem-se em contacto e se penetram. Se forem de natureza simpática, interpenetram-se; se de natureza antipática, repelem-se e os indivíduos sentirão uma espécie de mal-estar, sem se darem conta; se, ao contrário, forem movidos por sentimentos de benevolência, terão um pensamento benevolente, que atrai. É por isso que duas pessoas se compreendem e se adivinham sem falar. Um certo "quê" por vezes diz que a pessoa que defrontamos é animada por tal ou qual sentimento. Ora, esse não sei "quê" é a expansão do fluido perispiritual da pessoa em contacto conosco, espécie de fio eléctrico condutor do pensamento. Desde logo compreende-se que os Espíritos, cujo envoltório fluídico é mais livre do que no estado de encarnação, não necessitam de sons articulados para se entenderem.

O fluido perispiritual do encarnado é, pois, acionado pelo Espírito. Se, por sua vontade, o Espírito, por assim dizer, dardeja raios sobre outro indivíduo, os raios o penetram. Daí a ação magnética mais ou menos poderosa, conforme a vontade, mais ou menos benfazeja, conforme sejam os raios de natureza melhor ou pior, mais ou menos vivificante. Porque podem, por sua ação, penetrar os órgãos e, em certos casos, restabelecer o estado

normal. Sabe-se da importância da influência das qualidades morais do magnetizador.

Aquilo que pode fazer um Espírito encarnado, dando seu próprio fluido sobre uma pessoa, pode, igualmente, fazê-lo um desencarnado, desde que tenha o mesmo fluido. Deste modo pode magnetizar e, sendo bom ou mau, sua ação será benéfica ou malfazeja.

Assim, facilmente nos damos conta da natureza das impressões que recebemos, conforme o meio onde nos encontramos. Se uma reunião for composta de pessoas de maus sentimentos, estas enchem o ar ambiente do fluido impregnado de seus pensamentos. Daí para as almas boas, um mal-estar moral análogo ao mal estar físico causado pelas exalações mefíticas: “a alma fica asfixiada”. Se, ao contrário, as pessoas tiverem intenções puras, encontramos em sua atmosfera como que um ar vivificante e salubre. Naturalmente o efeito será o mesmo num ambiente cheio de Espíritos, conforme sejam bons ou maus.

Isto bem compreendido, chegamos sem dificuldade à ação material dos Espíritos errantes sobre os encarnados. E, daí, à explicação da mediunidade.

Se um Espírito quiser agir sobre uma pessoa, dela se aproxima, envolve-a com o seu perispírito, como num manto; os fluidos se penetram, os dois pensamentos e as duas vontades se confundem e, então, o Espírito pode servir-se daquele corpo como se fora o seu próprio, fazê-lo agir à sua vontade, falar, escrever, desenhar, etc. Assim são os médiuns. Se o Espírito for bom, sua ação será suave e benéfica e só fará boas coisas; se for mau, fará maldades; se for perverso e mau, ele o constrange, até paralisar a vontade e a razão, que abafa com seus fluidos, como se apaga o fogo sob um lençol d'água. Fã-lo pensar, falar e agir por ele; leva-o contra a vontade a atos extravagantes ou ridículos; numa palavra, o magnetiza e o cataleptiza moralmente e o indivíduo se torna um

instrumento cego de sua vontade. Tal é a causa da obsessão, da fascinação e da subjugação, que se mostram em diversos graus de intensidade. O paroxismo da subjugação é geralmente chamado "possessão". Deve notar-se que, neste estado, muitas vezes o indivíduo tem consciência do ridículo daquilo que faz, mas é constrangido a fazê-lo, como se um homem mais vigoroso que ele o fizesse, contra a vontade, mover os braços, as pernas, a língua. Eis um curioso exemplo:

Numa pequena reunião em Bordeaux, em meio a uma evocação, o médium, um jovem de caráter suave e perfeita urbanidade, de repente começa a bater na mesa, levanta-se com olhar ameaçador, mostrando os punhos aos assistentes, proferindo pesadas injúrias e querendo atirar-lhes um tinteiro. A cena, tanto mais chocante quanto inesperada, durou uns dez minutos, depois do que o moço retornou à calma habitual, desculpou-se do que se havia passado, dizendo que sabia muito bem o que havia dito e feito, mas que não pudera impedir. Sabedor do fato, pedimos explicação numa sessão especial da Sociedade de Paris. Foi-nos respondido que o Espírito que o havia provocado era mais farsista do que mau e que simplesmente tinha querido divertir-se apavorando os assistentes. Isto prova a veracidade da explicação; o fato não se repetiu e o médium continuou a receber excelentes comunicações, como antes. É bom dizer o que provavelmente tenha excitado a verve daquele Espírito brincalhão.

Um antigo chefe de orquestra do teatro de Bordeaux, o sr. Beck, tinha experimentado, durante vários anos antes de morrer, um fenômeno singular. Todas as noites, ao sair do teatro, parecia-lhe que um homem lhe saltava às costas, cavalgando às suas espáduas, até chegar à porta da casa. Aí o suposto indivíduo descia e o sr. Beck se achava livre. Nesta reunião quiseram evocar o sr. Beck e pedir-lhe uma explicação. Foi então que o Espírito farsista achou bom substituí-lo e fazer o médium

representar uma cena diabólica, pois nele encontrou, sem dúvida, as necessárias disposições fluídicas para obedecer.

Aquilo que não passou de accidental, por vezes toma um caráter de permanência, quando o Espírito é mau, porque para ele o indivíduo se torna verdadeira vítima, à qual ele pode dar a aparência de real loucura. Dizemos aparência, porque a loucura propriamente dita sempre resulta de uma alteração dos órgãos cerebrais, ao passo que, neste caso, os órgãos estão tão intactos quanto os do jovem de quem acabamos de falar. Não há, pois, loucura real, mas aparente, contra a qual os remédios da terapêutica são inoperantes, como o prova a experiência. Ainda mais: eles podem produzir o que não existe. As casas de alienados contam muitos doentes de tal gênero, aos quais o contato com outros alienados só poderá ser muito prejudicial, porque este estado denota sempre uma certa fraqueza moral. Ao lado de todas as variedades de loucura patológica convém, pois, acrescentar a "loucura obsessional", que requer meios especiais. Mas como poderá um médico materialista estabelecer essa diferença ou, mesmo, admiti-la?

"Bravo", irão exclamar os nossos adversários. Não se pode demonstrar melhor os perigos do Espiritismo e nós temos muita razão de o proibir.

Um instante: o que dissemos prova precisamente a sua utilidade.

Crêdes que os maus Espíritos, que pululam no meio humano, esperam ser chamados, a fim de exercerem sua influência perniciososa? Desde que os Espíritos existiram em todos os tempos, em todos os tempos representaram o mesmo papel, pois isto está em sua natureza. E a prova é o grande número de pessoas obsedadas, ou possesadas, se quiserdes, antes que se cogitasse de Espiritismo e de médiuns. A ação dos Espíritos, bons ou maus, é, pois, espontânea. A dos maus produz uma porção de

perturbações na economia moral e mesmo física e que, por ignorância da verdadeira causa, são atribuídas a causas erradas. Os maus Espíritos são inimigos invisíveis, tanto mais perigosos quanto não se suspeitava da sua ação. Pondo-os a descoberto, o Espiritismo vem revelar uma nova causa de certos males da Humanidade. Conhecida a causa, não se buscará mais combater o mal por meios que, sabemos agora, são inúteis: procurar-se-ão outros meios mais eficazes. Ora, quem levou à descoberta desta causa? A mediunidade. Foi pela mediunidade que os inimigos ocultos traíram sua presença. Ela fez para eles o que o microscópio para os infinitamente pequenos: revelou todo um mundo. O Espiritismo não atraiu os maus Espíritos: descobriu-os e forneceu os meios de lhes paralisar a ação e, conseqüentemente, os afastar. Ele não trouxe o mal, pois este sempre existiu. Ao contrário, trouxe o remédio ao mal, mostrando-lhe as causas. Uma vez reconhecida a ação do mundo invisível, ter-se-ia a chave de uma porção de fenômenos incompreendidos e a ciência enriquecida com esta nova lei, verá novos horizontes abertos à sua frente. Quando lá chegará? Quando não mais professar o materialismo, pois este lhe detém o avanço, com barreiras intransponíveis.

Antes de falar do remédio, expliquemos um fato, que embaraça muitos espíritas, sobretudo nos casos de obsessão simples, isto é, naqueles muito freqüentes, em que o médium não se pode desvencilhar de um mau Espírito, que por ele se manifesta obstinadamente, pela escrita ou pela audição. O não menos freqüente, em que, por meio de uma boa comunicação, vem um Espírito imiscuir-se para dizer coisas más. Pergunta-se, então, se os maus Espíritos são mais poderosos que os bons.

Reportemo-nos ao que dissemos, de começo, da maneira por que age o Espírito e figuremos um médium envolvido e penetrado do fluido perispiritual de um mau Espírito. Para que o do bom possa agir sobre o médium

é necessário que penetre esse envoltório e sabe-se que dificilmente a luz penetra um nevoeiro espesso. Conforme o grau da obsessão, o nevoeiro será permanente, tenaz ou intermitente e, conseqüentemente, mais ou menos fácil de dissipar.

Nosso correspondente em Parma, sr. Superchi, enviou-nos dois desenhos feitos por uma vidente, representando perfeitamente esta situação. Num vê-se a mão do médium envolta numa nuvem escura, imagem do fluido perispiritual dos maus Espíritos, atravessada por um raio luminoso que vai clarear a mão. É o bom fluido que a dirige e se opõe à ação do mau. No outro, a mão está na sombra; a luz está em volta do nevoeiro, que não pode penetrar.

Resta sempre a questão de saber se o bom Espírito é menos poderoso que o mau. Não é o bom Espírito que é mais fraco: é o médium que não é bastante forte para livrar-se do manto que sobre si foi lançado, para se desembaraçar dos braços que o apertam com o que — é bom dizer — por vezes se compraz. Compreende-se que, neste caso, o bom Espírito não possa dominar, pois o outro é preferido. Admitamos, agora, o desejo de se desembaraçar desse envoltório fluídico, de que o seu se acha penetrado, como uma vestimenta penetrada de umidade: não bastará o desejo e nem sempre a vontade é suficiente.

Trata-se de lutar contra um adversário. Ora, quando dois homens lutam corpo a corpo, é o de músculos mais fortes que vencerá o outro. Com um Espírito não se luta corpo a corpo, mas de Espírito a Espírito; e ainda o mais forte será o vencedor. Aqui a força está na "autoridade" que se pode exercer sobre o Espírito e tal autoridade está subordinada à superioridade moral. Esta, como o Sol, dissipa o nevoeiro pela força de seus raios. É bom esforçar-se; tornar-se melhor se já se é bom; purificar-se de suas imperfeições; numa palavra, elevar-se mo-

ralmente o mais possível. Tal o meio de adquirir o poder de comandar os Espíritos inferiores, para os afastar. Do contrário zombarão de vossas injunções ("Livro dos Médiuns", n.o 252 a 279).

Talvez perguntem por que os Espíritos protetores não lhes forcem a retirada. Sem dúvida o podem e, por vezes, o fazem. Mas, permitindo a luta, também deixam o mérito da vitória. Se deixam se debatendo pessoas de mérito a certos respeitos, é para provar sua perseverança e fazer que adquiram "mais força" no bem. É para elas uma espécie de "ginástica moral".

Eis a resposta que demos ao sr. P., coronel do estado-maior do exército austríaco, que nos consultava sobre uma afecção atribuída a maus Espíritos, desculpando-se por nos chamar de amigo, posto só nos conhecêssemos de nome:

"O Espiritismo é o laço fraterno por excelência e tendes razão de pensar que os que partilham essa crença, mesmo sem se conhecerem, devam tratar-se como amigos. Agradeço-vos por terdes tido de mim uma boa opinião e me dardes esse título.

"Sinto-me contente por encontrar em vós um adepto sincero e devotado a essa consoladora doutrina. Mas, por isso mesmo que é consoladora, deve dar força moral e resignação para suportar as provas da vida que, no mais das vezes, são expiação. Disto a "Revista Espírita" vos fornece numerosos exemplos.

"No que concerne à moléstia que sofreis, não vejo prova evidente da influência dos maus Espíritos, que vos o obsidiariam. Admitamo-la, pois, por hipótese. Só haveria uma força moral a opor a outra força moral e aquela não pode vir senão de vós. Contra um Espírito é necessário lutar de Espírito a Espírito; e o mais forte vencerá. Em casos semelhantes é preciso esforçar-se por adquirir a maior soma possível de superioridade pela vontade, pela energia e pelas qualidades morais, para ter o direito de

lhe dizer: “Vade retro!” Assim, se estiverdes neste caso, não será com a espada de coronel que o vencereis, mas com a espada do anjo, isto é, a virtude e a prece. A espécie de terror e angústia que experimentais nesses momentos é um sinal de fraqueza, de que o Espírito se aproveitou. Dominai o medo e com a vontade triunfareis. Tomai a iniciativa resolutamente, como o fazeis contra o inimigo e crede-me vosso muito dedicado e afeiçoado,

A. K.

Sem dúvida, certas pessoas prefeririam outra receita mais fácil para expulsar os Espíritos: algumas palavras a pronunciar, ou sinais a fazer, por exemplo, o que seria mais cômodo do que corrigir os próprios defeitos. Lamentamos, mas não conhecemos processo mais eficaz para “vencer um inimigo do que ser mais forte do que ele”. Quando estamos doentes, temos que nos resignar a tomar remédios, por mais amargos que sejam. Mas, também, quando se teve a coragem de os tomar, como a gente se sente bem e como se fica forte! Temos que nos persuadir de que, para alcançar tal objetivo, não há palavras sacramentais, nem fórmulas, nem talismãs, nem sinais materiais quaisquer. Os maus Espíritos se riem e, às vezes, gostam de indicar alguns, que dizem infalíveis, para melhor conquistar a confiança daqueles de quem abusam, porque, então, estes, confiantes na virtude do processo, entregam-se sem medo.

Antes de esperar dominar o mau Espírito, é preciso dominar-se a si mesmo. De todos os meios para adquirir a força de o conseguir, o mais eficaz é a vontade, secundada pela prece, entendido a prece de coração e não aquelas nas quais a boca participa mais que o pensamento. É necessário pedir a seu anjo de guarda e aos bons Espíritos que nos assistam na luta. Mas não basta lhes pedir que expulsem o Espírito: é necessário lembrar-se da máxima: “Ajuda-te, e o céu te ajudará”; e lhes pedir, sobretudo, a força que nos falta para vencer nossas más

inclinações, que para nós são piores que os maus Espíritos, pois são essas inclinações que os atraem, como a podridão atrai as aves de rapina. Orando também pelo Espírito obsessivo, pagamos com o bem pelo mal, mostramos melhores que ele, o que já é uma superioridade. Com a perseverança acaba-se, na maioria dos casos, por conduzi-lo a melhores sentimentos, transformando o obsessivo em amigo reconhecido.

Em resumo, a prece fervorosa e os esforços sérios por se melhorar são os únicos meios de afastar os maus Espíritos, que reconhecem como senhores aqueles que praticam o bem, ao passo que as fórmulas lhes provocam o riso. A cólera e a impaciência os excitam. É preciso cansá-los, mostrando-se mais pacientes.

Por vezes, entretanto, acontece que a subjugação chega a ponto de paralisar a vontade do obsedado e que deste não se pode esperar nenhum concurso valioso. É sobretudo então que a intervenção de um terceiro se torna necessária, quer pela prece, quer pela ação magnética. Mas o poder dessa intervenção também depende do ascendente moral que o interventor possa ter sobre os Espíritos. Porque, se este não valer mais, sua ação será estéril. Neste caso a ação magnética terá por efeito penetrar o fluido do obsedado por um fluido melhor e desprender o fluido do Espírito mau. Ao operar, deve o magnetizador ter o duplo objetivo de opor uma força moral a outra força moral e produzir sobre o paciente uma espécie de reação química, para usar uma comparação material, expulsando um fluido por outro fluido. Assim, não só opera um desprendimento salutar, mas dá força aos órgãos enfraquecidos por uma longa e, por vezes, vigorosa dominação. Aliás, compreende-se que o poder da ação fluidica não só está na razão da força de vontade, mas, sobretudo, da qualidade do fluido introduzido e, conforme dissemos, tal qualidade depende da instrução e das qualidades morais do magnetizador. Daí se segue que um

magnetizador comum, que agisse maquinalmente para magnetizar pura e simplesmente, produziria pouco ou nenhum efeito. É de toda necessidade um magnetizador “espírita”, que age com conhecimento de causa, com a intenção de produzir, não o sonambulismo ou a cura orgânica, mas os efeitos que acabamos de descrever. Além disso, é evidente que uma ação magnética dirigida neste sentido não deixa de ser útil nos casos de obsessão ordinária, porque então se o magnetizador for secundado pela vontade do obsedado, o Espírito será combatido por dois adversários, em vez de por um só.

Releva dizer ainda que muitas vezes responsabiliza-se os Espíritos estranhos por maldades de que não são responsáveis. Certos estados mórbidos e certas aberrações, que são atribuídas a uma causa oculta, são, por vezes, devidas exclusivamente ao Espírito do indivíduo. As contrariedades freqüentemente concentradas em si próprio, os sofrimentos amorosos, principalmente, têm levado ao cometimento de muitos atos excêntricos, que erradamente são levados à conta de obsessão. Muitas vezes a criatura é seu próprio obsessor.

Acrescentemos, finalmente, que certas obsessões tenazes, sobretudo de pessoas de mérito, por vezes fazem parte das provas a que se acham submetidas. “Por vezes acontece mesmo que a obsessão, quando simples, seja uma tarefa imposta ao obsedado, que deve trabalhar para melhorar o obsessor, como um pai a um filho vicioso”.



Estudo sobre os possessos de Morzine

CAUSAS DA OBSESSÃO E MEIOS DE COMBATE
(II ARTIGO)

Em nosso artigo precedente foi exposta a maneira

por que se exerce a ação dos Espíritos sobre o homem, ação, por assim dizer, material. Sua causa está inteiramente no perispírito — princípio não só de todos os fenômenos espíritas propriamente ditos, mas de uma porção de efeitos morais, fisiológicos e patológicos, incompreendidos antes do conhecimento desse agente, cuja descoberta, se assim se pode dizer, abrirá horizontes novos à ciência, quando esta se decidir a reconhecer a existência do mundo invisível. Como vimos, o perispírito representa importante papel em todos os fenômenos da vida: é a fonte de múltiplas afecções, cuja causa é em vão buscada pelo escalpelo na alteração dos órgãos, e contra as quais é importante a terapêutica. Por sua expansão explicam-se, ainda, as reações de indivíduo a indivíduo, as atrações e repulsões instintivas, a ação magnética, etc. No Espírito livre ou desencarnado substitui o corpo material. É o agente sensitivo, o órgão através do qual ete age. Pela natureza fluídica e expansiva do perispírito, o Espírito atinge o indivíduo sobre o qual quer agir, rodeia-o, envolve-o, penetra-o e o magnetiza. O homem que vive em meio ao mundo invisível está incessantemente submetido a essas influências, do mesmo modo que às da atmosfera que respira. E essas influências se traduzem por efeitos morais e fisiológicos, dos quais não se dá conta e que, freqüentemente, atribui a causas inteiramente contrárias. Essa influência difere, naturalmente, segundo as boas ou más qualidades do Espírito, como ficou explicado no artigo precedente. Se ele for bom e benevolente, a influência será agradável e salutar; é como as carícias de uma terna mãe, que toma o filho nos braços. Se for mau e perverso, será dura, penosa, de ânsia e por vezes perversa: não abraça — constringe. Vivemos num oceano fluídico, incessantemente a braços com correntes contrárias, que atraímos, ou repelimos, e às quais nos abandonamos, conforme nossas qualidades pessoais, mas em cujo meio o homem sempre conserva o seu livre arbítrio,

atributo essencial de sua natureza, em virtude do qual pode sempre escolher o caminho.

Como se vê, isto é inteiramente independente da faculdade mediúnica, tal qual esta é vulgarmente compreendida. Estando a ação do mundo invisível na ordem das coisas naturais, ela se exerce sobre o homem, abstração feita de qualquer conhecimento espírita. Estamos a ela submetidos como o estamos à ação da eletrecidade atmosférica, mesmo sem saber física, como ficamos doentes, sem conhecer medicina. Ora, assim como a física nos ensina a causa de certos fenômenos e a medicina a de certas doenças, o estudo da ciência espírita nos ensina a dos fenômenos devidos às influências ocultas do mundo invisível e nos explica o que, sem isto, parecerá inexplicável. A mediunidade é o meio direto de observação. O médium — permitam-nos a comparação — é o instrumento de laboratório pelo qual a ação do mundo invisível se traduz de maneira patente. E, pela facilidade oferecida de repetição das experiências, permite-nos estudar o modo e as nuances desta ação. Destes estudos e observações nasceu a ciência espírita.

Todo indivíduo que, desta ou daquela maneira, sofre a influência dos Espíritos, é, por isto mesmo, médium. Por isso pode dizer-se que todo o mundo é médium. Mas é pela mediunidade efetiva, consciente e facultativa, que se chegou a constatar a existência do mundo invisível e, pela diversidade das manifestações obtidas ou provocadas, que foi possível esclarecer a qualidade dos seres que o compõem e o papel que representam na natureza. O médium fez pelo mundo invisível o mesmo que o microscópio pelo mundo dos infinitamente pequenos.

É, pois, uma força nova, uma nova energia, uma nova lei, numa palavra, que nos foi revelada. É realmente inconcebível que a incredulidade repila mesmo a idéia, por isso que esta idéia supõe em nós uma alma, um princípio inteligente que sobrevive ao corpo. Se se tratasse

da descoberta de uma substância material e não inteligente, seria aceita sem dificuldade. Mas uma ação inteligente fora do homem é para eles superstição. Se, da observação dos fatos produzidos pela mediunidade, remontarmos aos fatos gerais, poderemos, pela similitude dos efeitos, concluir pela similitude das causas. Ora, é comparando a analogia dos fenômenos de Morzine com aqueles que diariamente a mediunidade põe aos nossos olhos, que nos parece evidente a participação de Espíritos malfetores naquelas circunstâncias; e não o será menos para quantos hajam meditado os numerosos casos isolados, referidos na "Revista Espírita". A única diferença está no caráter epidêmico da afecção. Mas a História registra vários fatos semelhantes, entre os quais o das religiosas de Loudun, dos convulsionários de Saint-Médard, dos "camisards" e das Cévenes e dos possessos do tempo de Cristo. Estes últimos, sobretudo, apresentam notável analogia com os de Morzine. E é digno de nota que, em qualquer parte onde se produzissem, a idéia de que fossem devidos aos Espíritos era dominante e como que intuitiva nos por eles afetados.

Se compararmos o nosso primeiro capítulo com a teoria da obsessão, contida em "O Livro dos Médiuns" e com os fatos relatados na "Revista", veremos que a ação dos maus Espíritos, sobre as criaturas de quem se apoderaram, apresenta nuances de intensidade e duração extremamente variadas, conforme o grau de malignidade e de perversidade do Espírito e, também, de acordo com o estado moral da pessoa, que lhe dá acesso mais ou menos fácil. Por vezes, tal ação é temporária e acidental, mais maliciosa e desagradável que perigosa, como no caso que relatamos no artigo precedente. O fato seguinte é desta categoria.

O sr. Indermuhle, de Berne, membro da Sociedade Espírita de Paris, contou-nos que em sua propriedade de Zimmerwald, seu administrador, homem de força hercúlea,

sentiu-se, à noite, agarrado por um indivíduo que o sacudia vigorosamente. Dir-se-ia um pesadelo. Mas não: o homem estava bem desperto, levantou-se e lutou algum tempo com o que o agarrava; e quando se sentiu livre, tomou do sabre, pendurado ao lado do leito e pôs-se a esgrimi-lo no escuro, sem nada atingir. Acendeu uma vela, procurou em vão por toda a parte: a porta estava bem fechada. Apenas voltando ao leito, o jardineiro, que estava no quarto ao lado, começou a pedir socorro, debatendo-se e gritando que o estrangulavam. O caseiro correu para o vizinho de quarto mas, como no seu caso, não viu ninguém. Uma criada, que dormia no mesmo prédio, ouviu todo o barulho. Apavorados, todos vieram, no dia seguinte, contar ao sr. Indermuhle o que se havia passado. Informado de todos os detalhes e certo de que nenhum estranho poderia ter-se introduzido nos quartos, foi ele levado a crer se tratasse de um Espírito perturbador; pois desde algum tempo inequívocas manifestações físicas de diversas modalidades se produziam em sua casa. Tranqüilizou os seus serviçais, recomendando que observassem cuidadosamente tudo quanto se passasse, caso a coisa se repetisse. Como ele e a sua senhora fossem médiuns, evocou o Espírito perturbador, que confessou e desculpou-se, dizendo: “Eu vos queria falar, pois sou infeliz e necessito de vossas preces: há muito tempo faço tudo o que posso para vos chamar a atenção; eu vos toco e, até, já vos puxei a orelha (do que se recordou o sr. Indermuhle), mas sem resultado. Então pensei que fazendo a cena da noite passada pensaríeis em me chamar. Fizeste-o e estou contente. Asseguro-vos que não tinha más intenções. Prometei chamar-me algumas vezes e orar por mim”. O sr. Indermuhle o prometeu, renovou a palestra, deu-lhe uma lição de moral, que ele escutou com prazer, orou por ele e disse à sua gente que fizesse o mesmo, o que foi feito, pois são piedosos. Desde então, tudo ficou em ordem. Infelizmente nem todos têm tão

boa disposição. Esse não era mau; alguns, porém, exercem uma ação tenaz, permanente; e pode, até, haver conseqüências desagradáveis para a saúde das criaturas, melhor dito, para as faculdades intelectuais, caso o Espírito chegue a subjugar a vítima, a ponto de neutralizar seu livre arbítrio e levá-la a dizer e fazer extravagâncias. Tal é o caso da loucura obsessiva, muito diversa nas causas, senão nos efeitos, da loucura patológica.

Em nossa viagem vimos o jovem obsidiado, do qual falamos na "Revista" de janeiro de 1861, sob o título de Espírito batedor de "Aube", e ouvimos do pai e de testemunhas oculares a confirmação dos fatos. O rapaz tem agora dezesseis anos; é saudável, grande, perfeitamente constituído e, contudo, queixa-se do estômago e de fraqueza dos membros, o que, segundo ele, o impede de trabalhar. Vendo-o, pode-se facilmente crer seja a preguiça sua principal doença, o que nada tira à realidade dos fenômenos produzidos há cinco anos e que, sob muitos aspectos, lembram os de Bergzabern. Já não é o mesmo com sua saúde moral. Em criança era muito inteligente, e na escola aprendia com facilidade; desde então suas faculdades enfraqueceram sensivelmente. É preciso acrescentar que só recentemente seus pais têm conhecimento do Espiritismo, ainda por ouvir dizer e muito superficialmente, pois nada leram. Antes nunca tinham ouvido falar. Não era possível, assim, ter uma causa provocadora. Os fenômenos materiais praticamente cessaram ou são hoje muito raros; mas o estado moral é o mesmo, o que é tanto mais lamentável para os pais que vivem do trabalho. Sabe-se da influência da prece em tais casos; mas como nada se pode esperar do rapaz em questão, seria necessário o concurso dos pais. Estes estão persuadidos de que o filho está sob malévola influência oculta, mas sua crença não vai além e sua fé religiosa é das mais fracas. Dissemos ao pai que era necessário orar, mas seriamente e com fervor. "É o que já me disseram", respon-

deu ele; “orei algumas vezes, mas sem proveito. Se soubesse que orando algumas vezes durante vinte e quatro horas e que assim isto acabasse, eu o faria agora.” Vê-se por aqui de que maneira a gente é secundada nesta circunstância, pelos maiores interessados.

Eis a contra-partida do caso e uma prova da eficácia da prece, quando feita com o coração e não com os lábios.

Certa moça, contrariada em suas inclinações, havia-se casado com um homem com quem não podia simpatizar. A mágoa que sofreu levou-a a um distúrbio mental; sob o domínio de uma idéia fixa, perdeu a razão e teve de ser internada. Ela jamais ouvira falar de Espiritismo; se dele se tivesse ocupado não teriam deixado de dizer-lhe que os Espíritos lhe haviam transtornado a cabeça. O mal provinha, assim, de uma causa moral accidental e exclusivamente pessoal. Compreende-se que em tais casos os remédios normais nenhum efeito produzem; e como não havia obsessão aparente, podia-se, também, duvidar do efeito da prece.

Um amigo da família e membro da Sociedade Espírita de Paris, julgou dever interrogar a respeito um Espírito superior, que respondeu: “A idéia fixa dessa senhora, por sua mesma causa, atrai em sua volta uma porção de Espíritos maus, que a envolvem com seus fluidos e alimentam as suas idéias, impedindo que lhe cheguem as boas influências. Os Espíritos dessa natureza abundam sempre em semelhantes meios e constituem, sempre, obstáculo à cura dos doentes. Contudo podereis curá-la, mas para tanto é necessário uma força moral capaz de vencer a resistência; e tal força não é dada a um só. Cinco ou seis espíritos sinceros se reúnam todos os dias, durante alguns instantes e peçam com fervor a Deus e aos bons Espíritos que a assistam; que a vossa prece ardente seja, ao mesmo tempo, uma magnetização mental; para tanto

não necessitais estar junto a ela, ao contrário. Pelo pensamento podeis levar-lhe uma salutar corrente fluídica, cuja força estará na razão de vossa intenção, aumentada pelo número. Por tal meio podereis neutralizar o mau fluido que a envolve. Fazei isto: tende fé em Deus e esperai.”

Seis pessoas se dedicaram a esta obra de caridade e durante um mês não faltaram à missão aceita, durante um só dia. Depois de alguns dias a doente estava sensivelmente mais calma; quinze dias mais tarde a melhora era manifesta e agora voltou para sua casa em estado perfeitamente normal, ignorando ainda, como o seu marido, de onde lhe veio a cura.

A maneira de agir é aqui indicada claramente e nada teríamos a acrescentar de mais preciso à explicação dada pelo Espírito. A prece não tem apenas o efeito de levar ao doente um socorro estranho, mas o de exercer uma ação magnética. Que não poderia o magnetismo ajudado pela prece! Infelizmente certos magnetizadores, a exemplo de muitos médicos, fazem abstração do elemento espiritual; vêem apenas a ação mecânica, assim se privando de poderoso auxiliar. Esperamos que os verdadeiros espíritas vejam no fato mais uma prova do bem que podem fazer em circunstâncias semelhantes.

Aqui se apresenta uma pergunta de grande importância: “O exercício da mediunidade pode provocar o desarranjo da saúde e das faculdades mentais?” É de se notar que, assim formulada, esta é a pergunta feita pela maioria dos antagonistas do Espiritismo ou, melhor dito, em vez de uma pergunta, eles transformam o princípio em axioma, afirmando que a mediunidade conduz à loucura. Referimo-nos à loucura real e não a esta, mais burlesca do que séria, com que gratificam os nossos adeptos. A pergunta seria concebível da parte de quem acreditasse na existência dos Espíritos e na ação que eles pudessem exercitar, porque para eles existe algo de real. Mas para

os que não acreditam, a pergunta é insensata porque se nada existe, esse nada não produzirá algo. Sendo a tese insustentável, eles se escudam nos perigos da superexcitação cerebral que, em sua opinião, pode causar a simples crença nos Espíritos. Não insistiremos sobre tal ponto, já estudado; apenas perguntaremos se já foi feita a estatística de todos os cérebros transtornados pelo medo do Diabo e dos terríveis quadros das torturas do inferno e da danação eterna e se é mais prejudicial acreditarmos tenhamos junto a nós Espíritos bons e benevolentes, os pais, os amigos, o anjo da guarda, do que o demônio.

A pergunta se torna mais racional e mais séria se, aceitas a existência dos Espíritos e sua ação, foi assim formulada: “O exercício da mediunidade pode provocar numa pessoa a invasão de maus Espíritos e suas consequências?”

Jamais dissimulamos os escolhos encontrados na mediunidade, razão por que multiplicamos, em “O Livro dos Médiuns”, as instruções a tal respeito e não temos cessado de recomendar o seu estudo prévio, antes de se entregarem à prática. Assim, desde a publicação daquele livro, o número de obsidiados diminuiu sensível e notoriamente, porque poupa uma experiência que os noviços muitas vezes só adquirem às próprias custas. Dizemo-lo ainda: sim, sem experiência a mediunidade tem inconvenientes, dos quais o menor, seria ser mistificado pelos Espíritos enganadores e levianos. Fazer Espiritismo experimental sem estudo é fazer manipulações químicas sem saber química.

Os numerosos exemplos de pessoas obsidiadas e subjugadas da mais desagradável maneira, sem jamais terem ouvido falar de Espiritismo, provam à saciedade que o exercício da mediunidade não tem o privilégio de atrair os maus Espíritos. Mais ainda: prova a experiência que é um meio de os afastar, permitindo reconhecê-los.

Contudo, como por vezes alguns vagam em redor de nós, pode acontecer que, achando oportunidade para se manifestarem, aproveitem-na, desde que encontrem no médium uma predisposição física ou moral que o torne acessível à sua influência. Ora, se tal predisposição está no indivíduo e em causas pessoais anteriores, não surge da mediunidade. Pode-se dizer que o exercício da faculdade é ocasião e não causa. Mas se algumas criaturas estiverem neste caso, outras há que oferecem uma resistência intrinsecamente aos maus Espíritos, que a elas não se dirigem. Falamos de Espíritos verdadeiramente maus e malfetores, os únicos realmente perigosos, e não de Espíritos levianos e zombeteiros, que se insinuam por toda a parte.

A presunção de julgar-se invulnerável aos maus Espíritos muitas vezes tem sido punida de modo cruelíssimo, porque jamais são impunemente desafiados pelo orgulho. O orgulho é a parte que lhes dá mais fácil acesso, pois ninguém oferece menos resistência do que o orgulhoso, quando tomado pelo seu lado fraco. Antes de nos dirigirmos aos Espíritos, convém, pois, encorajarmo-nos contra o assalto dos maus, assim como se marchássemos em terreno onde tememos picadas de cobras. Isto se consegue, inicialmente, pelo estudo prévio, que indica a rota e as precauções a tomar; a seguir, a prece. Mas é necessário bem nos compenetrarmos da verdade que o “único” preservativo está em nós, na própria força, e “nunca” nas coisas exteriores; que nem há talismãs, nem amuletos, nem palavras sacramentais, nem fórmulas sagradas ou profanas que tenham a menor eficácia se não tivermos em nós mesmos as qualidades necessárias. Assim, essas qualidades é que devem ser adquiridas.

Se estivéssemos bem compenetrados do objetivo essencial e sério do Espiritismo; se nos preparássemos sempre para o exercício da mediunidade por um fervoro-

so apelo ao anjo da guarda e aos Espíritos protetores; se nós estudássemos, esforçando-nos por nos purificarmos de nossas imperfeições, os casos de obsessão mediúnica seriam ainda mais raros. Infelizmente muitos não vêem senão as manifestações. Não contentes com as provas morais, que abundam em seu redor, querem à fina força se dar ao luxo de comunicar-se com os Espíritos, forçando o desenvolvimento de uma faculdade, por vezes inexistente, guiados mais pela curiosidade do que pelo sincero desejo de melhora. Disso resulta que, em vez de se envolverem numa atmosfera fluidica salutar e se cobrirem com as asas protetoras dos anjos da guarda, de buscar o domínio das fraquezas morais, escancaram a porta aos Espíritos obsessores, que os teriam atormentado de outra maneira e em outra ocasião, mas que aproveitam esta que se lhes oferece. Que dizer, então, daqueles que fazem um jogo das manifestações e nelas vêem apenas um motivo para distração e curiosidade ou nelas procuram meios de satisfazer a ambição, a cupidez ou os interesses materiais? Neste sentido pode-se dizer que o exercício da mediunidade pode provocar a invasão dos maus Espíritos. Sim: é perigoso brincar com estas coisas. Quantas pessoas lêem "O Livro dos Médiuns" unicamente para saber como agir, desde que o que mais lhes interessa é a receita ou a maneira de proceder! O lado moral do problema é acessório. Assim, não se deve imputar ao Espiritismo o que é feito de seu abuso.

Voltemos aos possessos de Morzine. Aquilo que um Espírito pode fazer a uma criatura, vários deles o podem sobre diversas simultaneamente, e dar à obsessão um caráter epidêmico. Uma nuvem de maus Espíritos pode invadir uma localidade e aí se manifestarem de várias maneiras. Foi uma epidemia de tal gênero que se alastrou na Judéia, ao tempo de Cristo, e, em nossa opinião, é uma epidemia semelhante que ocorre em Morzine.

Estudos sobre os possessos de Morzine

CAUSAS DA OBSESSÃO E MEIOS DE COMBATÊ-LA

(III Artigo)

O estudo dos fenômenos de Morzine não oferecerá dificuldades quando tivermos bem penetrado os fatos particulares que citamos, e as considerações que um estudo atento permitiu deduzir das mesmas. Basta os relatar para que cada um encontre em si mesmo sua aplicação por analogia. Os dois fatos seguintes ainda nos ajudarão a orientar o leitor. O primeiro nos é transmitido pelo dr. Chataigneau, membro honorário da Sociedade de Paris, presidente da Sociedade Espírita de Sain-Jean d'Angély.

“Uma família fazia evocações com um ardor desenfreado, arrastada por um Espírito que nos foi indicado como muito perigoso. Era um de seus parentes, morto depois de uma vida pouco decente e terminada por vários anos de alienação mental. Sob nome suposto, por surpreendentes provas mecânicas, belas promessas e conselhos de uma moralidade sem reservas, tinha conseguido de tal modo fascinar aquela gente muito crédula, que submetia todos às suas existências e os obrigava aos atos mais excêntricos. Não podendo mais satisfazer todos os seus desejos, pediram o nosso conselho e tivemos muito trabalho para os dissuadir e lhes provar que tratavam com um Espírito da pior espécie. Conseguimo-lo, entretanto; e pudemos obter que, aos menos por algum tempo, se abstivessem. Desde então a obsessão tomou outro caráter: o Espírito se apoderava completamente do filho mais moço, de catorze anos, o reduzia ao estado de catalepsia e, por sua boca, solicitava entretenimentos, dava ordens, fazia

ameaças. Aconselhamos o mais absoluto mutismo, que foi observado rigorosamente. Os pais entregaram-se às preces e vinham procurar um de nós para os assistir. O recolhimento e a força de vontade nos deram sempre domínio em poucos minutos.

“Praticamente, hoje, tudo cessou. Esperamos que na casa a desordem dê lugar à ordem. Longe de se desgostarem do Espiritismo, crêem mais que nunca, mas crêem mais seriamente. Agora compreendem seu fim e as conseqüências morais. Todos compreendem que receberam uma lição; alguns uma punição, talvez merecida.” Este exemplo prova, mais uma vez, o inconveniente de nos entregarmos às evocações sem o conhecimento de causa e sem objetivo sério.

Graças aos conselhos da experiência, que aquelas pessoas escutaram, puderam desembaraçar-se de um inimigo, talvez terrível.

Ressalta outro ensinamento não menos importante. Aos olhos dos desconhecedores do Espiritismo, o rapaz teria passado por um louco; não deixariam de lhe dar o tratamento correspondente e talvez desenvolvendo uma loucura real. Com a assistência de um “médico espírita”, o mal foi atacado em sua verdadeira causa e não teve conseqüências.

Já o mesmo não se deu no fato seguinte. Um senhor de nosso conhecimento, residente numa cidade provinciana muito hostil às idéias espíritas, de súbito foi tomado de uma espécie de delírio, no qual dizia coisas absurdas. Como se ocupasse de Espiritismo, naturalmente falava de Espíritos. Sem aprofundar as coisas, e alarmados, os que o cercavam trataram de chamar médicos, que o declararam atacado de loucura, com muita satisfação dos inimigos do Espiritismo, e já falavam em interná-lo numa casa de saúde. Tudo quanto coligimos em relação àquele senhor prova que ele se achou, de repente, sob o império de uma subjugação momentânea, talvez

favorecida por certas condições físicas. Foi a idéia que ele teve. Escreveu-nos e nós lhe respondemos. Infelizmente nossa carta não lhe chegou a tempo e dela só teve conhecimento muito mais tarde. “É muito lamentável”, disse-nos ele posteriormente, “que não tenha recebido vossa carta consoladora; naquele momento, ela me teria feito um bem imenso, confirmando o pensamento de que eu era joguete de uma obsessão, o que me teria tranqüilizado. Ao passo que de tanto ouvir repetir que eu estava louco, acabei acreditando. A idéia me torturava a ponto que se tivesse continuado não sei o que teria acontecido”. Consultado a respeito, um Espírito respondeu: “Essa senhor não é louco; mas a maneira por que o tratam poderá torná-lo louco. Mais ainda: poderiam matá-lo. O remédio para o seu mal está no próprio Espiritismo, e o consideram erradamente.”

— Seria possível, daqui, agir sobre ele?

— “Sim, sem dúvida. Podeis fazer-lhe o bem; mas a vossa ação é paralisada pela má vontade dos que o cercam.”

Casos análogos ocorreram em todas as épocas; e muitos foram presos como loucos, sem o serem.

Só um observador experimentado nestes assuntos os pode apreciar. E como hoje se encontram muitos médicos espíritas, em casos semelhantes convém a estes recorrer. Um dia a obsessão será colocada entre as causas patológicas, como o é hoje a ação de animais microscópicos, de cuja existência não se suspeitava antes da invenção do microscópio. Mas então reconhecer-se-á que nem as duchas, nem as sangrias poderão curá-la. O médico que não admite nem busca senão causas puramente materiais é tão impróprio a compreender e tratar tais afecções, quanto um cego o é para distinguir as cores.

O segundo caso nos é relatado por um dos nossos correspondentes de Boulogne-sur-Mer.

A mulher de um marinheiro dessa cidade, de qua-

renta e cinco anos, está há quinze anos sob o domínio de uma triste subjugação. Quase todas as noites sem exceção as do período de gravidez, é despertada por volta de meia noite, tomada de tremores nos membros como se sob a ação de uma pilha galvânica; o estômago fica comprimido como que por um círculo de ferro e queimado por um ferro em brasa; o cérebro num estado de exaltação furiosa; é atirada fora do leito, por vezes seminua, sai de casa e corre pelo campo; marcha sem saber por onde durante duas ou três horas e somente ao parar é que sabe onde se encontra. Não pode orar a Deus e, ao ajoelhar-se para o fazer, suas idéias se misturam com coisas bizarras e, até, sujas. Não pode entrar em igrejas, posto deseje fazê-lo; mas ao chegar à porta, sente uma barreira que a impede. Quatro homens tentaram levá-la para dentro da igreja dos Redentoristas e não o conseguiram: ela gritava que a estavam matando, que lhe esmagavam o peito. Para fugir a essa horrível situação, a pobre tentou suicidar-se, por várias vezes, sem o conseguir. Tomou café no qual havia dissolvido fósforo; tomou água de "javelle" e nada sofreu; duas vezes aflorou na água e flutuava até que alguém a socorresse. Fora dos momentos de crise de que falei, é inteiramente normal e, ainda naqueles momentos, tem consciência do que faz e da força exterior que sobre ela atua. Toda a vizinhança diz que ela é vítima de um malefício ou um despacho."

A subjugação não poderia ser melhor caracterizada senão pelos fenômenos que, sem a menor dúvida, não podem deixar de ser obra de um Espírito da pior espécie. Dirão que foi o Espiritismo que o atraiu para ela ou lhe perturbou o cérebro. Mas há quinze anos não se cogitava disto. Aliás, a mulher não é louca e o que experimenta não é uma ilusão.

A medicina ordinária não verá nesses sintomas senão uma dessas afecções a que dá o nome de "nevrose" e cuja causa ainda lhe é um mistério. A afecção é real;

mas todo efeito tem uma causa. Ora, qual a primeira causa? Eis o problema em cuja via pode entrar o Espiritismo, demonstrando um novo agente no perispírito e a ação do mundo invisível sobre o mundo visível. Não generalizamos, e reconhecemos que, em certos casos, a causa pode ser puramente material; outros há, porém, onde a intervenção de uma inteligência oculta é evidente, pois que, combatendo essa inteligência detém-se o mal, ao passo que atacando apenas a suposta causa material nada se consegue.

Há um traço característico nos Espíritos perversos: é a sua aversão a tudo quanto se liga à religião. A maioria dos médiuns não obsedados que receberam comunicações de Espíritos maus, muitas vezes os viram blasfemar contra as coisas mais sagradas, rir-se da prece e a repelir até irritar-se, quando se lhes fala em Deus. No médium subjugado, o Espírito, dispondo de cerca de um terço do corpo para agir, exprime seus pensamentos, já não pela escrita, mas por gestos e palavras que provoca no médium. Ora, como nenhum fenômeno espírita pode produzir-se sem uma aptidão mediúnica, pode dizer-se que a mulher de quem falamos é um médium espontâneo, inconsciente e involuntário. A impossibilidade em que se encontra de orar e entrar na igreja vem da repulsão do Espírito que dela se apoderou, pois sabe que a prece é um meio de fazê-lo largar a presa. Em vez de uma pessoa, suponhamos, na mesma localidade, dez, vinte, trinta e mais no mesmo estado e teremos a reprodução do que se passou em Morzine.

Não é uma prova evidente de que são demônios? dirão certas pessoas. Chamemo-los demônios, se isto vos agrada: o nome não os caluniará. Mas não vedes diariamente homens que não valem nada e que, de pleno direito, poderiam ser chamados demônios encarnados? Não há os que blasfemam e renegam a Deus? que parecem fazer o mal com prazer? que se alegram à vista do sofrir-

mento de seus semelhantes? Por que querieis que, uma vez no mundo dos Espíritos, de súbito se transformassem? Aqueles a quem chamais demônios nós chamamos maus Espíritos, e concedemos toda a perversidade que lhes queirais atribuir. Contudo, a diferença é que, em vossa opinião, os demônios são anjos decaídos, isto é, seres perfeitos que se tornaram maus e para sempre votados ao mal e ao sofrimento; em nossa opinião, são seres pertencentes à Humanidade primitiva, espécie de selvagens ainda atrasados, mas a quem o futuro não está fechado e que melhorar-se-ão à medida que neles se desenvolver o senso moral, na série de existências sucessivas, o que nos parece mais conforme com a lei do progresso e justiça de Deus. Temos mais a nosso favor a experiência que prova a possibilidade de melhorar e de levar ao arrependimento Espíritos do mais baixo nível e aqueles que são colocados na categoria de demônios.

Vejamos uma fase especial desses Espíritos e cujo estudo é de alta importância para o assunto que nos ocupa.

Sabe-se que os espíritos inferiores ainda se acham sob a influência da matéria e que entre eles se encontram todos os vícios e paixões da Humanidade, paixões que eles carregam ao deixar a Terra e que trazem ao se reen-carnarem, desde que se não emendaram, o que produz os homens perversos. Prova a experiência que uns são sensuais de diversas categorias, obscenos, lascivos, satisfeitos com os lugares baixos, impelindo e excitando à orgia e ao deboche, a cuja vista se repastam. Perguntaremos a que categoria de Espíritos poderiam pertencer, após a morte, seres como Tibério, Nero, Cláudio, Messalina, Calígula, Heliogábalo?

Que gênero de obsessão poderiam ter provocado e se é necessário, para explicar essas obsessões, recorrer a seres especiais, que Deus teria criado muito especialmente para impelir o homem ao mal? Há certos gêne-

ros de obsessões que não deixam dúvidas quanto à qualidade dos Espíritos que as produzem. São as obsessões desse gênero que deram lugar à fábula dos incubos e súcubos, em que acreditava firmemente Santo Agostinho. Poderíamos citar mais de um exemplo em apoio à asserção. Quando se estudam as várias impressões corporais e os contactos sensíveis por vezes produzidos por certos Espíritos; quando se conhecem os gostos e as tendências de alguns deles; e se, por outro, se examina o caráter de certos fenômenos históricos, pergunta-se se não representariam um papel nessa afecção, como representam na loucura obsessional? Nós a vimos várias vezes, acompanhada de sintomas menos equívocos da subjugação.

Vejamos agora o que se passa em Morzine e, para começar, digamos algumas palavras sobre o lugar, o que não é sem importância. Morzine é uma comuna do Chablais, na Alta Sabóia, a oito léguas de Thonon, na extremidade do vale do Drance, nos confins do Valais, na Suíça, da qual é separada por uma montanha. Sua população, de cerca de 2.500 almas, além da aldeia principal, compreende várias outras espalhadas nas alturas circundantes. É cercada e dominada por todos os lados por altas montanhas dependentes da cadeia dos Alpes, mas, na maior parte, cobertas de bosques e cultivadas até a alturas consideráveis. Aliás, em parte alguma se vêem neves ou gelos perpétuos e, segundo nos dizem, ali a neve é menos persistente do que no Jura.

Enviado em 1861 pelo governo francês, a fim de estudar a doença, o dr. Constant lá ficou três meses. Ele faz da região e de seus habitantes um quadro pouco liсонjeiro. Vindo com a idéia de que o mal era puramente físico, só buscou causas físicas; a sua preocupação o levava a bastar-se com aquilo que poderia corroborar sua opinião e, provavelmente, essa idéia fê-lo ver os homens e as coisas de um ângulo desfavorável. Em sua opinião, a moléstia é uma afecção nervosa, cuja fonte primeira é a

constituição dos habitantes, debilitados pela insalubridade das habitações, insuficiência e má qualidade dos alimentos e cuja causa imediata está num estado histórico da maioria dos doentes do sexo feminino. Sem contestar a existência dessa afecção, é bom notar que se o mal ataca em grande parte as mulheres, os homens também são atingidos, bem como mulheres em idade avançada. Não se poderia ver na histeria uma causa exclusiva. Aliás, qual a causa da histeria?

Fizemos uma curta visita a Morzine, mas devemos dizer que nossas observações e os dados que recolhemos entre pessoas notáveis, de um médico da região e das autoridades locais, diferem um pouco das do dr. Constant. A aldeia principal é bem construída; as casas das aldeias circunvizinhas certamente não são palácios, mas não têm o aspecto miserável que se vêem em muitas regiões da França, como, por exemplo, na Bretanha, onde o camponês mora em verdadeiras choças. A população não nos pareceu estiolada nem raquítica, nem, sobretudo, com bócio, como diz o dr. Constant. Vimos alguns bócios rudimentares, mas nenhum pronunciado, como se vêem em todas as mulheres da Mauriana. Os idiotas e cretinos ali são raros, posto o diga o dr. Constant, ao passo que na outra encosta da montanha, no Valais, eles sejam muito numerosos. Quanto à alimentação, a região produz além do consumo; se em toda parte não há abundância, também não há miséria propriamente dita, nem, sobretudo, essa horrível miséria que encontramos em outras regiões; nalgumas, a população campesina é infinitamente pior alimentada. Um fato característico é que não vimos um só mendigo a pedir esmola. A própria região oferece importantes recursos em madeira e pedra, mas que ficam improdutivas pela impossibilidade de transporte. A dificuldade de comunicações é a chaga da região, sem o que seria uma das mais ricas do país. Pode julgar-se da dificuldade, pelo fato de o correio do Thonon

não poder ir além de duas léguas da cidade. Para frente não há estrada, mas simples caminho, que alternativamente, sobe a pique na floresta e desce à margem do Drance, torrente furiosa nas grandes águas, que rola através de enormes massas de rochedos de granito, precipitados em seu leito do alto das montanhas para o fundo de uma garganta estreita. Durante várias léguas é a imagem do caos. Transposta a passagem, o vale toma um aspecto risonho até Morzine, onde termina. Mas a dificuldade para lá chegar afasta os viajantes, de sorte que a região só é visitada por caçadores bastante fortes para escalar rochedos. Desde a anexação, os caminhos foram melhorados. Antes, só eram praticáveis a cavalo. Dizem que o governo está estudando o prolongamento da estrada de Thonon a Morzine, margeando o rio. É um trabalho difícil, mas que transformará a região, permitindo a exportação de seus produtos.

Tal é o aspecto geral da região que, aliás, não oferece causa de insalubridade. Admitindo que a principal aldeia de Morzine esteja no fundo do vale, à margem do rio, seja úmida, o que não observamos, devemos considerar que a maioria dos doentes são das aldeias vizinhas, situadas na altura e, pois, em posições aéreas e muito salubres.

Se, como pretende o dr. Constant, a doença se devesse a causas locais, à constituição dos habitantes, aos hábitos e gênero de vida, essas causas permanentes deveriam produzir efeitos permanentes e o mal seria endêmico, como as febres intermitentes de Camargue e dos pântanos Pontinos. Se o cretinismo e o bócio são endêmicos no vale do Ródano e não no vale do Drance, que é limitrofe, é que em um existe uma causa local permanente que não existe no outro.

Se o que se chama a possessão de Morzine é apenas temporária, sua causa é acidental. O dr. Constant diz que suas observações não lhe revelaram “nenhuma

causa sobrenatural". Mas ele, que só acredita em causas materiais, é capaz de julgar efeitos resultantes da ação de uma força extramaterial? estudou os efeitos dessa força? sabe em que consistem? por que sintomas podem ser reconhecidos? Não; e desde então se lhe afiguram aquilo que não são, crendo talvez que consistam em milagres e aparições fantásticas.

Os sintomas, ele os viu e os descreveu em seu relatório. Mas, não admitindo uma causa oculta, buscou, alhures, no mundo material, onde não o encontrou. Os doentes se diziam atormentados por seres invisíveis; mas como ele nem viu duendes nem fantasmas, concluiu que os doentes eram loucos; e o que o confirmava nesta idéia é que por vezes diziam coisas notoriamente absurdas, mesmo aos olhos do mais firme crente nos Espíritos. Mas para ele tudo devia ser absurdo. Ele devia saber, ele médico, que até em meio a divagações da loucura há, por vezes, revelação da verdade. Esses infelizes, diz ele, e seus habitantes em geral, estão imbuídos de idéias supersticiosas. Mas que há de admirar numa população rural, ignorante e isolada no meio das montanhas? Ainda mais essa gente, aterrada pelos fenômenos, estranhos não os amplificou? E por que nos relatos que faziam se misturavam apreciações ridículas, partindo do seu ponto de vista, concluiu que tudo deveria ser ridículo, sem contar que aos olhos de quem quer que não admitia a ação do mundo invisível, todos os efeitos resultantes dessa ação são relegados entre as crenças supersticiosas. Em favor desta última tese insiste sobre um fato, na ocasião contado pelos jornais, inspirado em alguma imaginação aterrada, exaltada ou doente e, segundo o qual, certos doentes sobem com a agilidade de gatos em árvores de quarenta metros de altura, andam sobre os galhos sem que estes verguem, postam-se nas cristas de pés para cima e descem de cabeça para baixo sem nada sofrerem. Discute longamente para provar a impossibilidade da coisa e de-

monstrar que, segundo a direção do raio visual, a árvore assinalada não podia ser vista das casas de onde diziam ter visto o fato. Tanto esforço era inútil, pois lá nos disseram que a coisa não era verdadeira; apenas um rapazinho havia subido numa árvore de porte comum, mas sem malabarismo.



Estudos sobre os possessos de Morzine

CAUSAS DA OBSESSÃO E MEIOS DE COMBATE

(IV Artigo)

Numa segunda edição de sua brochura sobre a epidemia de Morzine, o dr. Constant responde ao sr. Mirville, que criticou o seu cepticismo relativo aos demônios, e o censurou por ter estado nos lugares, "em Thonon, diz ele, não que tenha tido medo dos diabos, mas do caminho e não se julga o homem menos informado. Censura-me ainda, como a outro médico, por ter partido de Paris com juízo formado. Em bom direito, se me permite, posso devolver a censura: no caso estaremos, então, de igual para igual."

Não sabemos se o sr. de Mirville lá teria ido com a idéia preestabelecida de não ver qualquer afecção física nos doentes de Morzine, mas é bem evidente que o dr. Constant lá foi com a de não ver nenhuma causa oculta. O preconcebido, num sentido qualquer, é a pior condição para um observador, porque então tudo vê e tudo refere do seu ponto de vista, negligenciando o que pode haver de contrário. Certo não é o meio de chegar à verdade. A opinião bem arraigada do sr. Constant, rela-

tiva à negação das causas ocultas, ressalta de que ele, a priori, repele como errônea qualquer observação e qualquer conclusão que se afaste de sua maneira de ver, nos relatórios feitos antes do seu. Assim, enquanto o sr. Constant insiste sobre a constituição débil, enfática e raquítica dos habitantes, a insalubridade da região, a má qualidade e a insuficiência da alimentação, o sr. Arthaud, médico-chefe dos alienados de Lyon, que foi enviado a Morzine, diz em seu relatório: “que a constituição dos habitantes é boa, as ecrófulas são raras; a despeito de todas as suas pesquisas, não descobriu senão um caso de epilepsia e um de imbecilidade.” Mas, replica o sr. Constant, “o sr. Arthaud passou três dias na região e só teria podido ver pequena parte da população e é muito difícil obter informações sobre as famílias.”

Um outro relatório assim se exprime sobre o mesmo assunto:

“Nós, abaixo assinados, declaramos que tendo ouvido falar dos casos extraordinários, tidos como possessão de demônios, e ocorridos em Morzine, transportamo-nos para aquela paróquia onde chegamos a 30 de setembro último (1857) para testemunhar o que se passava e examinar tudo com maturidade e prudência, esclarecendo-nos por todos os meios fornecidos pela presença no lugar, a fim de poder formar um juízo razoável em semelhante matéria.

“1.º — Vimos oito jovens que estão libertas e cinco em estado de crise; a mais jovem tem dez anos e a mais velha, vinte e dois.

“2.º — Conforme tudo quanto nos dizem e que pudemos observar, essas jovens estão em perfeita saúde; fazem todas as obras e trabalhos peculiares à sua posição, de modo que não se vê, quanto aos outros hábitos e ocupações, nenhuma diferença entre elas e as outras jovens da montanha.

“3.º — Vimos estas moças, as não curadas, nos momentos lúcidos. Ora, podemos assegurar que nada foi observado nelas, quer idiotia, quer predisposição para as crises atuais, por falhas de caráter ou por exaltação de espírito. Aplicamos a mesma observação às que estão curadas. Todas as pessoas que consultamos sobre os antecedentes e os primeiros anos dessas moças nos asseguraram que elas mostravam, do ponto de vista de inteligência, o mais perfeito estado.

“4.º — O maior número dessas moças pertence a famílias que têm um honesto conforto de fortuna.

“5.º — Asseguramos que pertencem a famílias que gozam de boa reputação, entre as quais algumas são de uma virtude e uma piedade exemplares.”

Daremos em pouco a continuação deste relatório concernente aos fatos. Queríamos apenas constatar que nem todos viram as coisas com cores tão negras quanto o sr. Constant, que apresenta os habitantes como na extrema miséria e dos mais cabeçudos, teimosos e mentirosos, posto que no fundo bons e, sobretudo, piedosos, ou antes, devotos. Ora, quem tem razão: o sr. Constant, sozinho, ou vários outros, não menos honrados, que certificam ter bem observado? De nossa parte não hesitamos em nos colocar ao lado dos últimos, depois daquilo que vimos e do que nos disseram várias autoridades médicas e administrativas da região, e a manter a opinião emitida em nossos artigos precedentes.

Para nós a causa primeira nem está na constituição nem no regime higiênico dos habitantes, porque, como fizemos notar, há muitas regiões, a começar pelo Valais, limítrofe, em que as condições de toda a natureza, morais e outras, são infinitamente mais desfavoráveis e onde, entretanto, não grassa essa doença. Nós a veremos já circunscrita, não ao vale, mas apenas aos limites da comuna de Morzine. Se, como afirma o sr. Constant, a causa fosse inerente à localidade, ao gênero de vida e à inferiori-

dade moral dos habitantes, perguntamos, ainda, por que o efeito é epidêmico e não endêmico, como a papeira e o cretinismo no Valais? Por que as epidemias do mesmo gênero, de que fala a história, se produzem nas casas religiosas onde nada falta e que se acham nas melhores condições de salubridade?

Aliás, este é o quadro que o sr. Constant faz do caráter da gente de Morzine.

“Uma demora prolongada, visitas sucessivas e diárias mais ou menos em cada casa, permitiram-me chegar a outras constatações.

“Os habitantes de Morzine são suaves, honestos, de grande piedade; seria talvez mais justo dizer de grande devoção.

“São cabeçudos e dificilmente renunciam à idéia que adotaram, o que, além de outros inconvenientes, acrescenta o de os tornarem teimosos: outra fonte de mal-estar e de miséria, porque as conciliações são raras. Mas só em exceções raríssimas é que a justiça criminal encontra culpados entre eles.

“Têm um aspecto grave e sério, que parece um reflexo da natureza áspera que os rodeia e que lhes imprime uma espécie de cunho particular, que os faria tomar por membros de uma vasta comunidade religiosa. Com efeito, sua existência difere pouco da de um convento.

“Seriam inteligentes, se seu raciocínio não fosse obscurecido por uma porção de crenças absurdas ou exageradas, por um invencível arrastamento para o maravilhoso, legado pelos séculos passados e do que não os curou o século atual.

“Todos gostam dos contos e histórias impossíveis. Posto que fundamentalmente honestos, alguns mentem com imperturbável aprumo, para sustentar o que disseram no gênero. Se bem acabem, estou convicto, por mentir de boa fé, por crer em suas próprias mentiras, sem cessar de crer nas dos outros. Para ser justo, é preciso dizer

que a maioria não mente: apenas conta inexatamente o que viu”.

Aos nossos olhos, a causa é independente das questões dos homens e das coisas. Se formulamos tal opinião, não é com o propósito de ver por toda parte a ação dos Espíritos, porque ninguém admite sua intervenção com mais circunspecção do que nós; mas, por uma analogia que notamos entre certos efeitos e os que nos são demonstrados como resultado evidente de uma causa oculta. Mas, ainda uma vez, como admitir essa quando não se acredita na existência dos Espíritos? Como admitir, com Raspail, afecções produzidas por seres microscópicos, se se nega a existência desses animais, porque não os vimos? Antes da invenção do microscópio, Raspail teria passado por um louco, por ver animais em toda a parte; hoje que se está um pouco mais esclarecido, não se vêem Espíritos. Para isso, entretanto, quase que só falta por óculos.

Não negamos que haja efeitos patológicos na afecção de que se trata, porque a experiência no-lo mostra, por vezes, em casos semelhantes. Mas dizemos que são consecutivos e não causais. Se um médico Espírita tivesse ido a Morzine, teria visto o que outros não viram, sem, contudo, desprezar os fatos fisiológicos.

Depois de haver falado do sr. Mirville que, diz ele, para no caminho, acrescenta o sr. Constant:

“O sr. Allan Kardec fez a viagem completa. Nos números de dezembro de 1862 e janeiro de 1863 da sua “Revista Espírita”, já publicou dois artigos, apenas preliminares. O exame dos fatos virá no número de fevereiro. Enquanto isto, nos adverte que a epidemia de Morzine é semelhante à que caiu sobre a Judéia, ao tempo do Cristo. É bem possível.

“Com o risco de incorrer na censura de alguns leitores que acharão que faria melhor se não falasse dos

Espíritos, aconselho aos que lerem esta brochura a procurar o mesmo assunto nos autores que acabo de citar.

“Contudo, não deveriam enganar-se quanto ao meu convite: quanto mais leitores sérios houver para as obras sobre o Espiritismo, mais cedo será feita justiça a uma crença, a uma “ciência”, como dizem, sobre a qual talvez eu pudesse arriscar uma opinião, depois de tantas vezes haver verificado o seu resultado: o contingente bastante notável que ele fornece anualmente à população dos asilos de alienados”.

Pode ver-se por aí com que idéias o sr. Constant foi a Morzine. Certo não procuraremos lhe trazer nossa opinião: apenas lhe diremos que o resultado da leitura das obras espíritas demonstrou, pela experiência, o contrário do que ele espera, pois que essa leitura, em vez de fazer pronta justiça a essa pretensa ciência, anualmente multiplica os adeptos aos milhares; que hoje são contados no mundo inteiro por cinco ou seis milhões, dos quais a décima parte só na França. Se ele objetasse que são apenas tolos e ignorantes, nós lhe perguntaríamos por que essa doutrina conta no número de seus mais firmes partidários tão grande número de médicos em todos os países, o que atesta nossa correspondência, o número de médicos assinantes da “Revista” e o dos que presidem ou fazem parte de grupos e sociedades espíritas, sem falar do número não menor de adeptos pertencentes a posições sociais onde só se chega pela inteligência e pela instrução. Isto é um fato material que ninguém pode negar. Ora, como todo efeito tem uma causa, a causa desse efeito do Espiritismo não parece a todo mundo absurdo quando alguns se gabam de dizer. — Infelizmente é certo, exclamam os adversários da doutrina; assim, não temos mais que cobrir o rosto pelo erro da Humanidade que marcha para a decadência.

Resta a questão da loucura, o bicho-papão com o auxílio do qual procuram apavorar as criaturas, que qua-

se não se abalam, como bem se vê. Quando esse meio estiver esgotado, certamente inventarão outro; enquanto se espera, remeteremos o leitor para o artigo publicado no número de fevereiro último, sob o título de "A Loucura Espírita".

Os primeiros sintomas da epidemia de Morzine se declaravam em março de 1857 em duas meninas de uns doze anos. Em novembro seguinte o número de doentes era de vinte e sete e em 1861 atingiu o máximo de cento e vinte.

Se déssemos conta do fato segundo o que vimos, poder-se-ia dizer que vimos o que quisemos ver. Aliás, chegamos no declínio da doença e ficamos o bastante para tudo observar. Citando as observações alheias, não nos podem acusar de somente ver pelos próprios olhos.

Tomamos as observações que se seguem do relatório de que acima fizemos um extrato:

"Essas moças falam francês durante a crise com uma admirável facilidade, mesmo as que, fora daí, só sabem algumas palavras.

"Uma vez em crise, as moças perdem completamente qualquer reserva, seja para o que for; também perdem completamente toda afeição de família.

"A resposta é sempre tão pronta e fácil, que parece vir antes da interrogação. Esta resposta é sempre direta, exceto quando quem fala responde por tolices, insultos ou uma recusa formal.

"Durante a crise o pulso fica calmo e, no maior furor, o personagem tem um ar de domínio, como alguém que tivesse a cólera sob comando, sem parecer nem exaltado nem tomado de um acesso de febre.

"Notamos durante as crises uma insolência incrível, que ultrapassa qualquer limite, em meninas que, fora daí, são delicadas e tímidas.

"Durante a crise há em todas as meninas um caráter de impiedade permanente, levado além de todo o limi-

te, dirigido contra tudo o que lembra Deus, os mistérios da religião, Maria, os santos, os sacramentos, a prece, etc.; o caráter dominante destes momentos terríveis é o ódio a Deus e a tudo quanto a Ele se refere.

“Constatamos muito bem que essas meninas “revelam coisas que chegam de longe, bem como fatos passados de que não tinham conhecimento; também revelaram pensamento de várias pessoas.

“Algumas vezes anunciaram o começo, a duração e o fim das crises, o que farão mais tarde e o que não farão.

“Sabemos que deram respostas exatas a perguntas feitas em línguas desconhecidas, como alemão, latim, etc.

“No estado de crise as moças têm uma força sem proporção com a idade, pois são precisos três ou quatro homens para conter, durante o exorcismo, meninas de dez anos.

“É de notar-se que, durante a crise, as meninas não se maltratam, nem pelas contrações, que parecem de natureza a deslocar os membros, nem pelas quedas, nem pelas pancadas violentas que se dão.

“Em suas respostas há sempre, invariavelmente, distinção de várias entidades: “a filha e ele, o demônio e o danado”.

“Fora das crises as meninas não têm qualquer lembrança do que disseram ou fizeram; quer a crise tenha durado todo o dia, quer tenham feito trabalhos prolongados ou encargos dados no estado de crise.

.....
“Para concluir, diremos:

“Que a nossa impressão é de que tudo isto é sobrenatural, na causa e nos efeitos; segundo as regras da lógica são e conforme tudo quanto a teologia, a história eclesiástica e o Evangelho nos ensinam e nos contam.

“Declaramos que, em nossa opinião, há uma verdadeira possessão do demônio.

“Em fé do que,
assinado: * * *

Morzine, 5 de outubro de 1857.

Assim, o sr. Constant descreve as crises dos doentes, segundo suas observações:

“Em meio à mais completa calma, raramente à noite, de repente sobrevêm bocejos, espreguiçamento, tremores, pequenos solavancos de aspecto coreico nos braços, pouco a pouco, em curto espaço de tempo, como por efeito de descargas sucessivas, tais movimentos se tornam rápidos, depois mais simples e em breve não parecem mais que exagero de movimentos fisiológicos; a pupila se dilata e se contrai e os olhos participam do movimento geral.

“Então as doentes, cujo aspecto a princípio parecia exprimir terror, entram num estado de furor, que vai sempre crescendo, como se a idéia que as domina produzisse dois efeitos quase que simultâneos: depressão e excitação logo depois.

“Elas batem nos móveis com força e vivacidade, começam a falar, ou antes a vociferar; o que dizem, mais ou menos todas, quando não superexcitadas: por perguntas, se reduz a palavras indefinidamente repetidas: “s... não! s... ch... gne! ... s... vermelho! (Elas chamam vermelhos aqueles em cuja piedade não acreditam). Algumas acrescentam juramentos.

“Se junto a elas não se acha nenhum espectador estranho; se não lhes fizerem perguntas, repetem incessantemente a mesma coisa, sem nada acrescentar. Ao contrário, respondem ao que pergunta o espectador e mesmo aos pensamentos que lhes atribuem, às objeções que prevêem, mas sem se afastarem da idéia dominante e tudo referido ao que dizem. Assim por vezes: “Ah! tu crês, b. ...descrente, que somos loucas, que apenas sofremos

da imaginação! Somos danadas, s... n de D...! Somos diabos do inferno!"

"É, como sempre, um diabo que fala por sua boca; o suposto diabo por vezes "conta o que fazia na Terra, o que fez depois no inferno", etc.

"Em minha presença acrescentavam invariavelmente:

Não são os teus s... médicos que nos curarão! Nós nos f... perfeitamente de teus remédios! Bem podem fazer as meninas tomar, elas os tormentarão, fa-lá-ão sofrer; mas a nós eles nada farão, porque somos diabos! Nós precisamos de santos sacerdotes, de bispos, etc."

"O que não os impede de insultar o sacerdote, quando está presente, sob o pretexto de que "não são bastante santos para ter ação sobre os demônios". Perante o prefeito, os magistrados, era sempre a mesma idéia, mas com outras palavras.

"A medida que elas falam, sempre com a mesma veemência, suas fisionomias têm um só aspecto: o do furor. Por vezes o pescoço incha e a face se injeta; noutras, empalidece, como nas pessoas normais, que coram ou empalidecem, conforme a constituição, num violento acesso de cólera; os lábios estão sempre úmidos de saliva, o que leva a dizer que as doenças espumam.

"Limitados inicialmente às partes superiores, os movimentos vão ganhando o tronco e os membros inferiores; a respiração torna-se ofegante; as doentes redobram o furor, tornam-se agressivas, deslocam os móveis, atiram as cadeiras, os tamboretos, tudo quanto lhes cai às mãos, sobre os assistentes; precipitam-se sobre estes para lhes bater, tanto nos parentes quanto nos estranhos; jogam-se por terra, sempre com os mesmos gritos; rolam-se, batem as mãos no solo ou no peito, no ventre, na garganta e procuram arrancar algo que parece incomodar nesses pontos. Viram-se e reviram-se de um salto; vi

duas que, levantando-se como que por uma mola, voltavam-se para trás de tal modo que a cabeça tocava o solo ao mesmo tempo que os pés.

“Esta crise dura, mais ou menos, dez, vinte minutos, meia hora, conforme a causa que a provocou. Se em presença de um estranho, sobretudo um padre, é raro que termine antes que a pessoa se afaste. Neste caso os movimentos convulsivos não são contínuos: depois de terem sido violentos, enfraquecem e param para recomeçar imediatamente, como se a força nervosa esgotada repousasse um momento para se refazer.

“Durante a crise nem o pulso, nem o batimento do coração se aceleram e, mais comumente se dá o contrário: o pulso se concentra, torna-se filiforme, lento, e as extremidades se esfriam; a despeito da violência da agitação e dos golpes furiosos, as mãos ficam geladas.

“Contrariamente ao que em geral se vê em casos análogos, nenhuma idéia erótica se mistura ou parece juntar-se à idéia demoníaca. Eu mesmo fui chocado por essa particularidade, por ser comum em todas as doentes: nenhuma diz qualquer palavra ou faz o menor gesto obsceno. Em seus mais desordenados movimentos, jamais se descobrem e se seus vestidos se levantam um pouco quando rolam por terra, é raro que não os componham imediatamente.

“ Não parece que haja aqui lesão da sensibilidade genital; assim, jamais se tratou de incubos e súcubos cu de cenas de Sabat. Todas as doentes pertencem, como demonomanas, ao segundo dos quatro grupos indicados pelo sr. Macário. Algumas “escutam” a voz dos diabos; muito mais geralmente “falam por sua boca”.

“Depois da grande desordem, pouco a pouco, os movimentos se tornam menos rápidos; certos gases se escapam pela boca e a crise termina. A doente olha em redor com um ar espantado, arranja os cabelos, apanha e coloca o seu gorro, bebe uns goles d’água e retoma o seu

trabalho, se o tinha ao começar a crise. Quase todas dizem que não sofrem cansaço nem se lembram do que disseram ou fizeram.

“Esta última asserção nem sempre é sincera. Surpreendi algumas lembrando-se muito bem; apenas acrescentavam: “Bem sei que ele (o diabo) disse ou fez isto ou aquilo; mas não sou eu. Se minha boca falou, se minhas mãos bateram, era ele que as fazia falar e bater. Bem que eu queria ficar tranqüila; mas ele é mais forte que eu”.

“Esta descrição é a do estado mais freqüente. Mas entre os extremos existem vários graus, desde as doentes que só têm crises de dores gastrálgicas, até a que chega ao último paroxismo do furor. Feita reserva, em todas as doenças visitadas não encontrei diferenças dignas de nota senão nalgumas poucas.

“Uma, chamada Jean B. . . , quarenta e oito anos, solteira, muito velha, histérica, sente animais que não passam de diabos que lhe correm pelo rosto e a mordem.

“A mulher Nicolas B. . . , trinta e oito anos, doente há três anos, late durante as crises. Atribui sua doença a um copo de vinho que bebeu com um desses que fazem mal.

“Jeane G. . . , trinta e sete anos, solteira, é aquela cujas crises diferem mais. Não tem movimentos clônicos gerais, que se vêem nas outras e quase nunca fala. Desde que sente vir a crise, vai sentar-se, põe-se a balançar a cabeça para frente e para trás; os movimentos, a princípio lentos e pouco pronunciados, vão-se acelerando e acabam fazendo a cabeça descrever um círculo com incrível rapidez, até vir alternativa e regularmente bater às costas e peito. A intervalos o movimento cessa, e os músculos contraídos mantêm a cabeça fixa na posição em que se encontrava ao parar, sem que seja possível erguê-la ou dobrá-la, mesmo com esforços.

“Victoire V. . . , vinte anos, foi uma das primeiras a adoecer, aos dezesseis anos. Conta seu pai o que ela so-

freu: “Jamais tinha sentido nada, quando um dia foi tomada durante a missa. No correr dos dois ou três primeiros dias apenas saltava um pouco. Um dia me trouxe o jantar na cúria, onde eu trabalhava e tocou o Ângelus quando ela chegava; pôs-se a saltar, atirou-se no chão, gritando e gesticulando, jurando junto ao sineiro. Por acaso lá se achava o cura de Montriond; ela o injuriou, chamando-o s... ch... de Montriond. O cura de Morzine também veio para junto dela, quando a crise terminara, mas ela recomeçou porque ele fez o sinal da cruz em sua frente. Tinham-na exorcisado várias vezes, mas vendo que nada a curava, nem exorcismos nem nada, levei-a a Genebra, ao sr. Lafontaine, o magnetizador. Lá ficou um mes e foi curada. Ficou tranqüila cerca de três anos.

“Há seis semanas recaiu, mas já não tinha crises. Não queria ver ninguém e se trancava em casa. Só comia quando eu tinha algo de bom para lhe dar; do contrário, não podia engolir. Não se mantinha nas pernas nem movia os braços. Várias vezes tentei pô-la de pé, mas ela não se “sentia” e caía desde que não era sustentada. Resolvi levá-la ao sr. Lafontaine. Não sabia como transportá-la. Ela me disse: Quando estiver na comuna de Montriond andarei bem. Ajudado pelos vizinhos carregamo-la até Montriond. Mas logo do outro lado da ponte ela andou só e apenas se queixava de um gosto horrível na boca. Depois de duas sessões com o sr. Lafontaine ficou melhor e agora está empregada como doméstica.”

“Foi geralmente notado, diz o sr. Constant, “que desde que fora da comuna, só raramente as doentes têm crises.

“Um dia, o prefeito, que me acompanhava, foi surpreendido por uma doente e violentamente batido com uma pedra no rosto. Quase ao mesmo instante outra doente se atirava sobre ele, com um pedaço de pau, para lhe bater. Vendo esta vir, ele mostrou a ponta ferrada de sua

bengala, ameaçando-a, se avançasse. Ela parou, deixou cair o pau e contentou-se em injuriá-lo.

“A despeito das corridas, dos saltos, dos movimentos violentos e desordenados das doentes, das pancadas que dão, seus terrores e divagações, não se citam tentativas de suicídio nem acidentes graves com qualquer delas. Não perdem, pois, toda a consciência e ao menos subsiste o instinto de conservação.

“Se no começo da crise uma mulher tem o filho nos braços, acontece muitas vezes que um “diabo” menos mau que o que a vai “trabalhar” lhe diz: “Deixa esta criança”; ele (o outro diabo) “far-lhe-á mal”. O mesmo se dá quando tem uma faca ou outro instrumento capaz de ferir.

“Como as mulheres, os homens sofreram a influência da crença que a todos deprime em graus diversos; mas neles os efeitos foram menores e bastante diferentes. Alguns sentem realmente as mesmas dores que as mulheres; como estas sentem sufocação, uma sensação de estrangulamento e da bola histérica, mas nenhum chegou às convulsões; e se houve alguns raros casos de acidentes convulsivos, quase sempre podem ser atribuídos a um estado mórbido anterior e diferente. O único representante do sexo masculino que pareceu ter tido crises da mesma natureza que as moças, foi o jovem T... São geralmente as moças de quinze a vinte e cinco anos que foram atingidas. Ao contrário, no outro sexo, com exceção do jovem T..., conforme acabo de dizer, são apenas homens maduros, aos quais as vicissitudes da vida talvez tivessem trazido preocupações preexistentes ou acrescentar às causadas pela doença.”

Depois de haver discutido a maioria dos fatos extraordinários contados a respeito das doentes de Morzine, e tentado provar o estado de degenerescência física e moral dos habitantes por força de afecções hereditárias, acrescenta o sr. Constant:

“É, pois, necessário ter como certo que tudo quanto se diz em Morzine, uma vez trazido à verdade, se acha consideravelmente reduzido. Cada um arranjou a sua história e quis ultrapassar o outro. Mesmo que muitos fatos fossem autênticos em todos os pontos e escapassem a toda interpretação, seria motivo para lhes buscar uma explicação além das naturais? Seria o mesmo que dizer que os agentes, cujo modo de agir ainda não foram descobertos e escapam à nossa análise são necessariamente sobrenaturais.

“Tudo o que se viu em Morzine, sobretudo aquilo que se conta, poderá muito bem parecer para certas pessoas como um sinal manifesto de uma possessão, mas é, também, muito certamente, o de uma moléstia complexa que recebeu o nome de histero-demoniomania.

“Em resumo, acabamos de ver uma região cujo clima é rude e a temperatura muito variável, onde a histeria em todos os tempos foi considerada endêmica; uma população cuja alimentação, sempre a mesma para todos, mais pobres ou menos pobres, e sempre má, composta de alimentos por vezes alterado; não há necessidade de buscar no sobrenatural a explicação dos efeitos desconhecidos. Neste ponto estamos ambos de perfeito acordo. Podem provocar e provocam, desarranjos das funções dos órgãos de nutrição e, por aí, nevroses particulares; uma população de uma constituição pouco robusta e especial, às vezes marcada de predisposições hereditárias; ignorante e vivendo num isolamento quase completo; muito piedosa, mas de uma piedade que tem por base “mais o medo que a esperança”; muito supersticiosa e cuja superstição, essa chaga que São Tomás chamava “um vício oposto à religião por excesso”, tem sido mais acariciada que combatida; embalada por histórias de feitiçaria que são, fora das cerimônias da Igreja, a única distração, não impedida pela severidade religiosa exagerada; uma imaginação viva, muito impressionável, que teria ne-

cessidade de qualquer alimento, e que não tem outro senão essas mesmas cerimônias”.

Resta-nos examinar as relações que podem existir entre os fenômenos acima descritos e os que se produzem nos casos de obsessão e subjugação bem constatados, o que cada um terá notado; o efeito dos meios curativos empregados, as causas da ineficácia do exorcismo e as condições nas quais podem ser úteis. É o que faremos no próximo e último artigo.

Enquanto isto, diremos com o sr. Constant que estamos perfeitamente de acordo com ele neste ponto. Para nós os fenômenos espíritas nada têm de sobrenatural. Revelam-nos uma das leis, uma das forças da natureza que não conhecíamos e que produz efeitos até agora inexplicados. Esta lei que brota dos fatos e da observação, será mais desarrazoada por que tem como promotores seres inteligentes em vez de animais ou a matéria bruta? Será tão insensato crer em inteligências ativas além do tûmulo, quando sobretudo elas se manifestam de maneira ostensiva? O conhecimento desta lei, levando certos efeitos à sua causa verdadeira, simples e natural, é o melhor antídoto das idéias supersticiosas.

Estudos sobre os possessos de Morzine

CAUSAS DA OBSESSÃO E MEIOS
DE COMBATÊ-LA
(V E ÚLTIMO ARTIGO)

Como deve ter sido notado, o sr. Constant chegou a Morzine com a idéia de que a causa do mal era

puramente física. Podia ter razão, porque seria absurdo supor a “*priori*” uma influência oculta a todo efeito cuja causa é desconhecida. Segundo ele, a causa está inteiramente nas condições higiênicas, climatéricas e fisiológicas dos habitantes.

Estamos longe de pretender devesse ele ter vindo com uma opinião contrária prontinha, o que não teria sido mais lógico. Dizemos apenas que com sua idéia preconcebida não viu a que acaso podia referir-se, ao passo que, se ao menos tivesse admitido a possibilidade de outra causa, teria visto outra coisa.

Quando uma causa é real, deve poder explicar todos os efeitos que produz. Se certos efeitos vêm contradizê-la, é que aquela é falsa, ou não é única e, então, é preciso procurar uma outra. Incontestavelmente é a marcha mais lógica. E a justiça, nas suas investigações em busca da criminalidade, não procede de modo diverso. Se se trata de constatar um crime, chega ela com a idéia de que deve ter sido cometido desta ou daquela maneira, por tal meio ou qual pessoa? Não. Ela observa as menores circunstâncias e, remontando dos efeitos às causas, afasta as que são inconciliáveis com os efeitos observados e, de dedução em dedução, é raro que não chegue à constatação da verdade. Dá-se o mesmo nas ciências. Quando uma dificuldade resta insolúvel, o mais sábio é suspender o julgamento. Então toda hipótese é permitida para tentar resolvê-la. Mas se a hipótese não resolve todos os casos da dificuldade, é que é falsa. Não tem o caráter de uma verdade absoluta se não der a razão de tudo. É assim que no Espiritismo, por exemplo, à parte toda constatação material, remontando dos efeitos às causas, chega-se ao princípio da pluralidade das existências, como conseqüência inevitável, porque só ele explica claramente o que nenhum outro pode explicar.

Aplicando este método aos fatos de Morzine, é fácil ver que a causa única admitida pelo sr. Constant está

longe de tudo explicar. Ele constata, por exemplo, que geralmente as crises cessam quando os doentes estão fora do território da comuna. Se, pois, o mal é devido à constituição linfática e à má nutrição dos habitantes, como a causa cessa de agir assim que transpõem a ponte que os separa da comuna vizinha? Se as crises nervosas não fossem acompanhadas de nenhum outro sintoma, ninguém duvida que se pudesse, aparentemente, atribuí-las a um estado constitucional, mas há fenômenos que não seriam explicados exclusivamente por esse estado.

Aqui o Espiritismo nos oferece uma comparação chocante. No começo das manifestações, quando se viam mesas girando, batendo, erguendo-se no espaço sem ponto de apoio, o primeiro pensamento foi que isso podia ser por ação da eletricidade, do magnetismo ou de outro fluido desconhecido. A suposição não era desarrazoada; ao contrário, oferecia probabilidades. Mas quando se viu que os movimentos davam sinal de inteligência, manifestavam uma vontade própria, espontânea e independente, a primeira hipótese teve de ser abandonada, pois não resolvia esta fase do fenômeno, e houve que reconhecer-se uma causa inteligente para um efeito inteligente. Qual era sua inteligência? Foi, ainda, por via da experimentação que a ela se chegou, e não por um sistema preconcebido.

Outro exemplo. Quando, observando a queda dos corpos, Newton notou que todos caíam na mesma direção, procurou a causa e levantou uma hipótese. Esta hipótese, resolvendo todos os casos do mesmo gênero, tornou-se a lei da gravitação universal, lei puramente mecânica, porque todos os efeitos eram mecânicos. Mas suponhamos que vendo cair uma maçã, esta tivesse obedecido à sua vontade; que ao seu comando em vez de descer tivesse subido, fosse para a direita ou para a esquerda, tivesse parado ou entrado em movimento; que, por um sinal qualquer tivesse respondido ao seu pensamento, ele teria si-

do forçado a reconhecer algo que não uma lei mecânica, isto é. que não sendo inteligente, a maçã deveria ter obedecido a uma inteligência. Assim foi com as mesas gigantes. Assim é com os doentes de Morzine.

Para não falar senão de fatos observados pelo próprio sr. Constant, perguntaríamos como uma alimentação má e um temperamento linfático podem produzir antipatia religiosa em criaturas naturalmente religiosas e até devotas? Se fosse um fato isolado podia ser uma exceção; mas reconhece-se que é geral e que é um dos caracteres da doença lá e alhures. Eis um efeito: procurai a sua causa. Não a conheceis? Seja. Confessai-o, mas não digais que é devido ao fato de os habitantes comerem batatas e pão preto, nem à sua ignorância e inteligência obtusa, porque vos oporão o mesmo efeito entre gente que vive na abundância e recebeu instrução. Se o conforto bastasse para curar a impiedade, ficaríamos admirados de encontrar tantos ímpios e blasfemadores entre as criaturas que de nada se privam.

O regime higiênico explicaria melhor este outro fato não menos característico e geral do sentimento de dualidade, que se traduz de modo inequívoco na linguagem dos doentes? Certo que não. É sempre uma terceira pessoa quem fala. Sempre uma distinção entre ele e a moça, fato constante nos indivíduos no mesmo caso, seja qual for a sua classe social. Os remédios são ineficazes por uma boa razão: é que são bons, como diz aquele terceiro, para a moça, isto é, para o ser corporal; mas não para o outro, aquele que não é visto e que, entretanto, a faz agir, a constrange, a subjuga, a derruba e se serve de seus membros para bater e de sua boca para falar. Ele diz nada haver visto que justifique a idéia da possessão. Mas os fatos estavam ante os seus olhos; ele mesmo os cita. Podem ser explicados pela causa que ele lhes atribui? Não. Então esta causa não é verdadeira. Ele via os efeitos morais e devia procurar uma causa moral.

Outro médico, o dr. Chiara, que também visitou Morzine, publicou sua apreciação (*), constatando os mesmos fenômenos e os mesmos sintomas que o sr. Constant. Mas para ele, como para este último, os Espíritos malignos são imaginação dos doentes. Em seu trabalho encontramos o seguinte fato, a propósito de uma doente:

“O acesso começa por um soluço e movimentos de deglutição, pela flexão e soerguimentos alternativos da cabeça sobre o tronco; depois de várias contorções que lhe dão ao rosto tão suave uma expressão horrorosa: “S... médico, grita ela, eu sou o diabo... , tu queres fazer-me deixar a moça; eu não te temo... vem!... há quatro anos que a domino: ela é minha, nela ficarei. — Que fazes nesta moça? — Eu a atormento. — E por que, infeliz, atormentas uma pessoa que não te fez nenhum mal? — Porque me puseram aqui para atormentá-la. — És um celerado. Aqui paro, atordoado por uma avalanche de injúrias e imprecações.”

Falando de outra doente, diz ele:

“Após alguns instantes de uma cena muda, de uma pantomina mais ou menos expressiva, nossa possessa põe-se a soltar pragas horríveis. Espumando de raiva, injuria-nos a todos com um furor sem igual. Mas — digamo-lo já — não é a moça que assim se exprime, é o diabo que a possui e que, servindo-se de seu órgão, fala em seu próprio nome. Quanto à nossa energúmena, é apenas um instrumento passivo no qual foi inteiramente abolida a noção do “eu”. Se for interpelada diretamente, fica muda: só Belzebu responderá.

“Enfim, depois de uns três minutos esse drama

(*) Les Diables de Morzine, chez, Mégret, quai de l'Hôpital, 51 à Lyon.

horrível cessa de repente, como que por encanto. A mo-
cinha B... retoma o ar mais calmo, o mais natural do
mundo, como se nada tivesse acontecido. Tricotava antes,
eis que tricota depois, parecendo não ter interrompido o
trabalho. Interrogo-a; responde que não sente a menor
fadiga nem se lembra de nada. Falo-lhe das injúrias que
nos dirigiu; ela as ignora; mas parece contrariar-se e nos
pede desculpas.

“Em todas essas doentes a sensibilidade geral é
abolida completamente. Podem ser pinçadas, beliscadas,
ou queimadas e nada sentem. Numa delas fiz uma dobra
na pele e atravessei com uma agulha comum: correu san-
gue mas ela nada sentiu.

“Em Morzine vi ainda várias dessas doentes fora
do estado da crise: eram moças gordas, agradáveis, go-
zando da plenitude das faculdades físicas e morais. Ven-
do-as é impossível supor a existência da menor afecção.”

Isto contrasta com o estado raquítico, macilento e
sofredor que o sr. Constant admite ter notado. Quanto ao
fenômeno da insensibilidade durante as crises, não é, co-
mo se viu, a única aproximação que os fatos apresentam
com a catalepsia, o sonambulismo e a dupla visão.

De todas essas observações o dr. Chiara chegou
a esta definição do mal:

“É um conjunto mórbido, formado de diferentes sin-
tomas, tomados um pouco em todo o quadro patológico
das moléstias nervosas e mentais; numa palavra, é uma
afecção “sui generis”, para a qual, pouco ligando às de-
nomações, conservarei o nome de “hístico-demonoma-
nia”, que já lhe foi dado.”

É caso de dizer: “Quem tiver ouvidos, ouça.” É
um mal particular, formado de diferentes partes e que
tem sua fonte um pouco em toda parte. É o mesmo que
dizer simplesmente: “É um mal que não compreendo.”
É um mal “sui generis”: estamos de acordo; mas qual
esse gênero, ao qual nem sabeis dar o nome?

Poderíamos provar a insuficiência de uma causa puramente material para explicar o mal de Morzine, por muitas outras aproximações, que os próprios leitores farão. Reportem-se aos artigos precedentes, nos quais mencionamos a maneira por que se exerce a ação dos Espíritos obsessores, os fenômenos resultantes dessa ação, e a analogia ressaltará com a última evidência. Se, para a gente de Morzine, o terceiro que interfere é o diabo, é porque lhes disseram que era o diabo e eles só sabiam isto. Aliás, é sabido que certos Espíritos de baixo nível divertem-se tomando nomes infernais para apavorar. A este nome substituí em sua boca o vocábulo “Espírito”, ou antes, “maus Espíritos” e tereis a reprodução idêntica de todas as cenas de obsessão e de subjugação que referimos. É incontestável que, numa região onde dominasse a idéia do Espiritismo, sobrevindo tal epidemia, os doentes se dissessem solicitados por maus Espíritos, quando, aos olhos de certas pessoas parecessem loucos. Dizem que é o diabo; é uma afecção nervosa. É o que teria acontecido em Morzine, se o conhecimento do Espiritismo ali tivesse precedido a invasão desses Espíritos. Então os adversários teriam gritado: socorro! Mas a Providência não lhes quis dar essa satisfação passageira: ao contrário, quis provar sua impotência para combater o mal pelos meios ordinários.

No final de contas, recorreram ao afastamento das doentes, que foram dirigidas para os hospitais de Thonon, Chambéry, Lyon, Mâcon, etc. O meio era bom porque, quando todas transportadas, podiam se gabar de que não existiam mais doentes na região. A medida podia basear-se num fato observado, o da cessação das crises fora da comuna; mas parece ter-se baseado em outra consideração: o isolamento dos doentes. Aliás, a opinião do sr. Constant é categórica: Deveria haver uma espécie de lazareto, diz ele, onde pudessem ser escondidas, assim que se mostrassem, as desordens morais e nervosas, cuja

propriedade contagiosa é estabelecida, como disse meu velho amigo dr. Bouchut. Casualmente, tal lazareto foi encontrado no asilo de alienados. É o único lugar verdadeiramente conveniente para o tratamento racional e completo das enfermas de que me ocupo, que se admita que sua doença é mesmo uma forma, uma variedade de alienação, quer mesmo não admitindo que fosse, sob qualquer título, tomadas como alienadas. É necessário sobre elas produzir um certo grau de intimidação, ocupar seu espírito de modo a deixar o menos tempo possível às suas preocupações por outra preocupação; subtrai-las absolutamente de toda influência religiosa irrefletida e desmedida, às conversas, aos conselhos ou observações susceptíveis de alimentar o seu erro, que, ao contrário, deve ser combatido diariamente; dar-lhes um regime apropriado; obrigá-las, enfim, a se submeterem às prescrições que seria útil associar a um tratamento puramente moral e ter os meios de execução. Onde encontrar reunidas todas essas condições necessárias, essenciais, senão num asilo? Teme-se para essas doentes o contacto com as verdadeiras alienadas. Tal contacto seria menos prejudicial do que se pensava e, afinal, teria sido fácil conservar provisoriamente um pavilhão só para as doentes de Morzine. Se sua aglomeração tivesse qualquer inconveniente, ter-se-ia encontrado compensação na própria reunião e estou convicto de que o nome de asilo, casa de loucos, por si só tivesse produzido mais de uma cura e que se tivessem encontrado poucos diabos que uma ducha não tivesse posto em fuga."

Estamos longe de partilhar do otimismo do sr. Constant sobre a inocuidade do contacto dos alienados e a eficácia das duchas em casos semelhantes. Ao contrário, estamos persuadidos de que em tal regime pode produzir uma verdadeira loucura, onde esta é apenas aparente. Ora, note-se bem que fora das crises, as doentes têm todo o bom sênsu e são sãs de corpo e espírito; não há-

nelas senão uma perturbação passageira, sem quaisquer caracteres da loucura propriamente dita. Seu cérebro necessariamente enfraquecido pelos ataques freqüentes que exeperimenta, seria ainda mais facilmente impressio-nável pela visão dos loucos e pela idéia de achar-se entre loucos. O sr. Constant atribui o desenvolvimento e a continuidade da moléstia à imitação, à influência das con-versas dos doentes entre si e aconselha a pô-las entre loucos ou isolá-las num pavilhão do hospital! Não é uma contradição e é isto que ele entende por tratamento moral?

Em nossa opinião o mal se deve a uma causa abso-lutamente diversa e requer meios curativos diferentes. Tem a sua fonte na reação incessante que existe entre o mundo visível e invisível, que nos cerca, e em cujo meio vivemos, isto é, entre os homens e os Espíritos, que não passam de almas dos que viveram e entre os quais há bons e maus. Esta reação é uma das forças, uma das leis da natureza, e produz uma porção de fenômenos psicoló-gicos, fisiológicos e morais incompreendidos, porque a causa era desconhecida. O Espiritismo nos deu a conhe-cer esta lei, e, desde que os efeitos são submetidos a uma lei da natureza, nada têm de sobrenatural. Vivendo no meio desse mundo, que não é tão imaterial quanto o ima-ginam, uma vez que esses seres, embora invisíveis, têm corpos fluídicos semelhantes aos nossos, nós sentimos*a sua influência. A dos bons Espíritos é salutar e benéfica; a dos maus é perniciosa como o contacto das criaturas perversas na sociedade.

Assim, dizemos que em Morzine abateu-se, de mo-mento, uma nuvem de Espíritos malfazejos; abateu-se so-bre a localidade como aconteceu sobre muitas outras; e não será com duchas nem alimentos suculentos que se-rão expulsos. Uns os chamam “diabos” ou “demônios”; nós os chamamos apenas “maus Espíritos ou Espíritos inferiores,” o que não implica uma melhor qualidade, mas

o que é muito diferente pelas conseqüências, visto como a idéia ligada aos demônios é a de seres à parte, fora da Humanidade e perpetuamente votados ao mal, enquanto eles não passam de **almas de homens que foram maus** na Terra, mas que acabarão por se melhorarem um dia. Vindo a essa localidade como Espíritos, fazem o que teriam feito como se vindos em vida, isto é, o mal que faria um bando banal de malfeitores. **É, pois, necessário expulsá-los, como se expulsaria uma tropa inimiga.**

Na natureza desses Espíritos está o serem antipáticos à religião, porque temem o seu poder, assim como os criminosos são antipáticos à lei e aos juizes que os condenam. E exprimem esse sentimento pela boca de suas vítimas, verdadeiros médiuns inconscientes, absolutamente certos quando dizem ser apenas ecos. O paciente é reduzido à passividade; está na situação de um homem dominado por um inimigo mais forte, que o obriga a fazer sua vontade. O “eu” do Espírito estranho neutraliza momentaneamente o “eu” pessoal. Há subjugação obsessional e não possessão.

Que absurdo? dirão certos médicos. Vá, que seja absurdo, mas nem por isso deixa de ser tido como verdade por grande número de médicos. Tempo virá — e não tão longe quanto se pensa — em que a ação do mundo invisível será geralmente admitida e a influência dos maus Espíritos posta entre as causas patológicas. Será levado em conta o importante papel desempenhado pelo perispírito na fisiologia e uma nova via de cura será aberta para uma porção de doenças consideradas incuráveis.

Se assim é, perguntarão, de onde vêm a inutilidade dos exorcismos? Isto prova uma coisa: **é que os exorcismos, tais quais são aplicados, não valem mais que os remédios, porque sua eficácia não está no ato exterior, na virtude das palavras e sinais, mas no ascendente moral exercido sobre os maus Espíritos. Os doentes nos diziam: “Não são remédios que nos faltam: mas padres santos”.**

E os insultavam, dizendo que “não eram bastante santos para ter ação sobre os demônios”. Era a alimentação de batatas que os levava a falar assim? Não: mas a intuição da verdade. Em casos semelhantes a ineficácia do exorcismo é constatada pela experiência. E por que? Porque consiste em cerimônias e fórmulas de que se riem os maus espíritos, ao passo que cedem ao ascendente moral que lhe impõem; vêem que os querem dominar por meios impotentes e desejam mostrar-se mais fortes. São como o cavalo passarinho que derruba o cavaleiro inábil, mas se dobra quando encontra um mestre.

“Numa dessas cerimônias, “diz o dr. Chiara, “houve na igreja, onde haviam reunido todos os doentes, um tumulto horrível. Todas as mulheres caíram em crise simultaneamente, derrubando, quebrando os bancos da igreja e rolando pelo chão, de mistura com homens e crianças, que em vão se esforçavam por contê-las. Proferem juras horríveis e incríveis; interpelam os sacerdotes nos mais injuriosos termos”.

Neste momento cessaram as cerimônias públicas de exorcismo, mas foram exorcisar a domicílio, a qualquer hora do dia e da noite, o que não deu melhores resultados, determinando-se sua renúncia definitiva.

Citamos vários exemplos de força moral em semelhantes casos; e, se não tivéssemos sob os olhos um número suficiente de provas, bastaria lembrar a que exercia o Cristo que, para expulsar os demônios, apenas mandava que se retirassem. Comparem-se, nos Evangelhos, os possessos daquele tempo com os de nossos dias, e ver-se-á uma chocante similitude. Jesus os curava por milagre, direis vós. Seja. Mas eis um fato passado entre os cismáticos e que não considerais miraculoso.

O sr. A. . . , de Moseau, que não havia lido o nosso relato, contava-nos, há poucos dias, que nas suas propriedades os habitantes de uma aldeia foram atingidos por um mal em tudo semelhante ao de Morzine. Mesmas crises,

mesmas convulsões, mesmas blasfêmias, mesmas injúrias contra os padres, mesmo efeito de exorcismo, mesma impotência da ciência médica. Um de seus tios, o sr. R. . . , de Moscou, poderoso magnetizador, homem de bem por excelência, de coração muito piedoso, tendo vindo visitar aqueles infelizes, parava as convulsões mais violentas pela simples imposição das mãos, acompanhada de fervorosa prece. Repetindo o ato, acabou curando quase todos radicalmente.

Este exemplo não é único. Como explicá-lo, senão pela influência do magnetismo, secundada pela prece, remédio pouco usado pelos nossos materialistas, porque não se encontram no codex nem nas farmácias? Contudo, remédio poderoso quando parte do coração e não dos lábios, e que se apóia numa fé viva e num ardente desejo de fazer o bem. Descrevendo a obsessão em nossos primeiros artigos, explicamos a ação fluídica que se exerce em tal circunstância e daí concluímos, por analogia, que teria sido um poderoso auxiliar em Morzine.

Como quer que seja, parece que o mal chegou a seu termo, mas as condições da região continuam as mesmas.

Por que isto? É o que ainda não nos é permitido dizer. Como, porém, mais tarde será reconhecido, haverá servido ao Espiritismo mais do que se pensa, ainda quando não fosse senão para provar, por um grande exemplo, que aqueles que não o conhecem não estão preservados contra a ação dos maus Espíritos e a impotência dos meios ordinários empregados para os expulsar.

Terminaremos assegurando a certos habitantes da região sobre a pretensa influência de alguns dentre eles que teria podido exercer “causando o mal”, como o dizem. A crença nos lançadores da sorte deve ser relegada entre as superstições. Que sejam de coração piedoso; e os que se encarregaram de os conduzir se esforcem por elevá-los moralmente: é o mais seguro meio de neutrali-

zar a influência dos maus Espíritos e de prevenir a volta do que se passou. Os maus Espíritos só se dirigem àqueles a quem sabem poder dominar e não àqueles a quem a superioridade moral, — não dizemos intelectual, — encouraja contra os ataques.

Aqui se apresenta uma objeção muito natural, que convém prevenir. Talvez perguntem por que todos os que fazem o mal não são atingidos pela obsessão? A isto respondemos que, fazendo o mal, sofre de outra maneira a perniciosa influência dos maus Espíritos, cujos conselhos escutam, pelo que serão punidos com tanto mais severidade quanto mais agirem com conhecimento de causa. Não creiais na virtude de nenhum talismã, nenhum amuleto, nenhum signo, nenhuma palavra para afastar os maus Espíritos. A pureza de coração e de intenção, o amor de Deus e do próximo, eis o melhor talismã, porque lhes tira todo império sobre as nossas almas. Eis a comunicação que a respeito deu o Espírito de São Luís, guia espiritual da Sociedade Espírita de Paris:

Os possessos de Morzine estão realmente sob a influência dos maus Espíritos, atraídos para aquela região por causas que conhecereis um dia, ou melhor, que vós mesmos reconhecereis um dia. O conhecimento do Espiritismo ali fará predominar a boa influência sobre a má fé, isto é, os Espíritos curadores e consoladores, atraídos pelos fluídos simpáticos, substituirão a maligna e cruel influência que desola aquela população. O Espiritismo está chamado a prestar grandes serviços: será o curador dos males cuja causa era antes desconhecida e ante às quais a ciência continua impotente; sondará as chagas morais e lhes ministrará o bálsamo reparador; tornando os homens melhores, deles afastará os maus Espíritos atraídos pelos vícios da Humanidade. Se todos os homens fossem bons, os maus Espíritos deles se afastariam porque não poderiam os induzir ao mal. A presença dos homens de bem os faz fugir; a dos homens viciosos os atrai, ao passo

que se dá o contrário com os bons Espíritos. Assim, sede bons, se quiserdes ter apenas bons Espíritos em redor de vós. (Médium, sra. Costel).



Um caso de possessão

MLLE. JULIE

Temos dito que não havia possessos, no sentido vulgar do vocábulo, mas subjugados. Voltamos a esta asserção absoluta, porque agora nos é demonstrado que pode haver verdadeira possessão, isto é, substituição, posto que parcial, de um Espírito errante a um encarnado.

Eis um primeiro fato, que o prova, e apresenta o fenômeno em toda a sua simplicidade.

Várias pessoas se achavam um dia em casa de uma senhora médium-sonâmbulo. De repente esta tomou atitudes absolutamente masculinas. A voz mudou e, dirigindo-se a um assistente, exclamou: “Ah! meu caro amigo, como estou contente de te ver!” Surpresos, perguntam o que isto significa. A senhora continua: “Como! meu caro, não me reconheces? Ah! é verdade; estou coberto de lama! Sou Charles Z. . .” A este nome, os assistentes se lembraram de um senhor, morto meses antes, de uma apoplexia, à beira de uma estrada. Tinha caído num fosso, de onde o haviam retirado, coberto de lama. Declarou que, querendo conversar com seu velho amigo, aproveitava o momento em que o Espírito da sra. A. . . ; a sonâmbula, estava afastado do corpo, para tomar-lhe o lugar. Com efeito, tendo-se renovado a cena vários dias seguidos, a sra. A. . . tomava de cada vez as atitudes e maneiras habituais do sr. Charles, espreguiçando-se no

encosto da cadeira, cruzando as pernas, torcendo o bigode, passando os dedos pelos cabelos, de tal sorte que, salvo os vestidos, poder-se-ia crer estar em presença do sr. Charles. Contudo, não havia transfiguração, como vimos noutras circunstâncias. Eis algumas de suas respostas.

— Já que tomastes posse do corpo da sra. A..., poderíeis nele ficar?

— Não; mas vontade não me falta.

— Por que não podeis?

— Porque seu Espírito está sempre ligado a seu corpo. Ah! se eu pudesse romper esse laço "eu pregaria uma peça".

— Que faz durante este tempo o Espírito da sra. A...?

— Está aqui ao lado; olha-me e ri, vendo-me em suas vestes.

Estas palestras eram muito divertidas. O sr. Charles tinha sido um boêmio e não desmentia o seu caráter. Dado à vida material, era pouco adiantado como Espírito, mas naturalmente bom e benevolente. Apoderando-se do corpo da sra. A..., não tinha qualquer intenção má; assim aquela senhora nada sofria com a situação, a que se prestava de boa vontade. É bom dizer que ela não o havia conhecido e não podia saber de suas maneiras. É ainda de notar que os assistentes nele não pensavam; a cena não foi provocada e ele veio espontaneamente.

Aqui a possessão é evidente e ressalta ainda melhor dos detalhes, que seria longo enumerar. Mas é uma possessão inocente e sem inconvenientes.

Já o mesmo não se dá quando se trata de um Espírito malévolos e mal-intencionado. Ela pode ter seqüências tanto mais graves quanto mais tenazes são esses Espíritos; o que, muitas vezes torna difícil livrar o paciente que é sua vítima.

Eis um exemplo recente, que observamos pessoal-

mente e que foi objeto de sério estudo na Sociedade de Paris.

A senhorita Julie, doméstica, nascida na Savoie, com vinte e três anos, caráter muito suave, sem qualquer instrução, desde algum tempo era sujeita a acessos de sonambulismo natural, que duravam semanas inteiras. Nesse estado ocupava-se em seu trabalho habitual, sem que as pessoas suspeitassem de sua situação; seu trabalho até era muito mais cuidado. Sua lucidez era notável: descrevia lugares e acontecimentos distantes com perfeita exatidão.

Há cerca de seis meses tornou-se presa de crises de um caráter estranho, que sempre ocorriam no estado sonambúlico que, de certo modo, se tornara seu estado normal. Torcia-se, rolava pelo chão, como se se debatesse em luta com alguém que a quisesse estrangular e, com efeito, apresentava todos os sintomas de estrangulamento. Acabava vencendo esse ser fantástico, tomava-o pelos cabelos, derrubava-o a sopapos, com injúrias e imprecações, apostrofando-o incessantemente com o nome de "Fredegunda", infame regente, rainha impudica, criatura vil e manchada por todos os crimes, etc. Pisoteava como se a calcasse aos pés com raiva, arrancando-lhe as vestes. Coisa bizarra, tomando-se ela própria por Fredegunda, dando em si própria redobrados golpes nos braços, no peito, no rosto, dizendo: "Toma! toma! és bastante infame, Fredegunda! Queres me sufocar, mas não o conseguirás; queres meter-te em "minha caixa", mas eu te expulsarei". Minha caixa era o termo de que se servia para designar o próprio corpo. Ninguém poderia pintar melhor o acento frenético com que pronunciava o nome de Fredegunda, rangendo os dentes, nem as torturas que sofria nesses momentos.

Um dia, para se livrar de sua adversária, tomou de uma faca e vibrou-a contra si mesma, mas foi socorrida a tempo de evitar-se um acidente. Coisa não menos notável

é que jamais tomou um dos presentes por Fredegunda. A dualidade era sempre a mesma; era contra si que dirigia o seu furor, quando o Espírito estava nela e contra um ser invisível quando dele se havia desembaraçado. Para os outros era suave e benevolente, mesmo nos momentos de maior exasperação.

Essas crises, verdadeiramente apavorantes, por vezes duravam horas e se renovavam várias vezes por dia. Quando tinha acabado de vencer a Fredegunda, caía num estado de prostração e de abatimento de que só saía pouco a pouco, mas que lhe deixava uma grande fraqueza e dificuldade de falar. A saúde estava profundamente alterada; nada podia comer e por vezes ficava oito dias sem alimento. Os melhores petiscos lhe tinham gosto horrível, que a fazia rejeitá-los. Dizia que eram obra de Fredegunda, que queria impedi-la de comer.

Dissemos acima que a moça não tinha qualquer instrução. Em vigília jamais ouvira falar de Fredegunda, nem de seu caráter nem do papel que tinha tido. Ao contrário, no sonambulismo, sabe perfeitamente e diz ter vivido em seu tempo. Não era Brunehaut, como a princípio se supôs, mas outra pessoa, ligada à sua corte.

Outra observação, não menos essencial, é que, até o começo das crises, a senhorita Julie jamais se tinha ocupado de Espiritismo, cujo nome lhe era desconhecido. Ainda hoje, em vigília, ele lhe é estranho e não o aceita. Só o conhece no estado sonambúlico e depois que começou a ser tratada. Assim, tudo quanto diz é espontâneo.

Em face de uma situação tão estranha, uns atribuem o seu estado a uma afecção nervosa; outros a uma loucura de caráter especial; e força é convir que, à primeira vista, esta última opinião tem uma aparência de realidade. Um médico declarou que, no estado atual da ciência, nada podia explicar semelhantes fenômenos, e que não via qualquer remédio. Contudo, pessoas experi-

mentadas no Espiritismo reconheceram sem esforço que ela estava sob o império de uma subjugação das mais graves e que lhe poderia ser fatal. Sem dúvida quem só a tivesse visto nos momentos de crise e só tivesse considerado a estranheza de seus atos e palavras, poderia dizer que era louca, e lhe teria infligido o tratamento dos alienados que, sem a menor dúvida, teria determinado uma loucura verdadeira. Mas tal opinião deve ceder ante os fatos.

No estado de vigília sua conversa é a de uma criatura de sua condição e relativa à sua falta de instrução; a inteligência é mesmo vulgar. Já a coisa é completamente outra no estado de sonambulismo. Nos momentos de calma, raciocina com muito senso, justeza e profundidade. Ora, seria loucura singular esta que aumentasse a dose de inteligência e julgamento. Só o Espiritismo pode explicar essa aparente anomalia. No estado de vigília, sua alma ou Espírito está comprimido por órgãos que lhe não permitem senão uma manifestação incompleta; no estado de sonambulismo, a alma, emancipada, está em parte liberta dos laços e goza da plenitude de suas faculdades. Nos momentos de crise, suas palavras e atos não são ex-cêntricos senão para os que não crêem na ação dos seres do mundo invisível. Não vendo senão o efeito, e não remontando à causa, eis porque todos os obsessados, subjugados e possessos passam por loucos desta natureza e que seriam facilmente curados se se não obstinassem a neles ver apenas uma doença orgânica.

Diante de tal situação, como a senhorita Julie não tinha recursos, uma família de verdadeiros e sinceros espíritas concordou em tomá-la a seu serviço, mas na sua situação ela deveria ser mais um embaraço do que uma utilidade, e era preciso um verdadeiro devotamento para cuidar dela. Mas essas pessoas foram bem recompensadas, primeiro pelo prazer de praticar uma boa ação, depois pela satisfação de haver poderosamente contribuído

para a sua cura, hoje completa. Dupla cura, porque não só a senhorita Julie se libertou, mas sua inimiga converteu-se a melhores sentimentos.

Eis o que testemunhamos numa dessas lutas terríveis, que não durou menos de duas horas, quando pudemos observar o fenômeno nos mínimos detalhes e no qual reconhecemos uma analogia completa com os dos possessos de Morzine.

A única diferença é que em Morzine os possessos se entregavam a atos contra as pessoas que os contrariavam e falavam do diabo, que tinham em si, pois os haviam persuadido que era o diabo. Em Morzine a senhorita Julie teria chamado Fredegunda de Diabo.



Período de luta

O primeiro período do Espiritismo, caracterizado pelas mesas girantes, foi o da “curiosidade”. O segundo foi o “período filosófico”, marcado pelo aparecimento do “Livro dos Espíritos”. Desde esse momento o Espiritismo tomou um caráter completamente novo. Foram entrevistas o objetivo e a extensão, bebendo-se a fé e a consolação; e a rapidez de seu progresso foi tal que nenhuma outra doutrina filosófica ou religiosa oferece outro exemplo. Mas, como todas as idéias novas, teve adversários tanto mais encarniçados quanto maior era a idéia, porque nenhuma idéia grande pode estabelecer-se sem ferir interesses. É preciso que se situe, e as pessoas deslocadas não podem vê-la com bons olhos. Depois, ao lado das pessoas interessadas estão os que, sistematicamente sem motivos precisos, são adversários natos de tudo quanto é novo.

Nos primeiros anos, muitos duvidaram de sua vitalidade, razão porque lhe deram pouca atenção. Mas quando o viram crescer, a despeito de tudo, propagar-se em todas as camadas da sociedade e em todas as partes do mundo, tomar o seu lugar entre as crenças e tornar-se uma potência pelo número de seus aderentes, os interessados na manutenção das idéias antigas alarmaram-se seriamente.

Então uma verdadeira cruzada foi dirigida contra ele, dando início ao “período de luta”, do qual o auto-defé de Barcelona, a 9 de outubro de 1860, foi, de certo modo, o sinal. Até aí ele tinha sido objeto dos sarcasmos da incredulidade, que ri de tudo, sobretudo daquilo que não compreende, mesmo das coisas mais santas, e aos quais nenhuma idéia nova pode escapar. É o seu batismo do trópico. Mas os outros não riem: olham-no com cólera, sinal evidente e característico da importância do Espiritismo. Desde esse momento os ataques tomaram um caráter de violência incrível. Foi dada a palavra de ordem: sermões furibundos, mandamentos, anátemas, excomuniões, perseguições individuais, livros, brochuras, artigos de jornais, nada foi poupado, nem mesmo a calúnia.

Estamos, pois, em pleno período de luta, mas este não terminou. Vendo a inutilidade dos ataques a céu aberto, vão ensaiar a guerra subterrânea, que se organiza e já começa. Uma calma aparente vai ser sentida, mas é a calma precursora da tempestade; mas também à tempestade sucede o tempo sereno.

Espíritas, não vos inquieteis, porque a saída não é duvidosa; a luta é necessária e o triunfo será mais brilhante. Disse e repito: vejo o fim; sei quando e como será atingido. Se vos falo com tal segurança é que para tanto tenho razões, sobre as quais a prudência manda que me cale; mas as conhecereis um dia. Tudo quanto vos posso dizer é que poderosos auxiliares virão para fechar a boca a mais de um detrator. Entretanto a luta será viva e se, no

conflito, houver vítimas de sua fé, que estes se rejubilem, como o faziam os primeiros mártires cristãos, dos quais muitos estão entre vós, para vos encorajar e dar exemplo; que se lembrem destas palavras do Cristo:

“Felizes os que sofrem perseguição por amor à justiça, porque deles é o reino dos céus. Sereis felizes quando os homens vos carregarem de maldições, e vos perseguirem e falsamente disserem todo mal contra vós por minha causa. Rejubilai-vos então e tremei de alegria, porque uma grande recompensa vos está reservada nos céus. Porque assim eles perseguiram os profetas que vieram antes de vós.” (Mat. V: 10–12).

Estas palavras não parecem ter sido ditas para os Espíritas de hoje, como para os apóstolos de então? É que as palavras do Cristo têm isto de particular: são para todos os tempos, porque sua missão era para o futuro, como para o presente.

A luta determinará uma nova fase do Espiritismo e levará ao quarto período, que será o “período religioso”. Depois virá o quinto, “período intermediário”, conseqüência natural do precedente e que, mais tarde, receberá sua denominação característica. O sexto e último período será o da “renovação social”, que abrirá a era do século vinte. Nessa época todos os obstáculos à nova ordem de coisas queridas por Deus, para a transformação da Terra, terão desaparecido. A geração que surge, imbuída das idéias novas, estará com toda a sua força e preparará o caminho da que deve inaugurar a vitória definitiva da união, da paz e da fraternidade entre os homens, confundidos numa mesma crença, pela prática da lei evangélica. Assim serão verificadas as palavras do Cristo, pois todas devem ter cumprimento nesta hora, porque os tempos preditos são chegados. Mas é em vão que, tomando a figura pela realidade, buscais sinais no céu: esses sinais estão ao vosso lado e surgem de toda parte.

É notável que as comunicações dos Espíritos te-

nham tido em cada período um caráter especial: no primeiro eram frívolas e levianas; no segundo foram graves e instrutivas; desde o terceiro eles pressentiram a luta e suas várias peripécias. A maior parte das que se obtêm hoje nos diversos centros tem por objetivo premunir os adeptos contra as manobras de seus adversários. Assim, por toda a parte são dadas instruções a este respeito, como por toda parte é anunciado um resultado idêntico. Esta coincidência, sobre este ponto de vista, como sobre muitos outros, não é um dos fatos menos significativos. A situação se acha completamente resumida nas duas comunicações seguintes, cuja verdade muitos Espíritos já reconheceram.



Instrução dos Espíritos

A GUERRA SURDA

(Paris, 14 de agosto de 1863)

“A luta vos espera, meus caros filhos. Eis porque convido a todos a imitar os lutadores antigos, isto é, a cingir os rins. Os anos que vão seguir são plenos de promessas, mas, também, de ansiedade. Não venho dizer: Amanhã será o dia da batalha! não, porque a hora do combate ainda não está fixada, mas venho vos advertir, a fim de que estejais prontos para todas as eventualidades. Até agora o Espiritismo só encontrou uma rota fácil e quase florida, porque as injúrias e as troças que vos dirigem não têm nenhum alcance sério e ficaram sem efeito, ao passo que de agora em diante os ataques que forem dirigidos contra vós terão um outro caráter: eis que vem a hora em que Deus vai fazer apelo a todos os devo-

tamentos, em que vai julgar seus servidores fiéis, para dar a cada um a parte que tiver merecido. Não sereis martirizados corporalmente, como nos primeiros tempos da igreja; não erguerão fogueiras homicidas, como na Idade Média; mas vos torturarão moralmente; levantarão embustes; armarão ciladas, tanto mais perigosas quanto usarão mãos amigas; agirão na sombra e receberéis golpes, sem saber por quem são vibrados e sereis feridos em pleno peito por flexas envenenadas da calúnia. Nada faltará às vossas dores; suscitarão defecções em vossas fileiras e supostos Espíritos, perdidos pelo orgulho e pela vaidade, exhibirão a sua independência, exclamando: “Somos nós que estamos no reto caminho!” Tentarão semear o joio entre os grupos, a fim de que vossos adversários possam dizer: “Vede como eles são unidos!” Ensaiar-se-á semear a discórdia provocando a formação de grupos dissidentes; captarão os vossos médiuns, para fazê-los entrar num mau caminho e para os desviar dos grupos sérios; empregarão a intimidação para uns, a captação para os outros; explorarão todas as fraquezas. Depois, não esqueçais que alguns viram no Espiritismo um papel a desempenhar, um primeiro papel, e que hoje experimentam mais de uma desilusão em sua ambição. De um lado lhes será prometido o que não puderem achar no outro. Depois, enfim, com dinheiro, tão poderoso no século passado, não poderão encontrar comparsas para representar indignas comédias, a fim de lançar o descrédito e o ridículo sobre a doutrina?

“Eis as provas que vos esperam, meus filhos, mas das quais saíreis vitoriosos se, do fundo do coração, implorardes o socorro do Todo-Poderoso. Eis porque eu vo-lo repito de todo o coração: meus filhos, cerraí fileiras, uni-vos, porque é o vosso Gólgota que se ergue; e se não fordes crucificados em carne e osso, sê-lo-eis nos vossos interesses, nas afeições, na honra! A hora é grave e solene; afastai, então, todas as mesquinhas discussões, preo-

ocupações pueris, todas as perguntas ociosas e todas as vãs pretensões de proeminência e de amor próprio; ocu-
pai-vos dos grandes interesses que estão em vossas mãos
e cujas contas o Senhor vos pedirá. Uni-vos para que
o inimigo encontre vossas fileiras compactas e cerradas;
tendes uma palavra de ligação sem equívoco, pedra de
toque, com o auxílio da qual podeis reconhecer os ver-
dadeiros irmãos, pois esta palavra implica abnegação e
devotamento e resume todos os deveres do verdadeiro
Espírita.

“Coragem e perseverança, meus filhos! pensai que
Deus vos olha e vos julga; lembrai-vos também de que os
vossos guias espirituais não vos abandonarão enquanto
vos acharem no caminho certo. Aliás, toda esta guerra só
terá um tempo e voltar-se-á contra os que julgavam criar
armas contra a doutrina. O triunfo, e não mais o holocausto
sangrento, irradiará no Gólgota espírita.

“Até breve, meus filhos, saudações a todos.

ERASTO, *discipulo de Paulo, apóstolo.*”

Uma das manobras previstas na comunicação aci-
ma, ao que nos informam, acaba de se realizar. Escre-
vem-nos que uma jovem, que tinha sido levada uma única
vez a uma reunião, deixou a família sem motivo e foi pa-
ra casa de uma pessoa estranha, de onde foi levada a um
hospício de alienados, como atingida de loucura espírita,
independente dos parentes, só informados depois de tu-
do consumado. Ao cabo de vinte dias, tendo estes obtido
autorização para ir vê-la, censuraram-na por os haver dei-
xado. Então confessou que lhe haviam prometido dinhei-
ro para simular a loucura. Até este momento foram infru-
tíferas as ações para a fazer sair.

Se é assim que recrutam os loucos espíritas, o meio
é mais perigoso para os que o empregam do que para
o Espiritismo. Quando se é reduzido a semelhantes ex-

pedientes para defender a própria causa, é a prova mais evidente de que se está esgotado de razões. Diremos, pois, aos Espíritas: Quando virdes semelhantes coisas, alegrai-vos em vez de vos inquietar, pois são o sinal do próximo triunfo. Aliás, uma outra circunstância vos deve ser motivo de encorajamento: é que nossas fileiras aumentam, não só em número, mas em força moral; já vedes mais de um homem de talento tomar resolutamente a defesa do Espiritismo e, com mão vigorosa, levantar a luva atirada por nossos adversários. Escritos de uma lógica irresistível diariamente lhes mostram que os Espíritas não são loucos. Os nossos leitores conhecem a excelente refutação dos sermões do Rev. Pe. Letierce, por um Espírita de Metz. Eis agora a não menos interessante dos Espíritas de “Villenave de Rions” (Gironde), sobre os sermões do Pe. Nicomède. A “Verité” de Lyon é conhecida por seus profundos artigos. O número de 22 de novembro, sobretudo, merece especial atenção. A “Ruche” de Bordeaux se enriquece de novos colaboradores, tão capazes quão zelosos. Enfim, se os agressores são numerosos, os defensores não o são menos. Assim, pois, Espíritas, coragem, confiança e perseverança, porque tudo vai bem, conforme foi previsto.

Os conflitos

(REUNIÃO PARTICULAR, 25 DE FEVEREIRO DE 1863.
MÉDIUM: SR. D'AMBEL)

Há no momento uma recrudescência de obsessão, resultado da luta que, inevitavelmente, devem sustentar as idéias novas contra seus adversários encarnados e desencarnados. Habilmente explorada pelos inimigos do Espiritismo, a obsessão é uma das provações mais perigo-

sas que ele terá de sofrer, antes de se fixar de maneira estável no espírito das populações; assim, deve ser combatida por todos os meios possíveis e, sobretudo, pela prudência e pela energia de vossos guias espirituais e terrestres.

De todos os lados surgem médiuns com supostas missões, chamados, ao que dizem, a tomar em mãos a bandeira do Espiritismo e plantá-la sobre as ruínas do velho mundo, como se nós viéssemos destruir, nós que viemos para construir. Não há individualidade, por medíocre que seja, que não tenha encontrado, como Macbeth, um Espírito para lhe dizer: “Tu também serás rei”, e que não se julgue designada a um apostolado muito especial. Há poucas reuniões íntimas e, mesmo, grupos familiares que não tenham contado entre os seus médiuns ou seus simples crentes, uma alma bastante enfatuada para se julgar indispensável ao sucesso da grande causa, muito presunçosa para se contentar com o modesto papel de obreiro, trazendo a sua pedra ao edifício. Ah! meus amigos! quantas moscas no coche!

Quase todos os médiuns, em seu início, são submetidos a essa perigosa tentação. Alguns resistem, mas muitos sucumbem, ao menos por algum tempo, até que choques sucessivos venham desiludi-lo. Por que permite Deus uma prova tão difícil, senão para provar que o bem e o progresso não se instalam jamais sem trabalho e sem luta, para tornar a vitória da verdade mais brilhante pelas dificuldades da luta? E que querem certos Espíritos da erraticidade fomentando entre as mediocridades da encarnação essa exaltação do amor-próprio e do orgulho, senão entravar o progresso? Sem o querer, são instrumentos da provação que porá em evidência os bons e os maus servos de Deus. A este, tal Espírito promete o segredo da transmutação dos metais, como a um médium de R...; àquele, como o sr..., um Espírito revela supostos acontecimentos que se vão realizar, fixa as épocas,

precisa as datas, indica os atores que devem concorrer ao drama anunciado; a tal outro, um Espírito misticador ensina a incubação dos diamantes; a outros ainda são indicados tesouros ocultos, prometem fortuna fácil, descobertas maravilhosas, a glória, as honrarias, etc.; numa palavra, todas as ambições e todas as cobiças dos homens são exploradas por Espíritos perversos. Eis porque de todos os lados vêdes esses pobres obcecados preparando-se para subir ao Capitólio, com uma gravidade e uma importância que entristecem o observador imparcial. Qual o resultado de todas essas promessas falazes? As decepções, os dissabores, o ridículo, por vezes a ruína, justa punição do orgulho presunçoso, que se julga chamado a fazer melhor que todo o mundo, desdenha os conselhos e desconhece os verdadeiros princípios do Espiritismo.

Tanto é a modéstia o apanágio dos médiuns escolhidos pelos bons Espíritos, quanto o orgulho, o amor-próprio e, digamo-lo, a mediocridade são os distintivos dos médiuns inspirados pelos Espíritos inferiores; tanto os primeiros desprezam as comunicações que recebem, quando estas se afastam da verdade, quanto os últimos mantêm contra todos a superioridade do que lhes é ditado, mesmo quando absurdos. Daí resulta que, conforme as palavras pronunciadas na Sociedade de Paris, por seu presidente espiritual, São Luís, uma verdadeira "Torre de Babel" está em vias de construção entre vós. Aliás, fora preciso ser cego ou abusado para não reconhecer que à cruzada dirigida contra o Espiritismo pelos adversários-natos de toda doutrina progressista e emancipadora, se junta uma cruzada espiritual, dirigida por todos os Espíritos pseudo-sábios, falsos grandes homens, falsos religiosos e falsos irmãos da erraticidade, fazendo causa comum com os inimigos terrestres, em meio a essa multidão de médiuns por eles fanatizados, e aos quais ditam tantas elocubrações mentirosas. Mas vede o que resta de todos esses an-

daimes erigidos pela ambição, o amor-próprio e a inveja. Quantos não vistes desabar e quantos não o vedes ainda! Eu vo-lo digo, todo edifício que não se assenta sobre a base sólida da verdade cairá, porque só a verdade pode desafiar o tempo e triunfar de todas as utopias.

Espíritas sinceros, não vos amedronteis com o caos momentâneo. Não está longe o momento em que a verdade, desvencilhada dos véus com que a querem cobrir, sairá mais radiosa que nunca, e em que a sua clareza, inundando o mundo, fará entrar na sombra seus obscuros detratores, um instante postos em evidência para a sua própria confusão.

Assim, pois, meus amigos, tendes que vos defender, não só contra os ataques e calúnias dos adversários vivos, mas, também, contra as manobras, ainda mais perigosas dos adversários da erraticidade. Fortificai-vos, pois, em estudos sadios e, sobretudo, pela prática do amor e da caridade, e retemperai-vos na prece. Deus sempre ilumina os que se consagram à propagação da verdade, quando estão de boa fé e desprovidos de toda ambição pessoal.

Além disso, Espíritas, que vos importam os médiuns se, afinal de contas, não passam de instrumentos! O que deveis considerar é o valor, é o alcance dos ensinamentos que vos são dados; é a pureza da moral que vos é ensinada; é a clareza, é a precisão das verdades que vos são reveladas; é, enfim, ver se as instruções que vos dão correspondem às legítimas aspirações das almas de escol e se são conformes às leis gerais e imutáveis da lógica e da harmonia universal.

Os Espíritos imperfeitos, que representam um pai de apóstolo junto a seus obsedados, bem sabeis, não têm o menor escrúpulo em enfeitar-se com os mais venerados nomes; assim, seria uma infelicidade, se eu, que sou um dos últimos e mais obscuros discípulos do “Espírito de Verdade”, me lamentasse do abuso que alguns fi-

zeram em meu modesto nome. Assim, repetirei incessantemente o que dizia a meu médium, há dois anos: “Jamais julgueis uma comunicação mediúnicamente pelo nome que a assina, mas apenas por seu conteúdo intrínseco.”

É urgente que vos ponhais em guarda contra todas as publicações de origem suspeita, que parecem, ou vão parecer, contrárias a todas as que não tivessem uma atitude franca e clara, e tende por certo que muitas são elaboradas nos campos inimigos do mundo visível ou no invisível, visando a lançar entre vós os fochos da discórdia. Cabe-vos não vos deixar apanhar. Tendes todos os elementos necessários para as apreciar. Mas tende igualmente como certo que todo Espírito que a si mesmo se anuncia como um ser superior e, sobretudo, como de uma infalibilidade a toda a prova, ao contrário, é o oposto do que se anuncia tão pomposamente. Desde que o piedoso Espírito de François-Nicolas Madeleine teve a bondade de me aliviar de uma parte de meu fardo espiritual, pude considerar o conjunto da obra espírita e fazer a estatística moral dos obreiros que trabalham na vinha do Senhor. Ah! se tantos Espíritos imperfeitos se imiscuem na obra que perseguimos, tenho o pesar maior de constatar que entre os nossos melhores auxiliares da Terra, muitos vergaram ao peso de sua tarefa e, pouco a pouco, tomaram a trilha de suas antigas fraquezas, de tal sorte que as grandes almas etéreas que os aconselhavam foram, desde então, substituídas por Espíritos menos puros e menos perfeitos. Ah! sei que a virtude é difícil; mas nem queremos nem pedimos o impossível. Basta-nos a boa vontade, quando acompanhada do desejo de fazer o melhor. Meus amigos, em tudo o relaxamento é pernicioso; porque muito será pedido aos que, depois de se terem elevado, por uma renúncia generosa à sua própria individualidade, caírem no culto da matéria, e ainda se deixarem invadir pelo egoísmo e pelo amor de si mesmos. Não obstante, oramos por eles e a ninguém condenamos: porque sempre

devemos ter presente à memória este ensino magnífico do Cristo: “O que estiver sem pecado atire a primeira pedra.”

Hoje vossas falanges engrossam a olhos vistos e vossos partidários se contam por milhões. Ora, em razão do número de adeptos, deslizam sob falsas máscaras os pseudo-irmãos, dos quais ultimamente vos falou vosso presidente temporal. Não que eu venha vos recomendar que não sejam abertas vossas fileiras senão às ovelhas sem mancha e às novilhas brancas. Não porque, mais que todos os outros, os pecadores têm direito de encontrar entre vós um refúgio contra suas próprias imperfeições. Mas aqueles dos quais vos aconselho que desconfieis são esses hipócritas perigosos, aos quais, à primeira vista, se é tentado a conceder toda a confiança. Com o auxílio de uma atitude rígida, sob o olho observador das massas, conservam esse ar sério e digno, que leva a dizerem deles: “Que criaturas respeitáveis!” ao passo que, sob essa respeitabilidade aparente, por vezes se dissimulam a perfídia e a imoralidade. São acessíveis, obsequiosos, cheios de amenidades; insinuam-se nos interiores; entram voluntariamente na vida privada; escutam atrás de portas e se fazem surdos para escutar melhor; pressentem as inimizades, atizam-nas e as alimentam; vão aos campos opostos, indagando, interrogando sobre cada um. Que faz este? De que vive aquele? Quem é fulano? Conheceis sua família? Depois os vereis ir surdamente desfilar na sombra as pequenas maledicências que recolheram, tendo o cuidado de as envenenar com untuosas calúnias. Dizem: “São rumores em que a gente não acredita”; mas acrescentam: “Não há fumaça sem fogo, etc., etc.”

A esses tartufos da encarnação reuni os tartufos da erraticidade e vereis, meus caros amigos, quanto tenho razão de vos aconselhar a agir, de agora em diante, com extrema reserva e de vos guardar de toda imprudência e de todo entusiasmo irrefletido. Eu vo-lo disse, estais num

momento de crise, dificultado pela malevolência, mas do qual saireis mais fortes com a firmeza e a perseverança.

O número dos médiuns é hoje incalculável e é desagradável ver que alguns se julgam os únicos chamados a distribuir a verdade ao mundo e se extasiam ante banalidades que consideram monumentos. Pobres abusados, que se rebaixam passando pelos arcos de triunfo! Como se a verdade tivesse esperado a sua vinda para ser anunciada! Nem o forte, nem o fraco, nem o instruído, nem o ignorante tiveram esse privilégio exclusivo: foi por mil vozes desconhecidas que a verdade se espalhou; e é justamente por esta unanimidade que ela soube ser reconhecida. Contai essas vozes, contai os que as escutam, contai sobretudo as que tocam o coração, se quiserdes saber de que lado está a verdade. Ah! se todos os médiuns tivessem fé, eu seria o primeiro, o primeiro a inclinar-me perante eles; mas eles não têm, na maior parte do tempo, senão fé em si mesmos, tão grande é o orgulho na Terra! Não, sua fé não é a que transporta montanhas e que faz andar sobre as águas! É o caso de repetir aqui a máxima evangélica, que me serviu de lema, quando me fiz ouvir em meu início entre vós: "muitos serão chamados; poucos os escolhidos."

Em suma, publicações à direita, publicações à esquerda, publicações por toda parte, pró e contra, em todos os sentidos, sob todas as formas, críticas exageradas da parte de pessoas que do Espiritismo nada sabem; sermões fogosos de pessoas que o temem; em suma, digo eu, o Espiritismo está na ordem do dia; ele revolve todos os cérebros, agita todas as consciências, privilégio exclusivo das grandes coisas; cada um pressente que leva em si o princípio de uma renovação, que uns apóiam com os seus votos e outros temem. Mas, de tudo isto, que restará? Desta Torre de Babel que jorrará? Uma coisa imensa: a vulgarização da idéia espírita, e como doutrina, o que será verdadeiramente doutrinário! Esse conflito é inevitá-

vel, porque o homem é manchado de muito orgulho e egoísmo, para aceitar sem oposição uma verdade nova qualquer; digo mesmo que esse conflito é necessário, porque é o atrito que desfaz as idéias falsas e faz ressaltar a força das que resistem. Em meio a esta avalanche de mediocridades, de impossibilidades e de utopias irrealizáveis, a verdade esplêndida espalhar-se-á na sua grandeza e na sua majestade.

ERASTO

Um caso de possessão

A Senhorita Julie

No capítulo anterior descrevemos a triste situação dessa moça e as circunstâncias que provavam uma verdadeira possessão. Somos feliz ao confirmar o que dissemos de sua cura, hoje completa. Depois de liberta de seu Espírito obsessor, os violentos abalos que tinha sofrido por mais de seis meses a haviam levado a grave perturbação de saúde. Agora está inteiramente recuperada, mas não saiu do estado sonambúlico, o que não a impede de ocupar-se dos trabalhos habituais.

Vamos expor as circunstâncias dessa cura.

Várias pessoas tinham tentado magnetizá-la, mas sem muito sucesso, salvo leve e passageira melhora no estado patológico. Quanto ao Espírito, era cada vez mais tenaz, e as crises haviam atingido a um grau de violência dos mais inquietadores. Teria sido necessário um magnetizador nas condições indicadas no artigo anterior para os médiuns curadores, isto é, penetrando a doente com um fluido bastante puro para “eliminar” o fluido do mau Espírito. Se há um gênero de mediunidade que exija uma

superioridade moral, é, sem contradita no caso de obsessão, pois é preciso ter o direito de impor sua autoridade ao Espírito. Os casos de possessão, segundo o que é anunciado, devem multiplicar-se com grande energia daqui a algum tempo, para que fique bem demonstrada a impotência dos meios empregados até agora para os combater. Até uma circunstância, da qual não podemos ainda falar, mas que tem uma certa analogia com o que se passou ao tempo do Cristo, contribuirá para desenvolver essa espécie de epidemia demoníaca. Não é duvidoso que surjam médiuns especiais com o poder de expulsar os maus Espíritos, como os apóstolos tinham o de expulsar os demônios, seja porque Deus sempre põe o remédio ao lado do mal, seja para dar aos incrédulos uma nova prova da existência dos Espíritos.

Para a senhorita Julie, como em todos os casos análogos o magnetismo simples, por mais enérgico que fosse, era, assim, insuficiente. Era preciso agir simultaneamente sobre o Espírito obsessivo, para o dominar, e sobre o moral da doente, perturbado por todos esses abalos; o mal físico era apenas consecutivo; era efeito e não causa. Assim, havia que tratar-se a causa antes do efeito. Destruído o mal moral, o mal físico desapareceria por si mesmo. Mas para isto é preciso identificar-se com a causa; estudar com o maior cuidado e em todas as suas nuances o curso das idéias, para lhe imprimir tal ou qual direção mais favorável, porque os sintomas variam conforme o grau de inteligência do paciente, o caráter do Espírito e os motivos da obsessão, motivos cuja origem remonta quase sempre a existências anteriores.

O insucesso do magnetismo com a senhorinha Julie levou várias pessoas a tentar; neste número estava um jovem dotado de grande força fluídica, mas que, infelizmente, não tinha qualquer experiência e, sobretudo, os conhecimentos necessários em casos semelhantes. Ele se atribuía um poder absoluto sobre os Espíritos inferiores

que, segundo ele, não podiam resistir à sua vontade. Tal pretensão, levada ao excesso e baseada em sua força pessoal e não na assistência dos bons Espíritos, deveria atrair-lhe mais um insucesso. Só isto deveria ter bastado para mostrar aos amigos do jovem que lhe faltava a primeira das qualidades requeridas para ser um socorro eficaz. Mas o que, acima de tudo, deveria tê-los esclarecido, é que sobre os Espíritos em geral tinha ele uma opinião inteiramente falsa. Segundo ele, os Espíritos superiores têm uma natureza fluídica muito etérea para poder vir à Terra comunicar-se com os homens e os assistir; isto só é possível aos Espíritos inferiores, em razão de sua natureza mais grosseira. Esta opinião, que não passa da doutrina da comunicação exclusiva dos demônios, ele cometia o grave erro de a sustentar em presença da doente, mesmo nos momentos de crise. Com esta maneira de ver, não devia contar senão consigo mesmo, e não podia invocar a única assistência que poderia ajudá-lo, assistência que, é verdade, julgava ele poder prescindir. A consequência mais prejudicial era para a doente, que ele desencorajava, tirando-lhe a esperança da assistência dos bons Espíritos. No estado de enfraquecimento em que estava o seu cérebro, uma tal crença, que dava todo poder ao Espírito obsessivo, poderia tornar-se fatal para a sua razão, podendo mesmo matá-la. Assim, ela repetia sem cessar, nos momentos de crise: “Louca... louca... ele me põe louca... completamente louca... eu ainda não estou, mas ficarei.” Falando de seu magnetizador, ela pintava perfeitamente sua ação, dizendo: “Ele me dá a força do corpo, mas não a força do espírito.” Esta expressão era profundamente significativa e, contudo, ninguém lhe dava importância.

Quando vimos a senhorita Julie, o mal estava no apogeu e a crise a que assistimos foi uma das mais violentas. Foi no momento em que procurávamos levantar-lhe a moral e inculcar-lhe o pensamento de que “podia”

devemos ter presente à memória este ensino magnífico do Cristo: "O que estiver sem pecado atire a primeira pedra."

Hoje vossas falanges engrossam a olhos vistos e vossos partidários se contam por milhões. Ora, em razão do número de adeptos, desilizam sob falsas máscaras os pseudo-irmãos, dos quais ultimamente vos falou vosso presidente temporal. Não que eu venha vos recomendar que não sejam abertas vossas fileiras senão às ovelhas sem mancha e às novilhas brancas. Não porque, mais que todos os outros, os pecadores têm direito de encontrar entre vós um refúgio contra suas próprias imperfeições. Mas aqueles dos quais vos aconselho que desconfieis são esses hipócritas perigosos, aos quais, à primeira vista, se é tentado a conceder toda a confiança. Com o auxílio de uma atitude rígida, sob o olho observador das massas, conservam esse ar sério e digno, que leva a dizerem deles: "Que criaturas respeitáveis!" ao passo que, sob essa respeitabilidade aparente, por vezes se dissimulam a perfídia e a imoralidade. São acessíveis, obsequiosos, cheios de amenidades; insinuam-se nos interiores; entram voluntariamente na vida privada; escutam atrás de portas e se fazem surdos para escutar melhor; pressentem as inimizades, atacam-nas e as alimentam; vão aos campos opostos, indagando, interrogando sobre cada um. Que faz este? De que vive aquele? Quem é fulano? Conheceis sua família? Depois os vereis ir surdamente desfilar na sombra as pequenas maledicências que recolheram, tendo o cuidado de as envenenar com untuosas calúnias. Dizem: "São rumores em que a gente não acredita"; mas acrescentam: "Não há fumaça sem fogo, etc., etc."

A esses tartufos da encarnação reuni os tartufos da erraticidade e vereis, meus caros amigos, quanto tenho razão de vos aconselhar a agir, de agora em diante, com extrema reserva e de vos guardar de toda imprudência e de todo entusiasmo irrefletido. Eu vo-lo disse, estais num

sa inteiramente nestas qualidades, como na terapêutica depende da qualidade do medicamento. Não seria demais chamar a atenção para este ponto capital, demonstrado, ao mesmo tempo, pela lógica e pela experiência.

Para combater a influência da doutrina do magnetizador, que já havia influenciado as idéias da doente, dissemos a esta: “Minha filha, tenha confiança em Deus, olhe em sua volta. Não vê bons Espíritos?” — “É verdade”, disse ela, “vejo luminosos, que Fredegunda não ousa encarar”. — “Então! são os que vos protegem e não permitirão que o mau Espírito vença. Implore a sua assistência, ore com fervor, ore sobretudo por Fredegunda”. — “Oh! por ela jamais poderei”. — “Cuidado! Veja que a estas palavras os bons Espíritos se afastam. Se quer sua proteção é preciso merecê-la por seus bons sentimentos, esforçando-se sobretudo por ser melhor que a sua inimiga. Como quer que eles a protejam, se não for melhor que ela? Pense que em outras existências você terá censuras a se fazer; o que lhe acontece é uma expiação, se quer que esta cesse, terá que se melhorar e provar as boas intenções, começando por se mostrar boa e caridosa para com os inimigos. A própria Fredegunda será tocada e talvez você faça o arrependimento entrar no seu coração. Reflita”. — “Eu o farei”. — “Faça-o logo e diga comigo: Meu Deus, eu perdô a Fredegunda o mal que me fez: aceite-o como uma prova e uma expiação que mereci. Perdoai minhas faltas, como eu perdô as dela. E vós, bons Espíritos que me cercais, abri o seu coração a melhores sentimentos e dai-me a força que me falta. Prometa orar por ela todos os dias”. — “Prometo”. — “Está bem. Por meu lado, vou cuidar de você e dela. Tenha confiança” — “Oh!, obrigada. Algo me diz que isto em breve vai acabar”.

Tendo dado conta disto à Sociedade, foram obtidas a respeito as seguintes instruções:

“O assunto de que vos ocupais comoveu os pró-

prios bons Espíritos que, por sua vez, querem vir em auxílio desta moça com seus conselhos. Com efeito, ela apresenta um caso de obsessão muito grave; e entre os que vistes e vereis ainda, pode-se pôr este no número dos mais importantes, mais sérios e, sobretudo, mais interessantes pelas particularidades instrutivas, já apresentadas e que se oferecerão de novo.

“Como já vos disse, esses casos de obsessão renovar-se-ão freqüentemente, e fornecerão dois assuntos distintos e de utilidade, primeiro para vós, depois para os que as sofrerem.

“Primeiro para vós por isso que, assim como vários eclesiásticos contribuíram poderosamente para divulgar o Espiritismo entre os que lhe eram completamente estranhos, assim esses obsedados, cujo número tornar-se-á bastante importante para que deles se ocupem de maneira não superficial, mas larga e profunda, abrirão bem as portas da ciência para que a filosofia espírita possa com eles nela penetrar e ocupar entre gente de ciência e os médicos de todos os sistemas, o lugar a que tem direito.

“Depois para eles, por isso que no estado de Espírito, antes de encarnar-se entre vós, eles aceitaram essa luta, que lhes proporciona a possessão que sofrem, em vista de seu adiantamento; e essa luta acreditai, faz sofrer cruelmente seu próprio Espírito que, quando seu corpo, de certo modo, não é mais seu, tem a perfeita consciência do que se passa. Conforme tiverem suportado essa prova, cuja duração lhes podereis abreviar poderosamente por vossas preces, terão progredido mais ou menos. Porque, tende certeza, mau grado essa possessão, sempre momentânea, sempre guardam suficiente consciência de si mesmos, para discernir a causa e a natureza de sua obsessão.

“Para esta que vos ocupa, é necessário um conselho. As magnetizações que lhe faz suportar o Espírito encarnado, de que falastes lhe são funestas, sob todos os

aspectos. Aquele Espírito é sistemático. E que obstinação! Aquele que não reporta todas as suas ações à maior glória de Deus, se envaidece das faculdades que lhe foram concedidas e será sempre confundido; os preguiçosos serão rebaixados, às vezes neste mundo, e infalivelmente no outro. Tratai pois, meu caro Kardec, para que essas magnetizações cessem imediatamente, ou os mais graves inconvenientes resultarão de sua continuação, não só para a moça, mas ainda para o imprudente, que pensa ter às suas ordens todos os Espíritos das trevas e lhes dar ordens como chefe.

“Digo que vereis esses casos de obsessão e de possessão se desenvolverem durante um certo tempo, porque são úteis ao progresso da ciência e do Espiritismo. É por isso que os médicos e os sábios enfim abrirão os olhos e aprenderão que há moléstias cujas causas não estão na matéria e não devem ser tratadas pela matéria. Esses casos de possessão vão igualmente abrir ao magnetismo horizontes totalmente novos e lhe fazer dar um grande passo à frente pelo estudo, até aqui tão imperfeito, dos fluidos. Ajudado por esses novos conhecimentos e por sua aliança íntima com o Espiritismo, ele obterá grandes coisas. Infelizmente no magnetismo, como na medicina, durante muito tempo ainda, haverá homens que julgarão nada ter a aprender. Essas obsessões freqüentes terão, também, um lado muito bom, por isso que, pela prece e pela força moral, é possível fazê-las cessar e ainda adquirir o direito de expulsar os maus Espíritos. Pelo melhoramento de sua conduta, cada um procurará adquirir o direito que o Espírito de Verdade, que dirige este globo, conferirá quando for merecido. Tende fé e confiança em Deus, que não permite que se sofra inutilmente e sem motivo”.

HAHNEMANN (Médium, sr. Albert)

“Serei breve. Será muito fácil curar essa infeliz

possessa. Os meios estavam implicitamente contidos nas reflexões há pouco emitidas por Allan Kardec. Não só é necessária uma ação material e moral, mas ainda uma ação puramente espiritual. O Espírito encarnado que, como Julie, se acha em estado de possessão, necessita de um magnetizador experimentado e perfeitamente convicto da verdade espírita. É necessário que seja, além disso, de uma moralidade irreprochável e sem presunção. Mas, para agir sobre o Espírito obsessivo é necessária a ação não menos enérgica de um bom Espírito desencarnado. Assim, pois, dupla ação: terrena e extraterrena; encarnado sobre encarnado; desencarnado sobre desencarnado; eis a lei. Se até agora tal ação não foi realizada foi justamente para vos trazer ao estudo e à experimentação desta interessante questão. É por isto que Julie não se livrou mais cedo: ela devia servir para os vossos estudos.

“Isto vos demonstra o que deveis fazer de agora em diante, nos casos de possessão manifesta. É indispensável chamar em vossa ajuda o concurso de um Espírito elevado, gozando ao mesmo tempo de força moral e fluídica, como, por exemplo, o excelente cura d’Ars; e sabeis que podeis contar com a assistência desse digno e santo Vianney. Além disso, nosso concurso é dado a todos os que nos chamarem em auxílio, com pureza de coração e fé verdadeira.

“Resumindo: Quando magnetizarem Julie, será preciso começar pela fervorosa evocação do cura d’Ars e outros bons Espíritos que se comunicam habitualmente entre vós, pedindo-lhes que hajam contra os maus Espíritos que perseguem essa moça, e que fugirão ante suas falanges luminosas. Também não esquecer que a prece coletiva tem uma força muito grande, quando feita por certo número de pessoas agindo de acordo, com uma fé viva e um ardente desejo de aliviar”.

ERASTO (Médium, sr. d’Ambei)

Estas instruções foram seguidas. Vários membros da Sociedade se entenderam para agir pela prece nas condições desejadas. Um ponto essencial era levar o Espírito obsessor a emendar-se, o que necessariamente deveria facilitar a cura. Foi o que se fez, evocando-o e lhe dando conselhos; ele prometeu não mais atormentar a srta. Julie e manteve a palavra. Um dos nossos colegas foi especialmente encarregado por seu guia espiritual de sua educação moral, com o que ficou satisfeito. Hoje esse Espírito trabalha seriamente em sua melhora e pede uma nova encarnação para espisar e reparar as suas faltas.

A importância do ensinamento, que decorre deste fato e das observações a que deu lugar, não escapará a ninguém e cada um poderá aí colher úteis instruções sobre a ocorrência. Uma observação essencial que o caso permitiu constante e que se compreende sem esforço, é a influência do meio. É evidente que se o meio secundado pela unidade de vistas, de intenção e de ação, o doente se acha numa espécie de atmosfera homogênea dos fluidos benéficos, o que deve necessariamente facilitar e apressar o sucesso. Mas se houver desacordo, oposição, se cada um quiser agir à sua maneira, resultarão repelões, correntes contrárias que, forçosamente, paralisarão e, por vezes, anularão os esforços tentados para a cura. Os eflúvios fluídicos, que constituem a atmosfera moral, se forem maus, são tão funestos a certos indivíduos quanto as exalações das regiões pantanosas.



Palestras de aiém-túmulo

FREDEGUNDA

Damos a seguir as duas evocações do Espírito de Fredegunda, feitas na Sociedade, com um mês de intervalo, e que formam o complemento dos dois precedentes.

capítulos sobre a possessão da senhorita Julie. O Espírito não se manifestou com sinais de violência, mas escrevia com grande dificuldade e fatigava extremamente o médium, que até ficou indisposto e cujas faculdades pareciam de certo modo, paralisadas. Na previsão desse resultado, tínhamos tido o cuidado de não confiar essa evocação a um médium muito delicado.

Em outra circunstância, interrogado a respeito deste, um Espírito tinha dito que de há muito tempo procurava reencarnar-se, mas não lhe havia sido permitido, porque seu objetivo ainda não era melhorar-se mas, ao contrário, ter mais facilidade para fazer o mal, auxiliado pelo corpo material. Tais disposições deveriam dificultar muito a sua conversão. Entretanto, esta não foi tanto quanto se poderia rezear, graças, sem dúvida, ao concurso benevolente de todas as pessoas que aí participaram e, talvez, também porque era chegado o momento em que esse Espírito deveria entrar na via do arrependimento.

16 DE OUTUBRO DE 1863 —

Médium: Sr. Leymarie

1. — Evocação — R. Não sou Fredegunda. Que quereis?

2. — Então, quem sois? — R. Um Espírito que sofre.

3. — Desde que sofreis, deveis desejar não mais sofrer. Nós vos assistiremos, pois lamentamos todos os que sofrem neste mundo e no outro. Mas é necessário que nos acompanheis e, para isto, é preciso que oreis. — R. Agradeço-vos, mas não posso orar.

4. — Vamos orar. Isto vos auxiliará. Tende confiança na bondade de Deus, que perdoa sempre ao que se arrepende. — R. Eu vos acredito. Orai, orai. Talvez eu possa converter-me.

5. — Mas não basta que oremos; é preciso que

oreis do vosso lado. — R. Eu quis orar e não pude. Agora vou tentar com o vosso auxílio.

6. — Dizei conosco: Meu Deus, perdoai-me, pois pequei. Arrependo-me do mal que fiz. — R. Di-lo-ei depois.

7. — Isto não basta; é preciso escrever. — R. Meu... (Aqui o Espírito não pôde escrever a palavra "Deus". Só após muito encorajamento consegue terminar a frase, de maneira trêmula e pouco legível).

8. — Não se deve dizer isto pró-forma: é preciso pensar e tomar a resolução de não mais fazer o mal e vereis que logo sereis aliviada. — R. Vou orar.

9. — Se oraste sinceramente não experimentais melhora? — R. Oh! sim!

10. — Agora dai-nos alguns detalhes sobre a vossa vida e as causas do vosso encarniçamento contra Julie! — R. Mais tarde... direi... mas não hoje.

11. — Prometeis deixar Julie sossegada? O mal que lhe fazeis cai sobre vós e aumenta o vosso sofrimento. — R. Sim; mas sou levada por outros Espíritos piores que eu.

12. — Dais má desculpa para vos excusardes. Em todo caso deveis ter uma vontade e com a vontade sempre se pode resistir às más sugestões. — R. Se eu tivesse tido vontade não sofreria. Sou castigada porque não soube resistir.

13. — Mas mostrastes bastante para atormentar Julie. Como acabais de tomar boas resoluções, nós aconselhamos a nelas permanecer e pedimos aos bons Espíritos que vos ajudem.

Observação: Durante esta evocação um outro médium recebeu de seu guia uma comunicação contendo, entre outras coisas, o seguinte: "Não vos inquieteis com as recusas que notais nas respostas deste Espírito: sua idéia fixa de reencarnar-se lhe faz repêlir toda solidariedade com o passado, posto lhe suporte todos os efeitos.

Ela é mesmo a que foi indicada, mas não quer concordar consigo mesma”.

(13 DE NOVEMBRO DE 1863)

14. — Evocação. — R. Estou pronta para responder.

15. — Persististes na boa resolução em que estáveis da última vez. — R. Sim.

16. — Como vos achais? — R. Muito bem, porque orei, estou calma e muito feliz.

17. — Com efeito, sabemos que Julie não foi mais atormentada. Desde que podeis vos comunicar mais facilmente, quereis dizer por que vos encarniçáveis contra ela? — R. Eu era esquecida desde séculos e desejava que a maldição que cobre o meu nome cessasse um pouco, a fim de que uma prece, uma única, me viesse consolar. Oro, creio em Deus; agora posso pronunciar o seu nome e, certo, é mais do que eu podia esperar do benefício que me concedeis.

Observação: No intervalo das duas comunicações, o Espírito era chamado todos os dias por aquele dos nossos colegas encarregado de o instruir. Um fato positivo é que, a partir desse momento, a senhorita Julie cessou de ser atormentada.

18. — É duvidoso que o só desejo de obter uma prece tenha sido o móvel que vos levava a atormentar aquela moça. Sem dúvida buscais ainda um paliativo para os vossos erros. Em todo o caso, era um meio mau de atrair a compaixão dos homens. — R. Contudo, se eu não tivesse atormentado a Julie, não teríeis pensado em mim e eu não teria saído do miserável estado em que languescia. Disso resultou uma instrução para vós e um grande bem para mim, pois me abristes os olhos.

19. — (Ao guia do médium). Foi mesmo Fredengunda quem deu esta resposta? — R. Sim, foi ela, um

pouco auxiliada, é verdade, porque se humilhou. Mas este Espírito é muito mais adiantado em inteligência do que pensais; falta-lhe o progresso moral, com que a ajudais a dar os primeiros passos. Ela não vos disse que Julie tirará grande proveito do que se passou para o seu avanço pessoal.

20. — (A Fredegunda). A senhorita Julie vivia em vosso tempo? poderíeis dizer quem era ela? — R. Sim. Era uma do meu séquito, chamada Hildegarde. Uma alma sofredora e resignada, que tinha feito a minha vontade. Sofreu o castigo de seus serviços muito humildes e muito complacentes a meu respeito.

21. — Desejais uma nova encarnação? — R. Sim, desejo. Oh, meu Deus, sofri mil torturas; e se mereci uma pena muito justa, ah! é tempo para que possa, com a ajuda de vossas preces, recomeçar uma existência melhor, a fim de me lavar das antigas sujeiras. Deus é justo. Orai por mim. Até hoje eu tinha desconhecido toda a extensão de minha pena: tinha o olhar velado e como que uma vertigem. Mas agora vejo, compreendo, desejo o perdão do Senhor com o das minhas vítimas. Meu Deus! como é suave o perdão!

22. — Dizei-nos algo de Brunehaut! — R. Brunehaut!... Este nome me dá vertigem. Ela é o grande erro de minha vida e senti o meu velho ódio despertar ao ouvir o seu nome! Mas meu Deus me perdoará e de agora em diante poderei escrever esse nome sem fremir. Mais feliz que eu, reencarnou pela segunda vez, desempenhando um papel que desejo: o de irmã de caridade.

23. — Somos felizes com a vossa mudança; nós vos encorajaremos e sustentaremos com nossas preces. — R. Obrigada! Obrigada! Os bons Espíritos, Deus vos pagará.

Observação: Um fato característico dos maus Espíritos é a impossibilidade em que muitas vezes se acham de escrever ou pronunciar o nome de Deus. Isto denota,

sem dúvida, uma natureza má, mas, ao mesmo tempo, um fundo de medo e de respeito, que não sentem os Espíritos hipócritas, em aparência menos maus. Longe de recuar ante o nome de Deus, estes últimos dele se servem afrontosamente, para captar a confiança. São infinitamente mais perversos e mais perigosos que os Espíritos francamente maus. É nesta classe que são encontrados a maioria dos Espíritos fascinadores, dos quais é muito mais difícil desembaraçar-se do que dos outros, porque é do Espírito mesmo que eles se apossam com o auxílio de uma falsa mostra de saber, de virtude ou de religião, ao passo que os outros só se apossam do corpo. Um Espírito que, como o de Fredegunda, recua ante o nome de Deus, está mais próximo de sua conversão que os que se cobrem com a máscara do bem. Dá-se o mesmo entre os homens, onde encontrais estas duas categorias de Espíritos, encarnados.



Variedades

CURA DE UMA OBSESSÃO

O sr. Dombre, presidente da Sociedade Espírita de Marmande, manda-nos o seguinte:

“Com o auxílio dos bons Espíritos, em cinco dias livramos de uma obsessão muito violenta e muito perigosa, uma jovem de treze anos, do poder de um mau Espírito, desde 8 de maio último. Diariamente, às cinco da tarde, sem faltar um só dia, ela tinha crises terríveis, de causar piedade. Essa menina mora em bairro distante e os pais, que consideravam a doença como epilepsia, nem falam mais. Entretanto um dos nossos, que mora nas vizinhanças, foi informado e uma observação mais atenta dos fatos permitiu-me facilmente reconhecer a sua verdadeira

causa. Seguindo o conselho dos nossos guias espirituais, imediatamente nos pusemos à obra. A 11 deste mês, às 8 horas da noite, reuniões começaram por evocar o Espírito, moralizá-lo, orar pelo obsessor e pela vítima e a exercitar sobre esta uma magnetização mental. As reuniões eram feitas todas as noites e na sexta-feira, 15, a menina sofreu a última crise. Só lhe resta a fraqueza da convalescença, consequência de tão longos e tão violentos abalos, e que se manifesta pela tristeza, pela languidez e pelas lágrimas, como nos havia sido anunciado. Pelas comunicações dos bons Espíritos, diariamente éramos informados das várias fases da moléstia.

“Essa cura que, noutros tempos, uns teriam considerado como um milagre, e outros como um caso de feitiçaria, pelo que, segundo a opinião, teríamos sido santificados ou queimados, produziu uma certa sensação na cidade.”

Felicitemos os nossos irmãos de Marmande pelo resultado que obtiveram no caso e somos felizes de ver que aproveitaram os conselhos contidos na “Revista”, por ocasião de casos análogos, relatados ultimamente. Assim, puderam convencer-se da força da ação coletiva, quando dirigida por uma fé sincera e uma ardente caridade.



Cura da jovem obsedada de Marmande

O sr. Dombre, de Marmande, enviou-nos o relato circunstanciado dessa cura, já referida aos leitores. Os detalhes nele contidos são do mais alto interesse, do duplo ponto de vista dos fatos e da instrução. Como se verá, é, ao mesmo tempo, um curso de ensino teórico e prá-

tico, um guia para casos análogos e uma fecunda fonte de observações para o estudo do mundo invisível em geral, nas suas relações com o mundo visível.

Diz o sr. Dombre, no seu informe: fui advertido por um dos membros de nossa sociedade espírita, das crises violentas que todas as tardes, regularmente, desde oito meses, sofria a chamada Tereza B. . . ; acompanhado do sr. L. . . , médium, a 11 de janeiro último fui a uma casa vizinha da doente, tentar testemunhar a crise que, conforme se dava todos os dias, devia ocorrer às cinco horas. Lá encontramos a jovem e sua mãe, conversando com os vizinhos. A meia hora passou depressa. De repente vimos a moça levantar-se, abrir a porta, entrar em sua casa, seguida pela mãe, que a tomou e pô-la vestida na cama. Começaram as convulsões; o corpo se dobrava; a cabeça tendia a tocar os calcanhares; o peito arfava. Numa palavra era desagradável à vista. Entrando eu e o médium na casa vizinha, perguntamos ao Espírito de Louis David, guia espiritual do médium, se era uma obsessão ou um caso patológico. O Espírito respondeu:

“Pobre menina! Com efeito se acha sob uma fatal influência, mesmo muito perigosa. Vinde em seu auxílio. Teimoso e mau esse Espírito resistirá por muito tempo. Evitai, tanto quanto possível, que seja tratada por medicamentos, que lhe prejudicariam o organismo. A causa é toda moral; tentai evocar esse Espírito; moralizá-lo com habilidade; nós vos auxiliaremos. Que todas as almas sinceras que conheceis se reúnam para orar e combater a muito perniciosa influência desse Espírito malvado. Pobre pequena vítima do ciúme!”

LOUIS DAVID

P. — Por qual nome chamaremos esse Espírito?

R. — Júlio.

Evoquei-o imediatamente. Apresentou-se de modo

violento, injuriando-nos, rasgando o papel e se recusando a responder a certas perguntas. Enquanto nos entretínhamos com o Espírito, o sr. B. . . , médico que tinha vindo examinar a crise, chegou junto de nós e disse com certo espanto: — “É singular!, de repente a menina deixou de se torcer; agora está estendida no leito sem movimentos”. —“Isto não me admira”, disse-lhe eu, “porque o Espírito obsessor está junto de nós neste momento.” Induzi o sr. B. . . a voltar para a doente e continuamos a interpelar o Espírito que, em dado momento, não mais respondeu. O guia do médium informou que tinha ido continuar a sua obra; e recomendou que não mais o evocássemos durante as crises, no interesse da menina, porque voltando para ela com mais raiva a torturava mais agudamente. No mesmo instante o médico entrou e nos informou que a crise recomeçava mais forte que nunca. Eu lhe fiz ler o aviso que acabava de nos ter dado e ficamos chocado com as coincidências, que não deixavam dúvidas quanto à causa do mal.

A partir dessa tarde e sob recomendação dos bons Espíritos que nos assistem nos trabalhos espíritas, reuníamos todas as noites, até completa cura.

No mesmo dia 11 de janeiro recebemos a comunicação seguinte, do Espírito protetor de nosso grupo:

“Guarda vigilante da infância infeliz, venho associar-me aos vossos trabalhos, unir meus esforços aos vossos, para livrar essa mocinha das garras cruéis de um mau Espírito. O remédio está em vossas mãos: velai, evocai e orai sem jamais vos cansardes, até a completa cura.”

PEQUENA CÁRITA

Este Espírito que toma o nome de “Pequena Cárita”, é o de uma jovem que conheci, morta na flor da idade e que, desde a mais tenra infância, tinha dado provas do caráter mais angélico e de rara bondade.

A evocação do Espírito obsessor só nos valeu injúrias muito grosseiras e muito sujas, que é inútil repetir. Nossas exortações e nossas preces deslizavam sobre ele e não surtiram efeito.

“Amigos, não desanimeis; ele se sente forte porque vos vê desgostosos com sua linguagem grosseira. Absten-de-vos de lhe pregar moral pelo momento. Conversai com ele familiarmente e em tom amigável. Assim ganhareis a sua confiança e podereis mais tarde voltar a falar sério. Amigos, perseverança.”

VOSSOS GUIAS

De acordo com esta recomendação, tornamo-nos leves nas interpelações, que ele respondeu no mesmo tom.

No dia seguinte, 12 de janeiro, a crise foi tão longa e tão violenta quanto a dos dias precedentes; durou cerca de uma hora e meia. A menina erguia-se no leito, repelia o Espírito com força e lhe dizia: “Vai-te! Vai-te!” O quarto da doente estava cheio de gente. Alguns de nós nos achávamos ao pé do leito, para observar atentamente as fases da crise.

Na reunião da noite recebemos a seguinte comunicação:

“Meus amigos, aconselho a que sigais, como tendes feito, passo a passo, esta obsessão que é para vós um fato novo. Vossas observações serão de grande auxílio, pois casos semelhantes poderão multiplicar-se e, então, tereis que intervir.

“Esta obsessão, a princípio puramente física, creio que será seguida de alguma obsessão moral, mas sem perigo. Em breve tereis momentos de alegria em meio a essas torturas exercidas por esse mau Espírito. Reconhecê-lo-eis pela presença e pela mão dos bons Espíritos. Se as torturas ainda duram, notareis, após a crise, a completa paralisação do corpo, e, após essa paralisação, uma

alegria serena e um êxtase que aliviarão a dor da obsessão.

“Observai muito. Outros sintomas manifestar-se-ão e neles encontrareis novos assuntos de estudo.

“O Senhor disse aos seus anjos: Ide levar minha palavra aos filhos dos homens. Tocamos a Terra com a vara e a Terra gera prodígios. Curvai-vos filhos: É a Onipotência do Eterno que se vos manifesta.

“Amigos, vigiai e orai; estamos junto de vós e do leito dos sofrimentos para secar as lágrimas.”

PEQUENA CÂRITA

Evocado, o Espírito de Júlio foi menos intratável do que na véspera; na verdade respondemos às suas façécias com outras, o que lhe agradava. Antes de nos deixar, fizemo-lo prometer ser menos duro para com sua vítima. “Tratarei de me moderar”, disse ele; e como, por nossa vez, prometemos orar por ele, respondeu: “Aceito, posto não conhecer o valor dessa mercadoria”.

(Ao Espírito) — Desde que não conheceis a prece, quereis conhecê-la e escrever uma ditada por nós?

Ditado por nós, ele escreveu o seguinte: “Oh, meu Deus!, prometo abrir minha alma ao arrependimento; fizeti penetrar no meu coração um raio de amor por meus irmãos, única coisa que me pode purificar. E, como garantia desse desejo, aqui faço a promessa de...” (O fim da frase seria: “Cessar minha obsessão”. Mas o Espírito não escreveu estas três palavras). Acrescentou: “Alto! quereis arrastar-me sem me avisar. Cuidado! Não gosto de ciladas. Andais muito depressa”. E como quiséssemos saber a origem de sua vingança e de seu ciúme, continuou: “Não me faleis mais da menina: assim só me afastaríeis de vós”.

A crise do dia 13 durou apenas cerca de meia ho-

ra e a luta com o Espírito foi seguida de sorrisos de felicidade, de êxtase e de lágrimas de alegria. Com os olhos muito abertos, a menina apresentava um quadro deslumbrante: juntando as mãos, erguia-se no leito e olhava o céu. As predições da pequena Cárta estavam realizadas em todos os pontos.

Na evocação havida à noite, como nos dias anteriores, o Espírito de Júlio mostrou-se mais suave e submisso, e novamente prometeu moderar os seus ataques contra a menina, cuja história jamais quis contar. Até prometeu orar.

Disse-nos o guia do médium: "Não confieis muito em suas palavras; podem ser sinceras, mas bem poderiam ser para se livrar de vós. Ficai de guarda. Guardai as suas promessas, e se, mais tarde, tiverdes que o censurar, fazei-o com suavidade, para que note os bons sentimentos que tendes para com ele."

LOUIS DAVID

No dia 14 a crise foi tão curta quanto na véspera e ainda menos viva. Foi igualmente seguida de êxtase e de manifestações de alegria; as lágrimas que corriam pelas faces da menina causavam uma emoção que os assistentes não podiam ocultar.

Reunidos à noite, às 8 horas, como de costume, recebemos, de começo, esta comunicação:

"Como deveis ter notado, algo de mais sensível hoje se produziu na menina. Devemos dizer que nossa presença influi muito sobre o Espírito; nós lhe lembramos a promessa de ontem. A menina adquiriu novos conhecimentos no êxtase e tentou repelir os ataques do obsessador. Na evocação de Júlio não fazei desvíos; evitai os detalhes que fatigam uns aos outros; sedes francos e benevolentes com ele e o tereis mais cedo. Ele deu um grande passo à frente, como notamos nesta última crise."

PEQUENA CÁRTA

Evocação de Júlio: Eis-me aqui, senhores.

P. — Quais as vossas disposições de hoje — R. São boas.

P. — Sentistes os efeitos de nossa prece? — R. Não muito.

P. — Perdoai a vossa vítima e sentireis uma satisfação que não conheceis. É o que sentimos no perdão das injúrias. — R. Eu? É tudo ao contrário. Eu tinha satisfação na vingança de uma injúria. A isto chamo pagar as dívidas.

P. — Mas o sentimento de ódio que conservais na alma é sentimento penoso que está longe de vos dar tranquilidade! — R. Acreditaríeis se vos dissesse que é o apego?

P. — Acreditamos. Contudo tende a bondade de explicar como conciliais esse apego com a vingança que exercitais. Que era para vós o Espírito dessa criança numa outra existência, e que fez ela para merecer esse rigor? — R. Inútil que mo pergunteis. Já vō-lo disse: Não me faleis dessa menina.

P. — Então, não falemos mais nisso. Mas devemos vos felicitar pela mudança em vós operada. Estamos felizes. — R. Faço progressos em vossa escola. Que vão dizer os outros? Vão me vaiar e dizer: “Ah! tu te fazes eremita!”

P. — Que vos importa sua troça, se tendes os louvores dos bons Espíritos? — R. É verdade.

P. — Olha! para provar aos maus Espíritos, vossos antigos companheiros, que rompeis completamente com eles, deveríeis perdoar inteiramente, a contar de hoje; mostrar-vos generoso e bom, deixando de modo absoluto a jovem pela qual nos interessamos. — R. Meu caro senhor, é impossível. “Isto não pode ser de modo tão pronto. Deixai-me desfazer-me pouco a pouco do que me é uma necessidade”. Sabeis ao que vos arriscaríeis se eu cessasse subitamente? A me ver voltar de súbito. Contudo,

quero vos prometer uma coisa: é poupar a menina e a torturar amanhã menos que hoje. Mas imponho uma condição: a de aqui não ser trazido à força; quero vir livremente ao vosso apelo; e se faltar à minha palavra, concordo em perder este favor. Devo dizer-vos que essa mudança em mim é devida a essa figura radiosa que aí está, junto de vós e que também vejo ao pé do leito da menina, todos os dias, no momento da luta. A gente é tocado, mau grado seu; sem isto vós e os santos teríeis que torcer o fio por alguns dias. (O Espírito referia-se à pequena Cárita).

P. — Então ela é bonita? — R. Bela, muito bela, oh, sim!

P. — Mas ela não está só junto de vós durante a luta? — R. Oh! não! Os antigos “do corpo”, os amigos. Estes não riem nunca; mas agora zombo muito deles.

Observação: O interrogante sem dúvida queria falar dos outros bons Espíritos, mas Júlio aludia aos maus Espíritos, seus companheiros.

P. — Vamos! Antes de nos deixar prometemos esta noite orar por vós. — R. Eu peço dez e “dizei-as de coração” e amanhã estareis contente comigo.

P. — Então, que sejam dez. E desde que estais em tão boas disposições, quereis escrever de cor uma prece em três palavras, ditada por mim? — R. De boa vontade.

O Espírito escreveu: “Oh, meu Deus, dai-me a força de perdoar”.

A 15 de janeiro deu-se a crise, como sempre, às 5 horas da tarde; mas durou apenas quinze minutos. A luta foi fraca e seguida de êxtase, sorrisos e lágrimas, que exprimiam alegria e felicidade.

Na reunião noturna, a pequena Cárita nos deu a comunicação seguinte:

“Meus caros protegidos, como nós vos tínhamos feito esperar, o fenômeno espírita que se passa aos vossos olhos se modifica, melhora de dia a dia, perdendo seu

caráter de gravidade. Para começar, um conselho: Que seja para vós um tema de estudo, do ponto de vista das torturas físicas e de estudos morais. Aos olhos do mundo não façais sinais exteriores; não digais palavras inúteis. Que vos importa o que possam dizer? Deixai as discussões aos ociosos. Que o objetivo prático, isto é, a libertação desta menina e a melhora do Espírito que a obsidia, seja o elemento de vossas palestras íntimas e sérias; não faleis de cura em voz alta: pedi-a a Deus no recolhimento da prece.

“Sinto-me feliz ao dizer-vos que esta obsessão chega ao fim. O Espírito de Júlio melhorou sensivelmente. Também eu, com todo o meu poder, agi sobre o Espírito da menina, a fim de que essas naturezas tão opostas se tornassem mais compatíveis. A combinação dos fluidos não oferecerá mais nenhum perigo real, em relação ao organismo; o desmoronamento que sentia esse corpo jovem ao contato fluídico desaparece sensivelmente. Vosso trabalho não está acabado. A prece de “todos” deve sempre preceder e seguir a evocação.”

PEQUENA CÁRITA

Após a evocação de Júlio e a prece, na qual é qualificado de Espírito mau, diz ele:

“Eis-me aqui. Em nome da justiça, peço a reforma de certas palavras de vossa prece. Reformei os meus atos; reformai a qualificação que me dais.

P. — Tendes razão; não falaremos mais. Hoje viestes sem constrangimento? R. — Sim: vim livremente. Tinha cumprido minhas promessas.

P. — Agora que estais calmo e com bons sentimentos, concordais em nos confiar os motivos de vosso rigor para com a menina? — R. Por favor, deixai o passado. Quando o mal está cauterizado, para que revolver a ferida? Ah! sinto que o homem deve tornar-se melhor. Te-

inho horror ao meu passado e olho o futuro com esperança. Quando uma boca de anjo diz: A vingança é uma tortura para quem a exerce; o amor é a felicidade para aquele que o prodigaliza, então esse fermento que azeda e murcha o coração, se extingue: é preciso amar.

“Estais admirados de minhas palavras? Não são criação minha, foram-me ensinadas e tenho prazer em vo-las repetir. Ah! como seríeis felizes se, apenas por um minuto, percebesseis este anjo, radioso como um Sol, suave como um orvalho refrescante, que cai em gotinhas finas sobre uma planta queimada pelo fogo do dia! Como vedes, não tenho dificuldade de falar: bebo na fonte.

“Um rápido golpe de vista em minha vida vagabunda:

“Nascido no seio da miséria ligada ao vício, cedo saboreei os amores grosseiros da vida. Paguei com o leite a beberragem envenenada que me ofereciam todas as paixões. Vagava sem fé, sem lei, sem honra. Quando se tem que viver ao acaso, tudo é bom. A galinha do campo-nês, como o carneiro do castelão, servia-nos de refeição. A pilhagem era a minha ocupação quando sem dúvida vivia ao acaso, pois não creio que a Providência vele sobre semelhantes celerados; me tomou e me equipou. Orgulhoso da roupa surrada, que substituíra os meus trapos, a alabarda na mão, uni-me a um bando de . . . maus companheiros, vivendo a custa de um senhor poltrão que, por sua vez, erguia o talhe sobre os companheiros. Mas, que nos importava, a nós, a fonte de onde corriam para as nossas mãos as moedas e as provisões! Não entrarei em detalhes de fatos que me são pessoais: eles são maus, horríveis e indignos de serem contados. Compreendeis que, educado em semelhante escola, a gente possa tornar-se um homem de bem?

“Dividido pela morte, o bando foi reconstituir-se no mundo dos Espíritos. Longe de evitar as ocasiões de fa-

zer o mal, nós o buscávamos. Em meus passeios errantes, encontrei uma vítima a fazer, e o fiz. Vós sabeis o resto.

“Por favor, senhores, orai também pelo bando. Por vezes vos admirais que uma região contenha mais malfeitores que as outras. É muito simples. “Não querendo separar-se, caem sobre uma região como uma nuvem de gafanhotos”: aos lobos, as florestas, aos pombos, os pombais.

“Eu tinha vivido essa existência terrena ao tempo de Luís XIII. Minha última foi sob o Império. Fui guerrilheiro; o bacamarte e o chapéu cônico enfeitado me agradavam muito. Amava o perigô, o roubo e as aventuras. Triste gosto, direis. Mas que fazer alhures? Eu estava habituado a viver nos bandos. Deveis estar admirados da mudança sofrida: é obra de um anjo.

“Nada vos prometo para amanhã. Julgar-me-eis por meus atos. Uma prece, por favor. Por minha vez vou fazer uma: “Anjinho, abre as tuas asas, ergue o vôo para o trono do Senhor; pede-lhe o meu perdão, ponde a seus pés o meu arrependimento.”

JÚLIO

P. — Já que estás em tão bom caminho, pedi a Deus pela pobre menina... R. — Não posso... seria uma irrisão ou uma crueldade que o carrasco abraçasse a sua vítima.

No dia seguinte, 16 de janeiro, a menina não teve crises, mas apenas mal-estar no estômago. Aos nossos olhos tinha-se operado a libertação.

À noite, às 8 horas, respondendo ao nosso chamado, o Espírito de Júlio deu a seguinte comunicação:

“Meus amigos, permiti este nome. Eu, o Espírito obsessivo, o Espírito mau, astucioso e perverso; eu que, ainda há poucos dias, atolava-me no mal e nisso tinha prazer, vou, com o auxílio do anjo, vos pregar moral. Eu

mesmo me encontro surpreendido por esta mudança; pergunto-me se sou eu quem fala.

“Cria extinto em minha alma todo sentimento; uma fibra ainda vibraria; o anjo a adivinhou e a tocou; começo a ver e a sentir. O mal me causa horror. Lancei um olhar sobre o meu passado e só vi crimes. Uma voz suave me disse: Espera, contempla a alegria e a felicidade dos bons Espíritos; purifica-te; perdoa, em vez de odiar. Também te amarei, eu, se queres amar, se te tornas melhor. Senti-me enternecido. Agora compreendo a felicidade que experimentarão os homens, quando souberem praticar a caridade.

“Mocinha (dirige-se à criança presente à sessão), tu, que eu havia escolhido para minha presa; como o abutre à suave pomba, ora por mim e que o nome do réprobo se apague de tua memória. Recebi o batismo do amor das mãos do anjo do Senhor e hoje revisto a túnica da inocência. Pobre criança, desejo que tuas preces dirigidas ao Senhor em meu proveito em breve me livrem do remorso que me vai acompanhar como uma expiação justamente merecida.

“Meus amigos, por favor, continuai, também, vossas preces por meus miseráveis companheiros, que me perseguem com sua inveja maldosa, porque lhes escapo. Ainda ontem eu me perguntava o que dirão eles de mim. Hoje eu lhes digo: Venci; meu passado está perdoado, pois soube arrepender-me. Fazei como eu, travai a batalha contra o mal, que vos mantém cativos nesse lugar de tormentos e de desespero, e sereis vencedores. Se, como a vossa, a minha mão criminosa mergulhou no sangue, ela vos levará a água santa da prece que lava os estigmas do réprobo. Meu Deus, perdão!

“Obrigado, meus amigos, pelo bem que me fizestes. Pedirei para ficar junto de vós, a partir de hoje, para assistir às vossas reuniões. Necessito de beber na boa fonte conselhos para viver uma nova existência que pedirei a

Deus, quando tiver sofrido a expiação de meu passado infame, que a consciência me censura."

JÚLIO

A 17 de janeiro, conforme a promessa de Júlio, a menina não experimentou coisa alguma, nem mesmo no estômago. A pequena Cárita anunciou que ela sofreria uma prova moral, às 5 da tarde; durante alguns dias, ou durante o sono, prova que nada teria de penoso e cujos únicos sintomas seriam sorrisos e doces lágrimas, o que realmente aconteceu, durante dois dias. Nos dias seguintes houve a mais completa ausência do menor indício de crise. Nem por isso deixamos de observar a menina e de orar.

A 18 de janeiro a pequena Cárita nos ditou esta instrução:

"Meus bons amigos, bani todo o medo; a obsessão está acabada e bem acabada. Uma ordem de coisas estranhas para vós, mas que em breve vos parecerão muito naturais, talvez seja a consequência dessa obsessão, mas não obra de Júlio. Alguns desenvolvimentos aqui são necessários como ensinamento.

"Hoje que conheceis a doutrina, a obsessão ou subjugação do ser material se vos apresenta, não como um fenômeno sobrenatural, mas apenas com um caráter diferente das doenças orgânicas.

"O Espírito que subjuga, penetra o perispírito do ser sobre o qual quer agir. O perispírito do obsedado recebe como que um envoltório, o corpo fluídico do Espírito estranho e, por esse meio, é atingido em todo o seu ser; o corpo material experimenta a pressão sobre ele exercida de maneira indireta.

"Pareceu admirável que a alma pudesse agir fisicamente sobre a matéria animada. Entretanto é ela o autor de todos esses fatos. Ela tem por atributos a inteligência e a vontade. Por sua vontade ela dirige e o peris-

pírito, de uma natureza semimaterial, é o instrumento do qual ela se serve.

“O mal físico é aparente, mas a combinação fluidica, que vossos sentidos não podem captar, esconde um número infinito de mistério, que se revelarão com o progresso da doutrina, considerada do ponto de vista científico.

“Quando o Espírito abandona a sua vítima, sua vontade não age mais sobre o corpo, mas a impressão que recebeu o perispírito pelo fluido estranho, de que foi carregado, não se apaga de repente e continua ainda por algum tempo a influenciar o organismo. No caso de vossa jovem doente: tristezas, lágrimas, tangores, insônias, distúrbios vagos, tais são os efeitos que poderão produzir-se em consequência dessa libertação, mais, tende certeza e assegurai à menina e à sua família: essas consequências serão para elas sem perigo.

“O dever me chama, de maneira especial, a levar a bom termo o trabalho que convosco iniciei. Agora é preciso agir sobre o próprio Espírito da menina, por uma suave e salutar influência moralizadora.

“Quanto a vós, meus amigos, continuai a orar e a observar atentamente todos esses fenômenos. Estudai sem cessar; o campo está aberto e é vasto. Fazei conhecer e compreender todas essas coisas, e as idéias espíritas deslizarão pouco a pouco no espírito de vossos irmãos, que o aparecimento da doutrina encontrou incrédulos e indiferentes.”

PEQUENA CÁRITA

Observação: Devemos um justo tributo de elogios aos nossos irmãos de Marmande, pelo tacto, a prudência e o devotamento esclarecido de que deram prova nessa circunstância. Por este brilhante sucesso Deus lhes recompensou a fé, a perseverança e o desinteresse moral, pois não buscaram qualquer satisfação ao amor próprio;

a coisa não teria sido a mesma se o orgulho tivesse manchado sua boa ação. “Deus retira seus dons a quem quer que não os use com humildade”; sob o domínio do orgulho, as mais eminentes faculdades mediúnicas se pervertem, se alteram e se extinguem, porque os bons Espíritos retiram o seu concurso. As decepções, os dissabores, as desgraças efetivas desde esta vida, muitas vezes são a conseqüência do desvio da faculdade de seu objetivo providencial. Poderíamos citar vários exemplos tristes, entre os médiuns que davam as mais belas esperanças.

A tal respeito nunca nos penetraríamos demais nas instruções contidas no “Evangelho Segundo o Espiritismo”, números 285, 326 e seguintes, 333, 392 e seguintes.

Recomendamos às preces de todos os bons Espíritos o Espírito acima, do obsessor Júlio, a fim de o fortalecer em suas boas resoluções e lhe fazer compreender o que se ganha fazendo o bem.



Novos detalhes sobre os possessos de Morzine

O “Magnétiseur”, jornal do magnetismo animal, publicado em Genève pelo sr. Lafontaine, em seu número de 15 de maio de 1864, faz este relato:

“A epidemia demoníaca que, desde 1857, reina no burgo de Morzine e nos casebres vizinhos, situados entre as montanhas da Haute-Savoie, ainda não cessou a sua devastação. O governo francês, desde que a Savoie lhe pertence, preocupou-se com o caso. Enviou ao local homens especializados, inteligentes e capazes, inspetores dos hospícios de alienados, etc., a fim de estudar a natureza e observar a marcha da doença. Tomaram algumas

medidas, tentaram o deslocamento e transportaram as moças doentes para Chambéry, Anecy, Evian e Thonon, etc. Mas os resultados dessas tentativas não foram satisfatórios; mau grado o tratamento médico, as curas foram pouco numerosas; e quando as infelizes moças retornam à casa, recaem no mesmo estado de sofrimento. Depois de inicialmente, haver atingido as crianças e as mocinhas, a epidemia estendeu-se às mães de família e às senhoras idosas. Poucos homens lhe sentiram a influência; contudo, custou a vida de um. Esse infeliz meteu-se no estreito espaço entre o fogão e a parede, de onde dizia não poder sair; ali ficou um mês, sem se alimentar; morreu de esgotamento e inanição, vítima da imaginação ferida.

“Os enviados do governo francês fizeram relatórios num dos quais o sr. Constant, entre outras coisas, declarava que o pequeno número de curas realizadas naquela população eram devidas ao magnetismo por mim empregado em Genève, em moças e senhoras que me haviam trazido em 1858 e 1859.

“Nossos leitores sabem que o flagelo, atribuído pelos bons camponeses de Morzine e, o que é mais desagradável, por seus condutores espirituais, “ao poder do demônio”, se manifesta naqueles que são tomados por convulsões violentas, acompanhadas de gritos, de perturbações do estômago e gestos da mais impressionante ginástica, sem falar dos juramentos e de outros processos escandalosos, de que os doentes se tornam culpados, quando os obrigam a entrar numa igreja.

“Conseguimos curar vários desses doentes, que não sofreram outros ataques, enquanto moravam longe das influências prejudiciais do contágio e dos Espíritos feridos de sua terra. Mas em Morzine o horrível mal não cessou de fazer devastações entre essa população infeliz: ao contrário, o número das vítimas foi crescendo. Em vão prodigalizaram preces e exorcismos: em vão levaram os doentes para hospitais de várias cidades distan-

tes; o flagelo, que, em geral, ataca mocinhas, cuja imaginação é mais viva, se encarniça contra a sua presa, e as únicas curas constatadas são as operadas por nós, das quais fizemos um relato em nosso jornal.

“Enfim, baldos de meios, quiseram tentar um grande golpe: Monsenhor Maguín, bispo de Annecy, anunciou, finalmente, que iria a Morzine, tanto para crismar os habitantes que ainda não haviam recebido esse sacramento, quanto para ensinar os meios de vencer a terrível doença. A boa gente da aldeia esperava maravilhas dessa visita.

“Ela ocorreu sábado, 30 de abril e domingo, 1.º de maio e eis as circunstâncias que a marcaram.

“No sábado, pelas quatro horas, o prelado aproximou-se da aldeia. Estava a cavalo, acompanhado por grande número de padres. Tinham procurado reunir os doentes na igreja; alguns levados a força. “Desde que o bispo pisou em terras de Morzine”, diz uma testemunha ocular, “sentindo que ele se aproximava, os possessos foram tomados de convulsões as mais violentas, e, em particular, as que eram mantidas na igreja soltavam gritos e urros, que nada tinham de humano. Todas as moças que, em diversas épocas, tinham sido atingidas pela doença, sofreram a sua volta e viram-se diversas, que há cinco anos não eram atingidas, vítimas do mais medonho paroxismo dessas crises horríveis”. O próprio bispo empalideceu ao ouvir os urros que acolheram a sua chegada. Não obstante, continuou a avançar para a igreja, mau grado a vociferação de alguns doentes, que haviam escapado das mãos de seus guardas para se atirarem à sua frente, injuriando-o. Ele apeou-se à porta do templo e entrou com dignidade. Apenas acabou de entrar, a desordem redobra. Então foi uma cena verdadeiramente infernal.

“As possessas, cerca de setenta, com um único rapaz, juravam, rugiam, saltavam em todos os sentidos;

isto durou horas; e quando o prelado quis fazer o crisma, o furor redobrou, se possível. Tiveram que as arrastar para junto do altar; sete ou oito homens tiveram que reunir seus esforços para vencer a resistência de algumas; os policiais deram mão forte. O bispo devia partir às quatro horas; às sete da noite ainda estava na igreja, onde não lhe puderam trazer três doentes; conseguiram arrastar duas, arquejantes, com espuma na boca, blasfêmias nos lábios, até junto ao bispo. A última resistiu a todos os esforços; vencido de fadiga e de emoção, ele teve que renunciar a lhes impor as mãos: saiu da igreja trêmulo, desequilibrado, as pernas cheias de contusões recebidas das possessas, enquanto estas se agitavam sob sua bênção.

“Saiu da aldeia deixando aos habitantes boas palavras, mas sem lhes esconder a profunda impressão de estupor que havia experimentado em presença de um mal, que não podia imaginar tão grande. Terminou confessando “que não se tinha sentido bastante forte para conjurar a chaga que tinha vindo curar e prometendo voltar, ao menos munido de poderes maiores.”

“Não fazemos hoje nenhuma reflexão: limitamos a relatar esses fatos deploráveis. Talvez no próximo número digamos tudo quanto para nós eles representaram de penoso.

CH. LAFONTAINE”

Eis o relato sucinto que o “Courrier des Alpes” fez de tais fatos, e que diversos jornais reproduziram sem comentários:

“Ocupam-se muito em Annecy de um incidente, tão doloroso quão imprevisto, que assinalou a viagem de Monsenhor Maguín, nosso digno prelado. Todos conhecem a triste e singular doença que, há anos, aflige a comuna de Morzine, à qual não se sabe que nome dar. A ciência aí se perde. Certo público caracterizou essa doença,

que aflige principalmente as mulheres, chamando de “possessos” os que por ela são atingidos. Muitos habitantes da comuna, com efeito, estão persuadidos de que um malféicio foi lançado sobre essa localidade.

“Lembra-se, também, que em 1862, certo número de pessoas atingidas por essa estranha doença, que produz todos os efeitos da loucura furiosa, sem lhe ter o caráter, foram disseminadas em diversos hospitais em vários pontos da França e voltaram perfeitamente curadas. Este ano a doença ganhou outras pessoas e, desde algum tempo, tomou proporções apavorantes.

“Foi nestas circunstâncias que Monsenhor Maguín, só escutando a sua caridade, fez a sua visita pastoral a Morzine e foi no momento em que administrava o crisma que, de repente, uma crise se apoderou de certo número desses infelizes que assistiam à cerimonia ou dela participavam. Então houve um terrível escândalo na igreja. Os detalhes dessa cena são muito aflitivos para serem relatados.

“Limitar-me-ei a dizer que a administração superior comoveu-se com esse triste caso e que um destacamento de trinta homens de infantaria já foi mandado para lá; sei de boa fonte que esse destacamento será dobrado e comandado por um oficial superior, encarregado de minuciosas instruções. Desnecessário dizer que outras medidas serão tomadas, como, por exemplo, o envio de médicos especialistas, encarregados de estudar a doença. A força armada terá por missão proteger as pessoas.”

“A ciência aí se perde” — eis uma confissão de impotência. Então, que é que farão os médicos? Já os enviaram e muito capacitados? Dizem que vão mandar especialistas. Mas, como estabelecer sua especialidade numa afecção, cuja natureza não se conhece, e na qual a ciência se perde? Concebe-se a especialidade dos oculistas para as afecções dos olhos, dos toxicologistas nos casos de envenenamento. Mas aqui, em que categoria se-

rão tomados? Entre os alienistas? Muito bem, se for demonstrado que é uma afecção mental. Mas os próprios alienistas fracassaram: nem estão de acordo quanto à causa nem quanto ao tratamento. Ora, desde que a ciência aí se perde, o que é uma grande verdade, os alienistas não são mais especialistas que os cirurgiões. É verdade que lhes vão juntar uma força armada. Mas já empregaram este meio sem sucesso. Duvidamos muito que desta vez haja sucesso.

Se, desta vez, a ciência falha, é que não está no caminho certo. Que há para admirar? Tudo revela uma causa moral; e enviam homens que só acreditam na matéria; procuram na matéria e aí nada encontram. Isto prova superabundantemente que não procuram onde é preciso. Se se querem médicos mais especialistas, que os escolham entre os espiritualistas e não entre os materialistas; ao menos aqueles poderão compreender que possa haver algo fora do organismo.

A religião não foi mais feliz: usou suas munições contra os diabos, sem poder chamá-los à razão. Então os diabos são os mais fortes, a menos que não sejam diabos. Os choques constantes, em casos semelhantes, provam uma de duas coisas: ou que ela não está certa, ou que é vencida por seus inimigos.

O mais claro de tudo isto é que nada do que empregaram deu resultado e não terão melhor resultado enquanto se obstinarem em não buscar a verdadeira causa onde ela está. Um estudo atento dos sintomas demonstra com verdadeira evidência estar na ação do mundo invisível sobre o mundo visível, ação que é a fonte de mais afecções do que se pensa, e contra as quais a ciência falha pela razão de que se ataca ao efeito e não à causa. Numa palavra, é o que o Espiritismo designa pelo nome de “obsessão”, levada ao mais alto grau, isto é, de “subjugação” e de “possessão”. As crises são efeitos consecutivos; a causa é o ser obsessivo; é, então, sobre este que

se deve agir, como nas convulsões ocasionadas pelos vermes, se age sobre os vermes.

Dirão que o sistema é absurdo. Absurdo para os que nada admitem fora do mundo tangível, mas muito positivo para os que constataram a existência do mundo espiritual e a presença de seres invisíveis em torno de nós. Aliás, o sistema é baseado na experiência e na observação, e não numa teoria preconcebida. A ação de um ser invisível malévolos foi “constatada” numa porção de casos isolados, tendo completa analogia com os fatos de Morzine, de onde é lógico concluir seja a mesma causa, desde que os efeitos são semelhantes; a diferença está no número. Todos os sintomas, sem exceção, observados nos doentes daquela localidade, o foram em casos particulares de que falamos. Ora, desde que libertaram os doentes atingidos pelo mesmo mal, sem exorcismos, sem medicamentos e sem polícia, o que se faz alhures poderia ser feito em Morzine.

Se assim é, perguntarão por que os meios espirituais empregados pela Igreja são ineficazes? Eis a razão:

A Igreja acredita nos demônios, isto é, numa categoria de seres de uma natureza perversa e votados eternamente ao mal, por isso mesmo imperfectíveis. Com esta idéia ela não procura melhorá-los. Ao contrário, o Espiritismo reconheceu que o mundo invisível é composto de almas ou Espíritos dos homens que viveram na Terra e que, após a morte, povoam o espaço; nesses números os há bons e maus, como entre os homens; dos que se compraziam, em vida, em fazer o mal, muitos se comprazem ainda, após a morte. Mas, por isto mesmo que pertencem à Humanidade, estão submetidos à lei do progresso e se podem melhorar. Não são, pois, demônios, no sentido da Igreja, mas Espíritos imperfectos.

Sua ação sobre os homens se exerce, ao mesmo tempo, sobre o físico e a moral. Daí uma porção de afecções que não têm sede no organismo, loucuras apa-

rentes, refratárias a qualquer medicação. É um novo ramo da patologia, que se pode designar pelo nome de "patologia espiritual". A experiência ensina a distinguir os casos desta categoria dos que pertencem à patologia orgânica.

Não nos propomos descrever o tratamento das afecções desse gênero, porque já foi indicada alhures; limitar-nos-emos a lembrar que consiste numa tríplice ação: a ação fluidica, que liberta o perispírito do doente da pressão do Espírito malévolos, o ascendente exercido sobre este último pela autoridade que sobre ele dá a superioridade moral, e a influência moralizadora dos conselhos que se lhes dá. A primeira é simples acessório das duas outras; apenas é insuficiente, porque se, momentaneamente, se chega a afastar o Espírito, nada o impede de voltar à carga. É a fazê-lo renunciar voluntariamente a seus maus propósitos que a gente se deve aplicar, moralizando-o. É uma verdadeira educação a fazer, que exige tacto, paciência, devotamento e, acima de tudo, fé sincera. Prova a experiência, pelos resultados obtidos, o poder deste meio; mas, também, demonstra que, em certos casos, o concurso simultâneo de várias pessoas unidas na mesma intenção, é necessário.

Ora, que faz a Igreja em semelhantes casos? Convida de que trata com demônios incorrigíveis, não se ocupa absolutamente com a sua melhora; crê aterrá-los e os afastar pelos signos, fórmulas e os aparelhos de exorcismo, do que eles se riem e são mais excitados a redobrar a malícia, como se vê todas as vezes que tentaram exorcizar os lugares em que se produzem barulhos e perturbações. É um fato verificado pela experiência que os signos e os atos exteriores nenhum poder têm sobre eles, ao passo que se tem visto, entre os mais endurecidos e os mais perversos, ceder a uma pressão moral e voltar aos bons sentimentos. Então, tem-se a dupla satisfa-

ção de livrar o obsedado e trazer a Deus uma alma transviada.

Talvez perguntem por que os Espíritas, desde que convencidos da causa do mal e dos meios de o combater, não foram a Morzine para ali operar milagres? Para começar, os Espíritas não fazem milagres; a ação curativa que se pode exercer em semelhantes casos nada tem de maravilhoso ou de sobrenatural; repousa numa lei da natureza — a das relações entre o mundo visível e o mundo invisível, lei que, dando a razão de certos fenômenos incompreendidos, por falta de conhecimento, vem recuar os limites do maravilhoso, em vez de os alargar. Em segundo lugar, deve perguntar-se se o seu concurso seria aceito; se não teriam encontrado uma oposição sistemática; se, longe de ser ajudados, não teriam sido entravados pelos próprios que fracassaram; se não teriam sido insultados e maltratados por uma população superexcitada pelo fanatismo, acusados de feitiçaria junto aos próprios doentes e de agirem em nome do diabo, como se viram provas em certas localidades. Nos casos individuais isolados, os que se dedicam ao alívio dos aflitos geralmente são ajudados pela família e pela vizinhança, muitas vezes pelos próprios doentes, sobre cujo moral devem atuar por meio de palavras boas e encorajantes, que devem excitar à prece. Semelhantes curas não se obtêm instantaneamente. Os que as empreendem necessitam de calma e de profundo recolhimento. Nos casos atuais, essas circunstâncias seriam possíveis em Morzine? É mais do que duvidoso. Quando vier o momento de deter o mal, Deus o provará.

Aliás, os fatos de Morzine e sua continuação têm sua razão de ser, do mesmo modo que as manifestações de igual gênero em Poitiers. Eles se multiplicarão, quer isolada, quer coletivamente, a fim de convencer da impotência dos meios até hoje empregados para lhes pôr

um termo, e para forçar a incredulidade a reconhecer, enfim, a existência de um poder extra-humano.

Para todos os casos de obsessão, de possessão e de quaisquer manifestações desagradáveis, chamamos a atenção para o que diz a respeito o “Livro dos Médiuns”, no capítulo da “Obsessão”; enfim para os números 325 a 335 do “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Aí encontrarão as necessárias instruções para se guiarem em circunstâncias análogas.



Instruções dos Espíritos

OS ESPIRITOS NA ESPANHA

Barcelona, 13 de junho de 1864 — Médiun: Sra. J.

Venho junto a vós para que tenhais a bondade de me recomendar a Deus em vossas preces, porque sofro e desejo que as caridosas almas encarnadas tenham compaixão de um pobre Espírito que pede perdão a Deus. Vivi muito tempo no mal; hoje, porém, venho dizer aos Espíritos que o fazem: Cessai, almas impuras, as vossas iniquidades; cessai de ser incrédulos e dessa vida errante qual a vossa; cessai de fazer o mal, porque Deus diz aos seus bons Espíritos: “Ide e purificai essas almas perversas, que jamais conheceram o bem; é preciso que cesse o mal, porque estão próximos os tempos em que a Terra deve ser melhorada. Para que ela seja melhor, é necessário que as almas manchadas, que diariamente vêm povoá-la, se purifiquem, a fim de habitar a nova Terra, melhores e caridosas”.

É o que Deus diz a seus bons Espíritos. E eu, que

era um dos mais cruéis na obsessão, hoje venho dizer aos que fazem o que eu fazia: Almas transviadas, segui-me; pedi perdão a Deus e a essas almas puras que vos oferecem o braço; implorai e Deus vos perdoará; mas perdoai, também e arrependei-vos. O perdão é tão suave! Ah! se o conhecêsseis, não demoraríeis um instante em vos retirardes do pântano do mal onde vos atolais; voaríeis aos braços dos anjos que estão junto de vós. Cessai, cessai, irmãos, eu vos peço; cessai e segui-me; arrependei-vos.

Meus amigos, permiti que vos dê esse nome, posto não me conheçais. Sou um desses Espíritos que tudo fizeram, menos o bem; mas a cada pecado, misericórdia; e desde que Deus me concede o perdão e que anjos quizeram chamar-me irmão, espero que vós, que praticais a caridade, orareis por mim, porque tenho provas muito duras a passar. Mas são merecidas.

P. — Há muito tempo que tomastes o caminho do bem? — Não, meus amigos; há pouco tempo, pois sou o Espírito obsessor da menina de Marmande; sou Júlio, e venho junto às almas caridosas lhes pedir que orem por mim e dizer aos meus antigos companheiros: “Parai! não façais mais o mal, porque Deus perdoa aos pecadores arrependidos. Arrependei-vos e sereis absolvidos. Venho trazer-vos a palavra de paz; recebei do anjo aqui presente o santo batismo, como eu o recebi.”

Caros amigos, eu vos deixo, recomendando não me esqueçais em vossas preces. Adeus.

JÚLIO

Tendo perguntado ao Espírito se o da Pequena Cárita, sua protetora, o acompanhava, respondeu afirmativamente. Pedimos a esse bom Espírito algumas palavras relativamente às obsessões que há tanto tempo combatemos. Eis o que disse:

“Meus amigos, as obsessões, que constituem o

tormento dessas pobres almas encarnadas, são muito dolorosas, sobretudo para os médiuns, que desejam servir-se de suas faculdades para fazer o bem, e não o podem, porque Espíritos malévolos se abateram sobre eles e não lhes deixam tranqüilidade; mas é necessário esperar que essas obsessões cheguem a seu fim. Orai muito, pedi a Deus, a própria bondade, se digne abreviar vossos sofrimentos e provações. Almas caras, evocai esses Espíritos transviados; orai por eles; moralizai-os; pedi conselhos aos bons Espíritos. Estais bem rodeados. Não tendes perto de vós diversas dessas almas etéreas, que velam por vós e vos protegem? que procuram fazer-vos progredir, para que chegueis perto de Deus? Nisto está sua tarefa; elas trabalham incessantemente para vos preparar o caminho que jamais acaba. Se não estais libertos, meus caros amigos, sem dúvida é que ainda não estais bastante purificados para a tarefa que vos impusestes. Escolhestes livremente a vossa provação e deveis esforçar-vos por levá-la a bom termo, porque os Espíritos vos guiam e sustentam, para vos ajudarem a terminar a vida terrena santamente, depurando-vos pela expiação do sofrimento e pela caridade.

“Adeus, caros amigos. Deixo-vos, pedindo a Deus por vós e por esses pobres obsidiados e lhes peço que seiais sempre protegidos pelos Espíritos purificados do vosso grupo.

PEQUENA CÁRITA

Eis dois Espíritos que violaram a ordem e transpuseram os Pireneus sem permissão, sem levar em conta a ordenação do Monsenhor Pantaleon e, o que mais é, sem terem sido chamados ou evocados. É verdade que a ordenação ainda não tinha aparecido. Agora veremos se eles serão menos espertos. Poder-se-ia dizer que se, nessa reunião, não os chamaram, estavam habituados a fazê-lo

em outras e que, encontrando a porta aberta, aproveitaram para entrar. Mas não tardará, se é que já não o fizeram, a vê-los se introduzirem, lá como alhures, como em Poitiers, por exemplo, entre pessoas que jamais ouviram falar de Espiritismo e mesmo entre os que, escrupulosos observadores da ordenação, lhes fechem a porta, mau grado os aguazis.

Desde que esses aqui referidos se permitiram esta afronta, perguntaremos ao sr. Bispo o que há de ridículo no fato e onde o "cinismo imundo" que, em sua opinião, é fruto do Espiritismo: uma jovem de Marmande, que nem ela, nem os pais pensavam nos Espíritos, que, talvez, nem eles acreditassem, é atingida, desde um ano para cá, de uma doença terrível, bizarra, ante a qual falha a ciência. Alguns Espíritas pensam tratar-se da ação de um Espírito mau; empreendem a sua cura sem medicamentos, pela prece e pela evocação desse mau Espírito, e em cinco dias, não só lhe restabelecem a saúde, mas conduzem o mau Espírito ao bem. Onde está o mal? onde o absurdo? Depois esse mesmo Espírito vem a Barcelona, sem que o chamem, pedir preces de que necessita para completar sua purificação; dá-se como exemplo e concita seus antigos companheiros a renunciarem ao mal. O bom Espírito que o acompanha prega a moral evangélica. Que há nisso de ridículo e de imundo? O que é ridículo, dizeis vós, é acreditar na manifestação dos Espíritos. Mas, que são esses dois seres que acabam de se comunicar? Um efeito da imaginação? Não, pois não pensavam neles, nem no fato de que acabam de falar. Quando tiverdes morrido, Monsenhor, vereis as coisas de outro modo e nós rogamos a Deus que vos esclareça, como fez com o vosso predecessor, hoje um dos protetores do Espiritismo em Barcelona.

Entre as comunicações por ele dadas à Sociedade Espírita de Paris, eis a primeira, já publicada na Revista. Nada obstante, reproduzimo-la para edificação dos que

não a conhecem (vide a Revista de agosto de 1862: Morte do bispo de Barcelona; e, quanto aos detalhes do auto-de-fé, os números de novembro e dezembro de 1861).

“Ajudado por vosso chefe espiritual (São Luís) pude vir ensinar-vos por meu exemplo e vos dizer: Não repilais nenhuma das idéias anunciadas, porque um dia, dia que durará e pesará como um século, essas idéias amontoadas gritarão como a voz do anjo: Caím, que fizeste de teu irmão? Que fizeste de nosso poder, que deveria consolar e elevar a Humanidade? O homem que voluntariamente vive cego e surdo de espírito, como outros o são de corpo, sofrerá, expiará e renascerá para recomençar o labor intelectual que sua preguiça e seu orgulho lhe fizeram evitar. E essa voz terrível me disse: Tu queimaste as idéias e as idéias te queimarão. Oraí por mim; oraí porque é agradável a Deus a prece que lhe dirige o perseguido pelo perseguidor.”



Os Espíritos na Espanha

CURA DE UMA OBSIDIADA EM BARCELONA

Rosa N. . . , casada em 1850, poucos dias após o casamento foi atingida por ataques espasmódicos, que se repetiam muitas vezes e com violência, até engravidar. Durante a gravidez nada experimentou, mas após o parto os mesmos acidentes se renovaram. Por vezes as crises duravam três ou quatro horas, durante as quais fazia toda sorte de extravagâncias e eram precisas três ou quatro pessoas para a dominar. Entre os médicos chamados, uns diziam que era uma doença nervosa; outros, loucura. O

mesmo fenômeno se renovava em cada gravidez, isto é, os acidentes cessavam durante a gestação e recomeçavam após o parto.

Isto durava há vários anos. O pobre marido estava cansado de consultar a uns e outros e aplicar remédios que não davam o menor resultado. Essa brava gente estava no limite da paciência e dos recursos, pois a mulher ficava, por vezes, meses inteiros sem poder dedicar-se aos trabalhos domésticos. Por vezes sentia uma melhora, que fazia esperar uma cura, mas após algumas semanas de atenuação, o mal reaparecia com uma terrível recrudescência.

Tendo algumas pessoas convencido-os de que um mal tão rebelde devia ser obra do demônio, recorreram aos exorcismos e a paciente foi a um santuário distante vinte léguas, de onde voltou aparentemente tranqüila. Mas ao cabo de alguns dias o mal voltou com nova intensidade. Partiu para outra ermida, onde ficou quatro meses, durante os quais ficou tão tranqüila que a julgaram curada. Voltou, então, à sua família, contente por se ver, enfim, livre de sua cruel doença; mas, após algumas semanas, suas esperanças se desvaneceram novamente. Os acessos voltaram com mais força do que nunca. Marido e mulher estavam desesperados.

Foi em julho último (1864) que um de nossos amigos e irmão em crença nos deu conhecimento do fato, propondo-nos experimentar aliviar, senão curar essa pobre perseguida, pois julgava haver uma obsessão das mais cruéis. A doente estava então submetida a um tratamento magnético, que lhe havia proporcionado um certo alívio, mas o magnetizador, posto que espírita, não tinha meios de evocar o obsessor, por falta de médiuns, e não podia, a despeito de sua vontade, produzir o efeito desejado. Aceitamos com interesse essa ocasião de fazer uma boa obra. Reunimos vários adeptos sinceros e mandamos trazer a doente.

Alguns minutos bastaram para reconhecer a causa da moléstia de Rosa. Era, com efeito, uma obsessão das mais terríveis. Tivemos muito trabalho para fazer o obsessor vir ao nosso chamado. Foi muito violento, respondeu algumas palavras descosidas e logo atirou-se com uma fúria sobre sua vítima, à qual deu uma crise violenta, logo acalmada pelo magnetizador.

Na segunda sessão, poucos dias depois, pudemos por mais tempo reter o obsessor, que, entretanto, se mostrou rebelde e cruel para com sua vítima. A terceira evocação foi mais feliz: o obsessor conversou familiarmente conosco. Fizemo-lo compreender todo o mal que praticava, perseguindo essa infeliz mulher, mas ele não queria confessar seus erros, e dizia que a fazia pagar "uma velha dívida". Na quarta evocação orou conosco e se lamentou por ter sido trazido a nós contra a sua vontade; queria muito vir, por sua própria vontade. Foi o que fez na sessão seguinte. Pouco a pouco, a cada nova evocação, tomávamos maior ascendente sobre ele e acabamos por fazê-lo renunciar ao mal que, desde a quarta sessão, tinha ido sempre diminuindo, e tivemos a satisfação de ver cessarem as crises na nona. De cada vez uma magnetização de 12 a 15 minutos acalmava totalmente Rosa e a deixava perfeitamente tranqüila.

Desde o mês de agosto, já lá vão nove meses, a doente não teve mais crises, e suas ocupações não foram interrompidas. Apenas de longe em longe ela sofria ligeiros abalos, em consequência de alguma contrariedade que não podia dominar; mas eram como relâmpagos sem tempestade, e para lhe demonstrar praticamente que não devia esquecer os bons hábitos que tinha contraído para com Deus e os seus semelhantes. É preciso dizer também que ela contribuiu poderosamente para a sua cura, pela fé, pelo fervor, por sua confiança no Criador e reprimindo seu caráter naturalmente impulsivo. Tudo isto contribuiu para que o obsessor adquirisse força sobre si mesmo,

pois não a tinha bastante para se empenhar resolutamente no bom caminho; ele temia as provações que teria de sofrer para merecer o perdão. Mas, graças a Deus, e com o poderoso auxílio dos bons guias, hoje está no bom caminho e faz tudo o que pode para ser perdoado. É ele que hoje dá muitos bons conselhos àquela a quem perseguiu por tanto tempo e que é agora robusta e alegre, como se jamais tivesse sofrido. Contudo, de oito em oito dias ela vem submeter-se a uma magnetização e, de tempos em tempos, evocamos seu antigo perseguidor, para o fortificar nas boas resoluções. Eis sua última comunicação, de 19 de abril de 1865:

“Eis-me aqui. Venho agradecer-vos a boa perseverança para comigo. Sem vós, sem esses bons e benévolo Espíritos, que estão presentes, eu jamais teria conhecido a felicidade que sinto agora; ainda me arrastaria no mal, na miséria. Oh! sim, miséria, porque não se pode ser mais infeliz do que eu era; sempre a fazer o mal e sempre desejoso de o fazer! Quantas vezes, ah! vos disse que não sofria! Agora é que vejo quanto sofria. Neste mesmo instante ainda ressinto esses sofrimentos, mas não como outrora; hoje é o arrependimento e não a incessante necessidade de fazer o mal. Oh, não! que o Deus de bondade dele me preserve, e que eu seja fortificado para não mais recair na pena. Oh! não mais essas torturas e esses males causticantes que não deixam à alma nenhum momento de repouso. Isto é mesmo o inferno; este está com aquele que faz o mal, como eu fazia.

Fiz o mal pelo ressentimento, por vingança, por ambição! Que me restou disto? Ai! repellido pelos bons Espíritos, não os podendo compreender quando se aproximavam de mim e escutava as suas vozes, porque não me era permitido vê-los; não! hoje Deus permitiu; é por isto que ressinto um bem-estar jamais experimentado; porque, conquanto eu sofra muito, entrevejo o futuro e suporto meus sofrimentos com paciência e resignação, pedindo

perdão a Deus e a assistência dos bons Espíritos para aquela a quem persegui por tanto tempo. Que ela me perdoe. Dia virá, talvez breve, em que lhe poderei ser útil.

Termino agradecendo-vos e vos pedindo continueis em vossas preces e na boa-vontade que me testemunhastes e me perdoeis o trabalho que vos dei. Oh! obrigado, obrigado! Não podeis saber quanto o meu Espírito é reconhecido pelo bem que me fizestes. Rogai a Deus que me perdoe e aos bons Espíritos para que estejam comigo, a fim de me ajudarem e me fortificarem. Adeus."

PEDRO

Depois desta comunicação recebemos a seguinte dos nossos guias espirituais:

"A cura chega ao fim. Agradecei a Deus que se dignou ouvir vossas preces e se servir de vós para que um inimigo encarniado se tivesse tornado hoje num amigo; porque, tende certeza, esse Espírito um dia fará tudo o que for possível pela pobre família que atormentou tanto tempo. Mas vós, caros filhos, nem abandoneis o perseguidor, nem a perserguida; ambos ainda necessitam de vossa assistência: um para o sustentar no bom caminho que tomou; evocando-o algumas vezes, aumentareis a sua coragem; a outra, para dissipar totalmente o fluido malsão que a envolveu tanto tempo; fazei-lhe, de tempos em tempos, uma abundante magnetização, sem o que ela ainda se acharia exposta à influência de outros Espíritos malévolos, pois sabeis que estes não faltam, e vós o lamentaríeis. Coragem, pois; acabai, completai vossa obra e preparai-vos para as que ainda vos estão reservadas. Sede firmes; vossa tarefa é espinhosa, é verdade, mas também, se vos desdobrardes, como vos será grande a recompensa!

VOSSOS GUIAS

Não basta relatar fatos mais ou menos interessantes. O essencial é deles tirar uma instrução, sem o que não têm proveito. É pelos fatos que o Espiritismo se constituiu em ciência e em doutrina; mas se se tivessem limitado a os constatar e os registrar, não estaríamos mais adiantados que no primeiro dia. Em Espiritismo, como em toda ciência, sempre há que aprender; ora, é pelo estudo, pela observação e pela dedução dos fatos que se aprende. É por isso que, quando é o caso, fazendo seguir os que citamos das reflexões que nos sugerem, quer venham confirmar um princípio conhecido, quer sirvam de elemento a um princípio novo. Em nossa opinião, é o meio de captar a atenção das criaturas sérias.

Uma primeira observação a fazer sobre a carta acima referida é que, a exemplo dos que compreendem a doutrina em sua pureza, seus adeptos fazem abnegação de todo amor-próprio; não fazem exibição e não procuram brilhar; praticam o bem sem ostentação e sem se vangloriar das curas que conseguem, porque sabem que nem as devem ao seu talento, nem ao seu mérito pessoal, e que Deus lhes pode retirar esse favor quando lhe aprouver; não é uma reputação nem uma clientela que buscam; acham sua recompensa na satisfação de ter aliviado um aflito e não no vão sufrágio dos homens. É o meio de conciliar o apoio dos bons Espíritos, que abandonam o orgulho aos Espíritos orgulhosos.

Os casos de cura como este, como os de Marmande e outros não menos meritórios, sem dúvida são um encorajamento; são, também, excelentes lições práticas, que mostram a que resultados se pode chegar pela fé, a perseverança e uma sábia e inteligente orientação; mas o que não deixa de ser um bom ensinamento é o exemplo da modéstia, da humildade e do completo desinteresse moral e material. É nos centros animados por tais sentimentos que se obtêm os melhores resultados, porque aí se é verdadeiramente forte contra os maus Espíritos. Não é me-

nos notável que desde que o orgulho aí penetra, desde que o bem não é feito exclusivamente pelo bem e que aí se busca a satisfação do amor-próprio, a força declina.

Notemos igualmente que é nos centros realmente sérios que se faz os mais sinceros adeptos, porque os assistentes são tocados pela boa impressão que recebem, ao passo que nos centros levianos e frívolos só se é atraído pela curiosidade, que nem sempre é satisfeita. É compreender o verdadeiro objetivo da doutrina: empregá-la a fazer o bem aos desencarnados como aos encarnados; é pouco recreativo para certas pessoas, temos que convir, mas é mais meritório para os que a isso se devotam. Assim, temos a satisfação de ver multiplicarem os centros que se dão a esses úteis trabalhos. A gente aí se instrui prestando serviço, e os assuntos de estudo não faltam. São os mais sólidos sustentáculos da doutrina.

Não é um fato muito característico ver nas duas extremidades da Europa, no norte da Rússia e no sul da Espanha, reuniões espíritas animadas pelo mesmo pensamento de fazer o bem, que agem sob o impulso dos mesmos sentimentos e da caridade para com os seus irmãos? Não é o indício da irresistível força moral da doutrina, que vence todos os obstáculos e não conhece barreiras?

Em verdade é preciso ser muito desprovido de boas razões para combater, quando se está reduzido aos tristes expedientes empregados pelo pregador de Barcelona, acima citado; seria perder tempo refutá-los; só há que lamentar os que se deixam ir a semelhantes aberrações, que provam a mais cega ignorância ou a mais insigne má-fé. Mas não ressalta menos uma importante instrução. Suponhamos que a mulher Rosa tivesse acreditado nas asserções do pregador e que tivesse repellido o Espiritismo. Que teria acontecido? Não se teria curado; teria caído na miséria, por não poder trabalhar; ela e o marido talvez tivessem amaldiçoado a Deus, ao passo que agora o bendizem, e o Espírito mau não se teria convertido ao

bem. Do ponto de vista teológico, são três almas salvas pelo Espiritismo, e que o pregador teria deixado que se perdessem.

Vendo os primeiros sintomas do mal, compreende-se que a ciência tenha podido enganar-se, porque tinham todos os caracteres de um caso patológico. Contudo não era nada disso: só o Espiritismo podia descobrir-lhe a verdadeira causa e a prova é que a ciência, com seus remédios, foi impotente durante longos anos, ao passo que em alguns dias ele triunfou sem medicamentos, pela só moralização do ser perverso que era o seu autor. O fato lá está com milhares de outros semelhantes. A isso o que dizem os incrédulos? É o acaso, a força da natureza; a doente devia curar-se. E certos sacerdotes? Dizemos certos intencionalmente, porque nem todos pensam do mesmo modo: Essa mulher foi curada pelo demônio; e teria sido melhor para a salvação de sua alma que tivesse ficado doente. A mulher, Rosa, não é desta opinião. Como por isto agradece a Deus e não ao demônio, ora e faz boas obras, absolutamente não julga comprometida a sua salvação; em segundo lugar, ela prefere ter sido curada e trabalhar para alimentar os filhos do que os ver morrer de fome. Em nossa opinião, Deus é a fonte de todo bem.

Mas, se o diabo é o verdadeiro ator em todos os casos de obsessão, de onde vem a impotência dos exorcismos? É um fato positivo que, não só em semelhantes casos o exorcismo sempre falhou, mas que as cerimônias desse gênero sempre foram seguidas de recrudescência no mal. Com efeito Morzine ofereceu memoráveis exemplos. O diabo é, pois, mais poderoso do que Deus, pois resiste aos seus ministros, a esses que lhe opõem coisas santas? E contudo os Espíritas, que invocam? A quem solicitam o apoio? A Deus. Por que com a mesma assistência triunfam, quando os outros falham? Eis a razão:

Para começar, a volta do obsessivo ao bem é em consequência da cura do doente, o que prova que não é

o demônio, mas um mau Espírito susceptível de se melhorar. Em segundo lugar, no exorcismo só lhe opõem palavras e sinais materiais, na virtude dos quais se tem fé, mas de que o Espírito não faz caso. Irritam-no, ameaçam-no, maldizem-no, votando-o às chamas eternas; querem dominá-lo pela força e, como é incapturável, ri-se e vos escapa e quer provar-vos que é mais forte que vós. Pelo Espiritismo lhe falam com doçura, procuram nele fazer vibrar a corda do sentimento; mostram-lhe a misericórdia de Deus; fazem-lhe entrever a esperança e muito docemente o trazem ao bem. Eis todo o segredo.

O fato acima apresenta um caso particular, o da suspensão das crises durante a gravidez. De onde vem isto? Que a ciência o explique, se puder; eis a razão dada pelo Espiritismo: A doença nem era loucura, nem uma afecção nervosa. A cura é a prova disto: era bem uma obsessão. O Espírito obsessor exercia uma vingança. Deus o permitia para servir de provação e de expiação à mãe e, além disso, porque, mais tarde, a cura desta devia melhorar o Espírito. Mas as crises durante a gestação poderiam prejudicar a criança. A Lei de Reação previa que a mãe fosse castigada pelo mal que tinha podido fazer, mas não queria que o ser inocente sofresse por isto. É por esta razão que aos perseguidores foi tirada toda a liberdade de ação durante esse tempo.

Como o Espiritismo explica coisas para quem o queira estudar e observar! Que horizontes abrirá à ciência quando esta levar em conta o elemento espiritual! Como estão longe de o compreender os que só o vêem nas manifestações curiosas!



Curas de obsessões

Escrevem-nos de Cazères, a 7 de janeiro de 1866:

“Eis um segundo caso de obsessão, que tomamos a nós e levamos a bom termo no mês de julho findo. A obsidiada tinha vinte e dois anos; gozava de saúde perfeita; entretanto, de repente foi acometida de um acesso de loucura. Os pais a trataram com médicos, mas inutilmente, pois o mal, em vez de desaparecer, tornava-se mais e mais intenso, a ponto de, durante as crises, ser impossível contê-la. Vendo isto os pais, a conselho dos médicos, obtiveram sua internação num hospício de alienados, onde seu estado não apresentou qualquer melhora. Nem eles nem a doente jamais haviam cogitado do Espiritismo, que nem conheciam; mas, tendo ouvido falar na cura de Jeanne R. . . . de que vos falei, vieram procurar-nos e saber se algo poderíamos fazer por sua filha infeliz. Respondemos nada poder garantir antes de conhecer a verdadeira causa do mal. Consultados em nossa primeira sessão, os guias disseram que a jovem era subjugada por um Espírito muito rebelde, mas que acabaríamos trazendo-o ao bom caminho e que a cura conseqüente nos daria a prova desta afirmação. Assim escrevi aos pais, residentes a 35 km. de nossa cidade, dizendo que a moça seria curada e que a cura não demoraria muito, sem, contudo, precisarmos a sua data.

“Evocamos o Espírito obsessor durante oito dias seguidos e fomos bastante felizes para mudar suas más disposições e fazê-lo renunciar a atormentar a vítima. Com efeito, a doente ficou curada, como os guias haviam anunciado.

“Os adversários do Espiritismo repetem incessantemente que a prática desta doutrina conduz ao hospício. Ora! nós lhes podemos dizer, nesta circunstância, que o Espiritismo dele faz sair aqueles que lá haviam entrado”.

Entre mil outros, este fato é uma nova prova da existência da "loucura obsessional", cuja causa é outra que não a loucura patológica, e ante a qual a ciência falhará enquanto se obstinar em negar o elemento espiritual e sua influência sobre a economia. Aqui o caso é bem evidente: uma jovem, de tal modo apresentando os caracteres da loucura, a ponto de se enganarem os médicos, e que é curada a léguas de distância, por pessoas que jamais a víram, sem nenhum medicamento ou tratamento médico, pela só moralização do Espírito obsessivo. Há, pois, Espíritos obsessivos cuja ação pode ser perniciosa à razão e à saúde. Não é certo que se a loucura tivesse sido ocasionada por uma lesão orgânica qualquer, esse meio teria sido impotente? Se se objetasse que essa cura espontânea pode ser devida a uma causa fortuita, responderíamos que se se tivesse de citar apenas um fato, sem dúvida seria temerário daí deduzir a afirmação de um princípio tão importante, mas os exemplos de curas semelhantes são muito numerosos. Não são o privilégio de um indivíduo e se repetem todos os dias em diversos lugares, sinal indubitável de que repugna sobre uma lei da natureza.

Citamos várias curas do mesmo gênero, notadamente em fevereiro de 1864 e janeiro de 1865, que contêm duas relações completas eminentemente instrutivas. Eis um outro fato, não menos característico, obtido no grupo de Marmande.

Numa aldeia a algumas léguas dessa cidade, havia um camponês atingido por uma loucura tão furiosa, que perseguia as pessoas a golpes de forcado, para as matar, e que, em falta de pessoas, atacava os animais do galinheiro. Corria incessantemente pelos campos e não voltava mais para casa. Sua presença era perigosa; assim foi fácil obter autorização para o internar no hospício de Cadillac. Não foi sem vivo pesar que a família se viu obrigada a tomar esse partido. Antes de o levar, tendo um dos

parentes ouvido falar das curas obtidas em Marmande, em casos semelhantes, foi procurar o sr. Dombre e lhe disse: “Senhor, disseram-me que curais os loucos. Por isso vim vos procurar.” Depois contou-lhe de que se tratava, acrescentando: “Como vedes, dá tanta pena separarmos desse pobre J. . . , que antes quis ver se não havia um meio de o evitar.”

— “Meu bravo homem, disse-lhe o sr. Dombre, não sei quem me dá esta reputação; é verdade que algumas vezes consegui dar a razão a pobres insensatos, mas isto depende da causa da loucura. Posto não vos conheça, não obstante verei se vos posso ser útil.” Tendo ido imediatamente com o indivíduo à casa de seu médium habitual, obteve do guia a certeza de que se tratava de uma obsessão grave, mas que com perseverança ela chegaria a termo. Então disse ao camponês: “Esperai ainda alguns dias, antes de levar o vosso parente a Cadillac; vamos ocupar-nos do caso; voltai de dois em dois dias para dizer-nos como ele se acha.”

No mesmo dia puseram-se em ação. A princípio, como em casos semelhantes, o Espírito mostrou-se pouco tratável; lentamente acabou por se humanizar e, por fim, renunciou a atormentar aquele infeliz. Um fato muito particular é que declarou não ter qualquer motivo de ódio contra aquele homem; que, atormentado pela necessidade de fazer o mal, havia-se agarrado a ele como a qualquer outro; agora reconhecia estar errado, pelo que pedia perdão a Deus. O camponês voltou depois de dois dias, e disse que o parente estava mais calmo, mas ainda não tinha voltado para a casa e se ocultava nas sebes. Na visita seguinte, ele tinha voltado, mas estava sombrio e mantinha-se afastado; já não procurava bater em ninguém. Alguns dias depois, ia à feira e fazia seus negócios, como de hábito. Assim, oito dias haviam bastado para o trazer ao estado normal, e sem nenhum tratamento físico. É

mais que provável que se o tivessem encerrado com os loucos, ele houvesse perdido a razão completamente.

Os casos de obsessão são tão freqüentes que não é exagero dizer que nos hospícios de alienados mais da metade apenas tem a aparência de loucura e que, por isto mesmo, a medicação vulgar não tem efeito.

O Espiritismo nos mostra na obsessão uma das causas perturbadoras da economia e, ao mesmo tempo, dá-nos o meio de a remediar: é um de seus benefícios. Mas como foi reconhecida essa causa, senão pelas evocações? Assim, as evocações servem para alguma coisa, digam o que disserem os seus detratores.

É evidente que os que não admitem a alma individual, nem a sua sobrevivência, ou que, admitindo-a, não se dão conta do estado de Espírito após a morte, devem olhar a intervenção de seres invisíveis, em tais circunstâncias, como uma quimera; mas o fato brutal dos males e das curas lá está. Não poderiam ser levadas à conta da imaginação as curas operadas a distância, em pessoas que jamais foram vistas, sem o emprego de qualquer agente material. A doença não pode ser atribuída à prática do Espiritismo, desde que atinge os que nele não acreditam, bem como crianças que dele não têm qualquer idéia. Entretanto, aqui nada há de maravilhoso, mas efeitos naturais, que existiram em todos os tempos, que então não eram compreendidos, e que se explicam do modo mais simples, agora que se conhecem as leis em virtude das quais se produzem.

Não se vêem, entre os vivos, seres maus atormentando outros mais fracos, até os deixar doentes e até matá-los, e isto sem outro motivo senão o desejo de fazer mal? Há dois meios de levar a paz à vítima: subtraí-la à autoridade de sua brutalidade, ou neles desenvolver o sentimento do bem. O conhecimento que agora temos do mundo invisível não-lo mostra povoado dos mesmos seres que viveram na Terra, uns bons, outros maus. Entre estes

últimos, uns há que se comprazem ainda no mal, em consequência de sua inferioridade moral e ainda não se despojaram de seus instintos perversos; eles se encontram em meio a nós como quando vivos, com a única diferença que, em vez de ter um corpo material visível, têm-no fluídico, invisível; mas não deixam de ser os mesmos homens, no sentido moral pouco desenvolvidos, buscando sempre ocasiões de fazer o mal, encarnçando-se sobre os que lhes são presa e que conseguem submeter à sua influência. Obsessores encarnados que eram, são obsessores desencarnados, tanto mais perigosos quanto agem sem ser vistos. Afastá-los pela força não é fácil, visto que não se pode apreender-lhes o corpo. O único meio de os dominar é o ascendente moral, com cuja ajuda, pelo raciocínio e sábios conselhos, chega-se a os tornar melhores, ao que são mais acessíveis no estado de Espírito que no estado corporal. Desde o instante em que são trazidos a renunciar voluntariamente a atormentar, o mal desaparece, quando causado pela obsessão. Ora, compreende-se que não são as duchas nem os remédios administrados ao doente que podem agir sobre o Espírito obsessor. Eis todo o segredo dessas curas, para as quais nem há palavras sacramentais, nem fórmulas cabalísticas: conversa-se com o Espírito desencarnado, moraliza-se-o e educa-se-o, como se teria feito em sua vida. A habilidade consiste em saber tomá-lo pelo seu caráter, dirigir com tacto as instruções que lhe são dadas, como o faria um instrutor experimentado. Toda a questão se reduz a isto: Há ou não Espíritos obsessores? A isto responde-se o que dissemos acima: Os fatos materiais lá estão.

Por vezes perguntam por que Deus permite que os maus Espíritos atormentem os vivos. Com tanto mais razão poder-se-ia perguntar por que permite que os vivos se atormentem entre si. Perdem-se muito de vista a analogia, as relações, a conexão que existe entre o mundo corporal e o mundo espiritual, que se compõem dos mes-

mos seres em dois estados diferentes. Aí está a chave de todos esses fenômenos reputados sobrenaturais.

Não nos devemos admirar mais das obsessões do que das doenças e outros males que afligem a Humanidade; fazem parte das provas e das misérias devidas à inferioridade do meio, onde nossas imperfeições nos condenam a viver, até que estejamos suficientemente melhorados para merecer dele sair. Os homens sofrem aqui as conseqüências de suas imperfeições, porque se fossem mais perfeitos, aqui não estariam.



Sessão anual comemorativa dos mortos

(Sociedade de Paris, 1.º de novembro de 1868)

DISCURSO DE ABERTURA PELO
SR. ALLAN KARDEC

O Espiritismo é uma Religião?

“Onde quer que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, aí estarei com eles (Mat. XVII, 20).

Caros irmãos e irmãs espíritas.

Estamos reunidos, neste dia consagrado pelo uso à comemoração dos mortos, para dar aos nossos irmãos que deixaram a Terra um testemunho particular de simpatia; para continuar as relações de afeição e de fraternidade que existiam entre eles e nós em vida, e para chamar sobre eles a bondade do Todo-Poderoso. Mas,

por que nos reunir? Não podemos fazer, cada um em particular, o que nos propomos fazer em comum? Qual a utilidade que pode haver em se reunir assim num dia determinado?

Jesus no-lo indica pelas palavras citadas no alto. Esta utilidade está no resultado produzido pela comunhão de pensamentos que se estabelece entre pessoas reunidas com o mesmo objetivo.

Mas compreende-se bem todo o alcance da expressão: “Comunhão de pensamentos?” Seguramente, até este dia, poucas pessoas dela tinham feito uma idéia completa. O Espiritismo, que nos explica tantas coisas, pelas leis que nos revela, vem ainda nos explicar a causa, os efeitos e o poder desta situação do espírito.

Comunhão de pensamento quer dizer pensamento comum, unidade de intenção, de vontade, de desejo, de aspiração. Ninguém pode desconhecer que o pensamento seja uma força; mas é uma força puramente moral e abstrata? Não; do contrário não explicariam certos efeitos do pensamento e, ainda menos, a comunhão do pensamento. Para o compreender é preciso conhecer as propriedades e a ação dos elementos que constituem a nossa essência espiritual, e é o Espiritismo que no-las ensina.

O pensamento é o atributo característico do ser espiritual; é ele que distingue o espírito da matéria: sem o pensamento, o espírito não seria espírito. A vontade não é atributo especial do espírito: é o pensamento chegado a um certo grau de energia; é o pensamento tornado força motriz. É pela vontade que o espírito imprime aos membros e ao corpo movimentos num determinado sentido. Mas se ele tem a força de agir sobre os órgãos materiais, como não deve ser maior esta força sobre os elementos fluídicos que nos cercam! O pensamento age sobre os fluidos ambientes, como o som age sobre o ar; esses fluidos nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode, pois, dizer-se com toda a verdade que há nesses

fluidos ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundir, como há no ar ondas e raios sonoros.

Uma assembléia é um foco onde irradiam pensamentos diversos; é como uma orquestra, um coro de pensamentos em que cada um produz a sua nota. Resulta daí uma porção de correntes e de eflúvios fluídicos; cada um dos quais recebe a impressão pelo sentido espiritual, como num coro de música cada um recebe a impressão dos sons, pelo sentido da audição.

Mas, assim como há raios sonoros harmônicos ou discordantes, também há pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto fór harmônico, a impressão será agradável; se fór discordante, a impressão será penosa. Ora, para isso não é preciso que o pensamento seja formulado em palavras; a radiação fluídica não existe menos, seja ou não expressa; se todas forem benevolentes, todos os assistentes experimentarão um verdadeiro bem-estar e sentir-se-ão à vontade; mas se se misturarem alguns pensamentos maus, produzem o efeito de uma corrente de ar gelado num meio tépido.

Tal é a causa do sentimento de satisfação que se experimenta numa reunião simpática; aí como que reina uma atmosfera moral salubre, onde se respira à vontade; daí se sai reconfortado, porque se ficou impregnado de eflúvios fluídicos salutaes. Assim se explicam, também, a ansiedade, o mal-estar indefinível que se sente num meio antipático, em que pensamentos malévolos provocam, por assim dizer, correntes fluídicas maisãs.

À comunhão de pensamentos produz, assim, uma espécie de efeito físico, que reage sobre o moral; é o que só o Espiritismo poderia dar a compreender. O homem o sente instintivamente, desde que procure as reuniões onde sabe que encontra essa comunhão. Nas reuniões homogêneas e simpáticas adquire novas forças morais; poder-se-ia dizer que aí recupera as perdas fluídicas que

tem diariamente, pela radiação do pensamento, como recupera pelos alimentos as perdas do corpo material.

A esses efeitos da comunhão dos pensamentos junta-se um outro que é a sua consequência natural, e que importa não perder de vista: é o poder que adquire o pensamento ou a vontade, pelo conjunto de pensamentos ou vontades reunidas. Sendo a vontade uma força ativa, esta força é multiplicada pelo número de vontades idênticas, como a força muscular é multiplicada pelo número dos braços.

Aceito este ponto, concebe-se que nas relações que se estabelecem entre os homens e os Espíritos, haja, numa reunião onde reine uma perfeita comunhão de pensamentos, uma força atrativa ou repulsiva, que nem sempre possui o indivíduo isolado. Se, até o presente, as reuniões muito numerosas são menos favoráveis, é pela dificuldade de obter uma homogeneidade perfeita de pensamentos, o que depende da imperfeição da natureza humana na Terra. Quanto mais numerosas as reuniões, mais aí se misturam elementos heterogêneos, que paralisam a ação dos bons elementos, e que são como grãos de areia numa engrenagem. Assim não é nos mundos mais adiantados, e tal estado de coisas mudará na Terra à medida que os homens se tornarem melhores.

Para os espíritas a comunhão de pensamentos tem um resultado ainda mais especial. Vimos o efeito dessa comunhão de homem a homem; o Espiritismo nos prova que não é menor dos homens para os Espíritos, e reciprocamente. Com efeito, se o pensamento coletivo adquire força pelo número, um conjunto de pensamentos idênticos, tendo o bem por objetivo, terá mais força para neutralizar a ação dos maus Espíritos; assim, vemos que a tática destes últimos é impelir para a divisão e para o isolamento. Sozinho o homem pode sucumbir, ao passo que se sua vontade for corroborada por outras vontades po-

derá resistir, segundo o axioma: “A união faz a força”, axioma verdadeiro no moral quanto no físico.

Por outro lado, se a ação dos Espíritos malévolos pode ser paralisada por um pensamento comum, é evidente que a dos bons Espíritos será secundada. Sua influência salutar não encontrará obstáculos; não sendo os seus eflúvios fluídicos detidos por correntes contrárias, espalhar-se-ão sobre todos os assistentes, precisamente porque todos os terão atraído pelo pensamento, não cada um em proveito pessoal, mas em proveito de todos, conforme a lei da caridade. Descerão sobre eles em línguas de fogo, para nos servir de uma admirável imagem do Evangelho.

Assim, pela comunhão de pensamentos, os homens se assistem entre si, e ao mesmo tempo assistem os Espíritos e são por estes assistidos. As relações entre o mundo visível e o mundo invisível não são mais individuais, são coletivas, e, por isso mesmo, mais poderosas para o proveito das massas, como para o dos indivíduos. Numa palavra, estabelece a solidariedade, que é a base da fraternidade. Ninguém trabalha para si só, mas para todos, e trabalhando por todos cada um aí encontra a sua parte. É o que não compreende o egoísmo.

Graças ao Espiritismo compreendemos, então, o poder e os efeitos do pensamento coletivo; explicamo-nos melhor o sentimento de bem-estar que se experimenta num meio homogêneo e simpático; mas sabemos, igualmente, que há o mesmo com os Espíritos, porque eles também recebem os eflúvios de todos os pensamentos benevolentes que para eles se elevam, como uma nuvem de perfume. Os que são felizes experimentam uma maior alegria por esse concerto harmonioso; os que sofrem sentem um maior alívio.

Todas as reuniões religiosas, seja qual for o culto a que pertençam, são fundadas na comunhão de pensamentos; é aí, com efeito, que esta deve e pode exercer

toda a sua força, porque o objetivo deve ser o despreendimento do pensamento das garras da matéria. Infelizmente, em sua maioria, afastaram-se desse princípio à medida que faziam da religião uma questão de forma. Disso resultou que cada um, fazendo consistir seu dever na realização da forma, julga-se quite para com Deus e os homens quando pratica uma fórmula. Disso resulta ainda que "cada um vai aos lugares de reuniões religiosas com um pensamento pessoal, por sua própria conta, e o mais das vezes sem nenhum sentimento de confraternização em relação aos outros assistentes; está isolado em meio à multidão, e não pensa no céu senão para si mesmo".

Certamente não era assim que o entendia Jesus, quando disse: "Quando estiverdes diversos reunidos em meu nome, estarei no meio de vós." Reunidos em meu nome quer dizer com um pensamento comum; mas não se pode estar reunido em nome de Jesus sem assimilar os seus princípios, a sua doutrina. Ora, qual é o princípio fundamental da doutrina de Jesus? A caridade em pensamentos, palavras e obras. Os egoístas e os orgulhosos mentem quando se dizem reunidos em nome de Jesus, porque Jesus os desautoriza por seus discípulos.

Feridas por estes abusos e por estes desvios, há criaturas que negam a utilidade das assembléias religiosas e, por conseguinte, dos edifícios consagrados a tais assembléias. Em seu radicalismo pensam que melhor seria construir hospícios do que templos, desde que o templo de Deus está em toda a parte, que pode ser adorado em toda parte, que cada um pode orar em casa e a qualquer hora, ao passo que os pobres, os doentes e os enfermos necessitam de lugares de refúgio.

Mas pelo fato de se cometerem abusos, por se afastarem do reto caminho, segue-se que não existe o reto caminho e que tudo aquilo de que se abusa seja mau? Falar assim é desconhecer a fonte e os benefícios da co-

munhão de pensamentos, que deve ser a essência das assembleias religiosas; é ignorar as causas que a provocam. Que os materialistas professem semelhantes idéias, concebe-se, porque para eles, em todas as coisas fazem abstração da vida espiritual; mas da parte dos espiritualistas, e melhor ainda, dos espíritas, seria um contra-senso. "O isolamento religioso, como o isolamento social, conduz ao egoísmo." Que alguns homens sejam bastante fortes por si mesmos, muito largamente dotados pelo coração, para que sua fé e sua caridade não necessitem ser reaquecidas num foco comum, é possível; mas assim não se dá com as massas, à qual é preciso um estimulante, sem o qual elas poderiam deixar-se ganhar pela indiferença. Além disso, qual o homem que possa dizer-se bastante esclarecido para não ter nada a aprender no tocante aos interesses futuros? E bastante perfeito para dispensar conselhos na vida presente? É sempre capaz de instruir-se por si mesmo? Não; à sua maioria são necessários ensinamentos diretos em matéria de religião e de moral, como em matéria de ciência. Sem contradita, esse ensinamento pode ser dado por toda a parte, sob a abóbada do céu, como sob a de um templo; mas por que não teriam os homens lugares especiais para os negócios do céu, como o têm para os negócios da Terra? Por que não teriam assembleias religiosas, como têm assembleias políticas, científicas e industriais? Aqui está um jogo onde se ganha sempre, sem que ninguém perca. Isto não impede as fundações em proveito dos infelizes; mas dizemos a mais que "quando os homens compreenderem melhor seus interesses do céu, haverá menos gente nos hospícios".

Se as assembleias religiosas — falamos em geral, sem alusão a qualquer culto — muitas vezes se afastaram bastante do objetivo primitivo principal, que é a comunhão fraterna do pensamento; se o ensino que aí é dado nem sempre seguiu o movimento progressivo da Humanidade,

dade, é que os homens não realizam todos os progressos ao mesmo tempo; o que não fazem num período, fazem no em outro; à medida que se esclarecem, e vêem as lacunas que existem em suas instituições, e as preenchem; compreendem que o que era bom numa época, em relação ao grau de civilização, torna-se insuficiente num estado mais adiantado, e restabelecem o nível. Sabemos que o Espiritismo é a grande alavanca do progresso em todas as coisas; marca uma era de renovação. Saibamos, pois, esperar, e não peçamos a uma época mais do que ela pode dar. Como as plantas, é preciso que as idéias amadureçam para serem colhidos os frutos. Além disso, saibamos fazer as concessões necessárias nas épocas de transição, porque nada, na natureza, se opera de maneira brusca e instantânea.

Dissemos que o verdadeiro objetivo das assembléias religiosas deve ser a “comunhão de pensamentos”; é que, com efeito, a palavra “religião” quer dizer “laço”. Uma religião, em sua acepção nata e verdadeira, é um laço que “religa” os homens numa comunidade de sentimentos, de princípio e de crenças. Consecutivamente, esse nome foi dado a esses mesmos princípios codificados e formulados em dogmas ou artigos de fé. É neste sentido que se diz: “a religião política”; entretanto, mesmo nesta acepção, a palavra “religião” não é sinônimo de “opinião”; implica uma idéia particular; a “de fé conscienciosa”; eis porque se diz também: “a fé política”. Ora, os homens podem envolver-se por interesse num partido, sem ter fé nesse partido, e a prova é que o deixam sem escrúpulo quando encontram seu interesse alhures, ao passo que aquele que o abraça por convicção é inabalável; persiste ao preço dos maiores sacrifícios e é a abnegação dos interesses pessoais que é a verdadeira pedra de toque da fé sincera. Contudo, se a renúncia a uma opinião, motivada pelo interesse, é um ato de desprezível covardia, é, ao contrário, respeitável quando fru-

to do reconhecimento do erro em que se estava; é, então, um ato de abnegação e de razão. Há mais coragem e grandeza em reconhecer abertamente que se enganou, do que persistir, por amor-próprio, no que se sabe ser falso e para não se dar um desmentido a si próprio, o que acusa mais teimosia do que firmeza, mais orgulho do que razão, e mais fraqueza do que força. E mais ainda: é hipocrisia, porque se quer parecer o que não se é; além disso é uma ação má, porque é encorajar o erro por seu próprio exemplo.

O laço estabelecido por uma religião, seja qual for o seu objetivo, é, pois, um laço essencialmente moral, que liga os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não somente o fato de compromissos materiais, que se rompem à vontade, ou da realização de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao espírito. O efeito desse laço moral é o de estabelecer, entre os que ele une, como consequência da comunidade de vistas e de sentimentos, “a fraternidade e a solidariedade”, a indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que também se diz: a religião da amizade, a religião da família.

Se assim é, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores. No sentido filosófico o Espiritismo é uma religião, e nós nos glorificamos por isto, porque é a doutrina que funda os elos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as mesmas leis da natureza.

Por que, então, declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Porque não há uma palavra para exprimir duas idéias diferentes, e porque, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; desperta exclusivamente uma idéia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí senão uma nova edição, uma variante, se se quiser, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sa-

cerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das idéias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes se levantou a opinião pública.

Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual do vocábulo, não podia nem devia enfeitar-se com título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis porque simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral.

As reuniões espíritas podem, pois, ser feitas religiosamente, isto é com o recolhimento e o respeito que comporta a natureza grave dos assuntos de que se ocupa. Pode-se mesmo, na ocasião, aí fazer preces que, em vez de serem ditas em particular, são ditas em comum, sem que por isto as tomem por "assembléias religiosas". Não se pense que isto seja um jogo de palavras; a nuance é perfeitamente clara, e a aparente confusão é devida à falta de um vocábulo para cada idéia.

Qual é, pois, o laço que deve existir entre os espíritas? Eles não estão unidos entre si por nenhum contrato material, por nenhuma prática obrigatória. Qual o sentimento no qual se devem confundir todos os pensamentos? É um sentimento todo moral, todo espiritual, todo humanitário: o da caridade para todos, ou, por outras palavras: o amor do próximo, que compreende os vivos e os mortos, desde que sabemos que os mortos sempre fazem parte da Humanidade.

A caridade é a alma do Espiritismo: ela resume todos os deveres do homem para consigo mesmo e para com os seus semelhantes; eis porque se pode dizer que não há verdadeiro espírita sem caridade.

Mas a caridade é ainda uma dessas palavras de sentido múltiplo, cujo inteiro alcance deve ser bem compreendido. E se os Espíritos não cessam de a pregar e a definir, é que, provavelmente, reconhecem que isto ainda é necessário.

O campo da caridade é muito vasto: compreende duas grandes divisões que, em falta de termos especiais, podem designar-se pelas expressões: "Caridade benéfica e Caridade benevolente". Compreende-se facilmente a primeira, que é naturalmente proporcional aos recursos materiais de que se dispõe; mas a segunda está ao alcance de toda gente, do mais pobre ao mais rico. Se a benevolência é forçosamente limitada, nada além da vontade pode estabelecer limites à benevolência.

Que é preciso, então, para praticar a caridade benevolente? Amar ao próximo como a si mesmo: ora, se se amar ao próximo tanto quanto a si, amar-se-o-á muito; agir-se-á para com outrem como se queresse que os outros agissem para conosco; não se queresse fazer mal a ninguém, porque não queressemos que no-lo fizessem.

Amar ao próximo é, pois, abjurar todo sentimento de ódio, de animosidade, de rancor, de inveja, de ciúme, de vingança, numa palavra, todo desejo e todo pensamento de prejudicar; é perdoar os inimigos e retribuir o mal com o bem; ser indulgente para as imperfeições de seus semelhantes e não procurar a palha no olho do vizinho, quando não se vê a trave no seu; é cobrir ou desculpar as faltas dos outros, em vez de se comprazer em as pôr em relevo por espírito de aviltamento; é ainda não se fazer valer à custa dos outros; não procurar esmagar a pessoa sob o peso de sua superioridade; não desprezar ninguém por orgulho. Eis a verdadeira caridade benevolente, a caridade prática, sem a qual a caridade é palavra vã; é a caridade do verdadeiro Espírito, como do verdadeiro cristão; aquela sem a qual aquele que diz: "Fora da Caridade não há salvação", pronuncia sua própria condenação, tanto neste quanto no outro mundo.

Quanta coisa haveria a dizer a tal respeito! Que belas instruções nos dão os Espíritos incessantemente! Sem o receio de alongar-me e de abusar de vossa paciência, senhores, seria fácil demonstrar que, em se colocan-

do no ponto de vista do interesse pessoal, egoísta, se se quiser, porque nem todos os homens estão maduros para uma completa abnegação, para fazer o bem unicamente por amor do bem, seria fácil demonstrar que tem tudo a ganhar em agir deste modo e tudo a perder agindo diversamente, mesmo em suas relações sociais; depois, o bem atrai o bem e a proteção dos bons Espíritos; o mal atrai o mal e abre a porta à malevolência dos maus. Mais cedo ou mais tarde o orgulhoso será castigado pela humilhação, o ambicioso pelas decepções, o egoísta pela ruína de suas esperanças, o hipócrita pela vergonha de ser desmascarado; aquele que abandona os bons Espíritos por estes é abandonado e, de queda em queda, se vê, por fim, no fundo do abismo, ao passo que os bons Espíritos erguem, amparam aquele que, nas maiores provações, não cessa de se confiar à Providência e jamais se desvia do reto caminho; aquele, enfim, cujos secretos sentimentos não dissimulam nenhum pensamento oculto de vaidade ou de interesse pessoal. Então, de um lado, ganho assegurado; do outro, perda certa; cada um, em virtude do livre-arbítrio, pode escolher a chance que quer correr, mas não poderá queixar-se senão de si mesmo pelas conseqüências de sua escolha.

Crer num Deus Todo-Poderoso, soberanamente justo e bom; crer na alma e em sua imortalidade; na preexistência da alma como única justificação do presente; na pluralidade das existências como meio de expiação, de reparação e de adiantamento moral e intelectual; na perfectibilidade dos seres mais imperfeitos; na felicidade crescente com a perfeição; na equitável remuneração do bem e do mal, conforme o princípio; a cada um segundo as suas obras; na igualdade da justiça para todos, sem exceções, favores nem privilégios para nenhuma criatura; na duração da expiação limitada pela imperfeição; no livre-arbítrio do homem, que lhe deixa sempre a escolha entre o bem e o mal; crer na continuidade que liga o mun-

do visível ao invisível; na solidariedade que religa todos os seres passados, presentes e futuros, encarnados e desencarnados; considerar a vida terrestre como transitória é uma das fases da vida do Espírito, que é eterna; aceitar corajosamente as provações, em vista do futuro mais invejável que o presente; praticar a caridade em pensamentos, palavras e obras na mais larga acepção da palavra; esforçar-se cada dia para ser melhor que na véspera, extirpando alguma imperfeição de sua alma: submeter todas as crenças ao controle do livre exame e da razão e nada aceitar pela fé cega; respeitar todas as crenças sinceras, por mais irracionais que nos pareçam e não violentar a consciência de ninguém; ver, enfim, nas descobertas da ciência a revelação das leis da natureza, que são as leis de Deus: eis o “Credo, a religião do Espiritismo”, religião que se pode conciliar com todos os cultos, isto é, com todas as maneiras de adorar a Deus. É o laço que deve unir todos os espíritas numa santa comunhão de pensamentos, esperando que ligue todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal.

Com a fraternidade, filha da caridade, os homens viverão em paz e se pouparão males inumeráveis, que nascem da discórdia, por sua vez filha do orgulho, do egoísmo, da ambição, do ciúme e de todas as imperfeições da Humanidade.

O Espiritismo dá aos homens tudo o que é preciso para a felicidade aqui na Terra, porque lhes ensina a se contentarem com o que têm. Que os espíritas sejam, pois, os primeiros a aproveitar os benefícios que ele trás, e que inaugurem entre si o reino da harmonia, que resplenderá nas gerações futuras.

Os Espíritos que nos rodeiam aqui são inumeráveis, atraídos pelo objetivo que nos propuemos ao nos reunir, a fim de dar aos nossos pensamentos a força que nasce da união. Demos aos que nos são caros uma boa lem-

brança e o penhor de nossa afeição, encorajamento e consolações aos que estão necessitados. Façamos de modo que cada um recolha a sua parte dos sentimentos de caridade benevolente, de que estivermos animados, e que esta reunião dê os frutos que todos têm o direito de esperar.

ALLAN KARDEC